







ÍNDICE

Nota dos editores, 11

Carta a James P. Cannon, 20

A URSS na Guerra, 22

O pacto germano-soviético e a natureza da URSS, 22

As divergências são políticas ou terminológicas?, 23

Examinemo-nos mais uma vez, 24

Um câncer ou um novo órgão?, 25

A rápida degeneração da burocracia, 26

As condições para a onipotência e queda da burocracia, 27

E se a revolução socialista não se realizar?, 28

A guerra atual e o destino da sociedade moderna, 29

A teoria do "coletivismo burocrático", 30

O proletariado e sua direção, 32

A ditadura totalitária: uma situação de crise aguda,

e não um regime estável, 34

A orientação para a revolução mundial e a regeneração da URSS, 35

A política externa é a continuação da política interna, 37

A defesa da URSS e a luta de classes, 38

A questão dos territórios ocupados, 39

Não modificamos nossa orientação!, 41

Conclusões, 43

Carta a Sherman Stanley, 44

Novamente, e uma vez mais, sobre a natureza da URSS, 47

Psicanálise e marxismo, 47

"Um Estado operário contrarrevolucionário", 48

Imperialismo?, 49

Continuação da política do imperialismo czarista, 50

Agente do imperialismo?, 50

"O mal menor", 52

"Missionários armados", 52

Insurreição em duas frentes, 52

Defesa incondicional da URSS, 53

Uma regra fundamental, 54

Revisão do marxismo?, 55

O direito ao otimismo revolucionário, 56

O referendo e o centralismo democrático, 58

Carta a Sherman Stanley, 60

Carta a James P. Cannon, 64

Carta a Max Shachtman, 67

Carta a James P. Cannon, 73

Uma oposição pequeno-burguesa no Socialist Workers Party, 75

Ceticismo e ecletismo teóricos, 75

Advertência e verificação, 78

O abecê da dialética materialista, 81

A natureza da URSS, 86

Evolução e dialética, 87

Defesa da URSS, 88

A guerra fino-soviética, 91

"A questão organizativa", 93

Carta a John G. Wright, 98

Carta a Max Shachtman, 100

Quatro cartas à maioria do Comitê Nacional, 101

Primeira carta, 101

Segunda carta, 103

Terceira carta, 105

Quarta carta, 106

Carta a Joseph Hansen, 108

Carta aberta ao camarada Burnham, 110

É lógico identificar a lógica com a religião?, 110

O revolucionário não está obrigado a lutar contra a religião?, 111

Exemplos educativos, 113

O que você propõe?, 115

Falso "realismo" político, 117

A dialética da discussão atual, 120

"Ciência" contra marxismo e "experimentos" contra programa, 121

"Um dialético inconsciente", 124

A dialética e o senhor Dies, 126

"Questões políticas concretas", 128

Confusão teórica e abstencionismo político, 132

A pequena burguesia e o centralismo, 133

Conclusões, 134

Carta a James P. Cannon, 137

Carta a Farrell Dobs, 138

Carta a John G. Wright, 140

Carta a James P. Cannon, 141

Carta a William F. Warde, 142

Carta a Joseph Hansen, 143

De um arranhão ao perigo de gangrena, 145

Precedentes, 148

O bloco filosófico contra o marxismo, 157

O abstrato e o concreto. Economia e política, 160

Shachtman tenta fazer um bloco também com Lenin, 164

"Economia concentrada", 167

Comparação com guerras burguesas, 169

Derrotismo conjuntural ou o ovo de Colombo, 170

Renúncia ao critério de classe, 174

Uma vez mais: Polônia, 176 Uma vez mais: Finlândia, 179 A teoria dos "blocos", 183 As frações em luta, 189 É hora de parar!, 194

Carta a Martin Abern, 197

Duas cartas a Albert Goldman, 199

Primeira carta, 199 Segunda carta, 200

De volta ao partido!, 202

Ciência e estilo, 206

Carta a James P. Cannon, 208

Carta a Joseph Hansen, 210

Três cartas a Farrell Dobbs, 212

Primeira carta, 212 Segunda carta, 215

Terceira carta, 217

Os moralistas pequeno-burgueses e o partido proletário, 218

Balanço dos acontecimentos finlandeses, 222

Eles não previram, 222 As pequenas nações na guerra imperialista, 224 Geórgia e Finlândia, 225 "Onde está a guerra civil?", 226 A defesa da União Soviética, 228 Não entregar ao inimigo as posições conquistadas, 229

Carta a James P. Cannon, 232

Carta a Abert Goldman, 233

Sobre o Partido "Operário", 234

Carta a Albert Goldman, 238

Carta a Chris Andrews, 240

APÊNDICE, 241

Uma vez mais: A União Soviética e sua defesa, 242

Craipeau esquece os ensinamentos principais do marxismo, 242 A burocracia é uma nova classe?, 244 Uma classe é produto de causas econômicas ou de causas políticas?, 246 Mas onde está a dialética?, 248 A defesa da URSS e o social-patriotismo, 250

Um Estado não operário e não burguês, 255

Forma política e conteúdo social, 255 Norma e fato, 259 Burocracia burguesa de um Estado operário?, 261 Pela dialética!, 263 Classe dirigente e oprimida ao mesmo tempo, 265

Carta de afastamento do Partido Operário - James Burnham, 268

EPÍLOGO, 275

James Burnham, 276 Max Shachtman, 277 Martin Abern, 278 James Cannon, 279



NOTA DOS EDITORES

O livro que o leitor tem em mãos é um retrato da última batalha política e teórica travada por Leon Trotsky. Tradicionalmente publicada com título de *Em defesa do marxismo*, esta coletânea reúne cartas e artigos endereçados à direção, à minoria ou a membros isolados do Socialist Workers Party, seção norte-americana da Quarta Internacional, e compreende o período entre setembro de 1939 e agosto de 1940, sendo a última carta de Trotsky data de 17 de agosto, ou seja, três dias antes de seu assassinato.

A discussão travada com a minoria do SWP envolvia pelo menos quatro temas fundamentais: a) O caráter de classe do Estado soviético e a política dos revolucionários frente à guerra que se iniciava; b) A validade ou não da dialética como sistema lógico de análise da realidade; c) A composição social do partido norte-americano e a necessidade de sua proletarização; e d) O centralismo democrático como regime interno partidário. Para entendermos melhor cada uma dessas polêmicas, é preciso ter em conta, ainda que brevemente, a história do SWP.

As origens do SWP

Em 1928 realiza-se em Moscou o VI Congresso da Internacional Comunista. Mesmo exilado em Alma-Ata, Trotsky intervém no debate escrevendo dois documentos críticos ao projeto de programa apresentado por Bukharin-Stalin: "E agora? Carta ao VI Congresso da Internacional

Comunista" e "Crítica do Programa da Internacional Comunista". Embora a direção da Comintern faça todo o possível para evitar o questionamento de sua política, estes dois materiais acabam sendo, por erro da organização do congresso, traduzidos para vários idiomas e distribuídos a uma parte dos delegados. Entre os que têm acesso aos escritos de Trotsky, estão James Cannon, membro do Partido Comunista dos EUA, e Morris Spector, membro do Partido Comunista do Canadá. A leitura dos documentos de Trotsky causa forte impacto em Cannon e Spector e ambos, ao retornarem para seus respectivos países, iniciam o trabalho de organização da Oposição de Esquerda Internacional dentro dos partidos comunistas norte-americano e canadense.

Ainda em 1928 James Cannon, junto com Max Shachtman, Martin Abern e outros militantes são expulsos do PC norte-americano por defenderem as posições de Trotsky e fundam a Liga Comunista da América. Apesar de ser uma organização pequena, com cerca de cem membros, a Liga se mantém ativa graças a uma orientação correta, defendida e implementada por Cannon desde a expulsão do PC: ligar-se ao movimento operário em seus centros mais dinâmicos. No início dos anos 1930, quando o movimento operário norte-americano retorna à cena histórica graças à crise de 1929, a Liga já é um sólido grupo fundacional, com pouco mais de duzentos militantes, concentrados fundamentalmente em Minneapolis e Nova York.

Em 1934 a Liga Comunista começa a discutir uma fusão com o Partido Operário Americano, grupo centrista dirigido por Abraham Muste, um ex-pastor protestante que havia aderido ao socialismo. Junto com Muste estão dois intelectuais, até então hostis ao trotskismo: James Burnham e Sidney Hook. Apesar das diferenças, a fusão se realiza e dá origem a uma nova organização, chamada simplesmente Partido Operário. A agudização da situação europeia e a radicalização das massas norte-americanas na luta contra as consequências da Grande Depressão brindam o recém-criado Partido Operário com uma nova possibilidade: ganhar para o trotskismo uma parte da social-democracia norte-ame-

¹ Ambos os materiais foram publicados na íntegra pela Editora Sundermann em: Trotsky, Leon. *Stalin, o grande organizador de derrotas – A III Internacional depois de Lenin.* São Paulo: Editora Sundermann, 2010.

ricana que havia girado à esquerda, fruto dessa nova situação. Tendo como base a experiência dos trotskistas franceses e sob orientação direta de Trotsky, o Partido Operário começa a discutir a tática de entrismo no Partido Socialista com o objetivo de ganhar sua ala esquerda para o marxismo revolucionário e romper em seguida. Imediatamente formamse dois blocos na discussão: Cannon, Shachtman, Burnham e a ampla maioria do partido defendem o ingresso no PS, enquanto Abern, Muste e uma pequena minoria são contrários.

Em junho de 1936 uma conferência do Partido Operário, já com cerca de mil militantes, aprova a tática do entrismo. Dentro do PS, os trotskistas, utilizando-se da influência da social-democracia na classe operária e da relativa liberdade interna existente no Partido Socialista, realizam uma ampla agitação em defesa de seu programa. Além disso, Cannon e Shachtman organizam, por dentro do PS, uma comissão, chefiada pelo filósofo americano John Dewey, para apuração dos crimes atribuídos a Trotsky pelo stalinismo durante os chamados Processos de Moscou. A investigação paralela adquire certa publicidade e ao final a Comissão Dewey conclui que todas as acusações são falsas. Os trotskistas são sem dúvida a ala mais dinâmica do Partido Socialista, ganhando para suas ideias algumas centenas de operários e a maior parte da juventude.

Como esperado, no outono de 1937 Cannon e centenas de outros militantes são expulsos do PS. A expulsão dá um novo impulso à organização, que sai fortalecida política, ideológica e numericamente, com cerca de 2.000 militantes. Quase imediatamente os trotskistas fundam um novo partido: o Socialist Workers Party (Partido Socialista Operário), uma organização de vanguarda com presença em importantes regiões operárias. O PS, por sua vez, inicia aí sua longa decadência, não voltando nunca mais a ser um atrativo para a classe operária norte-americana.

Já em 1937, na conferência de fundação do SWP tem lugar um pequeno ensaio da polêmica que se abriria dois anos depois: James Burnham e Joseph Carter apresentam uma resolução que reafirma a defesa da URSS frente ao imperialismo, mas questiona a caraterização de Estado operário. Trotsky sai pessoalmente em defesa da definição feita pela Oposição de Esquerda e escreve o artigo "Um Estado não operário e não burguês?", que publicamos como apêndice à presente edição. A resolução de Burnham e Carter obtém 3 votos contra 69 da resolução

da maioria. Na mesma conferência Burnham e Carter apresentam uma outra resolução questionando aspectos do centralismo democrático, mas que é retirada após a maioria concordar em fazer algumas modificações em sua própria resolução.

O Pacto Hitler-Stalin e a polêmica no SWP

As diferenças em relação à caracterização da URSS permanecem sem maiores consequências por cerca de dois anos. Enquanto a União Soviética se coloca no cenário mundial ao lado da democracia burguesa e do *status quo* internacional, sua defesa não acarreta grandes inconvenientes. Mas quando, em agosto de 1939, Alemanha e URSS assinam um tratado de não agressão e dividem a Polônia entre si, fica claro para as potências imperialistas que Hitler atacará na frente ocidental. Imediatamente os meios burgueses e pequeno-burgueses norte-americanos começam uma violenta campanha contra a União Soviética e o "totalitarismo" em geral, e em defesa da "democracia".

Essa campanha acaba por impactar fortemente os setores do SWP ligados aos meios acadêmicos e pequeno-burgueses, que se veem obrigados a defender a URSS em um ambiente agora absolutamente hostil. Esse relativo isolamento não tarda a se refletir na vida interna do partido. No dia 3 de setembro de 1939 Burnham apresenta uma resolução ao Comitê Nacional do SWP pedindo o "reexame da questão russa". Para ele o tratado de não agressão com a Alemanha é uma demonstração de que a URSS já não pode mais ser considerada um Estado operário. Como consequência, ainda segundo Burnham, a participação da União Soviética na guerra estará completamente determinada pelos interesses do imperialismo, e por isso sua defesa perde completamente o sentido político, pois significa a defesa de uma nova sociedade exploradora que tem a burocracia como classe dominante. A maioria do Comitê Nacional aceita a proposta de Burnham de reabrir a discussão, mas pede a ele que apresente um documento por escrito. Informado das posições de Burnham, Trotsky escreve o artigo "A URSS na guerra". A maioria do Comitê Nacional, com Cannon à frente, mantém os pontos de vista da Quarta Internacional e de Trotsky. Uma minoria adere a Burnham. Está aberta a polêmica.

À medida que a luta política e teórica se desenvolve, o cenário vai se tornando cada vez mais claro, tanto em relação à composição das frações, quanto em relação aos verdadeiros temas em discussão. Dois outros importantes dirigentes do SWP passam a questionar a definição da URSS como Estado operário. Shachtman e Abern, que a princípio tinham uma opinião pouco clara sobre o tema, vão gradualmente se aproximando das posições de Burnham, o verdadeiro ideólogo da minoria. Trotsky, por sua vez, não se detém na polêmica sobre a definição da burocracia e da URSS e vai buscar as razões mais profundas da revisão proposta pela minoria.

Para ele, a incompreensão, por parte da minoria, do caráter contraditório do Estado soviético é fruto de sua recusa em utilizar o método dialético como instrumento de análise da realidade. Segundo Trotsky, a minoria está demasiadamente influenciada pelo empirismo e utilitarismo anglo-saxão ("a mais lamentável das filosofias!", segundo Trotsky) e por isso é incapaz de compreender a URSS em toda sua contradição e desenvolvimento. A minoria, por sua vez, se recusa a debater a questão no terreno da teoria e do método, insistindo na necessidade de debruçarse apenas sobre as "questões políticas concretas", o que para Trotsky é a prova definitiva de seu abandono do marxismo. Trotsky explica que a política revolucionária tem um caráter principista e só pode ser deduzida de uma base teórica e metodológica correta, sem o quê se transforma em puro oportunismo.

Do dito acima, Trotsky destaca um terceiro tema, até então obscuro na polêmica: explica que todas lutas fracionais internas, especialmente as grandes, se realizam sob a pressão de forças sociais determinadas e que as posições da minoria representam nada mais do que a opinião pública pequeno-burguesa dentro do partido proletário, o que é especialmente grave no país imperialista mais rico do mundo. "Ou a seção norte-americana da Quarta Internacional se proletariza, ou deixará de existir", conclui Trotsky.

Apesar da dureza da discussão, a minoria conta com amplas garantias democráticas no interior do SWP. O próprio Trotsky faz questão de propor a flexibilização de uma série de normas disciplinares para que a discussão flua sem qualquer constrangimento: a minoria publica boletins, realiza reuniões nacionais e faz contato com outras seções nacionais

da Quarta Internacional, obtendo inclusive o apoio de algumas. Mesmo assim, Burnham, Shachtman e Abern não hesitam em criticar a maioria por seu suposto "conservadorismo burocrático" e falta de democracia na condução da discussão. Por trás de uma série de críticas pontuais ao regime interno do SWP, Trotsky identifica um questionamento global ao centralismo democrático por parte da minoria e liga mais uma vez as críticas democráticas da oposição à origem de classe da maior parte de seus membros. Referindo-se aos elementos pequeno-burgueses, afirma que "nenhuma quantidade de democracia lhes é suficiente", isso porque "a discussão é seu elemento natural. (...) Para sua guerra de palavras, buscam a quarta dimensão".

O desfecho da polêmica

Sob a direção de Trotsky, a maioria do Comitê Nacional convence a maioria do partido da justeza das posições da Quarta Internacional, isolando politicamente a minoria, ao mesmo tempo em que propõe a esta todo o tipo de cláusulas democráticas no período pós-congressual: seguir publicando artigos polêmicos na revista teórica e manter uma parte dos dirigentes da oposição na próxima direção executiva do partido. Por sua vez, a minoria segue o caminho oposto: à medida que se aproxima o congresso, abandona cada vez mais os argumentos políticos e parte para as intrigas pessoais e escândalos organizativos. Ao final, em abril de 1940, o congresso do SWP, decide, por 55 votos a 31, manter as posições fundamentais da QI. A minoria rompe levando cerca de 40% do partido e decide conformar uma nova organização: o Partido Operário.

Mas rapidamente se confirma o diagnóstico de Trotsky de que a fração dirigida por Burnham, Shachtman e Abern não passa de um bloco sem princípios. Pouco tempo depois da fundação do novo partido, Burnham escreve uma carta na qual renega completamente o marxismo e a dialética e abandona a organização que acabara de criar.² Shachtman mantém-se fiel à ideia de que a burocracia era uma nova classe exploradora, mas aprofunda seu curso à direita, afirmando agora que a URSS é uma sociedade inferior ao capitalismo e se declara parte de um "terceiro

² Esta carta de Burnham foi incluída na presente edição.

campo" que supostamente está acima tanto do stalinismo, quanto do imperialismo. Abern o acompanha.

* * *

A presente coletânea termina com as últimas conclusões de Trotsky sobre o congresso de abril de 1940. O destino de cada um dos principais personagens é apresentado em epílogo. A própria leitura das cartas e artigos tornará evidente para o leitor a importância e a atualidade de cada um dos ensinamentos do velho revolucionário. Não é necessário insistir mais nisso. Qualquer discussão séria sobre a natureza de classe da ex-URSS, a dialética ou o método de construção dos partidos revolucionários não pode prescindir das lições contidas na obra *Em defesa do marxismo*. Resta para esta nota introdutória apenas uma última reflexão.

Trotsky foi assassinado antes que a guerra pudesse se delinear mais claramente. Até sua morte, o enfrentamento envolvendo as grandes potências europeias se apresentava como um ajuste de contas interimperialista, o que impunha aos internacionalistas a necessidade de uma política de derrotismo revolucionário e de defesa da URSS, caso esta fosse arrastada para o conflito. Esta política, proposta por Trotsky desde o início, estava essencialmente correta, pois respondia ao aspecto interimperialista da guerra. Porém, da mesma maneira que uma luta política começa por determinadas questões, mas pode mudar seu caráter ao longo de seu desenvolvimento, também a guerra, que é a continuação da política por outros meios, pode sofrer modificações qualitativas durante seu curso e mudar de caráter. A Segunda Guerra Mundial, ao envolver não só os países imperialistas centrais, mas uma parte significativa do globo terrestre, tornou-se mais complexa do que poderia ter previsto Trotsky. Ao enfrentamento interimperialista, que não deixou de existir, se somaram outros, que ocorreram de maneira paralela ou combinada, mas que eram partes de um mesmo processo: a) Uma guerra contrarrevolucionária da Alemanha nazista para destruir a URSS, apesar do pacto de não agressão firmado com Hitler em 1939; b) Uma guerra entre o fascismo e a democracia burguesa como regimes do capitalismo, expressa no enfrentamento entre os exércitos nacionais imperialistas e a Alemanha; c) Uma guerra de massas da população europeia contra a ocupação nazista, da

qual o exemplo mais claro é a guerrilha iugoslava; e d) Uma guerra de libertação nacional em transição a uma revolução socialista, cujo ponto mais alto é a resistência à ocupação japonesa na China, que resulta na tomada do poder por Mao Zedong em 1949 e na expropriação de toda a burguesia chinesa em 1953.

Essas "guerras dentro da guerra", da forma como surgiram e se desenvolveram, eram absolutamente imprevisíveis em médio prazo, e Trotsky não tinha condições de antevê-las. Como resultado, a armação política dos trotskistas para guerra acabou sendo débil, pois respondia apenas a uma parte do fenômeno global. É bem verdade que a Quarta Internacional acabou por corrigir algumas orientações ao longo da guerra, mas não conseguiu, em momento algum, se antecipar aos acontecimentos. Um exemplo desse tipo de correção na política foi o episódio envolvendo a prisão, no verão de 1941, de várias lideranças do SWP, incluindo Cannon, e do sindicato dos caminhoneiros da cidade de Minneapolis, sob a acusação de traição de Estado. Essa ofensiva do governo norte-americano reorientou parcialmente a política do Socialist Workers Party no sentido do abandono do derrotismo revolucionário e da adoção de uma política de crítica à condução da guerra por Roosevelt. Apesar da relativa simpatia conquistada nos meios operários com esse giro, o SWP e o trotskismo em geral permaneceram marginais aos grandes enfrentamentos que se deram nos anos 1940 do século passado. Sem ignorar todas as dificuldades objetivas enfrentadas, sobretudo e em primeiro lugar o próprio tamanho da Quarta Internacional e sua reduzida influência, pode-se supor que se Trotsky tivesse vivido mais tempo, a ponto de testemunhar a mudança de caráter da guerra, os trotskistas, armados com uma política mais precisa, poderiam ter tido uma outra localização em todo o processo.

Essa discussão é particularmente importante para os Estados Unidos, palco da polêmica que se desenrola neste livro. O marxismo revolucionário ainda está por renascer naquele país. Tal renascimento é tão mais importante quanto se trata da nação imperialista mais poderosa da face da Terra, com uma das classes operárias mais concentradas e qualificadas, um país com uma incrível história de revoluções burguesas e anticoloniais, guerras civis e gigantescos movimentos sociais que até hoje impactam a consciência de milhões. A derrota do imperialismo em benefício da revolução proletária mundial não pode tomar a forma de um simples cerco socialista ao carrasco internacional. É preciso atacar desde o coração do próprio sistema. Resgatar o legado de Cannon e Trotsky e imbuí-lo de vida novamente: tal é a tarefa que não pode ser deixada de lado pela atual geração de revolucionários marxistas.

* * *

Trotsky ditava pequenas cartas e telegramas diretamente em inglês. Porém, os artigos mais elaborados eram ditados em russo e depois traduzidos. Nesse sentido, a presente edição tem uma vantagem em relação à edição brasileira anterior, da Proposta Editorial, que foi baseada na versão em inglês da Pathfinder, ou seja, era uma "tradução da tradução". Para pequenas cartas, esse tipo de expediente não acarreta maiores inconvenientes. Porém, em artigos mais complexos, os erros e perdas na tradução podem ser decisivos para uma correta compreensão das ideias do autor. Aqui buscamos resolver esse problema cotejando a tradução brasileira dos artigos em inglês com os textos originais ditados por Trotsky em russo, publicados pela Iskra Research em 1997 em Cambridge, a partir dos arquivos da Universidade de Harvard. Em alguns trechos a tradução foi substancialmente modificada, aproximando mais o texto do original em russo.

Os editores

CARTA A JAMES P. CANNON

12 de setembro de 1939

Querido Jim:

Estou escrevendo um estudo sobre o caráter social da URSS, relacionado à questão da guerra. Esse estudo, mais sua tradução, exigirá pelo menos outra semana de trabalho. As ideias fundamentais são as seguintes:

- 1. Nossa definição da URSS pode ser certa ou errada, mas não vejo nenhuma razão para que esta definição se torne dependente do pacto germano-soviético.
- 2. O caráter social da URSS não está determinado pela sua amizade com a democracia ou o fascismo. Quem adotar semelhante ponto de vista se converte em prisioneiro da concepção stalinista da época da frente popular.
- 3. Quem disser que a URSS já não é mais um Estado operário degenerado, mas sim uma nova formação social, deve dizer claramente o que é que isso acrescenta de novo às nossas *conclusões políticas*.
- 4. A questão da URSS não pode ser abstraída, como algo à parte, do processo histórico de nosso tempo em seu conjunto. Ou o Estado de Stalin é uma formação transitória, é uma deformação de um Estado operário em um país atrasado e isolado, ou o "coletivismo burocrático" (Bruno R., *La Bureaucratisation du monde*, Paris, 1939) é uma nova formação social que está substituindo o capitalismo em todo o mundo (stalinismo, fascismo, New Deal etc.). As experiências terminológicas Estado operário ou Estado não operário; classe ou não classe etc. –

só adquirem sentido a partir desta perspectiva histórica. Quem eleger a segunda alternativa admite, abertamente ou não, que todas as potencialidades revolucionárias do proletariado mundial estão esgotadas, que o movimento socialista está indo à falência e que o velho capitalismo está se transformando em "coletivismo burocrático" com uma nova classe exploradora.

A enorme importância de tal conclusão é, por si só, evidente. Diz respeito a todo o destino do proletariado mundial e da humanidade. Temos o mínimo direito de adentrarmos, a partir de experiências puramente terminológicas, em uma nova concepção histórica que se encontra em absoluta contradição com o nosso programa, nossa estratégia e nossa tática? Um salto tão aventureiro seria duplamente criminoso hoje em dia por causa da guerra mundial, quando a perspectiva de revolução socialista se converte em uma realidade eminente e quando a questão da URSS vai se mostrar a todos como um episódio transitório no processo da revolução socialista mundial.

Escrevo estas linhas apressadamente, por isso insuficientes; mas dentro de uma semana espero enviar minhas teses mais elaboradas.

Saudações fraternas, V. T. O. (Leon Trotsky)³

³ Devido às condições de sua residência no exílio, muitas vezes Trotsky usava pseudônimos em suas cartas. Frequentemente, assinava suas cartas com o nome de seu secretário inglês. (N. do E.)

A URSS NA GUERRA

25 de setembro de 1939

O pacto germano-soviético e a natureza da URSS

Após a realização do pacto germano-soviético, será possível considerar a URSS um Estado operário? O futuro do Estado soviético já suscitou, entre nós, várias discussões. Não é de estranhar: temos diante de nós a primeira experiência de um Estado operário na história. Antes disso, tal fenômeno nunca acontecera para que pudesse ser analisado. Frente ao problema do caráter social da URSS, os erros habitualmente acontecem, como já havíamos dito antes, devido à substituição do fato histórico pela norma programática. O fato histórico se desvincula da norma. No entanto, isto não significa que a norma não tenha mais valor. Ao contrário, foi reafirmada a partir do ponto de vista negativo. A degeneração do primeiro Estado operário, investigada e explicada por nós, somente mostrou, mais graficamente, o que deve ser um Estado operário, o que poderia e deveria ser sob determinadas condições históricas. A contradição entre o fato concreto e a norma não nos leva a negar a norma, mas, ao contrário, a lutar por ela pela via revolucionária. O programa da revolução que se aproxima na URSS está determinado, por um lado, pela nossa análise da URSS como um fato histórico objetivo e, por outro, pela norma que define um Estado operário. Não dizemos: "Tudo está perdido, devemos começar tudo novamente". De forma muito clara indicamos aqueles elementos do Estado operário que atualmente podem ser preservados, mantidos e posteriormente desenvolvidos.

Aqueles que hoje se esforçam para demonstrar que o pacto germano-soviético modifica nossa análise sobre o Estado soviético mantêm, na essência, as mesmas posições que a Comintern – ou, mais exatamente, as mesmas posições que a Comintern defendia ontem. De acordo com esta lógica, a missão histórica do Estado operário é a luta pela democracia imperialista. A "traição" das democracias em prol do fascismo faz com que a URSS deixe de ser considerada um Estado operário. Na verdade, a assinatura do tratado com Hitler só proporciona um elemento extra, com o qual pode-se medir o grau de degeneração da burocracia soviética e seu desprezo pela classe operária internacional, incluindo a Comintern, mas não dá nenhuma base para uma revisão da apreciação sociológica da URSS.

As divergências são políticas ou terminológicas?

Comecemos por colocar o problema da natureza do Estado soviético, não em um nível sociológico-abstrato, mas no plano das tarefas políticas concretas. Admitamos, por um momento, que a burocracia seja uma nova "classe" e que o atual regime da URSS, um sistema especial de exploração de classe. Que novas conclusões podemos tirar a partir destas definições? Há muito tempo a Quarta Internacional reconheceu a necessidade de derrotar a burocracia por meio de uma insurreição revolucionária dos trabalhadores. Nenhuma outra coisa poderia e nem pode ser proposta por aqueles que proclamam que a burocracia é uma "classe" exploradora. Com a derrota da burocracia, o objetivo a ser alcançado é o restabelecimento do governo dos sovietes, expulsando de seu interior a atual burocracia. Os críticos de esquerda⁴ não propõem nem poderiam propor algo diferente. A tarefa dos sovietes regenerados é colaborar com a revolução mundial e com a construção de uma sociedade socialista. Portanto, a derrota da burocracia pressupõe a preservação da propriedade do Estado e da economia planificada. É nisto que se encontra o "x" da questão.

⁴ Recordemos que alguns dos camaradas inclinados a considerar a burocracia como uma nova classe se opõem, resolutamente, a que a burocracia seja expulsa dos sovietes. (N. do A.)

É evidente que a distribuição das forças produtivas entre os diferentes ramos da economia, e de modo geral todo o conteúdo do plano, serão mudados drasticamente quando este plano estiver sendo determinado não pelos interesses da burocracia, mas pelos dos próprios produtores. Porém, à medida que o problema da derrota da oligarquia parasitária continue unido à manutenção da propriedade nacionalizada – do Estado –, definimos a próxima revolução como uma revolução *política*. Seja como for, alguns dos nossos críticos – Ciliga, Bruno e outros – querem defini-la como uma revolução *social*. Aceitemos esta definição. Em essência, o que será modificado? As tarefas da revolução que estamos discutindo não ficam alteradas em nada.

Como norma, nossos críticos aceitam os fatos tal e qual nós o estabelecemos há muito tempo. Não acrescentam nada de essencial à apreciação, seja sobre a situação da burocracia e dos trabalhadores, seja sobre o papel do Kremlin no campo internacional. Em todos esses terrenos, não só não conseguem desafiar nossa análise, como se baseiam nela e inclusive se limitam totalmente a ela. A única acusação que dirigem contra nós é a de que não tiramos as "conclusões" necessárias. No entanto, uma vez examinadas, parece que tais conclusões possuem um caráter puramente terminológico. Nossos críticos se negam a chamar o Estado operário degenerado de Estado operário. Exigem que a burocracia totalitária seja chamada de classe dirigente. Propõem-se a considerar a revolução contra esta burocracia como uma revolução social, e não política. Se lhes fizéssemos essas concessões terminológicas, colocaríamos nossos críticos em uma situação muito difícil, pois não saberiam nem mesmo o que fazer com sua vitória puramente verbal.

Examinemo-nos mais uma vez

Portanto, seria um monstruoso absurdo romper com os camaradas que possuem uma opinião diferente da nossa sobre o problema da natureza social da URSS, na medida em que se solidarizam conosco no que diz respeito às tarefas políticas. Porém, por outro lado, estaríamos sendo cegos se ignorássemos as divergências puramente teóricas, e inclusive terminológicas, uma vez que no curso de novos desenvolvimentos podem tomar corpo e sangue e nos levar a conclusões diametralmente opos-

tas. Assim como uma zelosa dona de casa não deixa nunca sua casa ficar cheia de teias de aranha e lixo, assim também um partido revolucionário nunca pode tolerar a falta da clareza, a confusão e os equívocos. Nossa casa deve conservar-se limpa!

Para ilustrar esta ideia, recordarei a questão do Termidor.⁵

Durante muito tempo, afirmamos que, na URSS, o Termidor estava somente sendo preparado, mas ainda não havia se consumado. Mais tarde, fazendo a analogia com o Termidor de uma forma mais precisa e reflexiva, chegamos à conclusão de que o Termidor já havia acontecido há muito tempo. Tal retificação, aberta, de nosso próprio erro, não suscitou a mínima comoção em nossas fileiras. Por quê? Porque a essência dos processos na URSS havia sido compreendida de maneira idêntica por todos nós, pois havíamos estudado juntos, e todos os dias, o crescimento da reação. Para nós, tratava-se somente de precisar melhor uma analogia histórica, mais nada. Espero que ainda hoje, apesar do esforço de alguns camaradas para ocultar as divergências sobre o problema da "defesa da URSS" – tema que iremos tratar a seguir –, possamos, simplesmente precisando melhor nossas ideias, conservar nossa unanimidade sobre as bases do programa da Quarta Internacional.

Um câncer ou um novo órgão?

Nossos críticos argumentaram, mais de uma vez, que a atual burocracia soviética se parece muito pouco com a burocracia burguesa ou com a burocracia operária da sociedade capitalista e que ela, em grau muito maior que a burocracia fascista, representa uma formação social nova e muito mais poderosa. Isto é totalmente correto e nunca fechamos nossos olhos a este fato. Porém, se considerarmos a burocracia soviética como uma "classe", então seremos obrigados a afirmar, imediatamente, que essa classe também não se parece, em nada, com nenhuma das classes

⁵ Termidor é o nome dado a um dos meses do novo calendário instituído pela Revolução Francesa. O sentido político da expressão *termidor* ou *termidoriano* vem do fato de que, no dia 9 desse mês (27 de julho de 1794), o setor mais radical da Revolução Francesa – os jacobinos – foi derrubado do poder, dando início a um período de reação, com a anulação de várias medidas revolucionárias e com a eliminação física de seus principais líderes. (N. do E.)

proprietárias que conhecemos no passado: a vantagem, portanto não será grande. Frequentemente, qualificamos a burocracia soviética como uma casta, sublinhando com isso seu caráter fechado, seu governo arbitrário e a arrogância da camada dirigente, que se considera descendente única dos lábios divinos de Brahma, enquanto as massas populares provêm das partes mais vis de sua anatomia. Porém, mesmo essa definição também não possui um caráter estritamente científico. Sua vantagem relativa reside no fato de que o caráter provisório deste termo fica claro para todos, uma vez que não ocorre a ninguém identificar a oligarquia de Moscou à casta hindu dos brâmanes. A antiga terminologia sociológica não preparou, e nem poderia preparar, um nome para um novo fenômeno social que está em processo de evolução – degeneração – e que não assumiu formas estáveis. No entanto, continuamos qualificando a burocracia soviética de burocracia, sem esquecer suas particularidades históricas. No momento, e desde o nosso ponto de vista, isto é suficiente.

Científica e politicamente – e não só terminologicamente – o problema se coloca da seguinte forma: a burocracia representa um tumor temporário em um organismo social ou este tumor já se transformou em um órgão historicamente indispensável? As excrescências sociais podem ser produto de uma combinação "acidental" – ou seja, temporal e excepcional – de circunstâncias históricas. Um órgão social – e toda classe o é, inclusive uma classe exploradora – não pode se constituir a não ser como resultado das profundas exigências internas da própria produção. Se não respondemos a esta questão, toda a discussão se degenerará em um estéril jogo de palavras.

A rápida degeneração da burocracia

A justificativa histórica de toda classe governante sempre consistiu nisto: em que o sistema de exploração por ela dirigido colocou o desenvolvimento das forças produtivas em um nível superior. Indubitavelmente, o regime soviético deu um poderoso impulso à economia. Porém, a origem deste impulso foi a nacionalização dos meios de produção e o início da planificação da economia, e de forma alguma o fato de a burocracia ter usurpado a direção da economia. Ao contrário, a burocracia, como sistema, se converteu no pior dos freios ao desenvolvimento téc-

nico e cultural do país. Tal aspecto ficou escondido durante certo tempo pelo fato de a economia soviética ter se ocupado, durante duas décadas, em transplantar e assimilar a tecnologia e a organização da produção dos países capitalistas avançados. Bem ou mal, o período de cópias e imitações ainda pôde se acomodar ao automatismo burocrático, ou seja, à asfixia do espírito de iniciativa e criação. Porém, quanto mais se desenvolvia a economia e mais complexas se tornavam as suas exigências, tanto mais insuportável se tornava a barreira do regime burocrático. A contradição sempre crescente entre uma e outra leva a convulsões políticas incessantes, ao extermínio sistemático dos elementos criadores mais talentosos em todos os terrenos de atividade. Assim, antes de se destacar como "classe dirigente", a burocracia entrou em contradição irreconciliável com as exigências do desenvolvimento. A explicação para tal coisa deve ser buscada exatamente no fato de que a burocracia não é a portadora de um novo sistema econômico próprio, que sem ela se torna impossível, mas é uma excrescência parasitária em um Estado operário.

As condições para a onipotência e queda da burocracia

A oligarquia soviética possui todos os defeitos das velhas classes dirigentes, sem possuir a missão histórica destas. Na degeneração burocrática do Estado soviético, não são as leis gerais da sociedade contemporânea, do capitalismo ao socialismo, as que encontram sua expressão, mas sim um reflexo particular, excepcional e temporário dessas leis, nas condições de um país revolucionário atrasado em um meio capitalista. A escassez dos bens de consumo e a luta geral por sua obtenção dão origem ao surgimento de um policial a que se atribui a função de distribuição desses bens. A pressão hostil exercida a partir do exterior impõe ao policial o papel de "defensor" da nação, lhe dá uma autoridade nacional e lhe permite, dessa forma, saquear duplamente o país.

No entanto, ambas as condições para a onipotência da burocracia – o atraso do país e a vizinhança imperialista – possuem um caráter temporário e transitório e devem desaparecer com a vitória da revolução internacional. Os próprios economistas burgueses calcularam que, com uma economia planificada, poder-se-ia elevar rapidamente a renda nacional dos EUA para 200 bilhões de dólares anuais e, desta forma, garantir a

toda população não só a satisfação de suas necessidades elementares, mas inclusive um verdadeiro bem-estar. Por outro lado, a revolução internacional significa o fim do perigo proveniente do exterior, causa suplementar da burocratização. A eliminação da necessidade de se gastar uma parte enorme da renda nacional em armamentos, aumentaria ainda mais o nível de vida e o nível cultural das massas. Nestas condições, a necessidade de um policial-distribuidor desapareceria por si mesma. A administração, como uma cooperativa gigantesca, substituiria muito rapidamente o poder estatal. Não haveria lugar para uma nova classe dirigente e nem para um novo regime de exploração situado entre o capitalismo e socialismo.

E se a revolução socialista não se realizar?

A desintegração do capitalismo, assim como a desintegração da velha classe dirigente alcançou limites extremos. É impossível a permanência deste sistema. As forças produtivas devem ser organizadas de acordo com um plano. Porém, quem levará a cabo esta tarefa? O proletariado ou uma nova classe de "comissários" - políticos, administradores e técnicos? De acordo com a opinião de alguns pensadores, a experiência histórica demonstra que não se pode ter esperanças no proletariado. O proletariado mostrou-se "incapaz" de impedir a última guerra imperialista, apesar do fato de naquele momento já existirem as condições materiais para a revolução socialista. Após a guerra, a vitória do fascismo foi novamente consequência da "incapacidade" do proletariado de tirar a sociedade capitalista do beco sem saída. Por sua vez, a burocratização do Estado soviético foi consequência da "incapacidade" do próprio proletariado de dirigir a sociedade utilizando um mecanismo democrático. A revolução espanhola foi estrangulada pelas burocracias fascistas e stalinistas ante os mesmos olhos do proletariado mundial. Por fim, o último elo desta cadeia é a nova guerra imperialista, cuja preparação tornou-se aberta com uma total impotência por parte do proletariado mundial. Se esta concepção for aceita, ou seja, caso se admita que o proletariado não possui forças para levar a cabo a revolução socialista, então obviamente a urgente tarefa de estatizar as forças produtivas será realizada por outros. Por quem? Por uma nova burocracia que substituirá a burguesia decadente como uma nova classe dirigente em escala mundial. É dessa forma que o problema começou a ser colocado por aqueles "esquerdistas" que não se cansam de debater em cima de palavras.

A guerra atual e o destino da sociedade moderna

Pela própria evolução dos acontecimentos, este problema agora é colocado de forma bastante concreta. Teve início a Segunda Guerra Mundial. Tal fato confirma, sem qualquer sombra de dúvidas, que a sociedade não pode continuar vivendo sobre as bases do capitalismo. Deste modo, ela submete o proletariado a uma nova e, talvez, decisiva prova.

Se, como acreditamos firmemente, essa guerra provocar uma revolução proletária, ela levará inevitavelmente à derrota da burocracia da URSS e à regeneração da democracia soviética sobre bases econômicas e culturais muito mais elevadas do que em 1918. Neste caso, o problema de se a burocracia stalinista era uma "classe" ou uma excrescência no Estado operário se resolverá automaticamente. Para qualquer pessoa ficará claro que, no processo de desenvolvimento da revolução mundial, a burocracia soviética foi somente um desvio *episódico*.

No entanto, caso se admita que a guerra atual provocará não a revolução, mas um declínio do proletariado, então resta outra alternativa: a maior decadência do capitalismo monopolista, sua maior fusão com o Estado e a substituição da democracia, ali onde ela ainda existia, por um regime totalitário. Atualmente, e sob estas condições, a incapacidade do proletariado de tomar em suas mãos a direção da sociedade poderia levar ao crescimento de uma nova classe exploradora, a partir da burocracia fascista bonapartista. De acordo com essas evidências, este seria um regime de decadência, que assinalaria o fim da civilização.

Resultado análogo poderia se dar no caso em que o proletariado dos países capitalistas avançados, tendo conquistado o poder, se mostrasse incapaz de conservá-lo e o abandonasse nas mãos de uma burocracia privilegiada, como no exemplo da URSS. Então seríamos obrigados a reconhecer que a razão do desvio burocrático está baseado não no atraso do país, e nem no cerco imperialista, mas na incapacidade congênita do proletariado de se converter em classe dirigente. Então seria necessário estabelecer retrospectivamente que, em seus traços fundamentais, a atual

URSS foi precursora de um novo regime explorador em escala interna-

Nos distanciamos muito da controvérsia terminológica sobre a nomenclatura do Estado soviético. Porém, nossos críticos não devem protestar. Somente levando-se em conta a necessária perspectiva histórica pode-se fazer um juízo correto sobre um problema como o da substituição de um regime social por outro. A alternativa histórica, levada até o fim, é a seguinte: ou o regime de Stalin é um desvio detestável no processo de transformação da sociedade burguesa em uma sociedade socialista, ou o regime de Stalin é o primeiro estágio de uma nova sociedade exploradora. Se a segunda hipótese mostrar-se correta, então, logicamente, a burocracia se converterá em uma nova classe exploradora. Por mais custosa que seja a segunda perspectiva, se o proletariado se mostrasse realmente incapaz de cumprir a missão que lhe impõe o curso dos acontecimentos, restaria somente reconhecer que o programa socialista, baseado nas contradições internas da sociedade capitalista, acabou sendo uma utopia. E, por si só, estaria evidente que seria necessário um novo programa "mínimo" para a defesa dos interesses dos escravos da sociedade burocrática totalitária.

Porém, existem dados objetivos tão incontroversos ou talvez tão impressionantes que hoje nos obriguem a renunciar à perspectiva da revolução socialista? Essa é a questão.

A teoria do "coletivismo burocrático"

Pouco depois da subida de Hitler ao poder, um "comunista de esquerda" alemão, Hugo Urbahns, chegou à conclusão de que, em substituição ao capitalismo, estava se gestando uma nova era histórica de "capitalismo de Estado". Os primeiros exemplos desse regime que Urbahns assinalou foram a Itália, a URSS e a Alemanha. No entanto, não tirou as conclusões políticas de sua teoria. Recentemente, um "comunista de esquerda" italiano, Bruno R., que anteriormente havia aderido à Quarta Internacional, chegou à conclusão de que o "coletivismo burocrático" substituiria o capitalismo (Bruno R., *La Bureaucratisation du monde*, Paris, 1939). A nova burocracia é uma classe; sua relação com os trabalhadores é a de exploração coletiva; os proletários se converteram nos escravos dos exploradores totalitários.

Bruno R. coloca num mesmo nível a economia planificada na URSS, o fascismo, o nacional-socialismo e o New Deal de Roosevelt. Sem dúvidas, todos esses regimes possuem características comuns, que, em última instância, estão determinadas pelas tendências coletivistas da economia moderna. Inclusive antes da Revolução de Outubro, Lenin formulou as principais particularidades do capitalismo imperialista da seguinte forma: concentração gigantesca das forças produtivas, crescente grau de fusão do capitalismo monopolista com o Estado e a tendência orgânica em direção à ditadura pura como resultado desta fusão. As características da centralização e da coletivização determinam tanto a política da revolução como a da contrarrevolução. Porém, de forma alguma isto significa que seja possível se igualar a revolução, o Termidor, o fascismo e o "reformismo" como resultado da prostração política da classe operária. O fenômeno em si mesmo é incontestável. Porém, onde estão seus limites e qual o seu peso histórico? O que nós aceitamos como uma deformação de um período transitório, como o resultado do desenvolvimento desigual de múltiplos fatores no processo social, é considerado por Bruno R. como uma formação social independente, na qual a burocracia é a classe dirigente. De todas as formas, Bruno R. tem o mérito de tirar o problema do círculo vicioso dos exercícios terminológicos em cadernos escolares e passá-lo ao plano das generalizações históricas mais importantes. Isso faz com que fique mais fácil descobrir o seu erro.

Como muitos ultraesquerdistas, Bruno R. identifica, em essência, o stalinismo com o fascismo. Por um lado, a burocracia soviética adotou os métodos políticos do fascismo. Por outro, a burocracia fascista, que continua limitando-se a medidas "parciais" de intervenção estatal, está se dirigindo, e logo vai chegar, à estatização completa da economia. A primeira afirmação é absolutamente correta. Porém, a afirmação de Bruno de que o "anticapitalismo" fascista seja capaz de chegar à expropriação da burguesia é completamente equivocada. As medidas "parciais" de intervenção estatal e nacionalização diferem na realidade da economia planificada de Estado tanto quanto a reforma difere da revolução. Mussolini e Hitler estão somente "coordenando" os interesses dos proprietários e "regulando" a economia capitalista e, além disso tudo, principalmente para fins bélicos. A oligarquia do Kremlin é, re-

pitamos, outra coisa: tem a oportunidade de dirigir a economia como um todo unicamente pelo fato de a classe operária russa ter levado a cabo a maior virada nas relações de propriedade de toda a história. Esta diferença não pode ser deixada de lado. Porém, mesmo que admitamos que o socialismo e o fascismo, vindos de pólos opostos, cheguem um dia a ser o mesmo tipo de sociedade exploradora ("coletivismo burocrático", de acordo com a terminologia de Bruno R.), isto ainda não tirará a humanidade de seu beco sem saída. A crise do sistema capitalista não é produzida somente pelo papel reacionário da propriedade privada, mas também pelo não menos reacionário papel do Estado nacional. E mesmo se os diferentes governos fascistas tivessem êxito em estabelecer um sistema de economia planificada em seu país, então – a longo prazo – à margem dos inevitáveis movimentos revolucionários do proletariado, imprevisíveis em qualquer plano, a luta entre os Estados totalitários para a dominação mundial continuaria, e inclusive se intensificaria. As guerras devorariam os frutos da economia planificada e destruiriam as bases da civilização. É certo que Bertrand Russel acha que, como resultado da guerra, algum Estado vitorioso poderia unificar o mundo inteiro em um cárcere totalitário. Porém, mesmo que esta hipótese se realizasse, o que é altamente duvidoso, a "unificação" militar não teria maior estabilidade do que o tratado de Versalhes. Os levantes nacionais e as pacificações culminariam em uma nova guerra mundial, que seria a sepultura da civilização. Não são os nossos desejos subjetivos, mas a realidade objetiva que indica que o único caminho para a humanidade é a revolução socialista mundial. A outra alternativa é a volta à barbárie.

O proletariado e sua direção

Muito em breve deveremos dedicar um artigo, em separado, à questão da relação entre a classe e sua direção. Aqui devemos nos limitar só ao mais indispensável. Somente "marxistas" vulgares, que consideram que a política é um "reflexo" direto e simples da economia, são capazes de pensar que a direção reflete a classe, direta e simplesmente. Na realidade, a direção, tendo se elevado acima da classe oprimida, sucumbe inevitavelmente à pressão da classe dominante. Por exemplo, a direção

dos sindicatos norte-americanos "reflete" não tanto o proletariado, mas a burguesia. A seleção e educação de uma verdadeira direção revolucionária, capaz de resistir à pressão da burguesia, é uma tarefa extraordinariamente difícil. A dialética do processo histórico se expressou de forma extremamente brilhante no fato de que o proletariado do país mais atrasado, a Rússia, sob certas condições históricas, deu lugar à direção mais sagaz e mais corajosa. Ao contrário, o proletariado do país com a mais antiga cultura capitalista, a Grã-Bretanha, possui, inclusive hoje, a mais estúpida e servil das direções.

A crise da sociedade capitalista, que tomou um caráter mais aberto em julho de 1914, produziu uma crise aguda na direção proletária a partir do primeiro dia da guerra. Durante os 25 anos que transcorreram desde então, o proletariado dos países capitalistas avançados ainda não criou uma direção que possa estar à altura das tarefas de nossa época. No entanto, a experiência da Rússia demonstra que tal direção pode ser criada (o que não significa, logicamente, que ela estaria imune à degeneração). Consequentemente, a questão está colocada da seguinte maneira: a necessidade histórica objetiva, em seu longo caminho, abrirá seu próprio espaço na consciência da vanguarda da classe operária? Ou seja, no processo dessa guerra e dessas profundas comoções que ela deverá engendrar, formarse-á uma verdadeira direção revolucionária que seja capaz de dirigir o proletariado rumo à conquista do poder?

A Quarta Internacional responde esta questão afirmativamente, não só por intermédio do texto de seu programa, mas também pelo fato mesmo de sua existência. Todas as distintas variedades de representantes desiludidos e atemorizados do pseudo-marxismo atuam, *pelo contrário*, baseados na suposição de que a bancarrota da direção "reflete" somente a incapacidade do proletariado de levar a cabo sua missão revolucionária. Nem todos nossos opositores expressam claramente este pensamento, mas todos eles – ultraesquerdistas, centristas, anarquistas, para não mencionar os stalinistas e os social-democratas – descarregam sua responsabilidade pelas derrotas nas costas do proletariado. Nenhum deles assinala sob que condições precisas o proletariado será capaz de levar a cabo a virada socialista.

Se admitirmos que é verdade que a causa das derrotas reside nas qualidades sociais do próprio proletariado, então a situação da sociedade

moderna deverá ser considerada como desesperadora. Sob as condições do capitalismo decadente, o proletariado não cresce nem numericamente, nem culturalmente. Portanto, não existem motivos para esperar que em algum momento se coloque à altura das tarefas revolucionárias. A questão se apresenta de forma completamente diferente para aquele que tem claro o profundo antagonismo que existe entre a exigência orgânica, profunda e insuperável das massas trabalhadoras para se libertarem do sangrento caos capitalista e o cadáver conservador, patriótico e completamente burguês da direção do movimento operário, que sobrevive por si mesma. Devemos escolher entre uma destas duas concepções irreconciliáveis.

A ditadura totalitária: uma situação de crise aguda, e não um regime estável

A Revolução de Outubro não foi um acidente. Havia sido prevista há tempos. Os acontecimentos confirmaram esta previsão. A degeneração não refuta a previsão porque os marxistas nunca acreditaram que um Estado operário isolado na Rússia pudesse se manter indefinidamente. Esperávamos, é certo, a destruição do Estado soviético ao invés de sua degeneração; ou, mais corretamente, não diferenciávamos o suficiente entre estas duas possibilidades. Porém, elas não se contradizem de forma alguma. Em certo estágio, a degeneração acaba inevitavelmente na destruição.

Um regime totalitário, seja do tipo stalinista ou do tipo fascista, devido à sua própria essência, só pode ser um regime transitório, temporário. Na história, a ditadura pura geralmente foi produto e o sinal de uma crise social especialmente séria e, de forma alguma, de um regime estável. As crises agudas não podem ser uma situação permanente da sociedade. Um Estado totalitário é capaz de suprimir as contradições sociais durante um certo período, mas é incapaz de se perpetuar. As purgas monstruosas na URSS são o testemunho mais convincente de que a sociedade soviética tende, organicamente, a recusar a burocracia.

É algo realmente estranho que Bruno R. veja exatamente nas purgas stalinistas a prova de que a burocracia se converteu em classe dirigente, pois em sua opinião, somente uma classe dirigente é capaz de tomar

medidas de tal amplitude.⁶ Sem dúvida, esquece que o czarismo, que não era uma "classe", também se permitiu tomar medidas de grande escala nas purgas e, mais ainda, exatamente no período em que estava se aproximando de seu fim. Sintoma da proximidade de sua agonia mortal, pela extensão e fraudulência monstruosa de suas purgas, Stalin não nos testemunha outra coisa a não ser a incapacidade da burocracia para se transformar em uma classe dirigente estável. Não ficaremos em uma posição ridícula se justamente alguns anos antes ou alguns meses antes da queda desonrosa da oligarquia bonapartista lhe dermos a denominação de nova classe dirigente? Em nossa opinião, colocar claramente essa questão afastará os camaradas das experiências terminológicas e das generalizações demasiado apressadas.

A orientação para a revolução mundial e a regeneração da URSS

Já se demonstrou que um quarto de século é um espaço de tempo muito curto para o rearmamento revolucionário da vanguarda proletária mundial e muito longo para se manter o sistema soviético intacto e isolado em um país atrasado. A humanidade agora está pagando por isso com uma nova guerra imperialista. Mas a tarefa básica de nossa época não mudou só porque não foi solucionada. Uma conquista colossal do último quarto de século e uma garantia inapreciável para o futuro são constituídas pelo fato de que um dos destacamentos do proletariado mundial foi capaz de demonstrar na prática *como* esta tarefa deve ser resolvida.

⁶ Certamente, na última parte de seu livro, que consiste exatamente em contradições fantásticas, Bruno R. refuta consciente e articuladamente sua própria teoria do "coletivismo burocrático", exposta na primeira parte do mesmo livro, e declara que o stalinismo, o fascismo e o nazismo são formações parasitárias e transitórias, castigos históricos devido à impotência do proletariado. Em outras palavras, depois de haver submetido os pontos de vista da Quarta Internacional ao mais duro tipo de crítica, Bruno R. volta-se, deliberadamente, para estes pontos de vista, mas somente para empreender outra série de erros. Não vemos razão em seguir os passos de um escritor que, obviamente, perdeu a cabeça. De seus argumentos, nos interessa aqueles pelos quais tenta demonstrar que a burocracia é uma classe. (N. do A.)

A segunda guerra imperialista coloca esta tarefa, ainda não solucionada, num nível histórico muito mais elevado. Novamente, põe à prova não só a estabilidade dos regimes existentes, mas também a capacidade do proletariado para substituir esses regimes. O resultado desta prova terá, indubitavelmente, um significado decisivo para nossa avaliação sobre a época contemporânea como a época da revolução proletária. Se, ao contrário de todas as probabilidades, a Revolução de Outubro não encontrar, no curso da guerra atual ou imediatamente depois, sua continuação em algum dos países avançados; e se, ao contrário, o proletariado for derrotado em todas as frentes, então, sem dúvidas, deveremos colocar a questão de revisar nossa concepção da época atual e suas forças motrizes. Neste caso, tratar-se-ia não de grudar uma etiqueta sobre a URSS ou o bando de Stalin, mas de reconsiderar a perspectiva histórica mundial para as próximas décadas e talvez séculos: entramos na época da revolução social e da sociedade socialista ou, ao contrário, entramos na época da decadente sociedade da burocracia totalitária?

O duplo erro dos esquemáticos como Hugo Urbahns e Bruno R. consiste, primeiro, em que proclamam que esse regime já foi finalmente instaurado; e, segundo, que o definem como um estado transitório prolongado da sociedade entre o capitalismo e o socialismo. Já é absolutamente evidente que se o proletariado internacional, como resultado da experiência de toda nossa época e da presente nova guerra, mostrar-se incapaz de se converter em dono da sociedade, isto significaria a perda de toda a esperança para a revolução socialista, uma vez que é impossível esperar outras condições mais favoráveis para isso. Em qualquer caso, agora ninguém é capaz de prever ou caracterizar tal coisa.

Os marxistas não têm o menor direito – se a desilusão e o cansaço não forem considerados "direitos" – de chegar à conclusão de que o proletariado perdeu suas possibilidades revolucionárias e deve renunciar a todas as aspirações de hegemonia na era imediatamente próxima. Em escala histórica, quando se trata de profundas mudanças nos sistemas econômico e cultural, 25 anos pesam menos que uma hora na vida de um homem. Que tipo de pessoa, por causa de fracassos empíricos que acontecem no decorrer de uma hora ou de um dia, renuncia aos objetivos que tinha se colocado, em base à experiência e análise de toda a sua vida anterior? Durante os anos da mais sombria

reação russa (1907-1917), tomávamos como nosso ponto de partida aquelas possibilidades que o proletariado russo havia revelado em 1905. Nos anos da reação mundial devemos partir das possibilidades que o proletariado russo revelou em 1917. A Quarta Internacional não se chama Partido Mundial de Revolução Socialista por casualidade. Nosso caminho não será mudado. Orientamos nosso curso em direção à revolução mundial e, em virtude deste mesmo fato, em direção à regeneração da URSS como Estado operário.

A política externa é a continuação da política interna

O que defendemos na URSS? Não são aquelas coisas nas quais a URSS se parece com os países capitalistas, mas precisamente aquilo em que ela se diferencia destes. Na Alemanha também defendemos uma insurreição contra a burocracia dirigente, mas só para derrotar imediatamente a propriedade capitalista. Na URSS a derrota da burocracia é indispensável para a preservação da propriedade estatal. Estamos pela defesa da URSS somente neste sentido.

Entre nós, não existe ninguém que coloque em dúvida o fato de que os operários soviéticos devam defender a propriedade estatal, não só contra o parasitismo da burocracia, mas também contra as tendências restauradoras da propriedade privada, por exemplo, pela aristocracia kolkhoziana. Porém, no final das contas, a política externa é a continuação da política interna. Se na política interna ligamos a defesa das conquistas da Revolução de Outubro com a luta irreconciliável contra a burocracia, também devemos fazer o mesmo na política externa. Sem dúvidas, Bruno R., de acordo com o fato de que o "coletivismo burocrático" saiu vitorioso em todas as frentes, nos assegura que nada ameaça a propriedade estatal porque Hitler (e Chamberlain?) estão tão interessados na sua manutenção quanto Stalin (logo verá!). É triste dizer, mas as afirmações de Bruno R. são levianas. Em caso de vitória, certamente Hitler começaria por defender a devolução

⁷ Refere-se à burocracia que dirigia os *kolkhozes*, fazendas coletivas que existiam sob a forma de cooperativas, de associações ou de comunas. Segundo Trotsky, nesta forma de propriedade residia um dos grandes perigos de restauração capitalista. Ver Trotsky, Leon. *A revolução traída*. São Paulo: Editora Sundermann, 2005. (N. do E.)

de todas as propriedades que foram expropriadas aos capitalistas alemães. Depois asseguraria a mesma coisa aos capitalistas ingleses, franceses e belgas, uma vez que chegaria a um acordo com eles à custa da URSS. Por fim, faria da Alemanha o principal acionista das mais importantes empresas estatais da URSS, para benefício da máquina militar alemã. Agora Hitler é um aliado e amigo de Stalin. Porém, se, com a ajuda de Stalin, Hitler conseguir sair vitorioso na frente Oeste, na manhã seguinte voltará seus canhões contra a URSS. E, finalmente, também Chamberlain, em circunstâncias semelhantes, atuaria da mesma forma que Hitler.

A defesa da URSS e a luta de classes

Os erros sobre o problema de defesa da URSS normalmente partem de uma compreensão incorreta dos métodos de "defesa". De forma alguma a defesa da URSS significa se aproximar da burocracia do Kremlin, aceitar sua política ou conciliar com a política de seus aliados. Nesta questão, assim como em todas as outras, permanecemos completamente no terreno da luta de classes internacional.

Recentemente, no minúsculo jornal francês *Que faire?*, dizia-se que, como os "trotskistas" são derrotistas em relação à França e à Inglaterra, eles também são derrotistas em relação à URSS. Em outras palavras: se você quiser defender a URSS, deixe de ser derrotista em relação aos seus aliados imperialistas. *Que faire?* pensou que as "democracias" seriam os aliados da URSS. O que estes sábios dirão agora, não sabemos. E não importa, uma vez que seu próprio método está podre. Renunciar ao derrotismo em relação ao campo imperialista, ao qual a URSS hoje adere ou aderirá amanhã, é empurrar os operários do campo inimigo para o lado de seu governo; significa renunciar ao derrotismo com um todo. Sob as condições de uma guerra imperialista, a renúncia ao derrotismo é equivalente à negação da revolução socialista. A renúncia à revolução em nome da "defesa da URSS" condenaria a URSS à decomposição final e à ruína.

A "defesa da URSS", segundo a interpretação da Comintern, assim como a "luta contra o fascismo" de ontem, está baseada na negação da política de independência de classe. O proletariado é transformado – por distintas razões, em circunstâncias variadas, mas sempre e invariavelmen-

te – em força auxiliar de um campo burguês contra outro campo burguês. Em contraposição a isso, alguns de nossos camaradas dizem: na medida em que não queremos nos converter em instrumentos de Stalin e de seus aliados, renunciamos à defesa da URSS. Entretanto, com isso demonstram apenas que sua compreensão de "defesa" coincide exatamente com a compreensão dos oportunistas; não pensam em termos de política independente por parte do proletariado. Na verdade, nós defendemos a URSS como defendemos as colônias, como resolvemos todos os nossos problemas, não apoiando alguns governos imperialistas contra outros, mas com o método da luta de classes internacional, tanto nas colônias como nas metrópoles.

Não somos um partido governamental; somos o partido da oposição irreconciliável, não só nos países capitalistas, mas também na URSS. Nossas tarefas, entre elas a "defesa da URSS", não são levadas a cabo por intermédio de governos burgueses, muito menos do governo da URSS, mas exclusivamente a partir da educação das massas, da agitação, explicando aos operários o que devem defender e quem devem derrotar. Tal "defesa" não pode ter resultados imediatos milagrosos. Mas nós não pretendemos nos transformar em santos milagrosos. Na situação atual, tal e como as coisas se apresentam, somos uma minoria revolucionária. Nosso trabalho deve ser orientado de forma que os operários sobre os quais temos influência possam apreciar corretamente os acontecimentos, não sejam pegos de surpresa e preparem o sentimento geral de sua própria classe para a solução revolucionária das tarefas que confrontamos.

A defesa da URSS, para nós, coincide com a preparação da revolução mundial. Somente aqueles métodos que não entrem em conflito com os interesses da revolução são admissíveis. A defesa da URSS está ligada à revolução socialista mundial, assim como uma tarefa tática está ligada a uma estratégica. Uma tática está subordinada a um fim estratégico e de forma alguma pode entrar em contradição com este último.

A questão dos territórios ocupados

Enquanto escrevo estas linhas, a questão dos territórios ocupados pelo Exército Vermelho ainda permanece obscura. Os despachos telegráficos se contradizem uns com os outros, à medida que ambas as partes mentem muito e que as atuais relações nos campos de batalha são ain-

da, com certeza, extremamente indefinidas. A maior parte dos territórios ocupados serão, sem sombra de dúvidas, incorporados à URSS. De que forma exatamente?

Vamos admitir por um momento que, segundo o tratado com Hitler, o governo de Moscou deixe intacto os direitos de propriedade privada nas zonas ocupadas e se limite ao "controle", de acordo com o modelo fascista. Tal concessão teria um caráter profundamente principista e poderia ser o ponto de partida para um novo capítulo na história do regime soviético; e, consequentemente, de nossa parte, um ponto de partida para uma nova avaliação da natureza do Estado soviético.

No entanto, é mais provável que nos territórios que forem incorporados à URSS, o governo de Moscou atue expropriando os grandes proprietários e estatizando os meios de produção. Esta variante é a mais provável, não porque a burocracia continue sendo fiel ao programa socialista, mas porque não deseja e nem é capaz de tomar o poder e os privilégios que comparte com a velha classe dirigente nos territórios ocupados. Aqui é forçosa uma analogia literal. O primeiro Bonaparte deteve a revolução lançando mão de uma ditadura militar. No entanto, quando as tropas francesas invadiram a Polônia, Napoleão assinou um decreto: "A servidão está abolida." Tal medida foi adotada, não porque Napoleão simpatizasse com os camponeses e nem por princípios democráticos, mas pelo fato de a ditadura bonapartista se basear em relações de propriedade burguesas, e não feudais. À medida que a ditadura bonapartista de Stalin se baseia na propriedade estatal, e não na privada, a invasão da Polônia pelo Exército Vermelho levará, por si só, à abolição da propriedade privada capitalista para que o regime dos territórios ocupados esteja de acordo com o regime da URSS.

Esta medida, de caráter revolucionário – "a expropriação dos expropriadores" – é levada a cabo, neste caso, de forma burocrático-militar. O chamado à ação independente das massas nos novos territórios – e sem tal chamado, embora formulado com extrema prudência, é impossível constituir um novo regime – será indubitavelmente esmagado no dia seguinte por medidas policiais impiedosas para assegurar a predominância da burocracia sobre as massas revolucionárias despertadas. Este é um lado da questão. Mas existe o outro. Com o objetivo de possibilitar a ocupação da Polônia a partir de uma aliança militar com Hitler, durante mui-

to tempo o Kremlin enganou e continua enganando as massas da URSS e no mundo inteiro, levando, com isso, à completa decomposição das fileiras de sua própria Internacional Comunista. O critério político prioritário não é, para nós, a transformação das relações de propriedade neste ou naquele território, por mais importantes que sejam por si só, mas sim a mudança na consciência e organização do proletariado mundial, a elevação de sua capacidade de defender as conquistas obtidas e conquistar outras novas. A partir deste único e decisivo ponto de vista, a política de Moscou, tomada em seu conjunto, conserva completamente o seu caráter reacionário e é o principal obstáculo no caminho da revolução mundial.

No entanto, nossa análise geral sobre o Kremlin e a Comintern não modifica o fato particular de que a estatização da propriedade nos territórios ocupados é, em si mesmo, uma medida progressiva. Reconhecemos isso abertamente. Se amanhã Hitler lançar seus exércitos contra o Leste para restaurar a "lei e a ordem" na Polônia Oriental, os operários avançados defenderão, contra Hitler, estas novas formas de propriedade estabelecidas pela burocracia bonapartista soviética.

Não modificamos nossa orientação!

Como dissemos, a estatização dos meios de produção é uma medida progressiva. Porém, seu caráter progressivo é relativo; seu peso específico depende da soma total de todos os fatores restantes. Assim, devemos constatar, primeiro e principalmente, que a ampliação do território dominado pela autocracia burocrática e pelo parasitismo, encobertas por medidas "socialistas", pode aumentar o prestígio do Kremlin, engendrar ilusões sobre a possibilidade de substituir a revolução proletária por manobras burocráticas etc. Este dano ultrapassa de longe o conteúdo progressivo das reformas stalinistas na Polônia. Para que a propriedade nacionalizada nas áreas ocupadas, assim como na URSS, seja a base de um genuíno progresso, ou seja, base para um desenvolvimento socialista, é necessário derrotar a burocracia de Moscou. Nosso programa, consequentemente, conserva toda sua validade. Os acontecimentos não nos surpreenderam. Só precisamos interpretá-los corretamente. É preciso entender claramente que no caráter da URSS e em sua situação internacional estão contidas contradições agudas. É impossível se livrar

destas contradições com a ajuda de jogos de tipo terminológico ("Estado operário"/"Estado não operário"). Devemos considerar os fatos tais como eles se apresentam. Devemos traçar nossa política tomando como ponto de partida as reais relações e contradições.

Não confiamos qualquer missão histórica ao Kremlin. Estivemos e continuamos contra ocupações de novos territórios pelo Kremlin. Estamos pela independência da Ucrânia soviética e, se os bielo-russos o quiserem, também da Bielo-Rússia soviética. Ao mesmo tempo, nas partes da Polônia ocupadas pelo exército russo, os partidários da Quarta Internacional devem cumprir um papel decisivo na expropriação dos grandes proprietários de terra e capitalistas, na distribuição de terra entre os camponeses, na criação de sovietes e comitês operários etc. Enquanto fazem isso, devem conservar sua independência política, devem lutar, nas eleições para os sovietes e comitês de fábrica, pela total independência destes organismos frente à burocracia e devem realizar propaganda revolucionária no espírito de desconfiança com relação ao Kremlin e seus agentes locais.

Porém, suponhamos que Hitler aponte seus canhões para o Leste e invada os territórios ocupados pelo Exército Vermelho. Sob estas condições, os partidários da Quarta Internacional, sem modificar de forma alguma sua atitude frente à oligarquia do Kremlin, colocarão como a mais urgente tarefa do movimento a resistência militar contra Hitler. Os operários dirão: "Não podemos deixar que Hitler derrote Stalin; esta é nossa tarefa." Durante a luta militar contra Hitler, os operários revolucionários devem se esforçar por estabelecer relações, as mais fraternais possíveis, com a base dos soldados do Exército Vermelho. Enquanto lutam, com armas nas mãos, contra Hitler, os bolcheviques-leninistas deverão ao mesmo tempo fazer propaganda revolucionária contra Stalin, preparando sua derrota para a próxima, talvez imediata, etapa.

Este tipo de "defesa da URSS" será, naturalmente, diferente – tanto quanto o céu é diferente da terra – da defesa oficial que agora é levada a cabo sob o lema: "Pela pátria! Por Stalin!" Nossa defesa da URSS é colocada sob o lema: "Pelo socialismo! Pela revolução mundial! Contra Stalin!" Para que estas duas variantes de "defesa da URSS" não se confundam na consciência das massas, é necessário formular clara e precisamente palavras de ordem que correspondam à situação concreta. Po-

rém, acima de tudo, é necessário estabelecer claramente *o que* estamos defendendo, *como* estamos defendendo e *contra quem* estamos defendendo isso. Nossas palavras de ordem não criarão uma confusão entre as massas somente se nós mesmos tivermos uma clara concepção de nossas tarefas.

Conclusões

Seja como for, agora não temos razões para modificar nossa posição principista em relação à URSS.

A guerra acelera os distintos processos políticos. Pode ser que acelere o processo de regeneração revolucionária da URSS. Mas também pode ser que acelere o processo de degeneração final. Por isso é indispensável que sigamos pacientemente e sem preconceitos estas modificações que a guerra introduz na vida interna da URSS, de forma que possamos dar conta delas a tempo.

Nos territórios ocupados, nossas tarefas continuam sendo basicamente as mesmas que na URSS; mas, na medida em que estão colocadas de forma extremamente aguda por causa dos acontecimentos, permitem que clarifiquemos muito mais as nossas tarefas gerais com relação à URSS.

Devemos formular nossas palavras de ordem de tal forma que os operários vejam claramente o que é que estamos defendendo na URSS (propriedade estatal e economia planificada) e contra quem estamos levando uma luta implacável (a burocracia parasitária e sua Comintern).

Não devemos perder de vista, por um só momento, o fato de que, para nós, a questão da derrubada da burocracia soviética está subordinada à questão da preservação da propriedade estatal sobre os meios de produção na URSS; que a questão da manutenção da propriedade estatal sobre os meios de produção da URSS está subordinada, para nós, à questão da revolução proletária mundial.

Leon Trotsky
Coyoacán (México), 25 de setembro de 1939

CARTA A SHERMAN STANLEY

8 de outubro de 1939

Querido camarada Stanley,

Recebi a carta que você enviou a O'Brien sobre a partida deste. A carta produziu em mim uma estranha impressão porque, diferentemente de seus bons artigos, está cheia de contradições.

Até agora não recebi qualquer material sobre a plenária e não conheço nem o texto da resolução da maioria, nem o de M. S.,8 mas você afirma que não existe uma posição irreconciliável entre os dois textos. Ao mesmo tempo, afirma que um "desastre" ameaça o partido. Por quê? Inclusive se houvesse duas posições *irreconciliáveis*, isto não significaria um "desastre", mas a necessidade de levar adiante, até o fim, a luta política. Porém, se as duas posições refletem somente matizes sobre o mesmo ponto de vista expresso no programa da Quarta Internacional, como essa divergência não principista (em sua opinião) levaria a uma catástrofe? É natural que a maioria prefira seu próprio matiz (se é só um matiz). Porém, é absolutamente anormal que a minoria proclame: "O fato de vocês, a maioria, aceitarem seu próprio matiz, e não o nosso, significa para nós presságio de um desastre." Por quê? E você afirma que "observa objetivamente os diferentes grupos". Esta não é a minha impressão, de forma alguma.

⁸ Trata-se de Max Shachtman. (N. do E.)

Por exemplo, você escreve que "faltava uma página, por uma ou outra razão" ⁹ do meu artigo. Dessa forma, você expressa uma suspeita muito venenosa em relação aos camaradas responsáveis. A página se perdeu por uma lamentável negligência aqui em nosso escritório e já enviamos um texto novo e completo para ser traduzido.

Seu argumento sobre o "império operário" degenerado me parece ser um invento pouco feliz. Os bolcheviques foram, desde o primeiro dia da Revolução de Outubro, acusados de terem um "programa czarista de expansão". Até mesmo um Estado operário saudável tenderia à expansão, e as linhas geográficas coincidiriam inevitavelmente com as linhas gerais da expansão czarista porque as revoluções não mudam, necessariamente, as condições geográficas. O que criticamos na camarilha do Kremlin não é a expansão e nem a direção geográfica da expansão, mas os métodos contrarrevolucionários e burocráticos da expansão. Porém, ao mesmo tempo, por sermos marxistas "observamos objetivamente" os acontecimentos históricos, reconhecemos que nem o czar, nem Hitler, nem Chamberlain tiveram ou têm o costume de abolir, nos países ocupados, a propriedade capitalista, e que tal fato, muito progressivo, depende de um outro, a saber: que a Revolução de Outubro não foi definitivamente esmagada pela burocracia, e que esta última está forçada, por causa de suas posições, a tomar medidas que, em última instância, devemos defender frente aos inimigos imperialistas. Logicamente, essas medidas progressivas são incomparavelmente menos importantes que a atividade geral contrarrevolucionária da burocracia: é exatamente por isso que consideramos necessário derrubar a burocracia...

Os camaradas estão muito indignados com o pacto Hitler-Stalin. É compreensível. Querem vingar-se de Stalin. Muito bem. Porém, hoje somos débeis e não poderemos derrotar imediatamente o Kremlin. Alguns

⁹ O artigo "A URSS na guerra" chegou à direção do SWP quando seu Comitê Nacional já estava reunido. Trotsky havia informado antecipadamente em uma carta qual seria sua posição, e a direção do Socialist Workers Party discutiu tendo como base essa posição preliminar. Quando o artigo chegou, percebeu-se que uma página havia se perdido ainda em Coyoacán. A minoria fez um escândalo, levantando, entre outras coisas, a suspeita de que a página havia desaparecido deliberadamente. (N. do E.)

camaradas procuram, então, encontrar uma satisfação puramente verbal: tiram da URSS o título de Estado operário da mesma forma que Stalin tira de um infeliz funcionário a Ordem de Lenin. Caro amigo, considero isto uma infantilidade. A sociologia marxista e a histeria são absolutamente irreconciliáveis.

Com as melhores saudações comunistas,

Crux (Leon Trotsky)

NOVAMENTE, E UMA VEZ MAIS, SOBRE A NATUREZA DA URSS

18 de outubro de 1939

Psicanálise e marxismo

Alguns camaradas, ou ex-camaradas, como Bruno R., tendo esquecido as discussões e decisões anteriores da Quarta Internacional, tentam explicar minha análise pessoal sobre o Estado soviético recorrendo à psicanálise: "Uma vez que Trotsky participou da Revolução Russa, é difícil que abandone a ideia de Estado operário porque teria que renunciar à causa de toda sua vida." Creio que o velho Freud, que era muito perspicaz, teria dado um grande puxão de orelhas neste tipo de psicanalista. Naturalmente, não ousaria fazer o mesmo. No entanto, atrevo-me a assegurar aos meus críticos que o subjetivismo e o sentimentalismo estão neles, e não em mim.

A conduta de Moscou, que superou os limites da degradação e do cinismo, provoca facilmente a repugnância em todo proletário revolucionário. A repugnância engendra a necessidade de repulsa. Quando se carece de força para a ação imediata, os revolucionários impacientes tendem a recorrer a métodos artificiais. Surge assim, por exemplo, a tática do terrorismo individual. Mais frequentemente, se recorre às expressões fortes, aos insultos, às maldições. No presente caso, alguns camaradas se inclinam abertamente a buscar compensação por meio do "terror" terminológico. Porém, ainda a partir deste ponto de vista, o simples fato de qualificar a burocracia como classe não serve de nada. Se a canalha bonapartista é uma classe, isto significa que não é um aborto, mas sim

uma criatura viável na história. Se seu parasitismo saqueador é "exploração", no sentido científico da palavra, isto significa que a burocracia possui um futuro histórico como classe dirigente indispensável de um dado sistema econômico. Aqui está o ponto final, para o qual se dirige a indignação impaciente quando se liberta da disciplina marxista!

Quando um mecânico nervoso examina um automóvel, no qual, digamos, alguns gângsteres tenham fugido da polícia por uma estrada em más condições, e encontra a carroceria destroçada, as rodas empenadas e o motor parcialmente danificado, poderia exclamar, com razão: "Isto não é um automóvel; só o diabo saberá o que é isto!" Tal apreciação careceria de todo valor técnico e científico, mas expressaria a legítima reação do mecânico diante da obra dos bandidos. No entanto, suponhamos que este mesmo mecânico deva recondicionar o objeto que foi denominado de "só o diabo saberá o que é". Neste caso, começará por reconhecer que tem diante de si um automóvel estropiado; determinará quais as partes que ainda servem e quais as que estão irrecuperáveis, para assim decidir por onde começará o trabalho. Frente à URSS, um operário com consciência de classe terá uma atitude semelhante. Tem todo o direito de dizer que os gângsteres da burocracia transformaram o Estado operário em algo que "só o diabo saberá o que é". Porém, quando passa de sua reação explosiva para a solução de problema político, vê-se obrigado a reconhecer que tem diante de si um Estado operário estropiado, cujo motor econômico está danificado, mas ainda continua funcionando, e que pode ser completamente recondicionado com a substituição de algumas peças. É claro que isso tudo não é nada mais do que uma analogia. No entanto, vale a pena refletir sobre ela.

"Um Estado operário contrarrevolucionário"

Algumas vezes exclamam:

"Se continuarmos a reconhecer a URSS como Estado operário, devemos estabelecer uma nova categoria: Estado operário contrarrevolucionário".

Este argumento tenta impressionar nossa imaginação mediante a oposição de uma boa norma programática a uma realidade miserável, ruim e até repugnante. Porém, não estivemos observando, dia após dia,

desde 1923, como o Estado soviético cumpriu um papel cada vez mais contrarrevolucionário no campo internacional? Esquecemos a experiência da revolução chinesa, da greve geral de 1926 na Inglaterra e, finalmente, a muito recente experiência da Revolução Espanhola? Existem duas Internacionais operárias completamente contrarrevolucionárias. Estes críticos, aparentemente, esquecem esta "categoria". Os sindicatos da França, Inglaterra, Estados Unidos e outros países apoiam totalmente a política contrarrevolucionária de suas burguesias. Isto não nos impede de chamá-los de sindicatos, apoiar seus passos progressivos e defendêlos contra a burguesia. Por que é impossível se empregar o mesmo método com o Estado operário contrarrevolucionário? Em última análise, um Estado operário é um sindicato que conquistou o poder. A atitude diferenciada ante um e outro se explica pelo simples fato de que os sindicatos têm uma longa história e estamos acostumados a considerá-los como realidades, e não simplesmente como "categorias" de nosso programa. Porém, no que diz respeito ao Estado operário, ficou demonstrado que existe incapacidade para aprender a se aproximar dele, considerando-o um fato histórico real que não está subordinado ao nosso programa.

Imperialismo?

Pode-se qualificar de imperialista a atual expansão do Kremlin? Em primeiro lugar, devemos estabelecer qual é o conteúdo social desse termo. A história conheceu o "imperialismo" do Estado romano, baseado no trabalho escravo; o imperialismo da propriedade feudal da terra; o imperialismo do capital industrial e comercial; o imperialismo da monarquia czarista etc. Sem dúvidas, a força propulsora da burocracia de Moscou é a tendência de expandir seu poder, seu prestígio, seus investimentos. No sentido amplo da palavra, este é o elemento de "imperialismo", que no passado era próprio de todas as monarquias, castas dirigentes, Estados e classes medievais. No entanto, na literatura contemporânea, pelo menos na literatura marxista, se entende por imperialismo a política expansionista do capital financeiro, que possui um conteúdo econômico perfeitamente definido. Utilizar a palavra "imperialismo" para a política externa do Kremlin, sem esclarecer perfeitamente o que significa, equivale, simplesmente, a identificar a política da burocra-

cia bonapartista com a política do capitalismo monopolista, baseados no fato de que tanto uma como a outra utilizam sua força militar para a expansão. Semelhante identificação, capaz unicamente de semear a confusão, é muito mais própria de democratas pequeno-burgueses do que de marxistas.

Continuação da política do imperialismo czarista

O Kremlin participa de uma nova divisão da Polônia; o Kremlin se apodera dos Estados bálticos; o Kremlin se dirige para os Bálcãs, a Pérsia e o Afeganistão. Em outras palavras, o Kremlin continua a política do imperialismo czarista. Será que também neste caso temos o direito de qualificar de imperialista a política do Kremlin? Este argumento histórico-geográfico não é mais convincente do que qualquer um dos outros. A revolução proletária que se produziu no território do império czarista tentou, desde o seu início, conquistar – e durante muito tempo conquistou – os países bálticos; tentou penetrar na Romênia e na Pérsia e em certo momento dirigiu seus exércitos para Varsóvia (1920). As linhas da expansão revolucionária foram semelhantes às do czarismo, uma vez que a revolução não modifica as condições geográficas. Por isso, precisamente já naquela época, os mencheviques falaram de imperialismo bolchevique como herdeiro das tradições da diplomacia czarista. A democracia pequeno-burguesa recorre, ainda hoje em dia, e de bom grado, a este argumento. Nisto, repito eu, não temos motivo algum para imitá-la.

Agente do imperialismo?

No entanto, além da forma de se apreciar a política expansionista da própria URSS, subsiste a questão da ajuda que Moscou proporciona à política imperialista de Berlim. Antes de tudo, é necessário estabelecer aqui que, em determinadas condições e até certo ponto, o apoio a este ou aquele imperialismo seria inevitável mesmo para um Estado operário completamente sadio, devido à impossibilidade de se romper a cadeia das relações imperialistas mundiais. Sem sombra de dúvidas, a paz de Brest-Litovsky fortaleceu temporariamente o imperialismo alemão con-

tra a França e a Inglaterra. Um Estado operário isolado não pode deixar de manobrar entre os campos imperialistas hostis. Manobrar significa apoiar, temporariamente, um deles contra os outros. Saber exatamente qual dos dois campos é o mais conveniente ou menos perigoso de se apoiar em determinado momento não é uma questão de princípios, mas de cálculos e previsões práticas. A inevitável desvantagem que se engendra como consequência deste apoio limitado a um Estado burguês contra outro está mais do que compensada pelo fato de que, dessa forma, dá-se ao Estado operário a possibilidade de continuar sua existência.

Mas existem manobras e manobras. Em Brest-Litovsky o governo sacrificou a independência nacional da Ucrânia a fim de salvar o Estado operário. Ninguém podia falar de traição em relação à Ucrânia, pois todos os operários com consciência de classe compreenderam o caráter obrigatório deste sacrifício. Na Polônia a coisa é completamente diferente. O Kremlin nunca e em nenhuma parte apresentou a questão como se tivesse sido obrigado a sacrificar a Polônia. Ao contrário, se vangloriava cinicamente de sua combinação, que afronta legitimamente os sentimentos democráticos mais elementares das classes e povos oprimidos de todo o mundo, e assim debilita extremamente a situação internacional da União Soviética. As transformações econômicas das províncias ocupadas não compensam esse fato nem em sua décima parte!

Toda a política do Kremlin está baseada em um embelezamento canalha do imperialismo "amigo", o que acaba sacrificando os interesses fundamentais do movimento operário mundial em troca de vantagens instáveis e secundárias. Após ter enganado os trabalhadores durante cinco anos com palavras de ordem pela "defesa das democracias", agora Moscou está ocupada em justificar a política de pilhagem de Hitler. Em si mesmo, tal coisa ainda não transforma a URSS em um Estado imperialista. Porém, não existem dúvidas de que Stalin e sua Comintern são, atualmente, os agentes mais valiosos do imperialismo.

Se queremos definir exatamente a política exterior do Kremlin, devemos dizer que é a política da burocracia bonapartista de um Estado operário degenerado rodeado por um cerco imperialista. Esta definição não é tão breve ou sonora como a de "política imperialista", mas, em compensação, é mais precisa.

"O mal menor"

Claro que a ocupação da Polônia Oriental pelo Exército Vermelho é um "mal menor" em comparação com a ocupação deste mesmo território pelas tropas nazistas. Porém, este mal menor foi conseguido porque se assegurou a Hitler a conquista de um mal maior. Se alguém incendiar uma casa e depois salvar cinco ou dez de seus ocupantes a fim de convertê-los em semiescravos, naturalmente que isso é um mal menor se comparado com a possibilidade de queimar todos eles. Porém, é duvidoso que este incendiário mereça uma medalha pelo salvamento. Se, apesar de tudo, ele receber uma medalha, teria que ser imediatamente fuzilado, como no caso do herói de uma das novelas de Victor Hugo.

"Missionários armados"

Certa vez Robespierre disse que o povo não gosta de missionários com baionetas. Com isso, queria dizer que é impossível impor ideias e instituições revolucionárias sobre outros povos mediante a violência militar. Logicamente, esta ideia, correta, não significa que seja inadmissível a intervenção militar em outros países com o objetivo de cooperar com uma revolução.

Mas tal intervenção – como parte de uma política internacional revolucionária – deve ser entendida pelo proletariado internacional, deve corresponder aos desejos das massas revolucionárias em cujo território as tropas revolucionárias vão entrar. A teoria do socialismo num só país não pode, naturalmente, criar esta solidariedade internacional ativa, que é a única capaz de preparar e justificar a intervenção armada. O Kremlin coloca e resolve o problema da intervenção militar como todas as demais questões de sua política, ou seja, de forma absolutamente independente das ideias e sentimentos da classe operária internacional. Por isso os recentes "êxitos" diplomáticos do Kremlin comprometem de forma monstruosa a URSS e introduzem uma grande confusão nas fileiras do proletariado mundial.

Insurreição em duas frentes

Porém, a questão se coloca desta forma – dizem alguns camaradas: "Não é mais correto chamar os operários e camponeses de ambas as

partes da ex-Polônia a se levantarem contra Hitler e contra Stalin?" Naturalmente que isto é bem mais atraente. Se a revolução tivesse surgido simultaneamente na Alemanha e na URSS, incluindo as províncias recentemente ocupadas, isto resolveria muitas questões de uma só vez. Porém, nossa política não pode se basear unicamente na combinação das circunstâncias mais favoráveis e felizes. O problema é colocado assim: O que fazer se Hitler, antes de ser derrotado pela revolução, atacar a Ucrânia antes que a revolução tenha derrotado Stalin? Neste caso, os partidários da Quarta Internacional lutarão contra as tropas de Hitler, como lutaram na Espanha nas fileiras republicanas contra Franco? Com muita firmeza, e de todo coração, estamos a favor de uma Ucrânia soviética independente (tanto de Hitler quanto de Stalin). Porém, o que fazer se, antes de ter obtido esta independência, a Ucrânia, hoje sob o domínio da burocracia stalinista, for atacada por Hitler? A Quarta Internacional responde: defenderemos esta Ucrânia escravizada por Stalin contra Hitler.

Defesa incondicional da URSS

O que significa dizer defesa "incondicional" da URSS? Quer dizer que não impomos nenhuma condição à burocracia. Quer dizer que, independentemente do motivo e das causas da guerra, defendemos as bases sociais da URSS se esta for ameaçada pelo imperialismo.

Alguns camaradas dizem: "E se amanhã o Exército Vermelho invadir a Índia e começar a esmagar um movimento revolucionário local? Neste caso, apoiaremos o Exército Vermelho?" Essa forma de colocar o problema é absolutamente inconsistente. Acima de tudo, não está claro porque motivo se fala da Índia. Não seria mais simples perguntar: "Quando o Exército Vermelho esmaga as greves operárias ou os protestos dos camponeses contra a burocracia na URSS, nós o apoiamos ou não?" A política externa é a continuação da política interna. Jamais prometemos apoiar todas as ações do Exército Vermelho, que é um instrumento nas mãos da burocracia bonapartista. Prometemos unicamente defender a URSS como Estado operário e somente aquilo que nela exista de Estado operário.

Um hábil casuísta poderia dizer: "Se o Exército Vermelho, independentemente do "trabalho" que realiza, é derrotado pelas massas insur-

rectas da Índia, tal coisa debilitará a URSS." Nós responderemos: A derrota de um movimento revolucionário na Índia, com a cooperação do Exército Vermelho, significa um perigo incomparavelmente maior para as bases socialistas da URSS do que uma derrota episódica dos destacamentos contrarrevolucionários do Exército Vermelho na Índia. Em cada caso, a Quarta Internacional saberá distinguir onde e como o Exército Vermelho está atuando exclusivamente como instrumento da reação bonapartista e onde defende as bases sociais da URSS.

Um sindicato dirigido por burocratas reacionários organiza uma greve contra a admissão de operários negros em um determinado ramo da indústria. Apoiaremos uma greve tão vergonhosa? Naturalmente que não. Porém, imaginemos que os patrões, utilizando tal greve, tentem derrotar o sindicato e impossibilitar, no geral, a defesa organizada dos trabalhadores. Neste caso, logicamente, defenderemos o sindicato, apesar de sua direção reacionária. Por que esta mesma política não pode ser aplicada à URSS?

Uma regra fundamental

A Quarta Internacional estabeleceu claramente que em todos os países imperialistas, independentemente se estão aliados à URSS ou a um campo hostil a ela, os partidos proletários devem desenvolver durante a guerra a luta de classes, com o propósito de tomar o poder. Ao mesmo tempo, o proletariado dos países imperialistas não pode perder de vista os interesses da defesa da URSS (ou os das revoluções coloniais) e, em caso de extrema necessidade, deve recorrer às ações mais decisivas, como, por exemplo, greves, atos de sabotagem etc. Desde a época em que a Quarta Internacional formulou esta regra, as combinações das forças mudaram radicalmente. Porém, esta mesma regra conserva toda a sua validade. Se amanhã a Inglaterra e a França ameaçarem Moscou ou Leningrado, os operários ingleses e franceses devem tomar medidas firmes a fim de impedir o envio de soldados e equipamentos militares. Se, pela lógica, Hitler for obrigado a enviar ajuda militar a Stalin, os operários alemães, ao contrário, não terão qualquer razão, neste caso concreto, para recorrer a greves ou sabotagens. Ninguém, espero, proporá qualquer outra solução.

Revisão do marxismo?

Evidentemente, alguns camaradas se surpreenderam porque em meu artigo, 10 eu falo de "coletivismo burocrático" como uma possibilidade teórica. Inclusive descobriram neste fato uma completa revisão do marxismo. Estão terrivelmente equivocados. A compreensão marxista da necessidade histórica não possui qualquer ponto em comum com o fatalismo. O socialismo não se realiza "por si mesmo", mas como resultado da luta de forças vivas: as classes e seus partidos. Nesta luta, a vantagem decisiva do proletariado reside no fato de que ele representa o progresso histórico, enquanto a burguesia encarna a reação e a decadência. É exatamente nisto que se encontra a fonte de nossa convicção na vitória. Porém, temos todo o direito de perguntar: que caráter a sociedade adquirirá caso triunfem as forças da reação?

Os marxistas formularam um número incalculável de vezes a alternativa: ou o socialismo ou o retomo à barbárie. Após a "experiência" italiana, repetimos mil vezes: ou o comunismo ou o fascismo. O verdadeiro trânsito ao socialismo não pode deixar de se apresentar incomparavelmente mais complicado, heterogêneo e contraditório do que o previsto no esquema histórico geral. Marx falou sobre a ditadura do proletariado e sua progressiva desaparição. Porém, não disse nada sobre a degeneração burocrática da ditadura. Pela primeira vez, na prática, analisamos e observamos uma degeneração semelhante. Tal coisa é uma revisão do marxismo?

A marcha dos acontecimentos conseguiu demonstrar que o atraso da revolução socialista engendra traços indiscutíveis de barbárie: desemprego crônico, pauperização da pequena burguesia, fascismo e, finalmente, guerras de extermínio que não abrem qualquer caminho novo. Que formas sociais e políticas a nova "barbárie" poderá assumir, se admitirmos, teoricamente, que a humanidade não seja capaz de alcançar o socialismo? Sobre este tema, temos a possibilidade de nos expressar mais concretamente do que Marx. O fascismo, por um lado, e a degeneração do Estado soviético, por outro, esboçam as formas sociais e políticas de uma nova barbárie. Uma alternativa dessa espécie – socialismo

^{10 &}quot;A URSS na guerra". (N. do E.)

ou escravidão totalitária – tem um interesse não só teórico, mas também uma enorme importância para a agitação porque, a partir dela, a necessidade da revolução socialista aparece de forma muito mais clara.

Se formos falar de uma revisão de Marx, quem se ocupa disso são, na verdade, aqueles camaradas que estabelecem um novo tipo de Estado: "não burguês" e "não operário". Como a alternativa que desenvolvi faz com que seus pensamentos sejam conduzidos até o fim, alguns desses críticos, assustados diante das conclusões de suas próprias teorias, me acusam de... revisar o marxismo. Prefiro pensar que se trata simplesmente de uma brincadeira amistosa.

O direito ao otimismo revolucionário

Em meu artigo "A URSS na guerra", esforcei-me para demonstrar que a perspectiva de uma sociedade de exploração não operária e não burguesa, o "coletivismo burocrático", é a perspectiva de uma completa derrota e decadência do proletariado internacional, a perspectiva do mais profundo pessimismo histórico. Existem razões reais para semelhante perspectiva? Não será supérfluo investigar entre nossos inimigos de classe.

No encarte semanal do conhecido diário *Paris-Soir*, de 31 de agosto de 1939, aparece uma conversa extremamente instrutiva entre o embaixador francês Coulondre e Hitler, mantida no dia 25 de agosto, por ocasião de sua última entrevista (sem dúvidas a fonte da informação é o próprio Coulondre). Hitler enche a boca, se vangloria do pacto que concluíra com Stalin ("um pacto realista") e "lamenta" que o sangue francês e alemão tenham que ser derramados.

"Porém", objeta Coulondre, "Stalin abusou do jogo duplo. O verdadeiro vencedor (em caso de guerra) será Trotsky. Você já pensou nisso?"

"Sei", respondeu o Fuhrer. "Mas, por que a França e Inglaterra deram completa liberdade de ação à Polônia?" etc.

Estes cavalheiros gostam de dar ao espectro da revolução um nome próprio. Porém, logicamente, isto não é o essencial desta dramática conversa, ocorrida no mesmo momento em que se interrompiam as relações diplomáticas. "A guerra provocará, inevitavelmente, a revolução", o representante da democracia imperialista, pasmado ele próprio até a

medula, amedronta seu adversário. "Eu sei", responde Hitler, como se tratasse de uma questão há muito decidida. "Eu sei." Que diálogo impressionante!

Ambos, Coulondre e Hitler, representam a barbárie que avança sobre a Europa. Ao mesmo tempo, nenhum dos dois duvida do fato de que sua barbárie será vencida pela revolução socialista. Tal é o atual estado de ânimo das classes dirigentes de todos os países capitalistas do mundo. Sua completa desmoralização é um dos elementos mais importantes na relação de forças entre classes. O proletariado possui uma direção revolucionária jovem e ainda débil. Porém, a direção da burguesia está se apodrecendo. Mesmo às vésperas da guerra que não podem evitar, estes cavalheiros estão convencidos, antecipadamente, que o seu regime está se afogando. Só este fato deve constituir, para nós, uma fonte de invencível otimismo revolucionário!

18 de outubro de 1939

O REFERENDO E O CENTRALISMO DEMOCRÁTICO 11

21 de outubro de 1939

Pedimos um referendo sobre a questão da guerra porque queremos paralisar ou debilitar o centralismo do Estado imperialista. Porém, podemos reconhecer o referendo como um método normal para decidir as alternativas em nosso próprio partido? Não é possível responder esta pergunta, a não ser pela negativa.

Quem quer que esteja a favor de um referendo, reconhece com isso que a decisão partidária é simplesmente uma soma aritmética de decisões locais, estando cada uma das localidades inevitavelmente restrita às suas próprias forças e experiência limitadas. Quem quer que esteja a favor de um referendo, deve estar a favor dos mandatos imperativos, isto é, a favor de um procedimento tal, que cada localidade tenha o direito de *obrigar* seu representante, num congresso do partido, a votar de uma determinada maneira. Quem quer que admita os mandatos imperativos, nega automaticamente o significado dos congressos como órgãos supremos do partido. Em vez de um congresso, torna-se suficiente contar os votos locais. O partido desaparece como conjunto centralizado. Aceitando o referendo, a influência das localidades mais avançadas e dos cama-

¹¹ No decorrer desta luta fracional a minoria defendeu a proposta de um referendo partidário sobre a questão da URSS. A maioria foi contrária a esta proposta. Trotsky aparece então para apoiar a proposta da maioria de rejeitar o referendo. Este breve artigo de Trotsky acabou não entrando na maioria das edições de *Em defesa do marxismo*. O original, em russo, encontra-se nos Arquivos de Trotsky, na Universidade de Harvard. (N. do E.)

radas com mais experiência e mais destacados das capitais ou centros industriais é substituída pela influência das seções menos experientes, mais atrasadas etc.

Naturalmente, estamos a favor de que cada questão seja amplamente discutida e votada por cada organização, cada célula do partido. Mas, ao mesmo tempo, cada delegado eleito por uma localidade deve ter, no congresso, o direito de pesar todos os argumentos relacionados à questão e votar segundo seu próprio juízo político. Se votar contra a maioria que o elegeu delegado, e se após o congresso não é capaz de convencer sua organização sobre o seu procedimento correto, então a organização não pode mais depositar sua confiança política nele. Tais casos são inevitáveis. Porém, são um mal incomparavelmente menor do que o sistema do referendo ou mandatos imperativos que matam completamente o partido como conjunto.

Leon Trotsky Coyoacán (México), 21 de outubro de 1939

CARTA A SHERMAN STANLEY

22 de outubro de 1939

Querido camarada Stanley:

Respondo sua carta de 11 de outubro com certo atraso.

- 1. Você diz que "não pode haver" sérias diferenças ou desacordos sobre a questão russa. Se é assim, por que o alarme terrível no partido contra o Comitê Nacional e, portanto, contra sua maioria? Você não deve substituir suas próprias concepções pelas dos membros minoritários do Comitê Nacional, que consideram a questão séria e suficientemente candente a ponto de provocar uma discussão no início da guerra.
- 2. Não posso estar de acordo com você sobre o fato de que minha declaração não contradiz a do camarada M. S. O desacordo diz respeito a dois pontos fundamentais:
 - a) A natureza de classe da URSS;
 - b) A defesa da URSS.

O camarada M. S. coloca o primeiro ponto em dúvida, o que significa que nega a antiga decisão e propõe a tomada de uma nova. Um partido revolucionário não pode viver entre duas decisões, uma eliminada e outra não apresentada. Na questão da defesa da URSS ou dos novos territórios ocupados contra o ataque de Hitler (ou Grã-Bretanha), o camarada M. S. propõe uma revolução contra Stalin e Hitler. Esta fórmula abstrata significa a negação da defesa nessa situação concreta. Tentei analisar este problema em um novo artigo enviado ontem ao Comitê Nacional pelo correio aéreo.

- 3. Estou plenamente de acordo com você em que somente uma discussão séria poderia esclarecer o assunto, mas não creio que votar simultaneamente a favor da declaração da maioria e da do camarada M. S. possa contribuir para o necessário esclarecimento.
- 4. Em sua carta você declara que o principal problema não é a questão russa, mas o "regime interno". Frequentemente, desde o começo da existência de nosso movimento nos Estados Unidos, ouvi esta acusação. As formulações variam um pouco, os grupos também, mas uma série de camaradas sempre estiveram em oposição ao "regime". Por exemplo, eles estiveram contra a entrada no Partido Socialista ¹² (para irmos mais longe no passado). No entanto, imediatamente aconteceu que a entrada não era o "principal problema", mas o regime. Agora, a mesma fórmula se repete com relação à questão russa.
- 5. Pessoalmente, acredito que a passagem pelo Partido Socialista foi uma ação conveniente para o desenvolvimento completo de nosso partido e que o "regime" (ou a direção) que assegurou este passo estava certo contra a oposição, que, naquele momento, representava uma tendência ao estancamento.
- 6. Agora, no início da guerra, surge, em torno à questão russa, uma nova oposição acirrada. Ela questiona a correção de nosso programa, elaborado a partir de inumeráveis discussões, polêmicas e debates pelo menos durante dez anos. Logicamente que nossas decisões não são eternas. Se alguém da direção tiver dúvidas, e somente dúvidas, é sua tarefa frente ao partido esclarecer-se ele mesmo fazendo estudos adicionais ou discussões dentro dos organismos dirigentes do partido antes de lançar os problemas no partido não em forma de novas discussões elaboradas, mas em forma de dúvidas. Logicamente, desde o ponto de vista dos estatutos do partido, todos, inclusive um membro do Comitê Político, tem o

¹² O choque provocado pela ascensão de Hitler ao poder fez com que se formassem tendências de esquerda dentro dos partidos da Segunda Internacional. Em 1935-1936 o movimento trotskista, que se reduzia fundamentalmente a alguns pequenos grupos propagandistas, aprovou a tática de ingresso nos partidos socialistas com o objetivo de se aproximar de suas bases. Essa tática, que ficou conhecida pelo nome de "entrismo", foi aplicada em diversos países com distintos graus de sucesso. Nos EUA os trotskistas ingressaram no Partido Socialista e rapidamente conquistaram a direção da ala esquerda de sua juventude. (N. do E.)

direito de fazer isso, mas não acredito que este direito tenha sido usado de forma apropriada, no sentido de contribuir com o aprimoramento do regime partidário.

- 7. Muitas vezes, no passado, ouvi acusações de camaradas contra o Comitê Nacional em seu conjunto sua falta de iniciativa e tudo o mais. Não sou o advogado do Comitê Nacional e estou certo de que muitas coisas que deveriam ter sido feitas não o foram. Porém, quando insisti que essas acusações fossem concretizadas, pude ver que muitas vezes o descontentamento com a atividade de sua própria localidade, com sua própria falta de iniciativa, havia se transformado em acusações contra o Comitê Nacional, que, se supunha, teria que ser onipotente, onipresente e onibenevolente.
- 8. No presente caso, o Comitê Nacional é acusado de "conservadorismo". Acredito que a defesa da antiga decisão programática, até que seja substituída por uma nova, é a obrigação elementar do Comitê Nacional. Acredito que tal "conservadorismo" está ditado pela autopreservação do próprio partido.
- 9. Assim, em dois dos mais importantes problemas do período passado, os camaradas descontentes com o "regime" tiveram, em minha opinião, uma atitude política errada. O regime deve ser um instrumento para a política correta, e não para uma política falsa. Quando a incorreção de sua política se torna clara, então frequentemente seus protagonistas são tentados a dizer que o decisivo não é este ponto especial, mas o regime em geral. Durante o desenvolvimento da Oposição de Esquerda e da Quarta Internacional, nos opusemos centenas de vezes a essas substituições. Quando Vereecken ou Sneevliet, ou inclusive Molinier, foram derrotados em todos os seus pontos de divergências, afirmaram que o problema real da Quarta Internacional não era esta ou aquela decisão, mas o seu mau regime.
- 10. Não quero fazer uma analogia superficial entre os dirigentes da atual oposição em nosso partido americano e os vereeckens, sneevliets e todos os outros. Sei muito bem que os dirigentes da oposição são camaradas altamente qualificados e espero sinceramente que continuemos trabalhando conjuntamente da maneira mais amigável. Porém, continua me entristecendo o fato de que alguns deles, apoiados por um grupo de amigos pessoais, repetem o mesmo erro a cada novo estágio de desen-

volvimento do partido. Acredito que, na atual discussão, este tipo de atitude será analisado e severamente condenado pela opinião geral do partido, que agora tem tarefas tremendas para realizar.

Com as melhores saudações comunistas,

Crux (Leon Trotsky)

P. S.: Uma vez que nesta carta falo sobre a maioria e a minoria do Comitê Nacional, especialmente dos camaradas da resolução de M. S., envio cópia destas cartas aos camaradas Cannon e Shachtman.

CARTA A JAMES P. CANNON

28 de outubro de 1939

Querido Jim:

Em sua carta de 24 de outubro, duas coisas ficam claras para mim: em primeiro lugar, que é inevitável e politicamente necessária uma luta ideológica muito séria; em segundo, que seria extremamente prejudicial, senão fatal, ligar esta luta ideológica com a perspectiva de uma ruptura, de uma purga, ou de expulsões e tudo o mais.

Por exemplo, ouça o que o camarada Gould proclamou em uma reunião de militantes: "Vocês querem nos expulsar." Porém, não sei qual a reação de uma e da outra parte. De minha parte, protestarei imediatamente contra tais suspeitas com a maior insistência. Proporia a criação de uma comissão de controle especial para investigar tais afirmações e rumores. Se acontecer de alguém da maioria lançar tais suspeitas, eu votaria por uma censura ou uma repreensão grave.

Vocês possuem muitos militantes novos e jovens inexperientes. Necessitam de uma discussão educativa e séria à luz dos grandes acontecimentos. Se logo de início seu pensamento gira em torno de possíveis humilhações pessoais, ou seja, chamadas de atenção, perda de prestígio, desqualificações, expulsão do Comitê Nacional etc. e tudo o mais, toda a discussão se verá envenenada e a autoridade da direção ficará comprometida.

Se, ao contrário, a direção abre uma forte luta contra as concepções idealistas pequeno-burguesas e preconceitos organizativos, mas assegura, ao mesmo tempo, todas as garantias necessárias para a discussão e

para a minoria, o resultado seria não só uma vitória ideológica, mas um crescimento importante na autoridade da direção.

Um "acordo e compromisso nas alturas" sobre as questões que são objeto de divergência seria, logicamente, um crime. Porém, de minha parte, proporia à minoria e sua direção um acordo e, se o desejarem, um compromisso sobre os métodos de discussão e, paralelamente a isso, sobre uma colaboração política. Por exemplo:

- 1. Ambas as partes eliminam da discussão qualquer ameaça, insulto pessoal e tudo o mais;
- 2. Ambas as partes se obrigam a colaborar lealmente durante a discussão;
- 3. Qualquer falso movimento (ameaças, rumores de ameaça ou rumores de pretendidas ameaças, expulsões e tudo o mais) deve ser investigado pelo Comitê Nacional ou por uma comissão especial como fato particular, e não introduzido na discussão.

Se a minoria aceita tal acordo, vocês terão a possibilidade de controlar a discussão e também a vantagem de terem tomado uma boa iniciativa. Se a proposta for recusada, vocês podem, em cada reunião do partido, apresentar sua posição por escrito à minoria como a melhor refutação a suas lamentações e como um bom exemplo do "nosso regime".

Parece-me que o último congresso ocorreu em um mau momento (a situação não estava madura) e se converteu em uma espécie de aborto. A autêntica discussão chegou algum tempo depois de sua realização. Isto significa que vocês não podem evitar um novo congresso lá pelo Natal mais ou menos. A ideia de um referendo é absurda. Pode somente provocar uma ruptura nas localidades. Porém, acredito que a maioria, lançando mão do acordo que descrevi acima, pode propor à minoria um novo congresso baseado em duas plataformas, com todas as garantias organizativas à minoria.

O congresso é oneroso, porém não vemos outros meios para concluir a presente discussão e a crise do partido que ela produz.

J. Hansen (Leon Trotsky) 13

¹³ Neste caso Trotsky assina com o nome de seu secretário, Joseph Hansen. (N. do E.)

P. S.: Toda discussão séria e aguda pode levar, logicamente, a algumas deserções, partidas e inclusive expulsões. Porém, todo o partido deve estar convencido, pela lógica dos fatos, de que são consequências inevitáveis que se dão apesar do melhor desejo da direção, e não um objetivo ou intenção da direção, tampouco o ponto de partida de toda a discussão. Segundo minha opinião este é o ponto decisivo de todo o assunto.

J. H. (Leon Trotsky)

CARTA A MAX SHACHTMAN

6 de novembro de 1939

Querido camarada Shachtman:

Recebi a transcrição de seu discurso de 15 de outubro e, claro, o li com toda a atenção que merece. Encontrei muitas ideias e formulações excelentes que me pareceram estar em total acordo com nossa posição comum, tal e como estão expressas nos documentos fundamentais da Quarta Internacional. Porém, não pude encontrar a explicação de seu ataque à nossa posição anterior como "insuficiente, inadequada e antiquada".

Você diz que "o que modifica a situação é a concretude dos acontecimentos, que se diferencia de nossas hipóteses e prognósticos teóricos" (p. 17). Mas, infelizmente, você fala sobre a "concretude" dos acontecimentos muito abstratamente, tanto que não pude ver em que medida ela modifica a situação e quais são as consequências destas mudanças para a nossa política. Você menciona alguns exemplos do passado. Segundo você, "vimos e previmos" a degeneração da Terceira Internacional (p. 18), mas somente depois da vitória de Hitler achamos necessário proclamar a Quarta Internacional. Este exemplo não está formulado de maneira exata. Previmos não somente a degeneração da Terceira Internacional, mas também a possibilidade de sua regeneração. Somente a experiência alemã de 1929-1933 nos convenceu de que a Comintern estava condenada e que nada poderia regenerá-la. Mas aí mudamos profundamente nossa política: à Terceira Internacional, opusemos a Quarta Internacional.

Porém, não extraímos as mesmas conclusões no que diz respeito ao Estado soviético. Por quê? A Terceira Internacional era um partido, uma seleção de indivíduos com base em ideias e métodos. Esta seleção chegou a estar tão fundamentalmente oposta ao marxismo, que nos vimos obrigados a abandonar toda esperança de regenerá-la. Porém, o Estado soviético não é somente uma seleção ideológica. É um conjunto de instituições sociais que continua existindo, apesar das ideias da burocracia serem agora quase que o oposto das ideias da Revolução de Outubro. Por isso não renunciamos à ideia de regeneração do Estado soviético por meio da revolução política. Você acredita agora que devemos modificar esta atitude? Se não acredita, e estou certo de que você não propõe isso, onde está a mudança fundamental produzida pelo "concretude" dos acontecimentos?

Junto com isso, você cita a palavra de ordem de Ucrânia soviética independente, que, com satisfação, vejo que você aceita. Porém, você acrescenta: "Entendo que nossa posição básica sempre foi a de nos opormos às tendências separatistas na República Soviética Federativa." (p. 19.) Com relação a isso, você vê uma profunda "mudança de linha política". Mas: 1) A palavra de ordem de uma Ucrânia soviética independente foi proposta antes do pacto Hitler–Stalin; 2) Esta palavra de ordem é somente uma aplicação, no campo da questão nacional, de nossa palavra de ordem geral de derrocada revolucionária da burocracia. Você poderia dizer, com todo o direito: "Entendo que nossa posição básica sempre foi a de nos opormos a qualquer ato de rebeldia contra o governo soviético." Está certo, mas modificamos esta posição básica há vários anos. Não entendo qual é a mudança que você propõe agora.

Você cita a marcha do Exército Vermelho sobre a Polônia e a Geórgia em 1920 e prossegue: "Mas, se não existe nada de novo na situação, por que a maioria não propõe apoiar a marcha do Exército Vermelho na Polônia, nos países bálticos, na Finlândia...?" (p. 20.) Nesta parte decisiva de seu discurso, você afirma que "algo de novo" ocorreu entre 1920 e 1939. Claro! A novidade da situação é a falência da Terceira Internacional, a degeneração do Estado soviético, o desenvolvimento da Oposição de Esquerda e a criação da Quarta Internacional. A "concretude dos acontecimentos" ocorreu exatamente entre 1920 e 1939. E

estes acontecimentos são suficientes para explicar porque mudamos radicalmente nossa posição em relação à política do Kremlin, incluindo sua política militar.

Aparentemente você esquece que em 1920 nós apoiamos não só as atuações do Exército Vermelho, mas também as da GPU.¹⁴ Desde o ponto de vista de nossa avaliação do Estado, não existe diferença de princípio entre o Exército Vermelho e a GPU. Estão não só estreitamente conectados em suas atividades, mas entrelaçados. Podemos dizer que em 1918 e nos anos seguintes impulsionamos a Cheka¹⁵ em sua luta contra os contrarrevolucionários russos e espiões imperialistas, mas, em 1927, quando a GPU começou a prender, exilar e caçar os autênticos bolcheviques, modificamos nossa avaliação sobre esta instituição. Esta mudança concreta ocorreu, no mínimo, onze anos antes do pacto germano-soviético. É por isso que estranho ainda mais quando você fala ironicamente da "recusa da maioria em assumir hoje a mesma posição que todos nós assumimos em 1920..." (p. 20). Começamos a mudar nossa posição em 1923. Procedemos por etapas, mais ou menos de acordo com o desenvolvimento objetivo. Para nós, o ponto decisivo desta evolução foi 1933-1934. Se não conseguimos ver quais são as mudanças profundas que você propõe em nossa política, isto não significa que tenhamos que retroceder a 1920!

Você insiste especialmente na necessidade de se abandonar a palavra de ordem de defesa incondicional da URSS. Após isso, interpreta nossa utilização desta palavra de ordem no passado como nosso apoio incondicional à cada ação militar e diplomática do Kremlin e, portanto, à política de Stalin. Não, querido Shachtman, esta apresentação não corresponde à "concretude dos acontecimentos". Já em 1927 proclamamos no Comitê Central: "Pela pátria socialista? Sim! Pelo curso stalinista?

¹⁴ Do russo Glavnoe Politicheskoe Upravlenie, Administração Política Central, criada em 1919, durante a Guerra Civil, para organizar o trabalho de agitação e educação política dentro do Exército Vermelho. Sob Stalin, tornou-se uma polícia política. (N. do E.)

¹⁵ Do russo Cherezvychainaya Komissia (ChK), Comissão Extraordinária para a Luta contra a Sabotagem e a Contrarrevolução, criada em 1917 para investigação de crimes cometidos contra o poder soviético. Tornou-se rapidamente um poderoso serviço de inteligência, sendo substituída, mais tarde, pela KGB. (N. do E.)

Não!" (A revolução desfigurada: A escola stalinista de falsificação, p. 177.) Assim, você parece esquecer as chamadas "teses sobre Clemenceau", que significavam que, no interesse da autêntica defesa da URSS, a vanguarda proletária poderia estar obrigada a eliminar o governo de Stalin e substituí-lo pelo seu próprio governo. Isto foi proclamado em 1927! Cinco anos depois explicamos aos operários que esta mudança de governo somente poderia ser realizada por meio de uma revolução política. Dessa forma separamos decisivamente nossa defesa da URSS como Estado operário da defesa burocrática da URSS. E você interpreta nossa política anterior como apoio incondicional às atividades diplomáticas e militares de Stalin! Permita-me que lhe diga que tal coisa é uma horrível deformação de toda nossa posição, não só desde a criação da Quarta Internacional, mas desde o próprio início da Oposição de Esquerda.

Defesa incondicional da URSS significa, literalmente, que nossa política não está determinada pela ação, manobras ou crimes da burocracia do Kremlin, mas somente pela nossa concepção dos interesses do Estado soviético e da revolução mundial.

No final de seu discurso você cita a fórmula de Trotsky relativa à necessidade de subordinar a defesa da propriedade nacionalizada na URSS aos interesses da revolução mundial e continua: "Assim, eu entendia nossa posição no passado como uma negação contundente da possibilidade de conflito entre esses dois fatores... Nunca entendi que nossa posição significasse a subordinação do primeiro ao segundo. Se entendo inglês, esta definição significa que entre os dois existe ou pode existir conflito." (p. 37.) E, a partir daqui, você deduz a impossibilidade de manter a palavra de ordem de defesa incondicional da União Soviética.

Este argumento está baseado em pelo menos duas incompreensões. Como e por que os interesses de manter a propriedade nacionalizada podem estar "em conflito" com os interesses da revolução mundial? Silenciosamente, você conclui que a política do Kremlin de defesa da URSS (não a nossa política) pode entrar em conflito com os interesses da revolução mundial. Lógico! A cada passo! Em cada aspecto! Mas nossa política de defesa não está condicionada pela política do Kremlin. Esta é a primeira incompreensão. Porém, você pergunta, se não existe conflito, por que a necessidade da subordinação? Aqui está a segunda incom-

preensão. Devemos subordinar a defesa da URSS à revolução mundial na medida em que subordinamos uma parte ao todo. Em 1918, nas polêmicas com Bukharin, que insistia em uma guerra revolucionária contra a Alemanha, Lenin respondeu de forma semelhante:

"Se agora houvesse uma revolução na Alemanha, então seria nosso dever ir à guerra, inclusive correndo o risco de sermos derrotados. A revolução alemã é mais importante do que a nossa e, se necessário, devemos sacrificar o poder soviético na Rússia (por um momento) para ajudar a estabelecê-lo na Alemanha."

Neste momento, uma greve em Chicago, em si e por si mesma, pode não ter sentido algum, mas se a questão é ajudar uma greve geral em escala nacional, os operários de Chicago deveriam subordinar seus interesses aos interesses de sua classe e chamar a greve. Suponhamos que a URSS entre na guerra ao lado da Alemanha. Nesse caso, a revolução alemã certamente ameaçaria os interesses imediatos de defesa da URSS. Aconselharíamos então os operários alemães a não agir? Certamente a Comintern lhes dará tal conselho, mas nós não. Nós diremos: "Subordinamos os interesses da defesa da URSS aos interesses da revolução mundial."

Parece-me que alguns de seus argumentos estão respondidos no último artigo de Trotsky "Novamente e uma vez mais Sobre a Natureza da URSS", que foi escrito antes que eu recebesse a transcrição de seu discurso.

Vocês possuem centenas e centenas de novos militantes que não passaram pela nossa experiência comum. Temo que sua explicação possa levá-los ao erro de acreditar que estivemos pelo apoio incondicional ao Kremlin, pelo menos em escala internacional, que não previmos a possibilidade da colaboração Stalin–Hitler, que fomos pegos de surpresa pelos acontecimentos e que modificamos de maneira profunda nossa posição. Tal coisa não é verdade! E, independentemente de todas as demais questões que são explicadas ou apenas tocadas de leve em seu discurso (direção, conservadorismo, regime partidário e tudo o mais), em minha opinião, para o bem da seção americana e de toda a Quarta Internacional, devemos examinar novamente e com todo o cuidado nossa posição sobre a questão russa.

O perigo real não é a defesa "incondicional" daquilo que merece ser defendido, mas o apoio direto ou indireto à corrente política que tenta identificar a URSS com os Estados fascistas em benefício das democracias, ou à corrente que trata de misturar todas as tendências, com o propósito de comprometer o marxismo e o bolchevismo como similares ao stalinismo. Somos o único partido que previu os acontecimentos, não em sua concretude empírica, é lógico, mas em suas tendências gerais. Nossa força reside no fato de que não necessitamos modificar nossa orientação mesmo que a guerra comece. E considero muito falso o fato de que alguns de nossos camaradas, movidos pela luta fracional por um "bom regime" (que, segundo sei, nunca definiram), persistam em gritar: "Fomos surpreendidos! Ficou demonstrado que nossa linha era falsa! Devemos improvisar uma nova linha!" e tudo o mais. Parece-me completamente errado e perigoso.

Com as mais calorosas saudações comunistas,

Lund (Leon Trotsky)

Cópia a J. P. Cannon

P. S.: As formulações desta carta estão longe de serem perfeitas, na medida em que não é um artigo elaborado, mas somente uma carta ditada por mim em inglês e corrigida pelo meu colaborador durante o ditado.

CARTA A JAMES P. CANNON

15 de dezembro de 1939

Querido camarada Cannon:

Até agora os dirigentes da oposição não aceitaram a luta em um nível principista e indubitavelmente tentarão evitá-la, inclusive no futuro. Consequentemente, não é difícil adivinhar o que os dirigentes da oposição dirão sobre o artigo enviado. Dirão que "existem muitas verdades elementares, corretas, neste artigo"; que "de forma alguma negamos estas verdades, mas o artigo não responde às questões 'concretas' candentes. Trotsky está muito longe do partido para poder julgar corretamente. Nem todos os elementos pequeno-burgueses estão com a oposição, nem todos os operários, com a maioria". Certamente alguns deles acrescentarão que o artigo lhes "atribui" ideias que nunca tiveram etc.

Por respostas às questões "concretas", os oposicionistas entendem um livro de receitas de cozinha para a época das guerras imperialistas. Não pretendo escrever tal livro. Porém, com nossa orientação principista sobre as questões fundamentais, seremos sempre capazes de chegar à solução correta para qualquer caso concreto, por mais complicado que possa parecer. Exatamente sobre a questão finlandesa, a oposição demonstrou sua incapacidade para responder a problemas concretos.

Nunca há frações quimicamente "puras" em sua composição. Em todos os partidos e frações operárias se encontram necessariamente elementos pequeno-burgueses. A questão é somente saber quem dá o tom. Na oposição, o tom é dado pelos elementos pequeno-burgueses.

A inevitável acusação de que o artigo "atribui" à oposição ideias que ela nunca teve se explica pelo caráter contraditório e amorfo das ideias da oposição, que não suportam a prova da análise crítica. O artigo não "atribui" nada aos dirigentes da oposição. Somente desenvolve suas ideias até o fim. É claro que sou forçado a ver o desenvolvimento da luta de fora. Porém, é exatamente de fora que seus traços gerais podem ser melhor observados.

Aperto firmemente sua mão,

Leon Trotsky
Coyoacán (México)

P. S.: Eu proporia transferir a polêmica principista das páginas do Bulletin¹⁶ para as páginas da New International ¹⁷ e do Socialist Appeal.¹⁸A vantagem é dupla: 1) Educaria a um número maior de leitores; 2) Os polemistas tentariam escrever de maneria mais séria. Esconder a atual luta fracional não é possível e não tem sentido.

Leon Trotsky 19

¹⁶ Boletim interno de discussão do SWP. (N. do E.)

¹⁷ Revista teórica do SWP. (N. do E.)

¹⁸ Jornal do SWP. (N. do E.)

¹⁹ Esse *post-scriptum* foi, por razões desconhecidas, omitido nas edições americana (Pathfinder) e inglesa (New Park), base para todas as edições ocidentais de *Em defesa do marxismo*. (N. do E.)

UMA OPOSIÇÃO PEQUENO-BURGUESA NO SOCIALIST WORKERS PARTY

15 de dezembro de 1939

É preciso chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome. Agora que a posição de ambas as frações em luta se delineiam com perfeita clareza, deve-se dizer que a minoria do Comitê Nacional encabeça uma típica tendência pequeno-burguesa. Como qualquer grupo pequeno-burguês dentro do movimento socialista, a atual oposição se caracteriza pelos seguintes traços: atitude desdenhosa frente à teoria e uma inclinação ao ecletismo; desrespeito pela tradição de sua própria organização; preocupação por uma "independência" pessoal em detrimento da preocupação pela verdade objetiva; nervosismo, em vez de consistência; disposição para saltar de uma posição a outra; falta de compreensão do centralismo revolucionário e hostilidade frente a ele; e, finalmente, inclinação a substituir a disciplina do partido por vínculos pessoais e laços de camarilha. Naturalmente que nem todos os membros da oposição manifestam essas características com a mesma força. No entanto, como sempre ocorre em um bloco de cores mal pintadas, o tom é dado por aqueles que estão mais distante do marxismo e da política proletária. Obviamente abre-se à nossa frente uma luta séria e prolongada. Neste artigo não me proponho a esgotar o problema, mas tentarei esboçar suas características gerais.

Ceticismo e ecletismo teóricos

Na *New International* de janeiro de 1939, os camaradas Burnham e Shachtman publicaram um longo artigo intitulado "Intelectuais em retirada". O artigo, ainda que contivesse muitas ideias corretas e hábeis

caracterizações políticas, se distinguia por uma debilidade importante, para não dizer um defeito. Polemizando contra rivais que se considerava – sem razão suficiente –, acima de tudo, como proponentes de uma "teoria", o artigo deliberadamente não elevava o problema a um nível teórico. Era absolutamente necessário explicar porque os intelectuais "radicais" norte-americanos aceitam o marxismo sem a dialética (um relógio sem corda). O segredo é simples. Em nenhum outro país houve uma repulsa tão grande contra a luta de classes como na terra das "oportunidades ilimitadas". A negação das contradições como força motriz do desenvolvimento conduz à negação da dialética como lógica das contradições no domínio do pensamento teórico. Assim como na esfera da política se acreditava possível, por meio de silogismos inteligentes, convencer a todos sobre a correção de um determinado programa e, mais adiante, de que a sociedade poderia ser reconstruída com medidas "razoáveis", assim também na esfera da teoria se aceitava que a lógica aristotélica, rebaixada ao nível do "senso comum", era suficiente para solucionar todas as questões.

O pragmatismo, mescla de racionalismo e empirismo, transformou-se na filosofia nacional dos Estados Unidos. A metodologia teórica de Max Eastman não é fundamentalmente diferente da metodologia de Henry Ford – ambos consideram a sociedade viva desde o ponto de vista de um "engenheiro" (Eastman, platonicamente). Historicamente, a atual atitude desdenhosa frente à dialética se explica simplesmente pelo fato de que os avós e bisavós de Max Eastman e outros não necessitaram da dialética para conquistar territórios e enriquecer. Porém, os tempos mudaram, e a filosofia do pragmatismo entrou em um período de falência igual ao do capitalismo norte-americano.

Os autores do artigo não mostraram, não puderam ou não souberam mostrar esta conexão interna entre filosofia e desenvolvimento material da sociedade, e explicaremos claramente porquê.

Burnham e Shachtman escrevem sobre si próprios:

"Os dois autores do presente artigo diferem completamente em sua análise sobre a teoria geral do materialismo dialético; um deles a aceita e o outro a nega... Não existe nada anômalo em tal situação. Ainda que, sem dúvida, a teoria esteja sempre ligada de uma ou outra forma à prática, a relação não é invariavelmente direta ou imediata e, como tivemos oportunidade de des-

tacar antes, os seres humanos atuam muitas vezes incoerentemente. Desde o ponto de vista de cada um dos autores, existe no outro certa incoerência entre 'teoria filosófica' e prática política, que pode conduzir, em algumas ocasiões, a desacordos políticos concretos e decisivos. Porém, isso não acontece agora, nem ninguém ainda demonstrou que o acordo ou desacordo sobre as doutrinas mais abstratas do materialismo dialético afeta necessariamente as tarefas políticas concretas de hoje ou de manhã – e os partidos políticos, os programas e as lutas se baseiam em tais tarefas concretas. Todos nós podemos esperar que, quando avancemos e tenhamos mais tempo, também nos poremos de acordo sobre as questões mais abstratas. Mas por agora temos diante de nós o fascismo, a guerra e o desemprego."

Qual é o significado deste raciocínio verdadeiramente assombroso? Visto que *algumas* pessoas, a partir de um método incorreto, chegam *algumas vezes* a conclusões corretas, e como algumas pessoas, mediante um método correto, *não com pouca frequência*, chegam a conclusões incorretas, portanto... o método não tem importância. Meditaremos sobre o método alguma hora que tenhamos mais tempo, mas agora temos outras coisas para fazer. Imaginemos como raciocinaria um operário que, indo se queixar ao capataz de que suas ferramentas estão em mau estado, recebesse esta resposta: com más ferramentas é possível realizar um bom trabalho e, com boas ferramentas, muita gente só desperdiça material. Temo que tal operário, se trabalha por empreitada, responderia ao capataz com uma frase nada acadêmica.

Trabalhar com materiais que opõem resistência obriga o operário a apreciar as boas ferramentas, ao passo que um intelectual pequeno-burguês – ah! – utiliza como suas "ferramentas" observações fugidias e generalizações superficiais... até que os grandes acontecimentos caiam sobre sua cabeça.

Exigir que todo membro do partido esteja familiarizado com a filosofia dialética seria, naturalmente, inerte pedantismo. Porém, um operário que tenha passado pela escola da luta de classes obtém, a partir de sua própria experiência, uma inclinação para o pensamento dialético. Ainda que não conheça esta palavra, está pronto a aceitar o próprio método e suas conclusões. Com um pequeno-burguês é pior. Naturalmente, existem elementos pequeno-burgueses ligados organicamente aos operários, que passam para o ponto de vista proletário sem uma revolução interior. Porém, constituem uma insignificante minoria. A coisa é muito diferente

com a pequena burguesia educada academicamente. Seus preconceitos teóricos já tomaram uma forma acabada, desde os bancos da escola. Por conseguirem aprender uma grande quantidade de conhecimentos, tanto úteis como inúteis, sem ajuda da dialética, acreditam que podem continuar, sem problemas, a viver sem ela. Na verdade, prescindem da dialética somente à medida que não verificam, não limpam e não afiam teoricamente seus instrumentos de pensamento, e na medida em que não conseguem romper com o estreito círculo de suas relações cotidianas. Quando se veem confrontados com grandes acontecimentos, perdem-se facilmente e reincidem em seus hábitos pequeno-burgueses de pensamento.

Apelar à "incoerência" como justificativa para um bloco teórico sem princípios significa prestar, sobre si mesmo, como marxista, um péssimo testemunho. A incoerência não é acidental e em política não aparece somente como sintoma individual. Normalmente, a incoerência desempenha uma função social. Existem grupos sociais que não podem ser coerentes. Os elementos pequeno-burgueses que não se liberaram das morosas tendências pequeno-burguesas veem-se, sistematicamente, fazendo compromissos teóricos com sua própria consciência.

A atitude do camarada Shachtman frente ao método dialético, tal como se expressa no argumento acima citado, não pode ser chamada de outra coisa a não ser ceticismo eclético. É evidente que Shachtman deixou-se contagiar por esta atitude não na escola de Marx, mas entre os intelectuais pequeno-burgueses, dos quais são próprias todas as formas de ceticismo.

Advertência e verificação

O artigo me surpreendeu de tal forma que imediatamente escrevi ao camarada Shachtman:

"Acabo de ler o artigo que você e Burnham escreveram a respeito dos intelectuais. Muitas partes são excelentes. No entanto, o parágrafo sobre dialética é o mais duro golpe que você, pessoalmente, como editor da *New International*, poderia ter assentado à teoria marxista. O camarada Burnham diz: 'Eu não reconheço a dialética.' Isto está claro, e todos temos que admiti-lo. Porém, você diz: 'Eu reconheço a dialética, mas não importa; não tem a menor importância.' Releia o que você escreveu. Este parágrafo desorienta

terrivelmente os leitores da *New International* e é o melhor dos presentes aos Eastman de todo tipo. Muito bem! Falaremos sobre isso publicamente."

Minha carta foi escrita no dia 20 de janeiro, alguns meses antes da presente discussão. Shachtman só respondeu no dia 5 de março, dizendo que não podia entender porque eu estava fazendo tanto barulho sobre o assunto. No dia 9 de março respondi a Shachtman com as seguintes palavras:

"Não neguei de maneira alguma a possibilidade de colaboração com os antidialéticos, mas sim neguei que houvesse sentido em escrever um artigo conjunto em que a questão da dialética desempenha, ou deveria desempenhar, um papel muito importante. A polêmica se desenvolve em dois planos: político e teórico. Sua crítica política está boa. Sua crítica teórica é insuficiente; se detém exatamente no ponto em que deveria se tornar mais agressiva. Em uma palavra, a tarefa consiste em demonstrar que seus erros (na medida em que são erros teóricos) são produtos de sua incapacidade e recusa em pensar as coisas dialeticamente. Tal tarefa poderia ter sido realizada com um grande sucesso pedagógico. Em vez disso, você declara que a dialética é uma questão privada e que se pode ser um bom companheiro sem um pensamento dialético."

Shachtman, ao se aliar nesta questão com o antidialético Burnham, privou-se da possibilidade de demonstrar porque Eastman, Hook e muitos outros iniciaram uma luta filosófica contra a dialética, mas terminaram com uma luta política contra a revolução socialista. Sem dúvida, esta é a essência da questão.

A atual discussão política no partido confirmou minhas apreensões e minha advertência de forma incomparavelmente mais aguda do que eu que poderia esperar, ou, mais corretamente, do que poderia temer. O ceticismo metodológico de Shachtman deu seus frutos deploráveis na questão da natureza do Estado soviético. Já há algum tempo Burnham começou a construir, de forma totalmente empírica, baseado em suas impressões imediatas, um Estado não proletário e não burguês, liquidando de uma só vez a teoria marxista do Estado como órgão de dominação de classe. Inesperadamente, Shachtman adotou uma posição evasiva: a questão ainda está por ser analisada. Além disso, a definição sociológica da URSS não possui qualquer significado direto e imediato sobre nossas "tarefas políticas", sobre as quais Shachtman está completamente de

acordo com Burnham. Façamos uma nova alusão ao que estes camaradas escreveram sobre a dialética. Burnham rechaça a dialética. Shachtman parece aceitá-la, mas... o dom divino da "incoerência" permite que eles estejam de acordo nas conclusões políticas. A atitude de cada um deles frente à natureza do Estado soviético reproduz, ponto por ponto, sua atitude frente à dialética.

Em ambos os casos, Burnham assume o papel dirigente. Tal coisa não é surpreendente. Ele possui um método: o pragmatismo. Shachtman não tem método algum. Adapta-se a Burnham. Sem assumir uma completa responsabilidade pelas concepções antimarxistas de Burnham, defende seu bloco de ataque contra as concepções marxistas com Burnham, tanto na esfera da filosofia, como na da sociologia. Em ambos os casos, Burnham aparece como um pragmático e Shachtman, como um eclético. Este exemplo tem a vantagem incalculável de que o paralelismo completo entre as posições de Burnham e de Shachtman em dois planos distintos de pensamento e sobre duas questões de importância fundamental saltarão ainda mais aos olhos de camaradas que não tiveram qualquer experiência em raciocínios puramente teóricos. O método de pensamento pode ser dialético ou vulgar, consciente ou inconsciente, mas existe e se faz reconhecer.

Em janeiro de 1939, ouvíamos de nossos autores: "Porém, agora não acontece, e ninguém ainda o demonstrou, que o acordo ou desacordo sobre as doutrinas mais abstratas do materialismo dialético afete necessariamente as tarefas políticas concretas de hoje ou amanhã..." Ninguém ainda o demonstrou! Passaram-se poucos meses antes que os próprios Burnham e Shachtman demonstrassem que sua atitude frente a uma "abstração" como o materialismo dialético, encontraria sua manifestação precisa em sua atitude frente ao Estado soviético.

Sem dúvidas, é necessário mencionar que a diferença entre os dois é mais do que importante, mas é de caráter político, e não teórico. Em ambos os casos, Burnham e Shachtman formaram um bloco sobre a base do rechaço e semirrechaço à dialética. Porém, no primeiro caso, este bloco estava dirigido contra os adversários do partido proletário. No segundo caso, o bloco foi conformado contra a ala marxista de seu próprio partido. A frente de operações militares, por assim dizer, foi modificada, mas as armas continuam sendo as mesmas.

Não restam dúvidas de que as pessoas são, muitas vezes, incoerentes. A consciência humana, no entanto, tende para uma certa homogeneidade. A filosofia e a lógica são obrigadas a confiar nesta homogeneidade da consciência humana, e não no que carece de homogeneidade, ou seja, na incoerência. Burnham não reconheceu a dialética, mas a dialética reconhece Burnham, ou seja, estende seu domínio sobre ele. Shachtman acredita que a dialética não tem qualquer importância nas conclusões políticas. Porém, nas conclusões políticas do próprio Shachtman vemos os frutos deploráveis de sua atitude desdenhosa frente à dialética. Deveríamos incluir este exemplo nos livros didáticos sobre materialismo dialético.

No ano passado recebi a visita de um jovem inglês, professor de economia política, simpatizante da Quarta Internacional. Durante nossa conversa sobre as formas e meios para realizar o socialismo, ele expressou, repentinamente, as tendências do utilitarismo inglês, no espírito de Keynes e outros: "É necessário fixar um claro objetivo econômico, eleger os meios mais racionais para a sua realização..." etc. Eu assinalei: "Vejo que você é um adversário da dialética." Respondeu-me com certo assombro: "Sim, não vejo nada de útil na dialética." "No entanto", respondi-lhe, "a dialética me permitiu determinar, fundamentando-me em umas poucas observações suas sobre problemas econômicos, a que setor do pensamento filosófico você pertence. Só este fato demonstra que existe um valor apreciável na dialética". A partir de então, ainda que não tenha tido notícias sobre meu visitante, não tenho qualquer dúvida de que ele defende a opinião de que a URSS não é um Estado operário, que a defesa incondicional da URSS é uma opinião "fora de moda", que nossos métodos organizativos são maus etc. Assim como podemos estabelecer o tipo geral de pensamento de uma dada pessoa baseados na sua relação com os problemas práticos, concretos, também é possível predizer, aproximadamente, e uma vez conhecendo seu tipo geral de pensamento, como ele se aproximará de um determinado indivíduo ou de outra questão prática. Este é o incomparável valor educativo do método dialético de pensamento.

O abecê da dialética materialista

Céticos apodrecidos como Souvarin acreditam que "ninguém sabe" o que é a dialética. E existem "marxistas" que se inclinam a fazer reve-

rência diante de Souvarin, esperando aprender algo com ele. Mas estes marxistas não se escondem apenas na *Modern Monthly*. Infelizmente, existe uma corrente de souvarinistas na atual oposição do SWP. E aqui é necessário advertir os camaradas jovens: Cuidado com esta infecção maligna!

A dialética não é ficção ou misticismo, mas uma ciência das formas de nosso pensamento, na medida em que não se limita aos problemas cotidianos da vida, mas tenta chegar a uma compreensão de processos mais amplos e complicados. A dialética e a lógica formal mantêm uma relação semelhante à que existe entre as matemáticas inferiores e as superiores.

Aqui, tentarei esboçar a essência do problema, de forma bem resumida. A lógica aristotélica, do silogismo simples, parte da proposição de que "A" é igual a "A". Aceita-se este postulado como axioma para uma quantidade de ações humanas práticas e de generalizações elementares. Mas na verdade "A" não é igual a "A". Isto é fácil de demonstrar se observarmos estas duas letras com uma lente: são completamente diferentes uma da outra. Porém, alguém pode dizer que a questão não é o tamanho ou a forma das letras, uma vez que são somente símbolos de quantidades iguais, por exemplo, de uma libra de açúcar. A objeção não se justifica. Na verdade, uma libra de açúcar nunca é igual a uma libra de açúcar: uma balança mais precisa sempre descobrirá uma diferença. Novamente, alguém pode objetar: no entanto, uma libra de açúcar é igual a si mesma. Isso também não é verdade: todos os corpos mudam constantemente de tamanho, peso, cor etc. Nunca são iguais a si mesmos. Um sofista responderá que uma libra de açúcar é igual a si mesma "em um dado momento". Além do valor prático extremamente duvidoso deste "axioma", este também não suporta uma crítica teórica. Como devemos conceber realmente a palavra "momento"? Se se trata de um intervalo infinitamente pequeno de tempo, então uma libra de açúcar está submetida, durante o transcurso desse "momento", a mudanças inevitáveis. Ou o "momento" é uma abstração puramente matemática, ou seja, zero tempo? Porém, tudo existe no tempo. E a própria existência é um processo ininterrupto de transformação. Consequentemente, o tempo é um elemento fundamental da existência. Deste modo, o axioma "A" é igual a "A", significa que uma coisa é igual a si mesmo se não se modifica, isto é, se não existe.

À primeira vista, poderia parecer que essas "sutilezas" são inúteis. Na verdade, são de uma importância decisiva. O axioma "A" é igual a "A" é, por um lado, ponto de partida de todos nossos conhecimentos e, por outro, é também o ponto de partida de todos os erros do nosso conhecimento. Pode ser utilizado com uniformidade somente dentro de certos limites. Se as mudanças quantitativas de "A" são desprezíveis para a questão que temos na mão, então podemos presumir que "A" é igual a "A". É deste modo, por exemplo, que o vendedor e o comprador consideram uma libra de açúcar. Da mesma forma, consideramos a temperatura do Sol. Até pouco tempo atrás, considerávamos desta forma o poder aquisitivo do dólar. Porém, quando as mudanças quantitativas ultrapassam certos limites, se convertem em mudanças qualitativas. Uma libra de açúcar, submetida à ação da água ou do querosene, deixa de ser uma libra de açúcar. Nas mãos de um presidente, um dólar deixa de ser um dólar. Determinar o momento preciso, o ponto crítico, em que a quantidade se transforma em qualidade é uma das tarefas mais importantes e difíceis em todas as esferas do conhecimento, inclusive a sociologia.

Todo operário sabe que é impossível elaborar dois objetos completamente iguais. Na transformação do bronze em cones permite-se certo desvio nos cones, sempre que este não ultrapasse certos limites (chamase isto de tolerância). Ainda que se respeitem as normas de tolerância, os cones são considerados iguais ("A" é igual a "A"). Quando se excede a tolerância, a quantidade se transforma em qualidade. Em outras palavras, os cones são de qualidade inferior ou completamente inúteis.

Nosso pensamento científico é somente uma parte de nossa prática geral, incluindo as técnicas. Para os conceitos também existe uma "tolerância" que não está fixada pela lógica formal baseada no axioma "A" é igual a "A", mas pela lógica dialética baseada no axioma de que tudo se modifica constantemente. O "senso comum" se caracteriza pelo fato de que sistematicamente excede a "tolerância" dialética.

O pensamento vulgar trabalha com conceitos tais como capitalismo, moral, liberdade, Estado operário etc., considerando-os como abstrações fixas, presumindo que capitalismo é igual a capitalismo, moral é igual a moral etc. O pensamento dialético analisa todas as coisas e fenômenos em suas mudanças contínuas e determina, nas condições materiais da-

quelas modificações, esse limite crítico em que "A" deixa de ser "A", um Estado operário deixa de ser um Estado operário.

O vício fundamental do pensamento vulgar radica no fato de querer se contentar com fotografias inertes de uma realidade que se compõe de eterno movimento. A partir de aproximações sucessivas, o pensamento dialético dá aos conceitos riqueza de conteúdo, correções, concretizações, flexibilidade e até, estou prestes a dizer, uma certa suculência, que, em certa medida, os aproxima dos fenômenos vivos. Não existe um capitalismo em geral, mas um capitalismo dado, em uma determinada etapa de desenvolvimento. Não existe um Estado operário em geral, mas um Estado operário determinado, em um país atrasado, rodeado por um cerco capitalista etc.

A relação entre o pensamento dialético e o pensamento comum é semelhante ao que existe entre um filme e uma fotografia. O filme não invalida a fotografia imóvel, mas combina uma série delas de acordo com as leis do movimento. A dialética não nega o silogismo, mas nos ensina a combinar os silogismos de tal forma que cheguemos a uma compreensão mais certeira da realidade eternamente em mudança. Hegel, em sua *Lógica*, estabeleceu uma série de leis: mudança de quantidade em qualidade, desenvolvimento a partir das contradições, conflito entre o conteúdo e a forma, interrupção da continuidade, transformação da possibilidade em necessidade etc. Elas são tão importantes para o pensamento teórico, quanto o silogismo simples o é para as tarefas mais elementares.

Hegel escreveu antes de Darwin e antes de Marx. Graças ao poderoso impulso que a Revolução Francesa deu ao pensamento, Hegel antecipou o movimento geral da ciência. Mas porque era somente uma *antecipação*, ainda que feita por um gênio, ela recebeu de Hegel um caráter idealista. Hegel trabalhava com sombras ideológicas como realidade final. Marx demonstrou que o movimento dessas sombras ideológicas não refletia outra coisa que o movimento de corpos materiais.

Chamamos nossa dialética de materialista porque suas raízes não estão no céu e nem nas profundezas do "livre arbítrio", mas sim na realidade objetiva, na natureza. A consciência surgiu do inconsciente, a psicologia da fisiologia, o mundo orgânico do mundo inorgânico, o sistema solar da nebulosa. Em todas as balizas desta escala de desenvolvimento, as mudanças quantitativas se transformaram em qualitativas. Nosso

pensamento, inclusive o pensamento dialético, é somente uma das formas de expressão da matéria em modificação. Neste sistema não existe lugar para deus, para o diabo, para a alma imortal, nem para modelos eternos de direito e moral. A dialética do pensamento, tendo surgido da dialética da natureza, possui, consequentemente, um caráter completamente materialista.

O darwinismo, que explicou a evolução das espécies através da marcha das transformações quantitativas em qualitativas, foi o maior triunfo da dialética em todo o terreno da matéria orgânica. Outro grande triunfo foi o descobrimento da tabela periódica de pesos atômicos de elementos químicos e, posteriormente, a transformação de um elemento em outro.

Estas transformações (espécies, elementos etc.) estão estreitamente ligadas à questão da classificação, de igual importância nas ciências naturais e nas sociedades. O sistema de Lineu (século XVIII), que utilizava como ponto de partida a imutabilidade das espécies, se limitava à descrição e classificação das plantas, de acordo com suas características exteriores. O período infantil da botânica é análogo ao período infantil da lógica, já que as formas de nosso pensamento se desenvolvem como tudo que vive. Somente o repúdio definitivo à ideia de espécie fixa, somente o estudo da história da evolução das plantas e sua anatomia preparou as bases para uma classificação realmente científica.

Marx, que ao contrário de Darwin, era um dialético consciente, descobriu uma base para a classificação científica das sociedades humanas no desenvolvimento de suas forças produtivas e na estrutura das relações de propriedade, que constituem a anatomia social. O marxismo substituiu a vulgar classificação descritiva, que ainda floresce nas universidades, por uma classificação dialética marxista. Apenas mediante a utilização do método de Marx é possível se determinar corretamente, tanto o conceito do que seja um Estado operário, quanto o momento de sua queda.

Como vemos, nada disso contém algo de "metafísico" ou "escolástico", como afirma a ignorância vaidosa. A lógica dialética expressa as leis do movimento no pensamento cientifico contemporâneo. A luta contra a dialética materialista expressa, ao contrário, um passado distante, o conservadorismo da pequena burguesia, a autossuficiência dos rotineiros catedráticos e... uma pontinha de esperança em um mundo além da morte.

A natureza da URSS

A definição da URSS dada pelo camarada Burnham – "nem Estado operário, nem Estado burguês" – é puramente negativa, se separa da corrente do desenvolvimento histórico, oscila suspensa no ar, não possui um átomo de sociologia e representa, simplesmente, a capitulação teórica de um pragmático frente a um fenômeno histórico *contraditório*.

Se Burnham fosse um materialista dialético, teria demonstrado as seguintes questões: 1) Qual a origem histórica da URSS? 2) Que mudanças este Estado sofreu durante a sua existência? 3) Essas mudanças passaram de quantitativas para qualitativas? Ou seja, criaram uma dominação historicamente necessária por parte de uma nova classe exploradora? A resposta a estas perguntas teria obrigado Burnham a chegar à única conclusão possível: a URSS ainda é um Estado operário degenerado.

A dialética não é uma chave mestra para todas as questões. Não substitui a análise científica concreta. Porém, dirige esta análise pelo caminho correto, colocando-a a salvo de extravios estéreis no deserto do subjetivismo e da escolástica.

Bruno R. coloca os regimes fascista e soviético em uma mesma categoria de "coletivismo burocrático", pelo fato de que a URSS, a Itália e a Alemanha são todas governadas por burocracias; aqui e ali seguem-se os princípios da planificação; em um caso, se extingue a propriedade privada, no outro, se limita à propriedade privada etc. Desta forma, baseando-se em uma relativa semelhança de certas características externas, de origens distintas, de distinto peso específico, de distinta significação de classe, se estabelece uma identidade fundamental de regimes sociais, completamente dentro do espírito dos professores burgueses que estabelecem categorias de "economia controlada", "Estado centralizado", sem levar em conta, em nada, a natureza de classe de um ou de outro. No melhor dos casos, Bruno R. e seus seguidores ou semisseguidores como Burnham, permanecem, na esfera da classificação social, ao nível de Lineu, que, justiça seja feita, viveu antes de Hegel, Darwin e Marx.

Ainda piores, e talvez mais perigosos, são aqueles ecléticos que expressam a ideia de que o caráter de classe do Estado soviético "não interessa", e que a direção de nossa política está determinada pelo "caráter da guerra". Como se a guerra fosse uma substância independente, su-

prassocial; como se o caráter da guerra não estivesse determinado pelo caráter da classe dominante, ou seja, pelo mesmo fator social que também determina o caráter do Estado. É assombrosa a facilidade com que alguns camaradas, sob os golpes dos acontecimentos, esquecem o abecê do marxismo!

Não é surpreendente que os teóricos da oposição, que rechaçam o pensamento dialético, lamentavelmente capitulem diante da natureza contraditória da URSS. No entanto, a contradição entre as bases sociais assentadas pela revolução e pelo caráter da casta surgida da degeneração da revolução não é só um fato histórico irrebatível, mas também uma força motriz. Em nossa luta pela derrubada da burocracia, nos baseamos nesta contradição.

Entretanto, alguns ultraesquerdistas chegaram ao absurdo final quando afirmaram que é necessário sacrificar a estrutura social da URSS para derrotar a oligarquia bonapartista! Não têm a mínima suspeita de que a URSS, sem a estrutura social criada pela Revolução de Outubro, seria um regime fascista.

Evolução e dialética

Provavelmente, o camarada Burnham protestará dizendo que, como evolucionista, está tão interessado quanto nós, os dialéticos, no desenvolvimento da sociedade e das formas do Estado. Não discutiremos isso.

Desde a época de Darwin, toda pessoa culta qualificou-se de "evolucionista". Porém, um verdadeiro evolucionista deve aplicar a ideia da evolução a suas próprias formas de pensamento. A lógica elementar, fundada no período em que a própria ideia de evolução não existia, é evidentemente insuficiente para a análise dos processos evolutivos. A lógica de Hegel é a lógica da evolução. Só que não devemos esquecer que o conceito de evolução foi completamente corrompido e castrado pelos professores universitários e escritores liberais, que o utilizam para se referir ao "progresso" pacífico. Qualquer um que tenha chegado a entender que a evolução se desenvolve por meio da luta de forças antagônicas; que uma lenta acumulação de mudanças faz estalar, em determinado momento, a velha carcaça, provocando uma catástrofe, uma revolução; finalmente, qualquer um que tenha aprendido a aplicar as leis gerais da evolução ao próprio

pensamento é um dialético que se diferencia dos evolucionistas vulgares. O treinamento dialético da mente – tão necessário para um lutador revolucionário quanto os exercícios com os dedos para um pianista – exige que todos os problemas sejam tratados como processos, e não como categorias imóveis. Ao contrário, os evolucionistas vulgares se limitam geralmente a reconhecer a evolução somente em certas esferas, e se contentam, em todas as demais questões, com as banalidades do "senso comum".

O liberal americano que se reconciliou com a existência da URSS – mais precisamente, com a burocracia de Moscou – acredita, ou pelo menos acreditava até o pacto germano-soviético, que o regime soviético em seu conjunto é um "fato progressivo", que as características repugnantes da burocracia ("ó, sim, elas existem!") iriam se apagando progressivamente, e que o "progresso" pacífico e incruento estaria consequentemente assegurado.

O radical pequeno-burguês vulgar se assemelha ao "progressista" liberal, na medida em que considera a URSS como um todo, sem levar em conta a sua dinâmica e suas contradições internas. Quando Stalin selou uma aliança com Hitler, invadiu a Polônia, e agora a Finlândia, os radicais vulgares se viram triunfantes: estava demonstrada a identidade de métodos entre o stalinismo e o fascismo! No entanto, se viram em dificuldades quando as novas autoridades convidaram a população a expropriar os grandes proprietários de terra e capitalistas. Nunca haviam previsto esta possibilidade! Entretanto, as medidas sociais revolucionárias, realizadas por meios burocrático-militares, não só não perturbaram nossa definição dialética da URSS como Estado operário degenerado, como a confirmaram da forma mais incontroversa possível. Em vez de utilizar este triunfo da análise marxista para uma agitação perseverante, os oposicionistas pequeno-burgueses começaram a gritar, com uma pressa criminosa, que os acontecimentos haviam refutado nossos prognósticos, que nossas velhas fórmulas já não eram aplicáveis, que eram necessárias novas palavras. Que palavras? Eles mesmos ainda não haviam se decidido.

Defesa da URSS

Começamos com a filosofia e logo passamos à sociologia. Tornou-se evidente que em ambas as esferas, das duas personalidades dirigen-

tes da oposição, uma havia tomado uma postura antimarxista; a outra, uma postura eclética. Se agora considerarmos a política, particularmente a questão da defesa da URSS, veremos que grandes surpresas nos aguardam.

A oposição descobriu que nossa fórmula de "defesa incondicional da URSS", a fórmula de nosso programa, é "nebulosa, abstrata e superada". Infelizmente, não explicam sob que futuras "condições" estão dispostos a defender as conquistas da revolução. A fim de dar pelo menos uma sombra de sentido à sua nova fórmula, a oposição tenta apresentar as coisas como se até agora tivéssemos defendido "incondicionalmente" a política internacional do governo do Kremlin com seu Exército Vermelho e sua GPU. Tudo confuso e colocado ao contrário! Na verdade, há muito tempo não defendemos a política internacional do Kremlin mesmo de forma condicional, particularmente desde o dia em que proclamamos abertamente a necessidade de aniquilar a oligarquia do Kremlin mediante uma insurreição. Uma política equivocada não só mutila as tarefas correntes, mas também obriga a apresentação do próprio passado com uma luz falsa.

No artigo já mencionado, na New International, Burnham e Shachtman qualificaram corretamente o grupo de intelectuais desiludidos de "A Liga das Esperanças Abandonadas" e perguntavam insistentemente qual seria a posição desta lamentável liga no caso de um conflito militar entre um país capitalista e a União Soviética. "Portanto, aproveitamos esta ocasião", escreviam, "para exigir de Hook, Eastman e Lyons declarações sem ambiguidades sobre a questão da defesa da URSS, frente a um ataque de Hitler ou do Japão... ou, se for o caso, da Inglaterra". Burnham e Shachtman não estabeleceram nenhuma "condição", não especificaram quaisquer circunstâncias "concretas" e, ao mesmo tempo, exigiram uma resposta "sem ambiguidades". "Ela [a Liga das Esperanças Abandonadas] se absterá de tomar uma posição ou se declarará neutra?", continuavam. "Em uma palavra, estará a favor da defesa da URSS frente a um ataque imperialista, independentemente do regime stalinista e contra ele?" [grifo meu.] Que citação maravilhosa! E isto é exatamente o que declara o nosso programa. Em janeiro de 1939 Burnham e Shachtman estavam a favor da defesa incondicional da URSS e definiram corretamente o sentido da defesa incondicional como "independentemente

do regime stalinista e contra ele". Inclusive o artigo deles foi escrito quando a experiência da revolução espanhola havia sido feita até o final. O camarada Cannon está absolutamente correto quando diz que o papel do stalinismo na Espanha foi incomparavelmente mais criminoso do que na Polônia ou Finlândia. No primeiro caso, a burocracia estrangulou uma revolução socialista empregando métodos de carrasco. No segundo caso, impulsionou a revolução socialista empregando métodos burocráticos. Por que os próprios Burnham e Shachtman passaram tão inesperadamente à posição da Liga das Esperanças Abandonadas? Por quê? Não podemos considerar como explicação as referências superabstratas de Shachtman sobre a "concretude dos acontecimentos". No entanto, não é difícil encontrar uma explicação. A participação do Kremlin no campo republicano, na Espanha, foi apoiada pelos democratas burgueses de todo o mundo. O trabalho de Stalin na Polônia e na Finlândia foi furiosamente condenado por estes mesmo democratas. Apesar de todas as suas ruidosas fórmulas, a oposição aparece como um reflexo, dentro do Socialist Workers Party, dos sentimentos da pequena burguesia "esquerdista". Infelizmente, este fato é indiscutível.

"Nossos senhores", escreviam Burnham e Shachtman sobre a Liga das Esperanças Abandonadas, "encontram uma fonte de orgulho na crença de que estão contribuindo com algo 'fresco', que estão 'reavaliando novas experiências', que não são 'dogmáticos' ["conservadores"?] que se recusam a voltar a examinar suas 'suposições básicas' etc.. Que patético autoengano! Nenhum deles trouxe à luz qualquer fato novo e nem proporcionou uma só nova compreensão do presente ou do futuro". Citação assombrosa! Não deveríamos acrescentar um novo capítulo ao seu artigo "Intelectuais em retirada"? Ofereço minha colaboração ao camarada Shachtman...

Como será possível que destacados indivíduos como Burnham e Shachtman, dedicados incondicionalmente à causa do proletariado, possam se tornar tão temerosos dos nada temíveis cavaleiros da Liga das Esperanças Abandonadas? No plano puramente teórico, no que se refere a Burnham, a explicação radica em seu método incorreto. No que diz respeito a Shachtman, em seu desprezo pelo método. Um método correto não só facilita a obtenção de uma conclusão correta, mas, ao ligar cada nova conclusão com as precedentes em uma cadeia consecutiva, fixa es-

sas conclusões em nossa memória. Se as conclusões políticas se realizam empiricamente, não restam dúvidas de que então o sistema político marxista se vê, invariavelmente, substituído pelo impressionismo – característico, em tantas formas, dos intelectuais pequeno-burgueses. Cada nova virada dos acontecimentos surpreende o empírico-impressionista, obriga-o a esquecer o que ele mesmo escreveu ontem e produz nele um ardente desejo de encontrar novas fórmulas antes que novas ideias apareçam em sua cabeça.

A guerra fino-soviética

A resolução da oposição sobre a questão da guerra fino-soviética, talvez com ligeiras mudanças, poderia ser subscrita pelos bordiguistas, Vereecken, Sneevliet, Fenner Brockway, Marceau Pivert e outros, mas em caso algum pelos bolcheviques-leninistas. Baseada exclusivamente nas características da burocracia soviética e no mero fato da "invasão", a resolução carece do mais mínimo conteúdo social. Coloca a Finlândia e a URSS em um mesmo nível e "condena, rechaça e se opõem a ambos os governos e seus exércitos". No entanto, sentindo que algo não ia bem, a resolução, inesperadamente, e sem relação alguma com o texto, acrescenta: "Ao aplicar [!] esta perspectiva, os partidários da Quarta Internacional levarão em conta, naturalmente [é de fato maravilhoso este "naturalmente"!], as diferentes relações econômicas da Finlândia e da Rússia." Cada palavra é uma pérola. Nossos amantes do "concreto" entendem por circunstâncias "concretas" a situação militar, os sentimentos das massas e, em terceiro lugar, regimes econômicos opostos. Como exatamente estas três circunstâncias "concretas" serão "levadas em conta", a resolução não nos fornece o menor indício. Se a oposição se opõe igualmente a "ambos os governos e seus exércitos" em relação a esta guerra, como "levará em conta" as diferenças na situação militar e nos regimes sociais? Na verdade, nada disto é compreensível.

Com o objetivo de castigar os stalinistas por seus crimes indiscutíveis, a resolução, seguindo os democratas pequeno-burgueses de todo tipo, não diz uma só palavra sobre o fato de que na Finlândia o Exército Vermelho expropria os grandes proprietários de terra e introduz o controle operário, enquanto prepara a expropriação dos capitalistas.

Amanhã os stalinistas estrangularão os operários finlandeses. Mas agora estão dando – estão sendo obrigados a dar – um tremendo impulso à luta de classes em sua forma mais aguda. Os chefes da oposição não constroem sua política sobre o processo "concreto" que está ocorrendo na Finlândia, mas sobre abstrações democráticas e nobres sentimentos.

Aparentemente, a guerra fino-soviética começa a ser complementada por uma guerra civil, na qual o Exército Vermelho se encontra, na atual fase, no mesmo campo que os pequenos camponeses e operários finlandeses, enquanto o Exército finlandês goza do apoio das classes proprietárias, da conservadora burocracia operária e dos imperialistas anglo-saxões. As esperanças que o Exército Vermelho desperta entre as classes baixas finlandesas será uma ilusão, a não ser que a revolução internacional intervenha. A colaboração do Exército Vermelho com essas classes será somente temporária. O Kremlin se apressará para voltar suas armas contra os operários e camponeses finlandeses. Tudo isso nós já sabemos agora e dizemos isto abertamente como advertência. Porém, nesta guerra civil "concreta" que ocorre na Finlândia, qual a posição "concreta" que devem tomar os partidos "concretos" da Quarta Internacional? Se lutaram na Espanha, no campo republicano, apesar do fato de os stalinistas estarem estrangulando a revolução socialista, tanto mais devem participar na Finlândia, naquele campo em que os stalinistas estão sendo obrigados a apoiar a expropriação dos capitalistas.

Nossos inovadores tapam as brechas de sua posição com frases violentas. Qualificam de "imperialista" a política da URSS. Que vasto enriquecimento das ciências! De hoje em diante, tanto a política externa do capital financeiro, quanto a política de exterminar o capital financeiro se chamará imperialismo. Tal coisa ajudará significativamente a aclarar e educar os operários! Mas ao mesmo tempo o Kremlin – gritará, por exemplo, o nosso apressado Stanley – apoia a política do capital financeiro na Alemanha! Esta objeção se baseia na substituição de um problema por outro, na dissolução do concreto no abstrato (o erro comum do pensamento vulgar).

Se amanhã Hitler for obrigado a enviar armas aos hindus, os operários revolucionários alemães deverão se opor a esta ação concreta com greves ou sabotagens? Ao contrário, devem assegurar que os insurretos recebam as armas o mais rápido possível. Esperamos que isto esteja cla-

ro para Stanley. Porém, este exemplo é puramente hipotético. Utilizamos este exemplo para demonstrar que até um governo fascista do capital financeiro pode, em certas condições, ser obrigado a apoiar um movimento nacional revolucionário (para tentar estrangulá-lo no dia seguinte). Por exemplo, nunca e sob nenhuma circunstância, Hitler apoiaria uma revolução proletária na França. Mas atualmente o Kremlin se vê obrigado – e esta não é uma situação hipotética, mas real – a provocar um movimento social revolucionário na Finlândia (a fim de tentar estrangulá-lo politicamente amanhã). Ocultar determinado movimento social revolucionário com o termo geral de imperialismo, só porque é provocado, mutilado e ao mesmo tempo estrangulado pelo Kremlin, não atesta outra coisa a não ser a própria pobreza teórica e política.

É necessário acrescentar que a extensão do conceito de "imperialismo" não tem, inclusive, nem sombra de uma novidade. Hoje em dia não só os "democratas", mas também a burguesia dos países democráticos qualificam a política soviética de imperialista. O objetivo da burguesia é evidente: velar as contradições sociais entre a expansão capitalista e a soviética; ocultar o problema da propriedade e, dessa forma, ajudar o verdadeiro imperialismo. Qual o objetivo de Shachtman e dos outros? Eles mesmos não sabem. Sua novidade terminológica os torna objetivamente alheios à terminologia marxista da Quarta Internacional e faz com que se aproximem da terminologia dos "democratas". Esta circunstância – infelizmente! – novamente certifica a aguda sensibilidade da oposição diante da pressão da opinião pública pequeno-burguesa.

"A questão organizativa"

Ouve-se cada vez mais frequentemente nas fileiras da oposição: "A questão russa não é de importância decisiva em si e por si mesma; a tarefa mais importante consiste em modificar o regime do partido." Devese entender a mudança de regime como mudança de direção ou, mais precisamente, o afastamento de Cannon e seus mais estreitos colaboradores dos postos dirigentes. Estas vozes clamorosas demonstram que a tendência em direção a uma luta contra a "fração de Cannon" precedeu esta "concretude dos acontecimentos" a que se referem Shachtman e outros quando explicam sua mudança de posição. Ao mesmo tempo, estas

vozes nos recordam toda uma série de grupos opositores do passado que travaram distintas lutas e que, quando a base dos princípios começou a tremer sob seus pés, passaram à chamada "questão organizativa": assim foi com Molinier, Sneevliet, Vereecken e muitos outros. Por desagradáveis que possam parecer esses precedentes, é impossível deixá-los de lado.

No entanto, seria incorreto acreditar que o deslocamento das atenções para a "questão organizativa" representa uma simples "manobra" na luta fracional. Não, os sentimentos interiores da oposição lhes dizem na verdade, ainda que de forma confusa, que a questão se refere não somente à "questão russa", mas também a toda forma de tratar os problemas políticos em geral, incluindo também os métodos de construção do partido. E em certo sentido, tal coisa é correta.

Também tentamos demonstrar acima que a questão não se refere somente ao problema russo, mas ao método de pensamento da oposição, que possui raízes sociais. A oposição está sob a influência das tendências e dos estados de ânimo da pequena burguesia. Esta é a essência de todo o problema.

Vimos com clareza a influência ideológica de outra classe nos casos de Burnham (pragmatismo) e de Shachtman (ecletismo). Não levamos em conta outros dirigentes, como o camarada Abern, porque ele geralmente não participa em discussões de princípio, limitando-se ao plano da questão "organizativa". No entanto, isto não quer dizer que Abern não tenha qualquer importância. Ao contrário, pode-se dizer que Burnham e Shachtman são os diletantes da oposição, enquanto Abern é o especialista indiscutido neste assunto. Abern, e somente ele, tem seu próprio grupo tradicional, que surgiu do velho Partido Comunista e que se consolidou durante o primeiro período de existência independente da Oposição de Esquerda. Todos que tiveram diferentes razões para a crítica ou descontentamento se aferraram a este grupo.

Toda luta fracional séria dentro de um partido é sempre, em última instância, um reflexo da luta de classes. A fração da maioria estabeleceu desde o início a dependência ideológica da oposição ante a democracia pequeno-burguesa. A oposição, ao contrário, exatamente por seu caráter pequeno-burguês, sequer tentou buscar as raízes sociais do campo hostil.

A oposição iniciou uma dura luta fracional que agora está paralisando o partido em um momento muito crítico. Para que esta luta possa se justificar e não ser condenada severamente, seriam necessárias razões muito sérias e profundas. Para um marxista, tais razões só podem ter um caráter de *classe*. Antes de iniciarem sua áspera luta, os chefes da oposição deveriam ter se perguntado: que classe não proletária tem sua influência refletida na maioria do Comitê Nacional? No entanto, a oposição não fez a mínima tentativa para realizar tal análise classista das divergências. Vê unicamente "conservadorismo", "erros", "maus métodos" e deficiências psicológicas, intelectuais e técnicas. A oposição não está interessada na sua natureza de classe, assim como não se interessa pela questão da natureza de classe da URSS.

Só este fato basta para demonstrar o caráter pequeno-burguês da oposição, com seu tom de pedantismo acadêmico e seu impressionismo jornalístico.

Para compreender que camadas ou classes se refletem na luta fracional, é preciso estudar historicamente a luta de ambas as frações. Aqueles membros da oposição que afirmam que a atual luta não tem "nada de comum" com as velhas lutas fracionais demonstram uma vez mais sua atitude superficial diante da vida de seu próprio partido. O núcleo fundamental da oposição é o mesmo que se agrupou há três anos em volta de Muste e Spector. O núcleo fundamental da maioria é o mesmo que se agrupa em volta de Cannon. Entre as figuras dirigentes, somente Shachtman e Burnham passaram de um campo para outro. Porém, essas mudanças pessoais, por importantes que sejam, não modificam o caráter geral dos dois grupos. Aqui não entrarei no processo histórico da luta fracional. Remeto o leitor ao excelente artigo, em todos os seus aspectos, de Joseph Hansen: "Métodos Organizativos e Princípios Políticos".

Se abstrairmos todo o acidental, pessoal e episódico, se reduzirmos os atuais grupos em luta a seus tipos políticos fundamentais, então, sem dúvida alguma, a luta do camarada Abern contra o camarada Cannon foi a mais coerente. Nesta luta, Abern representa o grupo propagandista, pequeno-burguês em sua composição social, unido por velhos laços pessoais e quase possuindo o caráter de uma família. Cannon representa o partido proletário em processo de formação. O direito histórico desta luta – independente de quais equívocos e erros possam ter sido cometidos – está completamente do lado de Cannon.

Quando os representantes da oposição começaram a gritar que "a direção faliu", que "as previsões mostraram-se incorretas", que "fomos surpreendidos pelos acontecimentos", que "é necessário modificar nossas palavras de ordem", tudo isto sem se esforçarem, o mínimo que seja, por pensar seriamente as questões, apareceram fundamentalmente como derrotistas partidários. Esta lamentável atitude se explica pela irritação e pelo medo do velho círculo propagandista frente a novas tarefas e novas relações partidárias. O sentimentalismo dos velhos laços pessoais não quer se submeter ao sentido do dever e da disciplina. A tarefa que o partido tem diante de si consiste em romper os velhos laços de camarilha e integrar os melhores elementos do passado propagandista no partido proletário. É necessário desenvolver tal espírito de patriotismo partidário de forma que ninguém se atreva a dizer: "O problema não é a questão russa, mas o fato de que nos sentimos melhores e mais cômodos sob a direção de Abern do que sob a direção de Cannon."

Eu, pessoalmente, não cheguei ontem a esta conclusão. Eu a expressei dezenas e centenas de vezes em conversas com membros do grupo de Abern. Invariavelmente, enfatizei a composição pequeno-burguesa deste grupo. Propus, repetida e insistentemente, transferir aqueles militantes de trajetória pequeno-burguesa, que haviam se demonstrado incapazes de captar operários para o partido, da categoria de militantes para a de simpatizantes. Como os fatos demonstraram, cartas pessoais, conversas e advertências não conduziram a nada – as pessoas dificilmente aprendem com a experiência alheia. O antagonismo entre as duas camadas do partido e os dois períodos de seu desenvolvimento emergiu para a superfície e tomou o caráter de uma amarga luta fracional. Nada mais resta, a não ser dar uma opinião, clara e definida, à seção americana e a toda a Internacional. Diz um provérbio russo: "A amizade é amizade, mas o dever é dever."

Pode-se colocar a seguinte pergunta: Se a oposição é uma tendência pequeno-burguesa, isso significa que é impossível se conseguir, posteriormente, a unidade? Como reconciliar a tendência pequeno-burguesa com a proletária? Colocar a questão desta forma equivale a julgá-la unilateralmente, antidialeticamente, e, portanto, de forma falsa. Na presente discussão a oposição manifestou claramente suas características pequeno-burguesas. Porém, isto não quer dizer que não tenha outras caracte-

rísticas. A maior parte dos membros da oposição está profundamente dedicada à causa do proletariado e é capaz de aprender. Ligada atualmente a um meio pequeno-burguês, poderá, amanhã, ligar-se ao proletariado. Os incoerentes, influenciados pela experiência, podem se tornar mais coerentes. Quando o partido chegar a abarcar milhares de operários, até os fracionistas profissionais podem se reeducar no espírito da disciplina proletária. É preciso dar tempo para que isto ocorra. Por isso, a proposta do camarada Cannon de manter a discussão livre de toda ameaça de separação, expulsões etc. era adequada e absolutamente correta.

No entanto, é absolutamente certo que se o partido em seu conjunto tomasse o caminho da oposição, poderia ficar totalmente destruído. A atual oposição é incapaz de dar ao partido uma direção marxista. A maioria do atual Comitê Nacional expressa de forma mais profunda, séria e consciente do que a minoria as tarefas proletárias do partido. Exatamente por causa disso a maioria não pode ter qualquer interesse em fazer a luta caminhar para a cisão – as ideias corretas triunfarão. Também não podem desejar a ruptura dos elementos sãos da oposição – a experiência do passado demonstra muito claramente quantos grupos improvisados existiram que se separaram da Quarta Internacional e se viram condenados à esterilidade e à decomposição. Por isso podemos encarar o próximo congresso do partido sem o menor temor. Ele rechaçará as novidades antimarxistas da oposição e garantirá a unidade do partido.

Leon Trotsky

CARTA A JOHN G. WRIGHT

19 de dezembro de 1939

Querido amigo:

Li a carta que você enviou a Joe. Endosso completamente sua opinião sobre a necessidade de uma firme e implacável luta teórica e política contra as tendências pequeno-burguesas da oposição. Você verá em meu último artigo (que seguirá para você amanhã, por via aérea) que eu caracterizo as divergências da oposição de forma até mesmo mais dura do que a maioria. Porém, ao mesmo tempo, acredito que a implacável luta ideológica deva se realizar, paralelamente, com uma tática organizativa muito cuidadosa e prudente. Não vos interessa nem um pouco uma ruptura, mesmo se a oposição tornar-se, acidentalmente, majoritária no próximo congresso. Não existe a menor razão para dar um pretexto para o heterogêneo e desequilibrado exército da oposição romper. Mesmo como eventual minoria, em minha opinião vocês deverão permanecer disciplinados e leais ao partido como um todo. Isso é extremamente importante para a educação no autêntico patriotismo partidário, sobre a necessidade do qual Cannon me escreveu uma vez, e muito corretamente.

Uma maioria composta por esta oposição não durará mais do que uns poucos meses. Então, a tendência proletária do partido tornar-se-á novamente majoritária, com sua autoridade tremendamente aumentada. Seja extremamente firme, mas não perca a cabeça – isto diz respeito, mais do que nunca, à estratégia da ala proletária do partido.

Com as melhores saudações e desejos fraternos, Seu.

> Leon Trotsky Coyoacán (México)

P. S.: O mal se origina em: 1) Má composição, especialmente na região mais importante de Nova York; 2) Falta de experiência, especialmente dos membros que vieram do Partido Socialista (Juventude). Não é possível superar estas dificuldades herdadas do passado com medidas organizativas. A firmeza e a paciência são necessárias.

L. T.

CARTA A MAX SHACHTMAN

20 de dezembro de 1939

Querido camarada Shachtman:

Estou lhe enviando uma cópia de meu último artigo.²⁰ Você verá por meus argumentos que considero as divergências de caráter decisivo. Caro amigo, acredito que você se encontra do lado errado da barricada. Com sua posição, você ajuda todos os elementos pequeno-burgueses e antimarxistas a lutar contra a nossa doutrina, nosso programa e nossa tradição. Com estas linhas não espero convencê-lo, mas meu prognóstico diz que se você se recusar, agora, a buscar uma forma de colaborar com a ala marxista contra os revisionistas pequeno-burgueses, inevitavelmente lamentará, durante anos e anos, o maior erro de sua vida.

Se tivesse possibilidade, eu tomaria, agora mesmo, um avião para Nova York para discutir com você 48 ou 72 horas ininterruptamente. Lamento muito que, nesta situação, você não veja como necessário vir até aqui discutir comigo estas questões. Ou será que vê? Eu ficaria feliz...

Leon Trotsky Coyoacán (México)

 $^{^{20}}$ Trata-se do texto "Uma oposição pequeno-burguesa no Socialist Workers Party". (N. do E.)

QUATRO CARTAS À MAIORIA DO COMITÊ NACIONAL

Primeira carta

26 de dezembro de 1939

Até agora eu estava favorável à publicação da discussão no *Socialist Appeal* e no *New International*, mas reconheço que os argumentos que utilizam são muito sérios, especialmente em relação aos argumentos do camarada Burnham.²¹

O New International e o Socialist Appeal não são instrumentos de discussão sob o controle de um comitê especial de discussão, mas instrumentos do partido e seu Comitê Nacional. No boletim de discussão a oposição pode pedir os mesmos direitos da maioria, mas as publicações oficiais do partido têm o dever de defender o ponto de vista do partido e da Quarta Internacional, até que este seja mudado. Uma discussão nas páginas das publicações oficiais do partido só pode ser levada a cabo dentro dos limites marcados pela maioria do Comitê Nacional. Isto é, por si só, tão evidente que não necessita argumentos.

Certamente que as garantias jurídicas permanentes para a minoria não são copiadas da experiência bolchevique. Mas também não são um

²¹ A oposição exigia veementemente a publicação de seus documentos nos órgãos públicos do SWP. (N. do E.)

invento do camarada Burnham. O Partido Socialista Francês teve durante muito tempo tais garantias constitucionais, que correspondem completamente ao espírito de invejosas camarilhas literárias e parlamentares, mas que nunca impediram a submissão dos operários à coalizão dessas camarilhas.

A estrutura organizativa da vanguarda proletária deve se subordinar às exigências positivas da luta revolucionária, e não às garantias negativas contra sua degeneração. Se o partido não estiver apto às necessidades da revolução socialista, degenerará, apesar dos mais inteligentes cuidados jurídicos. No terreno organizativo Burnham mostra uma total falta de concepção revolucionária de partido, assim como demonstrou no campo político, no problema – pequeno, mas muito significativo – do Comitê Dies.²² Em ambos os casos, propõe uma atividade puramente negativa, assim como na questão do Estado soviético deu uma definição puramente negativa. Não é suficiente aborrecer a sociedade capitalista (uma atitude negativa). É necessário aceitar todas as conclusões práticas de uma concepção de revolução social. Infelizmente, não é o que faz o camarada Burnham.

Minhas conclusões práticas?

Primeiro, é necessário condenar oficialmente, diante do partido, a tentativa de destruir a linha partidária, colocando o programa do partido no mesmo nível que qualquer inovação não aceita pelo partido.

Em segundo lugar, se o Comitê Nacional acha necessário dedicar um número do *New International* à discussão (não proponho isso agora), deve fazê-lo de tal forma que o leitor veja onde está a posição do partido e onde está a tentativa de revisão, e que a última palavra seja da maioria, e não da oposição.

²² Comitê Dies: Comitê Parlamentar sobre Atividades Antiamericanas, criado em 1937 e presidido pelo deputado democrata Martin Dies. Este comitê havia convidado Trotsky para assistir a uma de suas sessões em Austin (Texas) como testemunha. Trotsky aceitou o convite, pois planejava utilizar a tribuna reacionária de Dies para a defesa do socialismo e denúncia do stalinismo. Burnham se opunha à presença de Trotsky no comitê. Antes de se realizar a sessão, Dies, temendo o discurso de Trotsky, voltou atrás e retirou o convite. (N. do E.)

Terceiro, se os boletins internos não são suficientes, poderia se publicar uma seleção especial de artigos dedicados aos temas da pauta do congresso.

A mais completa lealdade na discussão, mas nenhuma concessão ao espírito pequeno-burguês e anarquista, por mínima que seja!

W. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México)

Segunda carta

27 de dezembro de 1939

Queridos amigos:

Confesso que, em um primeiro momento, seu informe sobre a insistência dos camaradas Burnham e Shachtman com relação à publicação de artigos polêmicos no New Socialist e no Socialist Appeal me surpreendeu. Perguntei-me sobre qual seria a razão disso. Está excluído que seja o fato de que se sintam muito seguros de sua posição. Os argumentos são de natureza muito primitiva, as contradições entre eles são agudas e não podem deixar de pensar no fato de que a maioria representa a tradição e a doutrina marxista. Não podem esperar sair vitoriosos de uma luta teórica. Não só Shachtman e Abern, mas também Burnham compreende isso. Qual é, então, a fonte de sua ânsia de publicidade? A explicação é muito simples: eles têm pressa em se justificar diante da opinião pública democrata, de gritar a todos os eastmans, hooks e outros que eles, a oposição, não são tão maus como nós. Para Burnham esta necessidade interior deve ser especialmente imperativa. Trata-se do mesmo tipo de capitulação interna que observamos, às vésperas da Revolução de Outubro, em Zinoviev, Kamenev e em muitos "internacionalistas" pressionados pela onda de guerra patriótica. Se abstrairmos todas as particularidades individuais, acidentais ou incompreensões e erros, teremos diante de nós o primeiro pecado

social-patriota em nosso próprio partido. Vocês desde o início situam corretamente este fato, mas para mim só agora ele aparece com toda clareza, depois que eles proclamaram seu desejo de anunciar – como os poumistas,²³ os pivertistas ²⁴ e muitos outros – que eles não são tão maus quanto os "trotskistas".

Esta consideração é um argumento complementar contra qualquer concessão a eles neste terreno. Sob as atuais condições, temos todo o direito de lhes dizer: vocês devem esperar o veredicto do partido, e não chamar os juízes democráticos e patrióticos antes que seja tomada a decisão.

Antes, eu considerava a questão de forma muito abstrata, isto é, somente desde o ângulo da luta teórica. Deste ponto de vista, estou de acordo com o camarada Goldman sobre o fato de que devemos sair vitoriosos. Porém, critérios políticos mais importantes indicam que devemos eliminar a intervenção prematura do fator democrático-patriótico em nossa luta interna partidária, e que a oposição deve contar, na discussão, somente com sua própria força, como faz a maioria. Nestas condições, a prova e seleção dos diferentes elementos da oposição terão um caráter mais eficaz, e os resultados serão mais favoráveis para o partido.

Engels falou certa vez sobre o humor da pequena burguesia enfurecida. Parece-me que traços deste mau humor podem ser encontrados nas fileiras da oposição. Ontem, muitos deles estavam hipnotizados pela tradição bolchevique. Nunca a assumiram internamente, mas não se atreviam a combatê-la abertamente. Porém, Shachtman e Abern deramlhes coragem, e agora eles vivem o espírito da pequena burguesia exasperada.

Esta é, por exemplo, a impressão que tive dos últimos artigos e cartas de Stanley. Perdeu totalmente seu espírito autocrítico e acredita sinceramente que qualquer inspiração que chega a seu cérebro é merecedora de

²³ Referência ao POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), que cumpriu um importante papel durante a Guerra Civil Espanhola, mas que acabou capitulando à frente popular. (N. do E.)

²⁴ Referência aos seguidores de Marceau Pivert, dirigente do grupo Esquerda Revolucionária, ala radical do Partido Socialista. Pivert defendia o apoio crítico ao governo de frente popular de Leon Blum. (N. do E.)

ser proclamada e impressa, desde que esteja dirigida contra o programa e a tradição do partido. O crime de Shachtman e Abern consiste especialmente em terem provocado tal explosão de autossatisfação pequenoburguesa.

W. Rork (Leon Trotsky)

P. S.: Estou absolutamente seguro que os agentes stalinistas estão trabalhando em nosso meio a fim de agudizar a discussão e provocar uma ruptura. Seria necessário examinar muitos "lutadores" fracionistas a partir deste ponto de vista.

W. R.

Terceira carta

3 de janeiro de 1940

Queridos amigos:

Recebi os dois documentos da oposição, ²⁵ estudei um sobre o conservadorismo burocrático e agora estou estudando o segundo, sobre a questão russa. Que escritos lamentáveis! É difícil encontrar uma frase que expresse uma ideia correta ou que situe uma ideia correta em um lugar correto. Pessoas inteligentes, e inclusive de talento, assumiram uma posição falsa e se enfiam cada vez mais em um beco sem saída.

A frase de Abern sobre a "ruptura" pode ter dois sentidos: ou deseja nos assustar com uma ruptura, como fez durante a discussão sobre o entrismo,²⁶ ou realmente quer cometer suicídio político. No primeiro caso, ele não impedirá que tenhamos uma análise marxista da política da opo-

²⁵ Os dois documentos são: "A guerra e o conservadorismo burocrático" e "O que está em debate na discussão sobre a questão russa". (N. do E.)

²⁶ Entrismo no Partido Socialista. (N. do E.)

sição. No segundo, não se pode fazer nada; se uma pessoa adulta quer se suicidar, é difícil impedi-la.

A reação de Burnham é um desafio brutal para todos os marxistas. Se a dialética é uma religião, e se é certo que a religião é o ópio do povo, como pode se negar a lutar para libertar seu próprio partido deste veneno? Estou escrevendo uma carta aberta a Burnham sobre esta questão. Não acredito que a opinião pública da Quarta Internacional permita que o diretor de uma revista teórica marxista limite-se a tão cínicos aforismos sobre os fundamentos do socialismo científico. De toda forma, não descansarei até que as concepções antimarxistas de Burnham sejam desmascaradas até o fim, diante do partido e da Internacional. Espero enviar a carta aberta, no mínimo o texto em russo, depois de amanhã.

Ao mesmo tempo, estou escrevendo uma análise dos dois documentos. É excelente a explicação deles de como concordam em não concordar sobre a questão russa.

Estou furioso por ter que perder tempo lendo estes documentos absolutamente podres. Os erros são tão elementares que se faz necessário um esforço para recordar os argumentos necessários do abecê do marxismo.

W. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México)

Quarta carta

4 de janeiro de 1940

Queridos amigos:

Anexo uma cópia de minha carta a Shachtman, que enviei há mais ou menos duas semanas. Shachtman sequer me respondeu.²⁷ Mostra o mau humor que ele mesmo provocou com sua luta sem princípios.

Até então havia uma intensa correspondência pessoal e política entre Trotsky e Shachtman. A partir de outubro-novembro de 1939, a correspondência praticamente cessa. (N. do E.)

Faz uma frente com o antimarxista Burnham e se nega a responder minhas cartas referentes a esta frente. Lógico que o fato em si mesmo tem pouca importância, mas indiscutivelmente é sintomático de algo. Esta é a razão do porquê lhes envio uma cópia de minha carta a Shachtman.

Com os melhores votos,

Leon Trotsky Coyoacán (México)

CARTA A JOSEPH HANSEN

5 de janeiro de 1940

Querido Joe:

Muito obrigado pela interessante informação. Caso seja necessário ou aconselhável, Jim²⁸ pode publicar nossa correspondência e a que mantive com Wright sobre a questão da ruptura. Essa correspondência mostra nossa firme intenção de preservar a unidade do partido, apesar da aguda luta fracional. Em minha carta a Wright, mencionei que, inclusive como minoria, a ala bolchevique do partido deveria, em minha opinião, continuar sendo disciplinada e Jim respondeu que sobre este ponto estava de acordo comigo, completamente e de todo coração. Estas duas citações são decisivas para o assunto.

Com relação às minhas observações sobre a Finlândia no artigo sobre a oposição pequeno-burguesa, direi aqui somente umas poucas palavras. Existe uma diferença de princípios entre a Finlândia e a Polônia? Sim ou não? A intervenção do Exército Vermelho na Polônia foi acompanhada de guerra civil? Sim ou não? A imprensa dos mencheviques, que está muito bem informada graças à sua amizade com o Bund e os imigrantes do PPS,²⁹ diz abertamente que o avanço do Exército Vermelho foi acompanhado de um ascenso revolucionário. E não só na Polônia, mas também na Romênia.

²⁸ James P. Cannon. (N. do E.)

²⁹ Partido Socialista Polonês. (N. do E.)

O Kremlin criou o governo Kuusinen com o objetivo evidente de completar a guerra com a guerra civil. Houve relatos sobre o início da criação de um Exército Vermelho finlandês, sobre o "entusiasmo" dos camponeses pobres da Finlândia nas regiões ocupadas, onde as grandes propriedades de terra foram confiscadas e assim por diante. O que é isso se não o início da guerra civil?

O desenvolvimento ulterior da guerra civil depende completamente do avanço do Exército Vermelho. O "entusiasmo" do povo não foi, evidentemente, ardente o suficiente para produzir insurreições independentes dos camponeses e operários que se encontram sob a espada do carrasco Mannerheim. A retirada do Exército Vermelho deteve os elementos de guerra civil em seu estágio mais inicial.

Se os imperialistas ajudarem eficientemente a burguesia finlandesa na defesa do regime capitalista, a guerra civil será impossível no próximo período. Porém, se, como parece mais provável, os destacamentos reforçados do Exército Vermelho penetrarem com mais êxito no interior do país, inevitavelmente veremos o processo de guerra civil paralelamente à invasão.

Não podemos predizer todos os acontecimentos militares e os deslocamentos de interesse puramente tático, mas eles não mudam a tendência "estratégica" dos acontecimentos. Neste caso, como em todos os outros, a oposição tem uma política puramente conjuntural e impressionista, ao invés de uma política de princípios.

(Não é preciso repetir que a guerra civil na Finlândia, assim como na Polônia, terá um caráter limitado, semirreprimido, e que pode se converter rapidamente em uma guerra civil entre as massas finlandesas e a burocracia de Moscou. Sabemos disso tão bem quanto a oposição e prevenimos abertamente as massas a respeito. Porém, analisamos o processo em seu desenvolvimento e não confundimos o primeiro estágio com o segundo.)

Saudações fraternas para todos os amigos,

Leon Trotsky Coyoacán (México)

CARTA ABERTA AO CAMARADA BURNHAM

7 de janeiro de 1940

Estimado camarada:

Segundo me informaram, você expressou, como reação a meu artigo sobre a oposição pequeno-burguesa, que não tem intenção de discutir comigo sobre dialética e que discutirá somente "questões concretas". "Há muito que deixei de discutir sobre religião", acrescentou você ironicamente. De minha parte, já ouvi de Max Eastman esta mesma frase.

É lógico identificar a lógica com a religião?

Tal como o entendo, suas palavras indicam que a dialética de Marx, Engels e Lenin pertencem à esfera da religião. O que significa esta afirmação? Permita-me recordar mais uma vez, a dialética é a *lógica da evolução*. Assim como um almoxarifado de máquinas de uma fábrica fornece ferramentas para todos os departamentos, a lógica é indispensável para todas as esferas do conhecimento humano. Se você não considera a lógica em geral como um preconceito religioso (infelizmente, os escritos contraditórios da oposição se inclinam cada vez mais para esta lamentável ideia), então que lógica você aceita? Eu conheço dois sistemas de lógica dignos de atenção: a lógica de Aristóteles (lógica formal) e a lógica de Hegel (lógica dialética). A lógica aristotélica toma como ponto de partida os fenômenos e objetos imutáveis. O pensamento científico de nossa época estuda todos os fenômenos em sua origem, mudança e desintegração. Você considera que o progresso das ciências, inclusive

o darwinismo, o marxismo, a química e a física modernas etc., não influíram de forma alguma nas formas de nosso pensamento? Em outras palavras, você admite que, em um mundo onde tudo muda, só o silogismo permanece eterno e imutável? O "Evangelho Segundo São João" começa com as palavras: "No início foi o Verbo." ou seja, no início foi a Razão ou a Palavra (razão expressa pela palavra, ou seja, o silogismo). Para São João, o silogismo é um dos pseudônimos literários de Deus. Se você considera o silogismo imutável, ou seja, que não tem origem e nem desenvolvimento, isto significa então que, para você, ele é produto da revelação divina. Porém, se você reconhece que as formas lógicas de nosso pensamento se desenvolvem no processo de nossa adaptação à natureza, então faça a gentileza de nos informar quem é que, depois de Aristóteles, analisou e sistematizou o subsequente progresso da lógica. Enquanto você nos esclarece este ponto, tomarei a liberdade de afirmar que identificar a lógica (a dialética) com a religião revela profunda ignorância e superficialidade nas questões básicas do pensamento humano.

O revolucionário não está obrigado a lutar contra a religião?

No entanto, suponhamos que a sua mais presunçosa insinuação seja correta. Porém, isto não melhora as coisas para você. A religião, espero que você esteja de acordo, desvia a atenção do conhecimento real para o fictício, da luta por uma vida melhor para as falsas esperanças de recompensas no Além. A religião é o ópio do povo. Aquele que for incapaz de lutar contra a religião é indigno de levar o nome de revolucionário. Com quais razões, então, você justifica sua recusa em lutar contra a dialética, se a considera como uma das variedades da religião?

Como você mesmo disse, há muito que deixou de se ocupar com a questão da religião. Mas você deixou de se preocupar para com você mesmo. Além de você, existem todos os outros. E não são poucos. Nós, os revolucionários, nunca "deixamos" de nos preocupar sobre as questões religiosas, uma vez que nossa tarefa não consiste em somente nos emanciparmos da influência da religião, mas também as massas. Se a dialética é uma religião, como é possível renunciar à luta contra este ópio dentro do próprio partido?

Ou será que você tentou dizer que a religião não tem qualquer importância política? Quem é capaz de ser religioso e, ao mesmo tempo, um lutador revolucionário e um comunista firme? Dificilmente você se aventurará a fazer tal afirmação. Naturalmente, mantemos a atitude mais ponderada frente aos preconceitos religiosos de um operário atrasado. Se ele quiser lutar pelo nosso programa, o aceitamos como membro do partido, mas, ao mesmo tempo, nosso partido o educará, persistentemente, no espírito do materialismo e do ateísmo. Se você está de acordo com isso, como pode se recusar a lutar contra uma "religião" defendida, pelo que sei, pela esmagadora maioria daqueles membros de seu próprio partido que se interessam por questões teóricas? É evidente que você foi superficial neste importantíssimo aspecto da questão.

Existem muitos burgueses cultos que romperam pessoalmente com a religião, mas cujo ateísmo é unicamente para seu próprio consumo: conservam para si mesmos este pensamento, mas em público frequentemente defendem que é conveniente que o povo tenha uma religião. Será possível que você defenda esta posição com relação a seu próprio partido? Será possível que isso é o que explica sua recusa em discutir conosco as bases filosóficas do marxismo? Se assim for, sob seu desdém pela dialética, percebe-se um toque de desprezo pelo partido.

Por favor, não me venha com a objeção de que estou me baseando em uma frase pronunciada por você em uma conversa particular e de que você não está interessado em refutar publicamente o materialismo dialético. Isto não é verdade. Sua frase serve somente de exemplo. Por distintas razões, você proclamou, sempre que teve oportunidade, sua atitude negativa frente à doutrina que constitui a base teórica de nosso programa. Tal coisa é bem conhecida por todos no partido. No artigo "Intelectuais em retirada", escrito por você em colaboração com Shachtman e publicado no órgão teórico do partido, afirma-se categoricamente que você rechaça o materialismo dialético. Depois de tudo isso, o partido não terá razão de saber por quê? Você supõe, realmente, que na Quarta Internacional, o editor de um órgão teórico pode se limitar a esta simples declaração: "Eu decididamente rechaço o materialismo dialético", como se se tratasse de um cigarro que lhe é oferecido: "Obrigado, não fumo." A questão de uma doutrina filosófica correta, ou seja, de um método correto de pensamento é de importância decisiva para um

partido revolucionário, da mesma forma que um bom almoxarifado de máquinas é de importância decisiva para a produção. É possível defender a velha sociedade com os métodos materiais e intelectuais herdados do passado. Mas é absolutamente impensável que esta velha sociedade possa ser destruída, e uma nova seja construída, sem antes analisar criticamente quais os métodos que existem. Se o partido se equivoca nos fundamentos mesmos de seu pensamento, seu dever elementar consiste em assinalar o caminho correto. De outro modo, sua conduta será, inevitavelmente, interpretada como a atitude cavalheiresca de um acadêmico diante da organização proletária que, de qualquer maneira, é incapaz de compreender uma verdadeira doutrina "científica". Poderia haver algo pior do que isto?

Exemplos educativos

Quem quer que conheça a história das lutas de tendências dentro dos partidos operários, sabe que as deserções para o campo do oportunismo e mesmo para o campo da reação burguesa muito frequentemente começaram com o rechaço à dialética. Os intelectuais pequeno-burgueses consideram a dialética como o ponto mais vulnerável do marxismo e, ao mesmo tempo, tiram vantagem do fato de que é mais difícil aos operários verificarem as diferenças no plano filosófico do que no plano político. Tal fato, conhecido há muito, está demonstrado por toda a evidência da experiência. Além disso, é inadmissível desconhecer um fato ainda mais importante, que é o de que todos os maiores e mais destacados revolucionários - primeiro e antes de todos, Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Franz Mehring – se basearam no materialismo dialético. Pode-se supor que todos eles eram incapazes de distinguir entre a ciência e a religião? Camarada Burnham, não é muita presunção de sua parte? Os exemplos de Bernstein, Kautsky e Franz Mehring são extremamente educativos. Bernstein rechaçou categoricamente a dialética como "escolasticismo" e "misticismo". Kautsky se manteve indiferente frente à questão da dialética, mais ou menos como o camarada Shachtman. Mehring foi um incansável propagandista e defensor do materialismo dialético. Durante décadas, seguiu todas as inovações da filosofia e da literatura, desmascarando incansavelmente a essência reacionária

do idealismo, do neokantismo, do utilitarismo, de todas as formas de misticismo etc. O destino político desses três indivíduos é muito bem conhecido. Bernstein terminou sua vida como um democrata pequenoburguês medíocre. Kautsky, de centrista, se transformou em um vulgar oportunista. Já Mehring morreu como um comunista revolucionário.

Na Rússia, três marxistas acadêmicos muito proeminentes - Struve, Bulgakov e Berdiaev - começaram rechaçando a doutrina filosófica do marxismo e terminaram no campo da reação e da Igreja Ortodoxa. Nos Estados Unidos, Eastman, Sidney Hook e seus amigos utilizaram a oposição à dialética como pretexto para as suas transformações de companheiros de viagem do proletariado em companheiros de viagem da burguesia. Poderíamos ainda citar exemplos semelhantes de outros países. O exemplo de Plekhanov, que parece uma exceção, na realidade só confirma a regra. Plekhanov foi um notável propagandista do materialismo dialético, mas durante toda a sua vida nunca teve ocasião de participar na verdadeira luta de classes. Seu pensamento estava divorciado da prática. A revolução de 1905 e, posteriormente, a guerra mundial jogaram-no no campo da democracia pequeno-burguesa e obrigaram-no a renunciar, na realidade, ao materialismo dialético. Durante a guerra mundial, Plekhanov apresentouse abertamente como protagonista do categórico imperativo kantiano na esfera das relações internacionais: "Não faças aos outros o que não queres que façam a ti." O exemplo de Plekhanov só demonstra que o materialismo dialético, em si e por si só, ainda não faz de um homem um revolucionário.

Shachtman, por outro lado, argumenta que Liebknecht deixou um trabalho póstumo, que havia escrito na prisão, contra o materialismo dialético. São muitas as ideias que entram na cabeça de uma pessoa enquanto ela está na prisão, ideias que não podem ser examinadas nas discussões com outras pessoas. Liebknecht, que ninguém, e muito menos ele próprio, considerava ser um teórico, transformou-se em símbolo de heroísmo dentro do movimento operário mundial. Se alguns dos adversários americanos da dialética demonstrarem, em caso de guerra, o mesmo espírito de sacrifício e de independência ante o patriotismo, lhes renderíamos o que lhes é devido como revolucionários. Porém, com isto não estaria resolvida a questão do método dialético.

É impossível saber quais teriam sido as conclusões de Liebknecht se tivesse continuado em liberdade. Em todo caso, antes de publicar seu trabalho, certamente teria mostrado aos seus amigos mais competentes, ou seja, Franz Mehring e Rosa Luxemburgo. É muito provável que, por conselhos destes, tivesse simplesmente queimado o manuscrito. No entanto, suponhamos que contra o conselho de pessoas que o superavam completamente na esfera da teoria, tivesse decidido publicar seu trabalho. Mehring, Rosa Luxemburgo, Lenin e outros naturalmente não haveriam de propor que, por causa disso, fosse expulso do partido. Ao contrário, teriam se pronunciado decididamente em sua defesa, caso alguém tivesse feito uma proposta tão disparatada. Porém, ao mesmo tempo, não teriam formado um bloco filosófico com ele, mas teriam se diferenciado claramente de seus erros teóricos.

A conduta do camarada Shachtman, como vemos, é completamente distinta. "Vejam!", diz ele para educar a juventude, "Plekhanov era um destacado teórico do materialismo dialético, mas terminou como um oportunista; Liebknecht era um notável revolucionário, mas tinha suas dúvidas sobre o materialismo dialético". Este argumento significa, se é que tem algum significado, que o materialismo dialético não tem qualquer importância para um revolucionário. Com estes exemplos de Liebknecht e Plekhanov, artificialmente arrancados da história, Shachtman reforça e "aprofunda" a ideia de seu artigo do ano passado, ou seja, de que a política não depende do método, uma vez que o método está divorciado da política pelo divino dom da incoerência. Interpretando erroneamente duas "exceções", Shachtman tenta destruir a regra. Se este é o argumento de um "defensor" do marxismo, o que podemos esperar de um adversário? A revisão do marxismo passa aqui à sua liquidação simples e pura. Mais do que isso, à liquidação de qualquer doutrina e qualquer método.

O que você propõe?

Naturalmente, o materialismo dialético não é uma filosofia eterna e imutável. Pensar em outra coisa seria contradizer o espírito da dialética. O desenvolvimento ulterior do pensamento científico criará, indubitavelmente, uma doutrina mais profunda na qual o materialismo dialético entrará simplesmente como material estrutural. No entanto, não existe qualquer base para se esperar que esta revolução filosófica se realize sob

o decadente regime burguês, sem mencionar o fato de que um Marx não nasce todos os anos, nem em todas as décadas. A tarefa de vida ou morte do proletariado não consiste atualmente em *interpretar* de novo o mundo, mas em *refazê-lo* de cima a baixo. Na próxima época podemos esperar grandes revolucionários de ação, mas dificilmente um novo Marx. Somente sob a base de uma cultura socialista, a humanidade sentirá a necessidade de revisar a herança ideológica do passado e, sem dúvida, nos superará não só na esfera da economia, como também na da criação intelectual. O regime da burocracia bonapartista da URSS é criminoso não só porque cria uma desigualdade sempre crescente em todas as esferas da vida, mas também porque degrada a atividade intelectual do país ao nível dos imbecis sem freio da GPU.

No entanto, suponhamos que, ao contrário de nossa previsão, o proletariado seja tão afortunado durante a atual época de guerras e revoluções, a ponto de produzir um novo teórico ou uma nova constelação de teóricos que superarão o marxismo e, em particular, façam a lógica avançar além do materialismo dialético. Não é preciso dizer que todos os operários avançados aprenderão com seus novos professores e os antigos homens terão novamente que se reeducar. Porém, por enquanto, isto permanece como a música do futuro. Ou eu estou enganado? Será que você chamará minha atenção para aqueles trabalhos que deverão suplantar o sistema do materialismo dialético para o proletariado? Se estes trabalhos estivessem à mão, certamente você não teria se recusado a conduzir a luta contra o ópio da dialética. Mas não existe tal trabalho. Enquanto tenta desacreditar a filosofia do marxismo, você não propõe nada para substituí-la.

Imagine-se como um jovem médico diletante que inicia uma discussão com um cirurgião que utiliza o bisturi dizendo a ele que a anatomia moderna, a neurologia etc., não têm valor, que nelas existe muita coisa que permanece pouco clara e incompleta e que somente "burocratas conservadores" se poriam a trabalhar com um bisturi, baseando-se nestas pseudociências etc. Acredito que o cirurgião exigiria que seu irresponsável colega abandonasse a sala de operações. Também nós, camarada Burnham, não podemos fazer insinuações baratas sobre a filosofia do socialismo científico. Ao contrário, já que no transcurso da luta fracional a questão foi colocada categoricamente, diremos, dirigindo-nos a todos os

membros do partido, especialmente à juventude: cuidado com a infiltração do ceticismo burguês em vossas fileiras. Recordem que o socialismo não encontrou, até o presente, uma expressão científica superior ao marxismo. Tenham presente o fato de que o método do socialismo científico é o materialismo dialético! Estudem seriamente! Estudem Marx, Engels, Plekhanov, Lenin e Franz Mehring. Isto é cem vezes mais importante para vocês do que o estudo de tratados tendenciosos, estéreis e um pouco ridículos sobre o conservadorismo de Cannon. Que a discussão atual produza pelo menos este resultado positivo, que a juventude tente introduzir em sua mente uma séria base teórica para a luta revolucionária!

Falso "realismo" político

No entanto, em seu caso, o problema não se reduz à dialética. Em sua resolução, as observações no sentido de que você não submete agora para decisão do partido a questão da natureza do Estado soviético, na verdade significam que você coloca esta questão, senão juridicamente, pelo menos teórica e politicamente. Somente as crianças são incapazes de entender tal coisa. Esta mesma declaração tem também um outro significado, muito mais violento e perigoso. Significa que você divorcia a política da sociologia marxista. No entanto, para nós, o nó da questão radica precisamente nisto. Se for possível definir corretamente o Estado sem utilizarmos o método do materialismo dialético, se for possível determinar corretamente a política sem fazer uma análise de classe do Estado, surge então a seguinte pergunta: existe alguma necessidade de marxismo, qualquer que seja ela?

Estando em desacordo uns com os outros sobre a natureza de classe do Estado soviético, os líderes da oposição estão de acordo sobre o fato de que a política externa do Kremlin deve ser qualificada de "imperialista" e que a URSS não pode ser apoiada "incondicionalmente". Que plataforma substancial! Caso a "camarilha" inimiga coloque categoricamente no congresso a questão da natureza do Estado soviético (que crime!) vocês, antecipadamente, já concordaram em... não concordar entre si, ou seja, votar de forma diferente. No governo "nacional" britânico houve este precedente, quando os ministros "concordaram em não concordar", ou seja, votaram de forma diferente. Porém, os ministros de Sua Majestade

gozam de uma vantagem: sabem perfeitamente qual a natureza de seu Estado e podem se dar ao luxo de não concordar em questões *secundárias*. Os líderes da oposição estão em situação muito pior. Permitem-se o luxo de discordar na questão fundamental, a fim de se solidarizarem nas questões secundárias. Se isto é marxismo e política de princípios, então eu não sei dizer o que são combinações sem princípios.

Aparentemente, você parece considerar que, ao recusar-se a discutir o materialismo dialético e a natureza de classe do Estado soviético e ao destacar as questões "concretas", atua como um político realista. Este autoengano é fruto de seu conhecimento inadequado sobre a história dos últimos cinquenta anos de lutas fracionais dentro do movimento operário. Em toda discussão de princípios, sem qualquer exceção, os marxistas, invariavelmente, procuraram colocar claramente ao partido os problemas fundamentais de doutrina e de programa, considerando que somente nesta situação as questões "concretas" poderiam ser analisadas em seu verdadeiro lugar e proporção.

Por outro lado, os oportunistas de todo tipo, especialmente aqueles que sofreram algumas derrotas no terreno das discussões de princípio, invariavelmente contrapõem à análise marxista de classe apreciações conjunturais "concretas" que formulam, como de costume, sob a pressão da democracia burguesa. Ao longo de décadas de luta fracional, esta divisão de papéis persistiu. A oposição, permita-me assegurar, não inventou novidades. Continua a tradição do revisionismo na teoria e do oportunismo na política.

No final do século passado, as tentativas revisionistas de Bernstein, que na Inglaterra se realizaram sob a influência do empirismo e do utilitarismo anglo-saxão – a mais lamentável das filosofias! – foram impiedosamente rechaçadas. Depois disso, repentinamente, os oportunistas alemães sentiram repulsa pela filosofia e pela sociologia. Nos congressos e na imprensa não paravam de censurar os marxistas "pedantes" que substituíam as "questões políticas concretas" por considerações gerais de princípio. Leia os anais da social-democracia alemã do final do século passado e início do atual, e você mesmo ficará assombrado com o grau em que, como dizem os franceses, *le mort saisit le vif* (o morto agarra o vivo)!

Você sabe o grande papel cumprido pelo *Iskra* no desenvolvimento do marxismo russo. O *Iskra* começou com a luta contra o chamado

"economicismo" dentro do movimento operário e contra os populistas (socialistas-revolucionários). O principal argumento dos "economicistas" era o de que o *Iskra* vagava na esfera da teoria, enquanto eles se propunham a dirigir o movimento operário concreto. O principal argumento dos socialistas-revolucionários era o seguinte: o *Iskra* quer fundar uma escola de materialismo dialético, enquanto nós queremos derrotar a autocracia czarista. Deve-se destacar que os terroristas populistas levavam suas palavras ao pé da letra: de bombas nas mãos, sacrificavam suas vidas. Nós discutíamos com eles: "Em certas circunstâncias, uma bomba é uma coisa excelente, mas antes devemos aclarar nossas mentes." Faz parte da experiência histórica o fato de que a maior revolução de toda a história não foi dirigida pelo partido que começou com bombas, mas pelo partido que começou com o materialismo dialético.

Quando os bolcheviques e os mencheviques ainda eram membros do mesmo partido, os períodos anteriores aos congressos e os próprios congressos se caracterizavam, invariavelmente, por uma amarga luta pela pauta. Lenin tinha o costume de propor como primeiro ponto da ordem do dia questões como a clarificação da natureza da monarquia czarista, a análise do caráter de classe da revolução, a análise das etapas da revolução por que estávamos passando etc. Martov e Dan, líderes mencheviques, quase sempre objetavam: não somos um clube sociológico, mas um partido político; devemos chegar a um acordo não sobre a natureza de classe da economia czarista, mas sobre as "tarefas políticas concretas". Cito estas coisas de memória, mas não corro nenhum risco de estar equivocado, porque estas discussões se repetiam todos os anos e acabavam tendo um caráter estereotipado. Poderia acrescentar que eu, pessoalmente, cometi não poucos pecados neste aspecto. Porém, desde então, aprendi algo.

Àqueles amantes das "questões políticas concretas", Lenin sempre explicava que nossa política não era conjuntural, mas de caráter principista; que a tática está subordinada à estratégia; que para nós o interesse fundamental de toda campanha política consiste em guiar os trabalhadores até as questões gerais, partindo das questões particulares, ou seja, educá-los no entendimento da natureza da sociedade moderna e suas forças fundamentais. Os mencheviques sempre precisaram, por meio do silêncio, dissimular as diferenças de princípios existentes em

seu conglomerado instável, enquanto Lenin, ao contrário, colocava diretamente, sem rodeios, as questões de princípio. Os argumentos atuais da oposição contra a filosofia e a sociologia e a favor das "questões políticas concretas" não são mais do que uma repetição atrasada dos argumentos de Dan. Nem uma só palavra nova! É lamentável o fato de que Shachtman respeite a política de princípios do marxismo somente quando esta já tenha se envelhecido o suficiente para ir fazer parte de arquivos.

Camarada Burnham, soa particularmente falso e inadequado em seus lábios o chamado para se passar da teoria marxista às "questões políticas concretas" devido ao fato de que não fui eu, mas você, quem colocou a questão do caráter da URSS, obrigando-me dessa forma a abordar a questão do método pelo qual se determina o caráter de classe do Estado. É verdade que você abandonou sua resolução. Porém, esta manobra fracional não tem, absolutamente, nenhum significado objetivo. Você extraiu suas conclusões políticas a partir de sua premissa sociológica, ainda que, temporariamente, a tenha escondido em sua maleta. Shachtman extraiu exatamente as mesmas conclusões políticas sem uma premissa sociológica: adaptou-se a você. Abern procura, igualmente, tirar proveito tanto da premissa oculta, quanto da falta de premissa para suas combinações "organizativas". Esta é a situação verdadeira, e não a situação diplomática, no campo da oposição. Você procede como antimarxista; Shachtman e Abern como marxistas... platônicos. É difícil determinar quem é o pior.

A dialética da discussão atual

Quando examinamos a frente diplomática que cobre as premissas ocultas e a falta de premissas de nossos adversários, nós, os "conservadores", naturalmente contestamos: é possível realizar uma discussão frutífera sobre "questões políticas concretas" somente se especificarmos claramente quais são as premissas de classe que vocês tomam como ponto de partida. Não estamos obrigados a nos limitar àqueles tópicos da discussão que vocês selecionaram artificialmente. Se alguém tivesse proposto que discutíssemos como questões "concretas" a invasão da Suíça pela frota soviética ou a extensão do rabo de uma bruxa do Bronx,

então eu teria razão em fazer, primeiro, as seguintes perguntas: a Suíça possui costa marítima? Existem bruxas?

Toda discussão séria se desenvolve a partir do particular, ou mesmo do acidental, ao geral e fundamental. As causas e os motivos imediatos de uma discussão, na maior parte dos casos, são de um interesse somente sintomático. Possuem uma verdadeira importância política somente aqueles problemas que a discussão coloca em seu desenvolvimento. Para certos intelectuais, ansiosos por desmascarar o "conservadorismo burocrático" e vangloriar-se de seu "dinamismo", pode parecer que as questões que se referem à dialética, ao marxismo, à natureza do Estado, ao centralismo são colocadas "artificialmente" e que a discussão tomou uma direção falsa. O nó da questão, no entanto, consiste no fato de que a discussão tem sua própria lógica objetiva que não coincide em nada com a lógica subjetiva dos grupos e indivíduos. O caráter dialético da discussão provém do fato de que seu curso objetivo está determinado pelo conflito das tendências opostas e não por um plano lógico pré-concebido. A base materialista da discussão consiste no fato de que reflete a pressão de distintas classes. Desta forma, a atual direção do SWP, como o processo histórico em seu conjunto, se desenvolve - com ou sem a sua permissão, camarada Burnham – de acordo com as leis do materialismo dialético. Não se tem como escapar destas leis.

"Ciência" contra marxismo e "experimentos" contra programa

Acusando seus adversários de "conservadorismo burocrático" (uma simples abstração puramente psicológica, já que você não demonstrou que existem interesses sociais específicos sob este "conservadorismo"), você exige em seu documento que a política conservadora seja substituída por uma "política crítica e experimental, em uma palavra, por uma política científica" (p. 32). Esta declaração, à primeira vista tão inocente e carente de significado, com toda pompa, é em si mesma, uma revelação completa. Você não fala de política marxista, nem de política proletária. Você fala de política "experimental", "crítica", "científica". Por que esta terminologia pretensiosa e deliberadamente confusa, tão estranha às nossas fileiras? Eu direi porquê. É produto de sua adaptação, camara-

da Burnham, à opinião pública burguesa e da adaptação de Shachtman e Abern à sua adaptação. Nos amplos círculos intelectuais burgueses o marxismo já não está mais em moda. Além disso, se alguém tiver que falar de marxismo, poderia ser visto – e que deus não o permita! – como um materialista dialético. É melhor evitar esta palavra desacreditada. Com o que substituí-la? Com "ciência", naturalmente, inclusive "Ciência", escrita com letra maiúscula. E como todo mundo sabe, a ciência se baseia na "crítica" e nos "experimentos". Soa bem: tão sólida, tão tolerante, tanta falta de sectarismo, tão professoral! Com esta fórmula, pode-se entrar em qualquer salão democrata.

Por favor, releia uma vez mais sua própria declaração: "No lugar de uma política conservadora, devemos empregar uma política audaz, flexível, crítica e experimental, em uma palavra, uma política científica." Não poderia ter dito melhor! Porém, esta é exatamente a fórmula que todos os empiristas pequeno-burgueses, todos os revisionistas e, não menos importante, todos os aventureiros políticos contrapõem ao "estreito", "limitado", "dogmático" e "conservador" marxismo.

Certa vez, Buffon disse: "O estilo é o homem." A terminologia política é não somente o homem, mas o partido. A terminologia é um dos elementos da luta de classes. Somente os pedantes sem vida podem não entender isso. Em seus documentos você apaga cuidadosamente – exatamente você, camarada Burnham – não só palavras como dialética e materialismo, mas também a palavra marxismo. Você está acima de tudo isso. Você é um homem de ciência "crítica", "experimental". Exatamente pela mesma razão, você elegeu o qualificativo de "imperialismo" para definir a política exterior do Kremlin. Esta inovação o diferencia da terminologia demasiadamente embaraçosa da Quarta Internacional, ao criar fórmulas menos rigorosas, menos "religiosas", menos "sectárias", comuns a você – oh, feliz coincidência! – e à democracia burguesa.

Você quer experimentar? Mas permita-me recordar que o movimento operário possui uma larga história repleta de experiências ou, se você preferir, de experimentos. Esta experiência, tão custosamente adquirida, cristalizou-se na forma de uma doutrina determinada, o próprio marxismo, cujo nome você evita tão cuidadosamente. Antes de dar a você o direito de experimentar, o partido tem o direito de perguntar: Que método você vai utilizar? Henry Ford dificilmente permitirá que um homem que não tenha assimilado as necessárias conclusões a partir do passado do desenvolvimento da indústria e dos inumeráveis experimentos já efetuados, venha fazer experiências em sua fábrica. Além disso, nas fábricas os laboratórios de experimentação estão cuidadosamente separados da produção em massa. No terreno do movimento operário, os experimentos de curandeiros são ainda mais inadmissíveis, mesmo que se realizem sob a bandeira da "ciência" anônima. Para nós, a ciência do movimento operário é o marxismo. A ciência social sem nome, a Ciência com letra maiúscula, nós deixamos completamente à disposição de Eastman e seus semelhantes.

Sei que você discutiu com Eastman e que você argumentou muito bem algumas questões. Mas você discute como se ele fosse um representante do mesmo círculo, e não um agente do inimigo de classe. Você demonstrou isso claramente no artigo que escreveu junto com Shachtman, ao terminá-lo com o inesperado convite a Eastman, Hook, Lyons e o resto para que aproveitassem as páginas do *New International* para difundir suas ideias. Nem mesmo lhe ocorreu que eles poderiam ter colocado a questão da dialética, obrigando você, deste modo, a sair de seu diplomático silêncio.

No dia 20 de janeiro passado, muito antes desta discussão, em uma carta aberta ao camarada Shachtman, insisti sobre a urgente necessidade de acompanhar atentamente o desenvolvimento interno do partido stalinista. Escrevi: "Isso seria mil vezes mais importante do que convidar Eastman, Lyons e os outros para apresentarem seus talentos individuais. Espantou-me um pouco o fato de você ter dado tanta importância ao último arrogante e insignificante artigo de Eastman. Ele possui à sua disposição o *Harper's Magazine*, o *Modern Monthly*, o *Common Sense* etc. Porém, estou absolutamente perplexo com o fato de você ter convidado pessoalmente esta gente para sujar as escassas páginas da *New International*. A perpetuação desta polêmica pode interessar alguns intelectuais pequeno-burgueses, mas não os elementos revolucionários. Tenho a firme convicção de que é necessário uma certa reorganização da *New International* e do *Socialist Appeal*: tomar maior distância de Eastman, Lyons etc. e ficar mais próximo dos operários e, neste sentido, do partido stalinista".

Como sempre acontece em tais casos, Shachtman respondeu de forma desatenta e sem cuidado. Na realidade, a questão foi resolvida pelo fato de que os inimigos do marxismo que vocês tinham convidado se

recusaram a aceitar o convite. No entanto, este episódio merece maior atenção. Por um lado, camarada Burnham, você, com o apoio de Shachtman, convida os democratas burgueses a enviar amistosas explicações para serem publicadas nas páginas do nosso órgão partidário. Por outro, você, com o apoio deste mesmo Shachtman, recusa-se a discutir comigo sobre dialética e sobre a natureza de classe do Estado soviético. Isto não significa que você, juntamente com seu aliado Shachtman, voltou sua face para os semiadversários burgueses e ficou de costas para seu próprio partido?

Há muito tempo Abern chegou à conclusão de que o marxismo é uma doutrina digna de atenção, mas que uma boa combinação oposicionista é muito mais substanciosa. Enquanto isso, Shachtman cai sem parar, consolando-se com idiotices. No entanto, acredito que seu coração pese. Depois de chegar a um certo ponto, espero que Shachtman se levante e comece novamente a subir. Com isso, expresso a esperança de que sua política fracional "experimental" tenha se produzido, pelo menos, em benefício da "Ciência".

"Um dialético inconsciente"

Utilizando-se de minha observação sobre Darwin, Shachtman disse, segundo me informei, que você é um "dialético inconsciente". Esta ambígua cortesia não contém um só centímetro de verdade. Todo indivíduo, em uma ou outra medida, é dialético e, na maior parte dos casos, inconscientemente. Uma dona de casa sabe que certa quantidade de sal condimenta agradavelmente a sopa, mas que uma quantidade maior faz com que esta se torne intragável. Consequentemente, uma camponesa ignorante, ao fazer a sopa, se guia pela lei hegeliana da transformação da quantidade em qualidade. Poderíamos citar uma quantidade infinita de exemplos parecidos, obtidos na vida cotidiana. Até os animais chegam às suas conclusões práticas baseando-se não somente no silogismo aristotélico, mas também na dialética hegeliana. Assim, a raposa sabe que existem aves e quadrúpedes gostosos e nutritivos. Ao cercar uma lebre, um coelho ou uma galinha, a raposa deduz: esta criatura extraordinária pertence ao tipo nutritivo e gostoso, e salta sobre a presa. Temos aqui um silogismo completo, ainda que possamos acreditar que a raposa

nunca leu Aristóteles. Quando esta mesma raposa, no entanto, encontra o primeiro animal que lhe excede em tamanho, por exemplo, um lobo, rapidamente chega à conclusão de que a quantidade se transformou em qualidade, e começa fugir. Está claro: as patas da raposa estão equipadas com tendências hegelianas, ainda que não plenamente conscientes. Tudo isto demonstra, ainda que só de passagem, que nossos métodos de pensamento, tanto a lógica formal, como a dialética, não são construções arbitrárias de nossa razão, mas sim expressões das verdadeiras inter-relações da própria natureza. Neste sentido, o universo interior está saturado de dialética "inconsciente". Porém, a natureza não se deteve aqui. Ela gastou enormes energias para que suas relações internas passassem da consciência de raposas e homens para a linguagem e depois deu ao homem a capacidade de generalizar estas formas de consciência, de transformá-las em categorias lógicas (dialéticas), criando assim a possibilidade de uma investigação mais profunda do mundo que nos cerca.

Até hoje, a expressão mais acabada das leis da dialética que regem a natureza e a sociedade foram dadas por Hegel e Marx. Apesar do fato de Darwin não ter se interessado em verificar seus métodos lógicos, seu empirismo – o de um gênio – na esfera das ciências naturais alcançou as mais elevadas generalizações dialéticas. Neste sentido, Darwin foi - como manifestei em meu artigo anterior - um "dialético inconsciente". No entanto, não valorizamos Darwin por sua incapacidade de chegar até a dialética, mas sim porque, apesar de seu atraso filosófico, nos explicou a origem das espécies. Deve-se assinalar que Engels se irritava com o estreito empirismo do método de Darwin, ainda que, como Marx, apreciasse desde o início a grandiosidade da teoria da seleção natural. Em compensação, Darwin permaneceu, infelizmente, ignorando o significado da sociologia de Marx até o fim de sua vida. Se Darwin tivesse feito declarações à imprensa contra a dialética ou o materialismo, Marx e Engels o teriam atacado com força redobrada, para não permitir que ele disfarçasse a reação ideológica com sua autoridade.

Na defesa feita por Shachtman, no sentido de que você é um "dialético inconsciente", a ênfase deve ser colocada na palavra inconsciente. O objetivo de Shachtman (também parcialmente inconsciente) é defender o bloco com você, mediante a degradação do materialismo dialético. Na verdade, Shachtman diz: a diferença entre um dialético "consciente" e

um "inconsciente" não é tão grande a ponto de brigarmos sobre isso. Dessa forma, Shachtman tenta desacreditar o método marxista.

Porém, o mal vai ainda mais longe. No mundo existem muitos dialéticos inconscientes ou semiconscientes. Alguns deles aplicam de forma excelente a dialética materialista na política, ainda que não estejam interessados nas questões de método. Evidentemente, seria de um pedantismo imbecil atacar tais camaradas. Mas com você, camarada Burnham, a coisa é muito diferente. Você é um editor do órgão teórico, cuja tarefa consiste em educar o partido no espírito do método marxista. No entanto, você é um *adversário consciente da dialética*, e de forma alguma um *dialético inconsciente*. Mesmo que nas questões políticas você tenha seguido com êxito a dialética, como insiste Shachtman, ou seja, ainda que você seja dotado de um "instinto" dialético, da mesma forma nos veríamos obrigados a iniciar uma luta contra você, porque seu instinto dialético, como qualidade individual, não pode ser transmitido aos demais, enquanto o método dialético consciente, em maior ou menor grau, pode fazer-se acessível a todo o partido.

A dialética e o senhor Dies

Inclusive, se você tem um instinto dialético – coisa que não vou julgar agora – este se vê afogado pela rotina acadêmica e pela arrogância intelectual. O que nós chamamos de instinto de classe do operário se transforma, com relativa facilidade, em uma aproximação dialética das coisas. Não podemos falar de semelhante instinto de classe em se tratando de um intelectual burguês. Somente superando conscientemente seu espírito pequeno-burguês, um intelectual divorciado do proletariado pode se elevar ao nível da política marxista. Infelizmente, Shachtman e Abern estão fazendo todo o possível para obstaculizar o seu caminho neste sentido. Com o apoio que lhe dão, prestam a você um péssimo serviço, camarada Burnham.

Com o apoio do seu bloco, que poderíamos chamar de "Liga do Tensionamento Fracional", você comete um erro após o outro: na filosofia, na sociologia, na política, na esfera organizativa. Seus erros não são acidentais. Você trata cada questão de forma isolada, separando-a de sua conexão com as demais questões, longe de sua relação com os fatores

sociais e independentemente da experiência internacional. Você carece do método dialético. Apesar de toda a sua cultura, na política você age como um curandeiro.

Na questão do Comitê Dies, seu curandeirismo se manifestou tão claramente quanto na questão da Finlândia. Frente aos meus argumentos a favor da utilização deste órgão parlamentar, você respondeu dizendo que a questão não deveria ser decidida de acordo com considerações de princípios, mas considerando certas circunstâncias especiais que só você conhecia, mas que se absteve de especificar. Permita-me dizer quais eram estas circunstâncias: sua dependência ideológica frente à opinião pública burguesa. Ainda que a democracia burguesa, em todas os seus setores, incluindo o Comitê Dies, defenda com plena responsabilidade o regime capitalista, ela se vê obrigada, por interesse deste mesmo capitalismo, a se diferenciar envergonhadamente dos órgãos do regime que estão demasiadamente expostos. Uma simples divisão de trabalho! Uma velha fraude que ainda continua operando de forma efetiva! Com relação aos operários, a quem você alude de forma vaga, uma parte deles, que é uma parte bastante considerável, está, como você, sob a influência da democracia burguesa. Porém, o operário médio, não contagiado pelos preconceitos da aristocracia operária, receberá com entusiasmo cada palavra revolucionária firme que for proferida na cara do próprio inimigo de classe. E quanto mais reacionária for a instituição que serve de arena ao combate, tanto mais completa será a satisfação do operário. Tal coisa foi demonstrada pela experiência histórica. O próprio Dies, assustado e retrocedendo a tempo, demonstrou o quanto era falsa a sua posição. Sempre é melhor obrigar o inimigo a se retirar do que se esconder sem lutar.

Porém, neste ponto vejo a insatisfeita figura de Shachtman me detendo com um gesto de protesto: "A oposição não se responsabiliza pela posição de Burnham sobre o Comitê Dies. Esta questão não tem caráter fracional." etc. Conheço tudo isso. Só faltava mesmo que a oposição como um todo se posicionasse a favor da tática de boicote, tão completamente sem sentido neste caso! Já basta que o líder da oposição, que tem uma posição e que a expressou abertamente, se pronunciou a favor do boicote. Se você superou a idade em que se discute sobre "religião", então me permita confessar que considero que toda a Quarta Internacional

superou a idade em que se considera o abstencionismo a política mais revolucionária de todas. Neste caso, além da sua falta de método, você revelou uma evidente falta de sagacidade política. Em tal situação, um revolucionário não teria necessidade de pensar muito para se jogar pela porta aberta pelo inimigo e aproveitar ao máximo essa oportunidade. Aqueles membros da oposição que, junto com você, se pronunciaram contra a participação no Comitê Dies – e o número deles não era pequeno – acredito que seja necessário lhes ministrar cursos básicos especiais a fim de lhes explicar as verdades mais elementares da tática revolucionária, que não tem nada em comum com o abstencionismo pseudorradical dos círculos intelectuais

"Questões políticas concretas"

A oposição é mais débil exatamente onde imagina que seja mais forte: no terreno da política revolucionária cotidiana. Isto se aplica sobretudo a você, camarada Burnham. A impotência frente aos grandes acontecimentos se manifestou em você, como em toda a oposição, de forma mais evidente na questão da Polônia, dos Estados bálticos e da Finlândia. Shachtman começou por descobrir a pedra filosofal: a realização de uma insurreição simultânea contra Hitler e Stalin na Polônia ocupada. A ideia era esplêndida. Pena que Shachtman não podia colocá-la em prática. Os operários avançados da Polônia Oriental poderiam dizer com razão: "Do Bronx talvez seja muito cômodo fazer uma insurreição simultânea contra Hitler e Stalin em um país ocupado por tropas, mas aqui, no lugar onde os fatos acontecem, é mais difícil. Gostaríamos de ouvir Burnham e Shachtman responder a esta 'questão política concreta': 'O que devemos fazer até a insurreição?" Enquanto isso, o Estado-Maior do Exército soviético chamou os operários e camponeses a se apoderarem das fábricas e da terra. Esta chamada, com o apoio da força armada, cumpriu um enorme papel na vida do país ocupado. Os diários de Moscou estavam literalmente cheios de informes sobre o "entusiasmo" sem limites dos operários e dos camponeses pobres. Devemos considerar estes informes com justificada desconfiança. Mentiras não faltam. No entanto, é inadmissível fechar os olhos diante dos fatos. O chamado ao ajuste de contas com os grandes proprietários e a expulsão dos capitalistas só

poderia ter levantado o espírito dos oprimidos e esmagados camponeses e operários ucranianos e bielo-russos, que viam no grande proprietário polonês um duplo inimigo.

No órgão parisiense dos mencheviques, que é solidário com a democracia burguesa da França e não com a Quarta Internacional, se afirmava categoricamente que o avanço do Exército Vermelho foi acompanhado por uma onda de levantamentos revolucionários, cujos ecos chegaram até as massas camponesas da Romênia. O que dá peso às informações deste órgão é a estreita conexão existente entre os mencheviques e os dirigentes do Bund judeu, do Partido Socialista Polonês e de outras organizações hostis ao Kremlin e que fugiram da Polônia. Estávamos, pois, completamente corretos quando dissemos aos bolcheviques da Polônia Oriental: "Junto com os operários e camponeses, e à frente deles, vocês devem conduzir a luta contra os grandes proprietários de terra e os capitalistas; não se separem das massas, apesar de todas suas ilusões; façam a mesma coisa que os revolucionários russos, que não se separaram das massas ainda confiantes no czar (Domingo Sangrento de 9 de janeiro de 1905); eduquem as massas no transcurso da luta, previnam-nas contra as ingênuas esperanças em Moscou, mas não se separem delas; lutem em seu campo, tratem de estender e aprofundar sua luta e dar-lhes a maior independência possível. Somente desta forma vocês prepararão a próxima insurreição contra Stalin." O curso dos acontecimentos na Polônia confirmou completamente esta diretiva, que era uma continuação e um desenvolvimento de todas as nossas políticas, particularmente na Espanha.

Como não existem diferenças de princípios entre as situações polonesa e finlandesa, não temos porque modificar nossa política. Mas a oposição, que não foi capaz de compreender o significado dos acontecimentos poloneses, agora tenta se aferrar à Finlândia como se esta fosse uma nova âncora de salvação. "Onde há guerra civil na Finlândia? Trotsky fala de uma guerra civil. Na imprensa não vimos nenhuma referência a ela". etc. A princípio, a questão da Finlândia aparece frente à oposição como diferente da questão da Ucrânia Ocidental e da Bielo-Rússia. Cada questão é isolada e considerada fora do curso geral de desenvolvimento. Confundida pelo curso dos acontecimentos, a oposição tenta, a cada ocasião, se apoiar em alguma circunstância acidental, secundária, temporal e conjuntural.

Esses gritos da oposição sobre a ausência de guerra civil na Finlândia significam que se a guerra civil fosse desencadeada neste país a oposição adotaria nossa política? Sim ou não? Em caso afirmativo, a oposição condenaria sua própria política em relação à Polônia, uma vez que ali, apesar da guerra civil, limitou-se à recusa em participar dos acontecimentos, enquanto esperava uma insurreição simultânea contra Stalin e Hitler. É evidente, camarada Burnham, que você e seus aliados não pensaram sobre esta questão até o fim.

O que acontece, no entanto, com minha afirmação sobre uma guerra civil na Finlândia? Quando do início das hostilidades militares, poderia ter-se pensado que Moscou realizaria uma "pequena" expedição punitiva para conseguir uma mudança no governo em Helsinque e para estabelecer com a Finlândia relações semelhantes às que tem com os demais Estados bálticos. Porém, a criação do governo de Kuusinen em Terrijoki, demonstrou que Moscou tinha outros planos e outros objetivos. Os despachos informaram imediatamente sobre a formação de um "Exército Vermelho" finlandês. Naturalmente, tratava-se somente de pequenas formações criadas de cima para baixo. Surgiu o programa de Kuusinen. Depois, os despachos falaram da divisão de grandes propriedades entre os camponeses pobres. Em sua totalidade, estes despachos assinalavam a intenção de Moscou de organizar uma guerra civil. Naturalmente, esta é uma guerra civil de tipo especial. Não surge espontaneamente das profundezas das massas populares. Não se realiza sob a direção do partido revolucionário finlandês com o apoio das massas. É introduzida de fora, com baionetas. É controlada pela burocracia de Moscou. Sabemos disso tudo e já tratamos disso ao discutir sobre a Polônia. No entanto, trata-se precisamente de uma guerra civil, de um chamado aos pobres, às camadas mais baixas, para que expropriem os ricos, os expulsem, os prendam etc. Não conheço qualquer outro nome para estas ações, a não ser o de guerra civil.

"Mas, apesar de tudo, a guerra civil na Finlândia não se desenvolveu", objetam os líderes da oposição. "Isto significa que suas previsões não se materializaram." Com a derrota e a retirada do Exército Vermelho, respondemos, a guerra civil na Finlândia, sob as baionetas de Mannerheim, não poderia, logicamente, se desenvolver. Este fato não é um argumento contra mim, mas contra Shachtman, uma vez que demonstra

que nas primeiras etapas da guerra, no momento em que a disciplina ainda é forte nos exércitos, é muito mais fácil organizar uma insurreição em duas frentes a partir do Bronx do que a partir de Terrijoki.

Não previmos as derrotas dos primeiros destacamentos do Exército Vermelho. Não podíamos ter previsto o grau da estupidez e desmoralização reinante no Kremlin e nas cúpulas do Exército, decapitado pelo Kremlin. Não obstante, trata-se somente de um episódio militar, que não pode determinar nossa linha política. Se, depois de sua primeira tentativa fracassada, Moscou desistisse totalmente de toda nova ofensiva contra a Finlândia, então o próprio fato que hoje obscurece os olhos da oposição frente a toda situação mundial desapareceria da ordem do dia. Porém, existem poucas probabilidades de que isso aconteça. Por outro lado, se a Inglaterra, França e os Estados Unidos, partindo da Escandinávia, fossem em ajuda da Finlândia com força militar, então a questão finlandesa se dissolveria em uma guerra entre a URSS e os países imperialistas. Neste caso, podemos esperar, inclusive, que a maioria da oposição estaria de acordo com o programa da Quarta Internacional.

No entanto, atualmente o que interessa à oposição não é nenhuma destas duas variantes: nem a suspensão da ofensiva por parte da URSS, nem o desencadeamento de hostilidades entre a URSS e as democracias imperialistas. A oposição se interessa somente pela questão isolada da invasão da Finlândia pela URSS. Muito bem, tomemos isto como nosso ponto de partida. Se a segunda ofensiva, como se pode presumir, for melhor preparada e realizada, então o avanço do Exército Vermelho dentro do país colocará novamente a questão da guerra civil na ordem do dia e em uma escala bem maior do que durante a primeira tentativa vergonhosamente fracassada. Consequentemente, nossa política continua sendo plenamente válida enquanto a questão permaneça na ordem do dia. Mas o que a oposição propõe no caso de um avanço bem sucedido do Exército Vermelho sobre a Finlândia e de um desenvolvimento da guerra civil naquele país? Aparentemente, a oposição não pensa absolutamente em tal coisa, uma vez que vive, dia após dia, de um incidente a outro, aferrando-se aos episódios, separando frases isoladas de um editorial, baseando-se em simpatias e antipatias e criando assim para si uma caricatura de plataforma. A debilidade dos empiristas e impressio-

nistas sempre se revelou com maior clareza quando de sua aproximação às "questões políticas concretas".

Confusão teórica e abstencionismo político

Permeando todas as vacilações e incoerências da oposição - por mais contraditórias que sejam - duas características gerais correm como um fio condutor desde o cume da teoria até os mais insignificantes episódios da política. A primeira característica geral é a falta de uma concepção uniforme. Os líderes da oposição separam a sociologia do materialismo dialético. Separam a política da sociologia. No campo da política, separam nossas tarefas na Polônia de nossa experiência na Espanha, nossas tarefas na Finlândia de nossa posição sobre a Polônia. A história se vê transformada em uma série de incidentes excepcionais. A política se vê transformada em uma série de improvisações. Temos aqui, no exato sentido da palavra, a desintegração do marxismo, a desintegração do pensamento teórico, a desintegração da política em seus elementos constituintes. O empirismo e seu irmão de leite, o impressionismo, dominam de cima a baixo. É por isso que a direção ideológica recai sobre você, camarada Burnham, como adversário da dialética, como empirista que não sente vergonha de seu empirismo.

Presente em todas as vacilações e incoerências da oposição, existe uma segunda característica geral ligada à primeira, qual seja, uma tendência a se abster da participação ativa, uma tendência à autoeliminação, ao abstencionismo, naturalmente sob a cobertura de frases ultrarradicais. Você está a favor da derrota de Stalin e Hitler na Polônia; de Stalin e Mannerheim na Finlândia. E, até o momento, rechaça ambos os bandos da *mesma forma*. Em outras palavras, abandona a luta, inclusive a guerra civil. Sua citação sobre a ausência de guerra civil na Finlândia é somente um argumento conjuntural acidental. Se a guerra civil se desencadear, a oposição tentará ignorá-la, como tentou ignorá-la na Polônia, ou declarará que, uma vez que a política da burocracia de Moscou possui um caráter "imperialista", "nós" não participaremos deste negócio sujo. Buscando, com palavras, tarefas políticas "concretas", a oposição se coloca, de fato, fora do processo histórico. Sua posição com relação ao Comitê Dies merece atenção, camarada Burnham, exatamente por ser uma expressão

gráfica desta mesma tendência ao abstencionismo e ofuscação. Seu princípio orientador continua sendo o mesmo: "Obrigado, não fumo."

Naturalmente, todo homem, todo partido e inclusive toda classe pode se confundir. Mas no que se refere à pequena burguesia, especialmente frente aos grandes acontecimentos, a confusão é uma condição inevitável e, por assim dizer, orgânica. Os intelectuais tentam traduzir seu estado de confusão na linguagem da "ciência". A plataforma contraditória da oposição reflete a confusão pequeno-burguesa expressa na linguagem arrogante dos intelectuais. Nisso, não existe nada de proletário.

A pequena burguesia e o centralismo

No terreno organizativo, sua opinião é tão esquemática, empírica e não revolucionária, quanto no terreno da teoria e da política. Como Stolberg busca, de lanterna na mão, uma revolução ideal, que não seja acompanhada por excessos e imunizada contra o Termidor e a contrarrevolução, você, desta mesma forma, busca uma democracia partidária ideal, que assegure para sempre e para todos a possibilidade de dizer e fazer qualquer coisa que brote em sua cabeça e salve o partido da degeneração burocrática. Você esquece um detalhe, qual seja, que o partido não é um campo para a afirmação da livre individualidade, mas um instrumento da revolução proletária; que somente uma revolução vitoriosa pode evitar não só a degeneração do partido, mas a do próprio proletariado e de toda a civilização moderna. Você não vê que a nossa seção norte-americana está doente não por excesso de centralismo - chega a ser engraçado falar disso –, mas por um monstruoso abuso e desfiguração da democracia por parte dos elementos pequeno-burgueses. Esta é a raiz da crise atual.

O operário passa o dia na fábrica. Comparativamente, possui poucas horas para dedicar ao partido. Nas reuniões, está interessado em aprender o mais importante: a análise correta da situação e as conclusões políticas. Ele aprecia aqueles dirigentes que fazem isso da forma mais clara e precisa e que marcham junto dos acontecimentos. Os pequeno-burgueses, e especialmente os elementos marginalizados da classe, divorciados do proletariado, vegetam em um ambiente fechado e artificial. Possuem muito tempo para discutir sobre política ou pseudopolítica. Observam

os erros, trocam todo tipo de piadas e zombarias relacionadas ao que se passa na "cúpula" do partido. Sempre encontram um dirigente que os inicie em todos os "segredos". A discussão é seu elemento natural. Nenhuma quantidade de democracia lhes é suficiente. Para sua guerra de palavras, buscam a quarta dimensão. Tornam-se nervosos, giram em um círculo vicioso e saciam sua sede com água salgada. Quer saber qual o programa organizativo da oposição? Consiste na busca da quarta dimensão da democracia partidária. Na prática, isto significa suplantar a política pela discussão e suplantar o centralismo pela anarquia dos círculos intelectuais. Quando alguns milhares de operários se unirem ao partido, repreenderão severamente os anarquistas pequeno-burgueses. Quanto antes, melhor.

Conclusões

Por que me dirijo a você e não aos outros líderes da oposição? Porque você é o líder ideológico do bloco. A fração do camarada Abern, carente de programa e de bandeira, necessita de uma cobertura. Certo tempo, Shachtman serviu como cobertura, depois Muste junto com Spector, e agora você, com Shachtman se adaptando a você. Considero sua ideologia como a expressão da influência burguesa dentro do proletariado.

Alguns camaradas talvez achem o tom desta carta um pouco violento. No entanto, confesso que fiz todo o possível para me conter. Porque se trata, nada mais nada menos, do que de uma tentativa de renunciar, desqualificar e destruir os fundamentos teóricos, os princípios políticos e os métodos organizativos de nosso movimento.

Como reação ao meu artigo anterior, foi dito que o camarada Abern assinalou: "Isto significa a ruptura." Tal resposta demonstra, simplesmente, que Abern carece de devoção ao partido e à Quarta Internacional; é um homem de círculos. Em todo caso, as ameaças de ruptura não nos impedirão de apresentar uma análise marxista sobre as diferenças. Para nós, marxistas, não se trata de uma questão de ruptura, mas de educação do partido. Tenho a firme esperança de que o próximo congresso rechaçará, sem piedade, os revisionistas.

Em minha opinião, o congresso deve declarar categoricamente que os dirigentes da oposição, em seus esforços para separar a sociologia do materialismo dialético e a política da sociologia, romperam com o marxismo e se transformaram no mecanismo de transmissão do empirismo pequeno-burguês. À medida que reafirma de maneira decisiva e completa sua lealdade à doutrina marxista e aos métodos políticos e organizativos do bolchevismo, à medida que dedica os comentários editoriais de suas publicações oficiais para promulgar e defender esta doutrina e estes métodos, no futuro o partido abrirá, logicamente, as páginas de suas publicações àqueles membros que se considerem capazes de acrescentar algo novo à doutrina do marxismo. Mas não permitirá que se brinque de esconde-esconde com o marxismo, nem que se faça zombarias levianas sobre ele.

A política do partido tem um caráter de classe. Sem uma análise de classe do Estado, dos partidos e das tendências ideológicas, é impossível chegar a uma orientação política correta. O partido deve condenar como oportunismo vulgar a tentativa de determinar a política para a URSS de incidente em incidente e independentemente da natureza de classe do Estado soviético.

A desintegração do capitalismo, que engendra um agudo descontentamento na pequena burguesia e que empurra à esquerda as suas camadas mais baixas, abre grandes possibilidades, mas também contém graves perigos. A Quarta Internacional admitirá somente aqueles emigrantes da pequena burguesia que tenham rompido completamente com seu passado social e que tenham adotado definitivamente o ponto de vista do proletariado.

Esta mudança teórica e política deve ser acompanhada por uma verdadeira ruptura com o velho ambiente e pelo estabelecimento de uma íntima ligação com os trabalhadores, em particular, com a participação no recrutamento e na educação de proletários para o partido. Os emigrantes do meio pequeno-burguês que tenham se demonstrado incapazes de conviver no meio proletário devem ser transferidos depois de certo tempo à categoria de simpatizantes, em vez de permanecer como membros do partido.

Os membros do partido que não tenham sido colocados à prova na luta de classes não devem ser colocados em posições responsáveis. Não importa o quanto inteligente ou consagrado ao socialismo seja este emigrante do meio burguês. Antes de se converter em professor, deve pri-

meiro passar pela escola da classe trabalhadora. Os jovens intelectuais não devem ser colocados à frente da juventude intelectual, mas devem ser enviados às províncias durante alguns anos, a centros genuinamente proletários, para realizar duros trabalhos práticos.

A composição de classe do partido deve corresponder a seu programa de classe. Ou a seção norte-americana da Quarta Internacional se proletariza, ou deixará de existir.

Camarada Burnham! Se podemos chegar a um acordo com você tendo como base estes princípios, então não haverá dificuldade para se encontrar uma política correta com relação à Polônia, à Finlândia e inclusive à Índia. Ao mesmo tempo, me comprometo em ajudá-lo a realizar uma luta contra qualquer manifestação de burocratismo e de conservadorismo. Estas são, em minha opinião, as condições necessárias para terminar com a crise atual.

Saudações bolcheviques,

Leon Trotsky Coyoacán (México)

•

CARTA A JAMES P. CANNON

9 de janeiro de 1940

Querido amigo:

Ontem enviei o texto em russo de meu novo artigo, escrito em forma de carta a Burnham. Possivelmente nem todos os camaradas concordarão com o fato de eu atribuir à dialética um papel de destaque na discussão. Mas estou certo de que agora este é o único caminho para começar a educação teórica do partido, especialmente da juventude, e levar a cabo uma reversão do empirismo e do ecletismo.

W. Rork (Leon Trotsky)

CARTA A FARRELL DOBS

10 de janeiro de 1940

Querido amigo:

No artigo que enviei a Wright para ser traduzido, não faço qualquer menção sobre duas questões. Primeiro, sobre o conservadorismo burocrático. Acredito que discutimos um pouco este assunto quando você esteve aqui. Como tendência política, o conservadorismo burocrático representa os interesses materiais de uma certa camada social, concretamente, da privilegiada burocracia operária nos Estados capitalistas, especialmente nos países imperialistas, e, em um grau incomparavelmente mais alto, na URSS. Seria fantástico, para não dizer estúpido, buscar tais raízes do "conservadorismo burocrático" na maioria. Se o burocratismo e o conservadorismo não estão determinados por condições sociais, então representam traços pessoais de alguns dirigentes. Tais coisas acontecem. Mas neste caso, como explicar a formação de uma fração? É uma seleção de individualidades conservadoras? Aqui temos uma explicação psicológica, e não política. Se aceitamos (eu, pessoalmente, não aceito) que, por exemplo, Cannon possui tendências burocráticas, então inevitavelmente chegaremos à conclusão de que a maioria apoia Cannon apesar desta característica, e não por causa dela. Isso demonstra que a questão dos fundamentos sociais da luta fracional sequer é mencionada pelos dirigentes da minoria.

Em segundo lugar, com o objetivo de comprometer minha "defesa" de Cannon, eles insistem em que defendi, de forma equivocada, Moli-

nier.³⁰ Sou o último a negar que posso cometer erros de natureza política, assim como de análises pessoais. Mas, apesar de tudo, o argumento não é muito profundo. Nunca apoiei as falsas teorias de Molinier. Foi um assunto de caráter estritamente pessoal: brutalidade, falta de disciplina e seus assuntos financeiros particulares. Alguns camaradas, entre eles, Vereecken, insistiram na imediata separação de Molinier. Eu insisti na necessidade imediata de a organização tentar disciplinar Molinier. Porém, em 1934, quando Molinier tentou substituir o programa do partido por "quatro palavras de ordem" e fundou um jornal baseado nisso, estive entre os que propuseram a sua expulsão. Esta é toda a história. Pode-se ter uma opinião diferente sobre se foi correta minha conduta paciente com relação a Molinier. No entanto, logicamente, eu me conduzia não pelos interesses pessoais de Molinier, mas pelos interesses de educação do partido: nossas próprias seções herdaram algum veneno da Comitern, no sentido de que muitos camaradas se inclinaram a abusar de medidas como expulsões, rupturas ou ameaças de expulsões e rupturas. No caso de Molinier, assim como no caso de alguns camaradas americanos (Field, Weisbord e alguns outros), estive a favor de uma atitude mais paciente. Em vários casos tive sucesso, em vários outros fracassei. Mas não me arrependo de forma alguma de minha atitude paciente frente a algumas figuras duvidosas de nosso movimento. Em qualquer caso, minha "defesa" em relação a eles nunca foi um bloco à custa dos princípios. Por exemplo, se alguém propusesse a expulsão de Burnham, eu me oporia energicamente a isso. Mas ao mesmo tempo, vejo como necessário levar a cabo a mais enérgica luta ideológica contra suas concepções antimarxistas.

Fraternalmente seu,

Leon Trotsky
Coyoacán (México)

³⁰ Molinier era um dos dirigentes do movimento trotskista francês. Foi expulso por causa de total violação da disciplina do partido. (N. do E.)

CARTA A JOHN G. WRIGHT

13 de janeiro de 1940

Querido camarada Wright:

Estou completamente de acordo com sua análise sobre a brochura do camarada Shachtman.³¹ Nela vemos o *débil* Shachtman multiplicado pela ira fracional. Falta-lhe uma pequena coisa chamada ponto de vista proletário. Vive no mundo dos fantasmas literários: quando olha para o proletariado e para o marxismo, suas sombras são úteis, uma vez que correspondem mais ou menos à realidade. Mas agora vira as costas à maioria proletária do partido, ao marxismo e, como resultado, cada palavra que escreve é uma interpretação fantástica e falsa dos fatos e das ideias. Agora me vejo obrigado a perder novamente um par de dias para analisar de maneira mais atenta seu documento absolutamente extravagante. Espero demonstrar aos membros do partido, incluindo a maioria da fração minoritária, que o documento de Shachtman é, em cada linha, uma ruptura com o marxismo e com o bolchevismo.

Fraternalmente seu,

Leon Trotsky

³¹ Refere-se ao artigo "A crise no partido americano: uma carta aberta ao camarada Leon Trotsky", publicado no *Internal Bulletin*, vol. II, nº 7, 1º de janeiro de 1940. (N. do E.)

CARTA A JAMES P. CANNON

16 de janeiro de 1940

Querido amigo:

Que escrito mais miserável é a carta aberta de Shachtman.

Seu único mérito é que me obriga a dizer-lhe a verdade absoluta sobre sua política. Minha resposta já está ditada, só tenho que poli-la. Infelizmente, não vai ser mais curta do que minha carta a Burnham.

Leon Trotsky

CARTA A WILLIAM F. WARDE

16 de janeiro de 1940

Querido camarada Warde: 32

Você é um dos comparativamente poucos camaradas que estão seriamente interessados nas questões metodológicas do nosso movimento. Você não acha que sua intervenção na discussão, sob este ponto de vista, seria muito útil?

Amigos me escrevem dizendo que o interesse pelo materialismo dialético é muito vivo no nosso partido, especialmente na juventude. Você não acha que os camaradas que possam orientar este interesse deveriam formar agora uma associação puramente teórica, com o fim de desenvolver no partido as doutrinas do materialismo dialético? Você mesmo, o camarada Wright e o camarada Gerland (muito familiarizado com o tema) talvez pudessem formar o primeiro núcleo de tal associação, sob o controle, é claro, do departamento de propaganda do Comitê Nacional. Evidentemente, isto é só uma vaga sugestão, feita de longe, que deve ser discutida com as instâncias responsáveis do partido.

Fraternalmente seu,

Leon Trotsky Coyoacán (México), D. F.

 $^{^{32}}$ William F. Warde era o pseudônimo do filósofo George Novack. (N. do E.)

CARTA A JOSEPH HANSEN

18 de janeiro de 1940

Querido Joe:

Meu artigo contra Shachtman já está escrito. Agora preciso poli-lo em dois dias e tentarei utilizar algumas das suas citações.

Mas queria falar aqui de outra questão mais importante. Alguns dos dirigentes da oposição estão preparando uma ruptura. Para isso, apresentam a oposição como futura minoria perseguida. É muito característico de sua mentalidade. Creio que devemos responder-lhes mais ou menos da seguinte forma:

"Vocês já estão preocupados com as nossas futuras repressões? Prometemos garantias mútuas para a futura minoria, independentemente de quem possa ser essa minoria, vocês ou nós. Estas garantias podem ser formuladas em quatro pontos: 1) Permissão de frações; 2) Nenhuma restrição à atividade fracional, além das ditadas pela necessidade da ação comum; 3) As publicações oficiais devem, evidentemente, representar a linha estabelecida pelo novo congresso e 4) A futura minoria pode ter, se assim desejar, um boletim interno destinado aos membros do partido, ou um boletim comum de discussão com a maioria."

A continuação dos boletins de internos depois de uma larga discussão e um congresso não é, evidentemente, uma regra, mais sim uma exceção, aliás, deplorável. Mas não somos, de modo algum, burocratas. Não temos regras imutáveis. Também no terreno organizativo somos dialéticos. Se temos no partido uma minoria importante que não está

satisfeita com as decisões do congresso, é incomparavelmente preferível legalizar a discussão depois do congresso do que ter uma ruptura.

Se for necessário, podemos inclusive ir mais longe e propor-lhes publicar, sob a supervisão do novo Comitê Nacional, resumos especiais da discussão, não só para os membros do partido, mas também para o público em geral. Devemos ir o mais longe possível neste aspecto, com o fim de desarmar as suas queixas, que são no mínimo prematuras, colocando-lhes obstáculos que impeçam a preparação de uma ruptura.

De minha parte, acredito que, nas atuais condições, o prolongamento da discussão, se canalizada com boa vontade pelas duas partes, só pode servir para a educação do partido.

Penso que a maioria deve fazer oficialmente estas propostas, por escrito, no Comitê Nacional. Qualquer que seja a resposta, o partido só poderá ganhar.

Com as melhores saudações,

Cornell
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México), D. F.

DE UM ARRANHÃO AO PERIGO DE GANGRENA

24 de janeiro de 1940

A discussão está se desenvolvendo com sua própria lógica interna. Cada campo, de acordo com seu caráter social e sua fisionomia política, ataca nos pontos em que seu rival é mais débil e vulnerável. É precisamente isso que determina o curso da discussão, e não os planos *a priori* dos líderes da oposição. Agora é tarde e inútil lamentar que a discussão tenha rebentado. Só é necessário vigiar atentamente o papel desempenhado pelos provocadores stalinistas que, sem dúvida, existem no partido e que têm ordens de envenenar a atmosfera da discussão e dirigir a luta ideológica em direção à ruptura. Não é tão difícil reconhecer estes cavalheiros: seu zelo é excessivo e, claro, artificial; substituem as ideias e argumentos por boatos e calúnias. Têm que ser descobertos e expulsos com os esforços conjuntos de ambas as frações. Mas a luta principal deve ser levada até o fim, quer dizer, até um sério esclarecimento das mais importantes questões colocadas. É necessário aproveitar assim a discussão para elevar o nível teórico do partido.

Uma parte considerável dos membros da seção americana, assim como de toda a nossa jovem Internacional, veio da Internacional Comunista no seu período de decadência ou da Segunda Internacional. Estas são escolas ruins. A discussão revelou que amplos círculos do partido carecem de uma firme educação teórica. Por exemplo, basta citarmos fato de que a seção de Nova York não respondeu com uma vigorosa ação defensiva às tentativas de uma revisão leviana do programa e da doutrina marxista. Ao contrário, em sua maioria deu apoio aos revisionistas. Tal coisa é lamentável, mas remediável à medida que nossa seção ameri-

cana e toda a Internacional estão integradas por indivíduos honestos que procuram sinceramente o seu caminho para a via revolucionária. Eles têm desejo e vontade de aprender. Mas não há tempo a perder. É precisamente a penetração do partido nos sindicatos e nos meios operários em geral que exigirá a elevação da qualidade teórica dos nossos quadros. Ao dizer quadros, não me refiro ao "aparato", mas sim ao partido de conjunto. Todo membro do partido deve se considerar um oficial do exército proletário.

Agora, os oposicionistas perguntam ironicamente aos representantes da maioria: "Desde quando vocês se tornaram especialistas em questões de filosofia?" Aqui, a ironia está completamente deslocada. O socialismo científico é a expressão consciente do processo histórico inconsciente, ou seja, da tendência elementar e instintiva do proletariado de reconstruir a sociedade sobre princípios comunistas. Estas tendências orgânicas na psicologia dos operários vêm à tona, com extrema rapidez, na época de crises e guerras. A discussão revelou um conflito entre uma tendência pequeno-burguesa e uma tendência proletária no interior do partido. A tendência pequeno-burguesa revela sua confusão no esforço em reduzir o programa do partido ao estreito limite das questões "concretas". A tendência proletária, ao contrário, procura correlacionar todas as questões parciais numa unidade teórica. O que está em discussão atualmente não é o quanto cada membro da maioria aplica conscientemente o método dialético. O importante é o fato de que a maioria em seu conjunto se orienta para um posicionamento proletário sobre os problemas, e precisamente por isso tende a assimilar a dialética, que é a "álgebra da revolução". Os oposicionistas - segundo me informam – recebem com gargalhadas a simples menção da palavra "dialética". Em vão. Este método sem valor não ajudará. A dialética do processo histórico castigou cruelmente, mais de uma vez, quem zombou dela.

O último artigo do camarada Shachtman, "Carta aberta a Leon Trotsky", é um sintoma alarmante. Revela que Shachtman se recusa a aprender com a discussão e que, no lugar disso, persiste em aprofundar os seus erros, explorando para isso não só o inadequado nível teórico do partido, mas também os preconceitos específicos de sua ala pequenoburguesa. Todos conhecem a facilidade com que Shachtman consegue

reunir diversos episódios históricos em torno de um ou outro eixo. Esta capacidade faz de Shachtman um talentoso jornalista. Infelizmente, isto por si só não basta. A questão fundamental é que eixo escolher. Shachtman está sempre absorvido pelo reflexo da política na literatura e na imprensa. Não lhe interessa o verdadeiro processo da luta de classes, a vida das massas, a inter-relação entre as diferentes camadas dentro da classe operária etc. Li não poucos excelentes e até brilhantes artigos de Shachtman, mas nunca vi um só comentário seu que mergulhasse realmente na vida da classe operária americana ou da sua vanguarda.

É necessário esclarecer que aqui não está só representado o defeito pessoal de Shachtman, mas também o destino de toda uma geração revolucionária que, devido a uma conjuntura especial de condições históricas, cresceu à margem do movimento operário. Tive ocasião, mais de uma vez, de falar e escrever sobre o perigo de que estes valiosos elementos se degenerem, apesar da sua dedicação à revolução. O que nos seus dias foi uma inevitável característica da juventude, transformou-se em fraqueza. A fraqueza se torna doença. Se há um descuido, a doença pode ser fatal. Para escapar a este perigo é necessário abrir conscientemente um novo capítulo no desenvolvimento do partido. Os propagandistas e jornalistas da Quarta Internacional devem iniciar um novo capítulo em sua própria consciência. É necessário rearmar-se. É necessário fazer uma rotação sobre o próprio eixo: voltar as costas aos intelectuais pequeno-burgueses e olhar para os operários.

Seria difícil imaginar um erro mais perigoso para o partido do que considerar o conservadorismo do setor operário como causa da sua crise atual e procurar uma solução para a crise no triunfo do bloco pequeno-burguês. Na realidade, a chave da atual crise consiste no conservadorismo dos elementos pequeno-burgueses que passaram por uma escola puramente propagandística e não encontraram ainda uma trilha em direção ao caminho da luta de classes. A crise atual é a luta final destes elementos pela sua autoconservação. Como indivíduo, todo oposicionista pode encontrar, se assim desejar firmemente, um lugar para si no movimento revolucionário. Como fração, estão condenados a morrer. Na luta que se desenvolve, Shachtman não está no campo que deveria estar. Como sempre nestes casos, seus traços fortes passaram para segundo plano, enquanto seus traços fracos assumiram uma expressão particularmente

acabada. Sua "Carta aberta" representa, por assim dizer, uma cristalização de seus traços fracos.

Shachtman esqueceu um detalhe: a posição de classe. Daí os seus extraordinários ziguezagues, seus saltos e improvisos. Substitui a análise de classe por anedotas históricas desconexas, com o único propósito de ocultar a sua própria mudança, de camuflar a contradição entre o seu passado e o seu presente. Assim procede Shachtman a respeito da história do marxismo, da história do seu próprio partido e da história da oposição russa. Ao fazê-lo, acumula erros sobre erros. Como veremos, todas as analogias históricas a que recorre falam contra ele.

É bem mais difícil corrigir os erros do que cometê-los. Devo pedir paciência ao leitor para seguir comigo, passo a passo, todos os ziguezagues das operações mentais de Shachtman. De minha parte, prometo não me limitar simplesmente a expor os erros e contradições, mas contrapor do princípio ao fim a posição proletária contra a pequeno-burguesa, a posição marxista contra a eclética. Desta maneira, talvez todos nós aprendamos alguma coisa com a discussão.

Precedentes

"Como é que nós, revolucionários irreconciliáveis, nos transformamos tão repentinamente numa tendência pequeno-burguesa?", exclama Shachtman com indignação. Onde estão as provas? "Onde esta tendência se manifestou durante o último [!] ou os dois últimos anos entre os porta-vozes da minoria?" (*Boletim Interno*, vol. II, n° 7, janeiro de 1940, p. 11.) "Por que não sucumbimos, no passado, à influência da democracia pequeno-burguesa? Por que é que durante a guerra civil espanhola...?" e assim interminavelmente. Este é o argumento forte de Shachtman para dar início à sua polêmica comigo e sobre o qual já compôs variações em todos os tons, dando-lhe aparentemente enorme importância. Nem sequer passou pela cabeça de Shachtman que posso voltar este argumento contra ele.

O documento da oposição "A guerra e o Conservadorismo Burocrático" admite que Trotsky tem razão de nove entre dez casos, talvez noventa e nove casos em cem. Compreendo muito bem o caráter condicional e extremamente magnânimo desta concessão. A proporção dos meus erros é, na verdade, consideravelmente superior. Mas como explicar, então, o fato de que duas ou três semanas depois de escrito este documento, Shachtman decidisse subitamente que Trotsky:

- a) É incapaz de ter uma atitude crítica em relação à informação que lhe é dada, ainda que um dos seus informantes tenha sido, durante dez anos, o próprio Shachtman;
- b) É incapaz de distinguir uma tendência bolchevique de uma tendência menchevique;
- c) É o defensor da absurda concepção de "revolução burocrática", em vez de "revolução das massas";
- d) É incapaz de elaborar uma resposta correta às questões concretas da Polônia, Finlândia etc.;
 - e) Manifesta uma tendência a capitular perante o stalinismo;
- f) É incapaz de compreender o significado do centralismo democrático; e assim *ad infinitum*.

Numa palavra, durante o espaço de duas ou três semanas, Shachtman descobriu que cometi erros em noventa e nove casos entre cem, especialmente quando o próprio Shachtman encontra-se envolvido neles. Pareceme que esta nova percentagem sofre também um ligeiro exagero, mas desta vez em sentido oposto. De qualquer maneira, Shachtman descobriu minha tendência a substituir a revolução das massas pela revolução burocrática muito mais repentinamente do que eu descobri seu desvio pequeno-burguês.

O camarada Shachtman convida-me a apresentar provas da existência de uma "tendência pequeno-burguesa" no partido durante o ano passado ou há dois ou três anos. Shachtman tem todos os motivos por não querer referir-se a um passado mais distante. Mas aceitarei o convite de Shachtman e reportar-me-ei aos últimos três anos. Peço atenção! Às perguntas retóricas de meu crítico impiedoso, responderei com alguns documentos fiéis.

1. Em 25 de maio de 1937 escrevi para Nova York sobre a política da fração bolchevique-leninista do Partido Socialista:

"Devo citar dois documentos recentes: a) a carta particular de 'Max' sobre o congresso e b) o artigo de Shachtman intitulado 'Em Direção a um Partido

Socialista Revolucionário'. Só o título deste artigo caracteriza uma falsa perspectiva. Parece-me que o desenvolvimento dos acontecimentos, incluindo o último congresso, demonstra que o partido está evoluindo não em direção a um partido 'revolucionário', mas para uma espécie de ILP,³³ quer dizer, um miserável aborto político centrista, sem qualquer perspectiva. "A afirmação de que o Partido Socialista Americano está atualmente 'mais próximo da posição do marxismo revolucionário do que nenhum outro partido da Segunda ou Terceira Internacional' é um elogio absolutamente não merecido: o Partido Socialista Americano está mais atrasado do que as formações análogas da Europa – o POUM, o ILP, o SAP³⁴ etc. Nosso dever é desmascarar esta vantagem negativa de Norman Thomas e companhia, e não falar da 'superioridade (da resolução sobre a guerra) sobre qualquer outra resolução adotada anteriormente pelo partido...'. Esta apreciação é puramente artística, uma vez que toda resolução deve ser considerada em relação aos acontecimentos históricos, à situação política e à sua necessidade imperativa."

Em ambos os documentos mencionados, Shachtman revelou uma excessiva adaptação à ala esquerda dos democratas pequeno-burgueses — mimetismo político —, sintoma muito perigoso em um político revolucionário! É extremamente importante notar sua elevada apreciação sobre a posição "radical" de Norman Thomas a respeito da guerra... na Europa. Os oportunistas, como é bem sabido, tendem ao maior radicalismo quanto mais longe estão dos acontecimentos. Tendo presente esta lei, não é difícil apreciar o verdadeiro valor do fato de que Shachtman e seus aliados nos acusem de uma tendência a "capitular ao stalinismo". Ai! Sentado no Bronx é bem mais fácil mostrar irreconciliabilidade em relação ao Kremlin do que em relação à pequena burguesia americana.

2. Segundo o camarada Shachtman, eu levantei a questão da composição de classe das frações de maneira artificial e sem qualquer base real. Em 3 de outubro de 1937 escrevi para Nova York:

³³ Independent Labour Party (Partido Trabalhista Independente), organização formada a partir de uma ruptura pela esquerda do Partido Trabalhista Inglês. (N. do E.)

³⁴ Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands – Partido Socialista Operário da Alemanha. (N. do E.)

"Assinalei centenas de vezes que o operário que permanece desapercebido nas condições 'normais' da vida partidária revela notáveis qualidades numa mudança de situação, quando já não bastam as fórmulas gerais e as línguas afiadas, quando é necessário conhecer a vida dos operários e suas capacidades práticas. Nessas condições, um operário talentoso revela segurança em si próprio e mostra também sua capacidade política geral.

"O predomínio dos intelectuais na organização é inevitável no primeiro período do desenvolvimento do partido. Ao mesmo tempo, é um grande obstáculo para a educação política dos operários mais talentosos... É absolutamente necessário que no próximo congresso se introduzam tantos operários quanto possível nos comitês central e locais. Para um operário, a atividade nos corpos dirigentes do partido é ao mesmo tempo uma alta escola política...

"A dificuldade é que em toda a organização há membros tradicionais de comitês e diferentes considerações secundárias, fracionais e pessoais, que desempenham um papel demasiado grande na composição da lista dos candidatos".

Nunca recebi a atenção ou o interesse do camarada Shachtman em questões deste tipo.

3. Segundo o camarada Shachtman, eu levantei a questão da fração do camarada Abern como uma concentração de indivíduos pequenoburgueses de maneira artificial e sem qualquer base real. No entanto, em 10 de outubro de 1937, numa época em que o camarada Shachtman marchava ombro a ombro com Cannon, e se considerava oficialmente que o camarada Abern não tinha fração, eu escrevia a Cannon:

"O partido só tem uma minoria de verdadeiros operários fabris... Os elementos não proletários representam um elemento necessário e creio que podemos nos orgulhar da boa qualidade destes indivíduos... mas... o nosso partido pode se ver inundado por elementos não proletários e pode até perder o seu caráter revolucionário. A tarefa não consiste, naturalmente, em impedir o ingresso de intelectuais mediante métodos artificiais... mas sim em orientar praticamente todas as organizações para as fábricas, as greves, os sindicatos...

"Um exemplo concreto: não podemos dedicar forças iguais ou suficientes a todas as fábricas. As nossas organizações locais podem escolher para a sua atividade no próximo período uma, duas ou três fábricas dentro de sua área e concentrar todas as suas forças sobre essas fábricas. Se numa delas temos

dois ou três operários, podemos criar uma comissão especial de apoio de cinco não operários com o propósito de ampliar nossa influência nessas fábricas

"O mesmo pode se fazer nos sindicatos. Não podemos introduzir militantes não operários nos sindicatos operários. Mas podemos formar, com êxito, comissões de apoio para a ação oral e literária, ligadas aos nossos camaradas do sindicato. As condições invioláveis deveriam ser: *não mandar nos operários, mas sim apenas ajudá-los*, dar-lhes sugestões, armá-los com os fatos, ideias, jornais de fábrica, boletins especiais etc.

"Semelhante colaboração teria uma enorme importância educativa, de um lado, para os camaradas operários e, de outro, para os não operários que precisam de uma sólida reeducação.

"Por exemplo, vocês possuem em suas fileiras um importante número de elementos judeus não operários. Eles podem ser um elemento muito valioso se o partido conseguir retirá-los do meio fechado em que vivem e ligá-los, a partir da atividade cotidiana, aos operários fabris. Creio que esta orientação asseguraria também uma atmosfera mais saudável no interior do partido...

"Podemos estabelecer de imediato uma regra geral: um membro do partido que não consiga ganhar um novo operário para o partido em três ou seis meses não é um bom membro do partido.

"Se estabelecermos seriamente esta orientação geral e se verificarmos a cada semana os resultados práticos, evitaremos um *grande perigo*, a saber, que os intelectuais e os assalariados de outros setores afoguem a minoria operária, silenciando-a e *transformem o partido num clube de discussão muito inteligente, mas absolutamente inabitável para os operários*.

"As mesmas regras devem ser elaboradas da mesma forma para o trabalho e recrutamento da *organização de juventude*. Do contrário, corremos o risco de formar bons elementos jovens como diletantes revolucionários e não como combatentes revolucionários."

Creio que esta carta deixa claro que não mencionei o perigo de um desvio pequeno-burguês no dia seguinte ao pacto Hitler-Stalin ou no dia seguinte ao desmembramento da Polônia, mas sim que já adiantava essa possibilidade com persistência há dois anos ou mais. Além disso, já assinalava então, levando em consideração sobretudo a fração "inexistente" de Abern, que, para poder purificar a atmosfera do partido, era absolutamente indispensável que os elementos judeus pequeno-burgueses da seção de Nova York fossem retirados do seu ambiente conservador habitual e distribuídos no verdadeiro movimento operário. Exatamente

porque a carta acima (e não é a primeira do gênero) foi escrita mais de dois anos antes da atual discussão, ela é uma prova de peso muito maior do que todos os escritos dos líderes da oposição sobre os motivos que me levaram a sair em defesa da "camarilha de Cannon".

4. A inclinação de Shachtman em ceder à influência pequeno-burguesa, especialmente a acadêmica e literária, nunca foi um segredo para mim. Durante a época da Comissão Dewey escrevi a Cannon, Shachtman e Warde em 14 de outubro:

"Insisti na necessidade de rodear o comitê de delegados de grupos de operários, a fim de criar canais entre o comitê e as massas. Os camaradas Warde, Shachtman e outros afirmaram estar de acordo comigo sobre este ponto. Analisamos em comum as possibilidades práticas de realizar este plano... Mas posteriormente, apesar das minhas repetidas perguntas, não pude nunca ter informação sobre o assunto e só acidentalmente fiquei sabendo que o camarada Shachtman se opunha. Por quê? Não sei."

Shachtman nunca me deu a conhecer suas razões. Em minha carta expressei-me com a maior diplomacia, mas não tinha a menor dúvida de que, se bem que Shachtman estava, em palavras, de acordo comigo, temia na verdade ferir a excessiva sensibilidade política dos seus aliados liberais temporários: *neste* sentido, Shachtman demonstra uma excepcional "delicadeza".

5. Em 15 de abril de 1938 escrevi para Nova York:

"Estou um pouco admirado pelo tipo de publicidade dado à carta de Eastman na *New International*. A publicação da carta é correta, mas a importância que lhe é dada na capa, combinada com o silêncio sobre o artigo de Eastman em *Harper's*, parece-me um pouco comprometedor para a *New International*. Muita gente irá interpretar este fato como uma disposição nossa de fechar os olhos para questões de princípios quando existe amizade envolvida."

6. No dia 1º de junho de 1938 escrevi ao camarada Shachtman:

"Aqui é difícil compreender porque você tem uma atitude tão tolerante, e até mesmo amistosa, com o senhor Eugene Lyons. Ele aparentemente dis-

cursa em seus jantares ao mesmo tempo em que fala nos banquetes dos guardas brancos."

Esta carta continuava a luta por uma política mais independente e resoluta com os chamados "liberais", que, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma luta contra a revolução, desejam manter "relações amistosas" com o proletariado, pois isto aumenta seu valor de mercado perante os olhos da opinião pública burguesa.

7. Em 6 de outubro de 1938, quase um ano antes de começar a discussão, escrevi sobre a necessidade de que a nossa imprensa partidária se voltasse decididamente para os trabalhadores:

"Neste aspecto é muito importante a atitude do *Socialist Appeal*. Trata-se, sem dúvida, de um jornal marxista muito bom, mas não um verdadeiro instrumento de ação política... Tentei fazer com que o comitê de redação do *Socialist Appeal* se interessasse sobre esta questão, mas sem êxito."

Nestas palavras fica evidente um tom de queixa. O camarada Shachtman, como já disse, demonstra muito mais interesse pelos episódios literários isolados, de lutas já há muito concluídas, do que pela composição social do seu próprio partido ou pelos leitores do seu próprio jornal.

8. Em 20 de janeiro de 1939, numa carta já mencionada sobre o materialismo dialético, toquei uma vez mais na questão da atração do camarada Shachtman pelo ambiente da fraternidade literária pequeno-burguesa.

"Não posso compreender porque o *Socialist Appeal* praticamente ignora o partido stalinista. Este partido representa atualmente uma massa de contradições. As rupturas são inevitáveis. As próximas aquisições importantes virão certamente do partido stalinista. A nossa atenção política deve concentrar-se nele. Devemos seguir o desenvolvimento das suas contradições dia a dia, hora a hora. Algum dos camaradas da redação deveriam dedicar todo o tempo ao estudo das atividades e planos stalinistas. Podemos provocar uma discussão e, se for possível, publicar as cartas de stalinistas hesitantes. Isso seria mil vezes mais importante do que convidar Eastman, Lyons e os outros para apresentarem seus talentos individuais. Espantou-me um pouco o fato de você ter dado tanta importância ao último arrogante e insignificante artigo de Eastman... Porém, estou absolutamente perplexo com o fato de você ter convidado pessoalmente esta gente para sujar as escassas páginas

da *New International*. A perpetuação desta polêmica pode interessar alguns intelectuais pequeno-burgueses, mas não os elementos revolucionários. Tenho a firme convicção de que é necessário uma certa reorganização da *New International* e do *Socialist Appeal*: tomar maior distância de Eastman, Lyons etc. e ficar mais próximo dos operários e, neste sentido, do partido stalinista."

Os recentes acontecimentos demonstraram, é lamentável dizê-lo, que Shachtman não se afastou de Eastman e companhia, mas, ao contrário, se aproximou deles.

9. Em 27 de maio de 1939 escrevi novamente sobre o caráter do *Socialist Appeal* em ligação com a composição social do partido:

"Pelas atas, vejo que está tendo dificuldades com o *Socialist Appeal*. O jornal está muito bem feito sob o ponto de vista jornalístico, mas é um jornal para os operários, e não um jornal operário...

"Tal como é, o jornal está dividido entre vários escritores, cada um deles muito bom, mas de conjunto não permitem que os operários penetrem nas páginas do *Socialist Appeal*. Cada um deles fala pelos operários (e fala muito bem), mas nenhum escuta os operários. Apesar do seu brilhantismo literário, o jornal tornou-se vítima, de certa forma, da rotina jornalística. Vocês não dão a menor importância à forma como vivem os operários, como lutam, como se batem com a polícia ou como tomam uísque. Isso é muito perigoso para o jornal como instrumento revolucionário do partido. A tarefa não consiste em fazer um jornal a partir dos esforços conjuntos de um qualificado comitê de redação, mas sim em incentivar os operários a se expressarem por si mesmos.

"Para o sucesso é necessária uma mudança corajosa e radical...

"Naturalmente, o problema não está só no jornal, mas sim em todo o curso da política. Continuo com a opinião de que vocês têm demasiados *moços e moças pequeno-burgueses* que são muito bons e dedicados ao partido, mas que não se dão conta, plenamente, de que o seu dever não é discutir entre eles, mas sim penetrar no meio dos operários. Repito a minha proposta: todo membro pequeno-burguês do partido que, durante um certo tempo, digamos três ou seis meses, não ganhe um operário para o partido, deve ser transferido para a categoria de simpatizante e depois de outros três meses, expulso do partido. Em alguns casos poderia parecer injusto, mas o partido no seu conjunto receberia um choque saudável e indispensável. É necessária uma mudança radical."

Ao propor medidas tão draconianas como a expulsão dos elementos pequeno-burgueses incapazes de se ligarem aos operários, não tinha em mente a "defesa" da fração de Cannon, mas sim salvar o partido da degeneração.

10. Comentando as palavras céticas do Socialist Workers Party que tinham chegado aos meus ouvidos, escrevi ao camarada Cannon em 16 de junho de 1939:

"A situação de pré-guerra, o agravamento do nacionalismo etc. são obstáculos naturais para o nosso desenvolvimento e a causa profunda do sentimento pesado em nossas fileiras. Mas devemos sublinhar agora que quanto mais pequeno-burguesa for a composição do partido, mais ele estará sujeito às mudanças da opinião pública oficial. É mais um argumento a favor da necessidade de se realizar uma corajosa e ativa reorientação em direção às massas. "Os raciocínios pessimistas são, naturalmente, um reflexo da pressão nacionalista, patriótica, da opinião pública oficial. 'Se o fascismo triunfar na Inglaterra...', 'se o fascismo triunfar na França...' e assim por diante. Os triunfos do fascismo são importantes, mas a agonia do capitalismo é mais importante."

Assim, a questão da dependência da ala pequeno-burguesa do partido perante a opinião pública oficial foi colocada vários meses antes do início da atual discussão e não foi, de modo algum, trazida artificialmente para desacreditar a oposição.

* * *

O camarada Shachtman exigiu que eu fornecesse "precedentes" de tendências pequeno-burguesas entre os dirigentes da oposição durante o período passado. Atendi ao pedido, selecionando, entre os líderes da oposição, o próprio Shachtman. Estou longe de ter esgotado o material que tenho à minha disposição. Citarei mais à frente duas cartas – uma de Shachtman, outra minha – que são, talvez, ainda mais interessantes como "precedentes". E que Shachtman não objete que os erros e esquecimentos a que se refere a correspondência também podem ser utilizados contra outros camaradas, incluindo representantes da atual maioria. Possivelmente. Provavelmente. Mas não é casual que o nome de Shachtman se repita nessa correspondência. Onde outros cometeram erros episódicos, Shachtman evidenciou uma tendência.

Em todo o caso, e em completa oposição ao que agora Shachtman diz e escreve sobre as minhas "repentinas" e "inesperadas" avaliações, posso demonstrar, com documentos na mão – e creio tê-lo demonstrado – que o meu artigo sobre a "oposição pequeno-burguesa" não foi mais

do que o resumo da minha correspondência com Nova York durante os últimos três anos (na realidade, os dez últimos anos). Shachtman pediu "precedentes" de forma muito demonstrativa. Dei-lhe "precedentes". E eles falam totalmente contra Shachtman.

O bloco filosófico contra o marxismo

Os círculos da oposição consideram possível afirmar que a questão do materialismo dialético foi introduzida por mim só porque me faltava uma resposta às questões "concretas" da Finlândia, Letônia, Índia, Afeganistão, Baluchistão 35 etc. No entanto, este argumento, carente de qualquer mérito em si mesmo, é interessante na medida em que caracteriza o nível de certos indivíduos da oposição, sua atitude em relação à teoria e à honestidade lógica elementar. Portanto, não seria inoportuno referirmonos ao fato de que a minha primeira conversa séria com os camaradas Shachtman e Warde imediatamente após minha chegada ao México, em janeiro de 1937, no vagão do trem, foi consagrada à necessidade de propagandear persistentemente o materialismo dialético. Depois que a nossa seção americana se separou do Partido Socialista, insisti energicamente na publicação, o mais rápido possível, de um órgão teórico, tendo em mente a necessidade de educar o partido e, principalmente, os seus novos membros no espírito do materialismo dialético. Nos Estados Unidos - escrevi então - onde a burguesia inculca sistematicamente o empirismo vulgar nos trabalhadores, é mais necessário que em qualquer outra parte apressar a elevação do movimento a um nível adequado. Em 20 de janeiro de 1939 escrevi ao camarada Shachtman sobre o seu artigo, em colaboração com o camarada Burnham, "Intelectuais em retirada":

"O parágrafo sobre a dialética é o mais duro golpe que você, pessoalmente, como editor da *New International*, poderia ter assentado à teoria marxista... Muito bem! Falaremos sobre isso publicamente."

Assim, há um ano, adiantando-me a Shachtman, anunciei abertamente que tinha o propósito de empreender uma luta pública contra suas tendências ecléticas. Naquele momento, não se falou nada sobre o surgimento da oposição. Em todo caso, estava muito longe da minha mente a

³⁵ Maior província do Paquistão. (N. do E.)

suposição de que o bloco filosófico contra o marxismo preparava o terreno para um bloco político contra o programa da Quarta Internacional.

O caráter das diferenças que vieram à tona só confirmou os meus temores anteriores, tanto no que se refere à composição social do partido, como no que diz respeito à educação teórica dos quadros. Não precisei mudar nada, nem introduzir nada "artificialmente". Assim são as coisas na realidade. Seja-me permitido acrescentar que me sinto um pouco constrangido por ter que quase me justificar para sair em defesa do marxismo dentro de uma das seções da Quarta Internacional!

Na sua "Carta aberta" Shachtman refere-se particularmente ao fato de que o camarada Vicent Dunne expressou satisfação a respeito do artigo sobre os intelectuais. Mas eu também gostei: "Many parts are excellent." (Muitas partes são excelentes). No entanto, como diz o provérbio russo, "uma colher de fel estraga um barril de mel". Trata-se precisamente desta colher de fel. O capítulo consagrado ao materialismo dialético expressa uma série de concepções monstruosas do ponto de vista marxista, cuja finalidade, agora é claro, foi preparar o terreno para o bloco político. Perante a obstinação com que Shachtman persiste em afirmar que eu me aferrei ao artigo como pretexto, permita-me citar uma vez mais a passagem principal da parte que nos interessa:

"não acontece, e ninguém ainda o demonstrou, que o acordo ou desacordo sobre as doutrinas mais abstratas do materialismo dialético afete necessariamente [!] as tarefas políticas concretas de hoje ou amanhã... e os partidos políticos, os programas e as lutas baseiam-se em tais tarefas concretas." (*New International*, janeiro de 1939, p. 7.)

Isto não é o bastante? E acima de tudo, o que é assombroso nesta fórmula indigna de revolucionários: "os partidos políticos, os programas e as lutas baseiam-se em tais tarefas concretas". Que partidos? Que programas? Que lutas? Todos os partidos e todos os programas encontram-se aqui amontoados, juntos. O partido do proletariado é um partido diferente de todos os outros. Não se baseia, de modo algum, em "tais tarefas concretas". Opõe-se diametralmente, na sua própria base, aos partidos dos mercadores burgueses e dos alfaiates pequeno-burgueses. Sua tarefa é a preparação de uma revolução social e a regeneração da humanidade sobre novas bases materiais e morais. Com o objetivo de não abandonar

seu caminho sob a pressão da opinião pública burguesa e da repressão policial, o revolucionário proletário, e mais ainda o dirigente, necessita de uma concepção clara e ampla de mundo, completamente sistematizada. Somente sobre a base de uma concepção marxista total, é possível abordar corretamente as questões "concretas".

Exatamente aqui começa a traição de Shachtman – não um mero erro, como quis fazer crer no passado, mas sim, como fica agora claro, uma franca traição teórica. Seguindo os passos de Burnham, Shachtman ensina ao jovem partido revolucionário que "ninguém ainda demonstrou" que o materialismo dialético afete a atividade política do partido. "Ninguém ainda demonstrou", em outras palavras, que o marxismo tenha alguma utilidade para a luta do proletariado. Consequentemente, o partido não tem o menor motivo para conhecer e defender o materialismo dialético. Isto não é mais do que renunciar ao marxismo, ao método científico em geral, uma lamentável capitulação ao empirismo. Precisamente, é isto que constitui o bloco filosófico de Shachtman com Burnham e, por intermédio de Burnham, com os sacerdotes da "Ciência" burguesa. Era precisamente a isto, e só a isto que me referia na minha carta de 20 de janeiro do ano passado.

Em 5 de março Shachtman respondeu:

"Reli o artigo de Burnham e Shachtman datado de janeiro, a que você se referiu. E ainda que, se tivesse que reescrevê-lo, proporia, graças às suas observações, uma formulação diferente aqui [!] e ali [!], não posso estar de acordo com a essência de sua crítica."

Esta resposta, como acontece sempre com Shachtman numa situação séria, na realidade não expressa absolutamente coisa alguma, mas dá a impressão de que Shachtman deixou uma ponte para a retirada. Agora, apanhado pelo frenesi fracional, promete "fazer o mesmo amanhã de novo e de novo". Fazer o quê? Capitular perante a "Ciência" burguesa? Renunciar ao marxismo?

Shachtman explica-me extensamente (já veremos em breve o quão solidamente) a utilidade deste ou daquele *bloco político*. Já eu falo sobre o prejuízo da traição teórica. Um bloco pode ser justificado ou não, de acordo com o seu conteúdo e circunstâncias. Mas nenhum bloco pode justificar uma traição teórica. Shachtman refere-se ao fato de que o seu

artigo é de caráter puramente político. Eu não falo do artigo, mas sim do capítulo em que renuncia ao marxismo. Se um livro de física contiver somente duas linhas sobre deus como a causa primeira, estaria no meu direito de concluir que o autor é um obscurantista.

Shachtman não responde à acusação e tenta distrair a atenção, voltando-se para assuntos sem importância. Ele pergunta: "No que exatamente aquilo que você chama de meu 'bloco com Burnham' difere, na esfera filosófica, do bloco de Lenin com Bogdanov? Por que este é principista e o nosso não? Ficaria muito grato se obtiver uma resposta a esta pergunta." Falarei mais adiante da diferença política, ou melhor dito, da completa oposição entre ambos os blocos. Mas aqui interessa-nos a questão do método marxista. Onde está a diferença que você questiona? No fato de que Lenin nunca proclamou, em benefício de Bogdanov, que o materialismo dialético fosse supérfluo para resolver "questões políticas concretas"; no fato de que Lenin nunca confundiu teoricamente o partido bolchevique com os partidos em geral. Ele era organicamente incapaz de proferir semelhantes abominações. E não só ele, mas qualquer bolchevique sério. Esta é a diferença. Você compreende? Sarcasticamente, Shachtman prometeu-me que "ficaria muito grato" por receber uma resposta clara. Espero ter lhe dado uma resposta clara. Não exijo "gratidão".

O abstrato e o concreto. Economia e política

A parte mais lamentável do lamentável escrito de Shachtman é o capítulo "O Estado e o caráter da guerra". "Qual é então a nossa posição?", pergunta o autor.

"Simplesmente esta: é impossível deduzir *diretamente* nossa política a respeito de uma guerra *específica* a partir de uma caracterização *abstrata* sobre o caráter de classe do Estado envolvido na guerra, mais especificamente, a partir das formas de propriedade predominantes nesse Estado. A nossa política deve partir de um exame *concreto* do caráter da guerra em relação aos interesses da revolução socialista internacional." [Op. cit., p. 13, destacado por mim.]

Que confusão! Que bolo sofístico! Se é impossível deduzir a nossa política *diretamente* do caráter de classe de um Estado, então, por que não poderia se conseguir isso *indiretamente*? Por que é que a análise do

caráter do Estado tem que ser o *abstrato*, enquanto a análise do caráter da guerra é o *concreto*? Falando formalmente, pode-se dizer com o mesmo direito – na realidade com muito mais direito – que a nossa política em relação à URSS pode ser deduzida não de uma caracterização *abstrata* da guerra como "imperialista", mas sim de uma análise *concreta* do caráter do Estado na situação histórica dada. O sofismo fundamental sobre o qual Shachtman constrói todo o resto é bastante simples: uma vez que a base econômica não determina *imediatamente* os acontecimentos da superestrutura; uma vez que só a caracterização de classe do Estado *não basta* para resolver as tarefas práticas, portanto... podemos ir adiante sem uma análise da economia e da natureza de classe do Estado, substituindo-a, como diz Shachtman em sua gíria jornalística, pelas "realidades dos acontecimentos vivos". (Op. cit., p. 14.)

O mesmo argumento que Shachtman usou para justificar o seu bloco filosófico com Burnham (o materialismo dialético não determina imediatamente nossa política, por conseguinte... não afeta em geral as "tarefas políticas concretas") repete-se aqui, palavra por palavra, em relação à sociologia marxista. Portanto, uma vez que as formas de propriedade não determinam imediatamente a política de um Estado, é possível, ao se determinar as "tarefas políticas concretas", jogar fora de vez a sociologia marxista.

Mas por que não ir além? Já que a lei do valor-trabalho não determina os preços "direta" nem "imediatamente"; já que as leis da seleção natural não determinam "direta" nem "indiretamente" o nascimento de um leitão; já que as leis da gravidade não determinam "direta" nem "imediatamente" a queda de um policial bêbado da escada, então... deixemos Marx, Darwin, Newton e todos os demais amantes das "abstrações" colecionarem pó nas prateleiras. Isto não é nada mais do que o enterro solene da ciência, já que, em última instância, o curso geral do desenvolvimento da ciência segue de explicações mais "diretas" e "imediatas" para as mais remotas e profundas, da multiplicidade de acontecimentos para a unidade das forças motrizes.

A lei do valor-trabalho não determina os preços "imediatamente". No entanto, determina-os. Fenômenos "concretos", tais como a bancarrota da política do New Deal encontram a sua explicação, em última análise, na "abstrata" lei do valor. Roosevelt não a conhece, mas um marxista não pode não conhecê-la. Não de uma forma imediata, mas por meio

de toda uma série de fatores intermediários interagindo reciprocamente, as formas de propriedade determinam não só a política, mas também a moral. Um político proletário que tente ignorar a natureza de classe do Estado acabaria invariavelmente como o policial que ignora as leis da gravidade, ou seja, quebrando o nariz.

É evidente que Shachtman não leva em consideração a diferença entre o abstrato e o concreto. Esforçando-se em ser concreta, a nossa mente opera com abstrações. Mesmo "este" cachorro "concreto" é uma abstração porque começa a mudar, por exemplo, baixando seu rabo no "momento" em que lhe apontamos o dedo. O concreto é um conceito relativo, e não absoluto: o que é concreto num caso, torna-se abstrato em outro, ou seja, insuficientemente definido para um determinado propósito. Com a finalidade de obter um conceito suficientemente "concreto" para uma necessidade dada é preciso correlacionar várias abstrações numa só, exatamente da mesma forma como quando reproduzimos em uma tela um pedaço de vida, que é movimento, temos que combinar certo número de fotografias fixas. O concreto é uma combinação de abstrações, não uma combinação arbitrária ou subjetiva, mas que corresponde às leis do movimento de um fenômeno determinado.

"Os interesses da revolução socialista internacional", aos quais Shachtman apela contra a natureza de classe do Estado, representam, neste caso dado, a mais vaga das abstrações. Afinal de contas, a questão que nos ocupa é precisamente esta: de que forma concreta podemos promover os interesses da revolução? Também não seria inoportuno recordar que a tarefa da revolução socialista é a de criar um Estado operário. Consequentemente, antes de falar da revolução socialista é necessário aprender a fazer distinções entre "abstrações" como burguesia e proletariado, Estado capitalista e Estado operário.

Na verdade, Shachtman perde o seu próprio tempo e o dos outros para provar que a propriedade nacionalizada não determina "em si e por si mesma", "automaticamente", "diretamente", "imediatamente", a política do Kremlin. Sobre a questão de como a "base" econômica determina a "superestrutura" política, jurídica, filosófica, artística etc., existe uma rica literatura marxista. A visão de que a economia determina direta e imediatamente a capacidade criadora de um compositor ou mesmo o veredicto de um juiz representa uma velha caricatura do marxismo que o

professorado burguês de todos os países fez circular interminavelmente para ocultar a sua impotência intelectual.³⁶

Quanto à questão que nos diz respeito diretamente, a inter-relação entre os fundamentos sociais do Estado soviético e a política do Kremlin, permitam-me recordar ao esquecido Shachtman que durante dezessete anos assinalamos publicamente a contradição crescente entre os fundamentos estabelecidos pela Revolução de Outubro e as tendências da "superestrutura" estatal. Passo a passo, acompanhamos a crescente independência da burocracia em relação ao proletariado soviético e o crescimento da sua dependência em relação a outras classes e grupos, tanto dentro, como fora do país. Neste terreno, o que Shachtman pretende acrescentar à análise que já realizamos?

No entanto, apesar da economia não determinar nem direta, nem imediatamente a política, mas só em última instância, *ainda assim, a economia determina a política*. Os marxistas afirmam precisamente isto, em contraposição aos professores burgueses e seus discípulos. Quando analisávamos e expúnhamos a crescente independência política da burocracia em relação ao proletariado, nunca perdemos de vista os limites sociais objetivos desta "independência", ou seja, a propriedade nacionalizada, complementada pelo monopólio do comércio exterior.

Assombroso! Shachtman continua apoiando a palavra de ordem de uma revolução política contra a burocracia soviética. Pensou alguma vez, seriamente, no significado desta palavra de ordem? Se defendêssemos que os fundamentos sociais estabelecidos pela Revolução de Outubro se refletem "automaticamente" na política do Estado, então, para que seria necessária uma revolução contra a burocracia? Por outro lado, se a URSS deixou completamente de ser um Estado operário, não seria necessária uma revolução política, mas sim uma revolução social. Em consequência, Shachtman continua defendendo uma palavra de ordem que decorre: 1) Do caráter do Estado operário; 2) Do antagonismo irreconciliável entre os fundamentos sociais do Estado e a burocracia. Mas enquanto repete esta palavra de ordem, trata de corroer os seus fundamentos teóricos. Será, talvez, com o fim de de-

³⁶ Sobre esta questão, recomendo aos jovens camaradas que estudem as obras de Engels (*Anti-Dühring*), Plekhanov e Antonio Labriola. (N. do A.)

monstrar uma vez mais a independência da sua política em relação às "abstrações" científicas?

Sob o pretexto de empreender uma luta contra a caricatura burguesa do materialismo dialético, Shachtman escancara as portas ao idealismo histórico. Para ele, as formas de propriedade e o caráter de classe do Estado são *indiferentes* na política de um governo. O próprio Estado se lhe apresenta como um animal de sexo indeterminado. Com os dois pés firmemente plantados nesse alicerce de penas de galinha, Shachtman explica-nos pomposamente – em pleno 1940 – que além da propriedade nacionalizada existe também a canalha bonapartista e sua política reacionária. Grande novidade! Será que Shachtman pensou, por acaso, que estava falando para um jardim de infância?

Shachtman tenta fazer um bloco também com Lenin

Para esconder sua incompreensão sobre a essência do problema da natureza do Estado soviético, Shachtman se agarra às palavras que Lenin dirigiu contra mim em 30 de dezembro de 1920, durante a chamada discussão sobre os sindicatos:

"O camarada Trotsky fala do Estado operário. Permita-me, isto é uma abstração... Nosso Estado não é na realidade um Estado operário, mas sim um Estado operário e camponês... O nosso Estado atual é tal que, inclusive o proletariado organizado deve defender a si mesmo, e nós devemos utilizar estas organizações operárias para a defesa dos operários contra o seu Estado e para a defesa de nosso Estado pelos operários."

Apoiando-se nesta citação e apressando-se em proclamar que repeti o meu "erro" de 1920, Shachtman não se deu conta, na sua precipitação, de um erro capital na citação sobre a definição da natureza do Estado soviético. Em 19 de janeiro, o próprio Lenin escreveu o seguinte, sobre seu discurso de 30 de dezembro:

"Eu declarei: 'nosso Estado não é na realidade um Estado operário, mas sim um Estado operário e camponês'. Ao ler a ata da discussão, vejo agora que estava enganado... Deveria ter dito: 'O Estado operário é uma abstração. Na realidade, temos um Estado operário com os seguintes traços especiais: 1) São os camponeses e não os operários que predominam na população; 2) É um Estado operário com deformações burocráticas."

Deste episódio retiram-se as seguintes conclusões: Lenin atribuía tanta importância à definição sociológica precisa do Estado, que considerou necessário corrigir a si próprio no maior calor da polêmica! Mas Shachtman interessa-se tão pouco pela natureza de classe do Estado soviético, que vinte anos mais tarde não menciona nem o erro de Lenin, nem a correção de Lenin!

Não me deterei aqui sobre a questão de o quão corretamente Lenin dirigia os seus argumentos contra mim. Creio que o fez incorretamente, uma vez que não existiam diferenças de opinião entre nós sobre a definição do Estado. Mas agora não é esse o problema. A formulação teórica sobre a questão do Estado, feita por Lenin no parágrafo acima citado, conjuntamente com a importante correção que ele mesmo introduziu mais tarde, é absolutamente correta. Mas vejamos o incrível emprego que Shachtman faz da definição de Lenin: "Do mesmo modo que era possível falar há vinte anos", escreve, "do termo 'Estado operário' como de uma abstração, assim também é possível falar do termo 'Estado operário degenerado' como uma abstração". (Op. cit., p. 14.) É evidente que Shachtman não entendeu Lenin. Há vinte anos o termo "Estado operário" não podia ser considerado de modo algum uma abstração em geral, ou seja, algo irreal ou inexistente. A definição "Estado operário", ainda que correta em si e por si mesma, era inadequada em relação a uma tarefa particular, qual seja, a defesa dos operários a partir dos seus sindicatos; e somente neste sentido era abstrata. No entanto, em relação à defesa da URSS contra o imperialismo, esta mesma definição era, em 1920, como hoje, absolutamente concreta, ao tornar obrigatória para os operários a defesa do Estado em questão.

Shachtman não está de acordo. Escreve:

"Assim como foi necessário uma vez, em relação ao problema dos sindicatos, falar concretamente sobre que tipo de Estado operário existia na União Soviética, hoje é necessário estabelecer, em relação à guerra atual, o *grau* de degeneração do Estado soviético... e o *grau* de degeneração do regime não pode se estabelecer por meio de uma referência abstrata à existência da propriedade nacionalizada, mas sim pela observação das realidades [!] dos acontecimentos [!] vivos [!]."

Depois disto torna-se completamente incompreensível porque em 1920 a questão do caráter da URSS foi levantada junto com a questão

dos sindicatos, ou seja, com questões particulares internas do regime, enquanto que agora é levantada junto com a questão da defesa da URSS, isto é, em relação ao destino global do Estado. No primeiro caso, o Estado operário se contrapunha aos operários; no último, aos imperialistas. Era de se esperar. Se a analogia é manca das duas pernas, o que Lenin contrapunha, Shachtman identifica.

No entanto, se tomarmos as palavras de Shachtman por verdade, conclui-se que a questão que lhe interessa é somente o grau de degeneração (do quê? de um Estado operário?), ou seja, as diferenças quantitativas na avaliação. Suponhamos que Shachtman tenha sistematizado (onde?) o "grau" de forma mais precisa que nós. Mas de que forma diferenças puramente quantitativas na avaliação da degeneração do Estado operário podem afetar a nossa decisão sobre a defesa da URSS? É impossível fazer disto algo que tenha pés e cabeça. A verdade é que Shachtman continua fiel ao ecletismo, quer dizer, a si mesmo, empenhado na questão do "grau", apenas para manter o equilíbrio entre Abern e Burnham. O que se discute, na realidade, não é de modo algum o grau, que é determinado pelas "realidades dos acontecimentos vivos" (que terminologia precisa, "científica", "concreta" e "experimental"!), mas sim se estas mudanças quantitativas se transformaram em mudança qualitativas, quer dizer, se a URSS é ainda um Estado operário, mesmo que degenerado, ou se se transformou num novo tipo de Estado explorador.

Shachtman não tem uma só resposta a esta pergunta básica. Não sente necessidade alguma de uma resposta. O seu argumento é simples mimetismo verbal das palavras de Lenin, pronunciadas em relação a algo diferente, com diferente conteúdo, e que incluíam um erro reparado. Lenin declarou na sua versão corrigida: "O Estado em questão não é simplesmente um Estado operário, mas sim um Estado operário com deformações burocráticas." Shachtman afirma: "O Estado em questão não é simplesmente um Estado operário degenerado, mas sim..." Mas sim o quê? Shachtman não consegue acrescentar mais nada. Orador e auditório permanecem boquiabertos.

O que significa "Estado operário degenerado" para o nosso programa? O nosso programa responde esta questão com um grau de concretização totalmente adequado para resolver a questão da defesa da URSS, mais precisamente: 1) Aqueles traços que em 1920 constituíam uma "deformação burocrática" do sistema soviético se transformaram agora num regime buro-

crático independente, que devorou os sovietes; 2) A ditadura da burocracia, incompatível com as tarefas internas e internacionais do socialismo, introduziu e continua introduzindo deformações profundas na vida econômica do país; 3) No fundamental, entretanto, o sistema de economia planificada, sobre a base da propriedade estatal dos meios de produção, conservou-se e continua sendo uma conquista colossal da humanidade. A derrota da URSS numa guerra contra o imperialismo significaria não só a liquidação da ditadura burocrática, mas também da economia estatal planificada e o desmembramento do país em zonas de influência, uma nova estabilização do imperialismo e uma nova debilitamento do proletariado mundial.

A partir desse fato de que a "deformação burocrática" cresceu até se converter num regime de autocracia burocrática, chegamos à conclusão de que a defesa dos operários por meio dos seus sindicatos (que sofreram a mesma degeneração que o Estado) é hoje, diferentemente de 1920, completamente irreal. É necessário derrubar a burocracia. Esta tarefa só pode ser levada a cabo por meio da criação de um partido bolchevique ilegal na URSS.

A partir desse fato de que a degeneração do sistema político ainda não levou à destruição da economia estatal planificada, extraímos a conclusão de que ainda é dever do proletariado mundial defender a URSS contra o imperialismo e ajudar o proletariado soviético na sua luta contra a burocracia.

O que Shachtman encontra precisamente de abstrato na nossa definição da URSS? Que emendas concretas propõe? Se a dialética nos ensina que "a verdade é sempre concreta", então esta lei aplica-se com igual força à crítica. Não basta qualificar de abstrata uma definição. É preciso assinalar exatamente o que falta. De outro modo, a própria crítica se torna estéril. Em vez de concretizar ou modificar a definição que ele qualifica de abstrata, Shachtman a substitui por um buraco. Isso não basta. Um buraco, mesmo o mais pretensioso, deve ser reconhecido como a pior de todas as abstrações: pode se encher de qualquer conteúdo. Não deve nos surpreender o fato de que este buraco teórico, ao afastar a análise classista, dê origem à política do impressionismo e do aventureirismo.

"Economia concentrada"

Shachtman continua citando as palavras de Lenin de que "a política é economia concentrada" e de que, neste sentido, "a política deve to-

mar a primazia em relação à economia". A partir das palavras de Lenin, Shachtman dirige contra mim a acusação de que estou interessado, por assim dizer, só na "economia" (meios de produção nacionalizados) e que ignoro a "política". Este segundo esforço de explorar Lenin não é mais feliz que o primeiro. Aqui o erro de Shachtman assume verdadeiramente vastas proporções! Lenin quer dizer: quando os processos, tarefas e interesses econômicos adquirem um caráter *consciente e generalizado* ("concentrado"), entram na esfera da política em virtude deste mesmo fato e constituem a essência da política. Neste sentido, a política, como economia concentrada, surge por cima da atividade econômica cotidiana, atomizada, inconsciente e não generalizada.

Do ponto de vista marxista, a correção da política é determinada precisamente pela medida em que "concentra" profundamente e em todos os seus aspectos a economia, isto é, em que expressa as tendências progressivas do seu desenvolvimento. Por isso baseamos a nossa política, primeiro e acima de tudo, na nossa análise das formas de propriedade e das relações de classe. Para nós, uma análise mais detalhada e concreta dos fatores da "superestrutura" só é possível sobre esta base teórica. Assim, por exemplo, se acusássemos uma fração adversária de "conservadorismo burocrático", imediatamente buscaríamos as raízes sociais, quer dizer, de classe, deste fenômeno. Qualquer outro procedimento rebaixar-nos-ia à qualidade de marxistas "platônicos", senão mesmo à de simples palhaços barulhentos.

"A política é economia concentrada." Devemos supor que esta proposição se aplica também ao Kremlin. Ou será que, como exceção à regra geral, a política do governo de Moscou não é "economia concentrada", mas sim uma manifestação do livre arbítrio da burocracia? Nosso esforço em reduzir a política do Kremlin à economia nacionalizada, refletida de maneira distorcida nos interesses da burocracia, provoca uma frenética resistência em Shachtman. Ele guia-se, em relação à URSS, não pela consciente generalização da economia, mas sim pela "observação das realidades dos acontecimentos vivos", isto é, pelo método simples e prático, pelas improvisações, simpatias e antipatias. Contrapõe esta política impressionista à nossa política sociologicamente fundamentada e, ao mesmo tempo, nos acusa de... ignorar a política. Incrível! Certamente, em última análise, a política mal articulada e caprichosa de Shachtman

é igualmente expressão "concentrada" da economia, só que – ai! – da economia da pequena burguesia marginalizada.

Comparação com guerras burguesas

Shachtman recorda-nos que as guerras burguesas foram progressivas numa época e que em outro período se tornaram reacionárias e que, portanto, não basta dar a definição de classe de um Estado empenhado numa guerra. Esta afirmação não esclarece a questão, confunde-a. As guerras burguesas puderam ser progressivas só numa época em que todo o regime burguês era progressivo, em outras palavras, num tempo em que a propriedade burguesa, em contradição com a propriedade feudal, era um fator construtivo e progressivo. As guerras burguesas tornaram-se reacionárias quando a *propriedade burguesa* se converteu num freio para o desenvolvimento. Será que Shachtman quer dizer que, em relação à URSS, a propriedade estatal dos meios de produção se transformou num freio para o desenvolvimento e que a extensão dessa forma de propriedade a outros países constitui uma reação econômica? É evidente que Shachtman não quer dizer isto. Simplesmente, não retira a conclusão lógica de seus próprios pensamentos.

O exemplo das guerras nacionais burguesas de fato oferece uma lição muito instrutiva, mas Shachtman a ignora sem se perturbar. Marx e Engels lutaram por uma república alemã unificada. Na guerra de 1870-1871, estiveram ao lado dos alemães apesar da luta pela unificação ser explorada pelos parasitas dinásticos.

Shachtman refere-se ao fato de que ao realizar-se a anexação da Alsácia-Lorena, Marx e Engels se voltaram imediatamente contra a Prússia. Mas esta mudança serve para ilustrar de forma ainda mais clara o nosso ponto de vista. É inadmissível esquecer por um instante que se tratava de uma guerra entre dois Estado burgueses. Assim, ambos os campos tinham um denominador comum de classe. Decidir qual dos dois era o "mal menor" – na medida em que a história dá lugar à escolha – só era possível sobre a base de fatores complementares. Do lado alemão, tratava-se de criar um Estado *nacional* burguês como arena da vida econômica e cultural. O Estado *nacional* durante esse período era um fator histórico progressivo. Nessa medida, Marx e Engels estiveram do lado

dos alemães, apesar dos Hohenzollern e de seus *junkers*. A anexação da Alsácia-Lorena violou o princípio do Estado nacional, tanto no que se refere à França, quanto no que diz respeito à Alemanha, e colocou as bases para uma guerra de vingança. Marx e Engels, logicamente, voltaram-se violentamente contra a Prússia. No entanto, não correram de modo algum o risco de prestar qualquer serviço a um sistema de economia inferior contra outro superior, dado que em ambos os campos, repetimos, prevaleciam relações burguesas. Se a França fosse um Estado operário em 1870, então Marx e Engels estariam, desde o princípio, a favor da França, uma vez que – e é constrangedor ter de mencionar isso novamente – guiavam-se, em toda sua atividade, pelo critério de classe.

Hoje, nos velhos países capitalistas, já não é a resolução das tarefas nacionais que se encontra em questão. Pelo contrário, a humanidade sofre a contradição entre as forças produtivas e a estrutura demasiado estreita do Estado nacional. A economia planificada, sobre a base da propriedade socializada, livre das fronteiras nacionais, é a tarefa do proletariado internacional, principalmente na Europa. Esta tarefa se expressa, precisamente, na nossa palavra de ordem: "Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!" A expropriação dos proprietários na Polônia, como na Finlândia, é um fator progressivo em si e por si mesmo. Neste processo, os métodos burocráticos do Kremlin ocupam o mesmo lugar que os métodos dinásticos dos Hohenzollern na unificação da Alemanha. Sempre que nos confrontamos com a necessidade de escolher entre a defesa de formas reacionárias de propriedade, mediante medidas reacionárias, e a introdução de formas progressivas de propriedade, mediante medidas burocráticas, não colocaremos, de modo algum, ambos os campos no mesmo nível. Escolheremos o mal menor. Nisto, não existe mais "capitulação" ante o stalinismo do que capitulação ante os Hohenzollern na política de Marx e Engels. Não é necessário acrescentar que o papel dos Hohenzollern na guerra de 1870-1871 não justificou nem o papel histórico geral da dinastia, nem mesmo a sua existência.

Derrotismo conjuntural ou o ovo de Colombo

Permita-nos agora observar como Shachtman, auxiliado por um buraco teórico, opera com as "realidades dos acontecimentos vivos" numa questão especialmente vital. Ele escreve: "Nunca apoiamos a política internacional do Kremlin... Mas o que é a guerra? A guerra é a continuação da política por outros meios. Então, porque teríamos que apoiar a guerra, que é a continuação da política internacional que não apoiamos?" (Op. cit., p. 15.) Não se pode negar que este argumento é completo. Aqui, sob a forma de um simples silogismo, somos colocados perante uma acabada teoria de *derrotismo*. Tão simples como o ovo de Colombo! Como nunca apoiamos a política internacional do Kremlin, não devemos *nunca* apoiar a URSS. Assim deveria dizer.

Nós rejeitamos as políticas interna e externa do Kremlin mesmo antes do pacto germano-soviético e da invasão da Polônia pelo Exército Vermelho. Isto significa que as "realidades dos acontecimentos vivos" do ano passado não têm a menor relação com o caso. Se no ano passado fomos defensistas em relação à URSS, só foi como resultado da incoerência. Shachtman revê não só a política atual da Quarta Internacional, como também a do passado. Como estamos contra Stalin, devemos portanto estar também contra a URSS. Há muito que Stalin tem esta opinião. Shachtman chegou a ela só bem recentemente. De sua rejeição da política do Kremlin, deduz-se um derrotismo total e indivisível. Assim deveria dizer. Mas Shachtman não tem coragem para isso. Numa passagem anterior escreve: "Dizíamos", a minoria continua dizendo, "que se os imperialistas atacassem a União Soviética com o propósito de esmagar a última conquista da Revolução de Outubro e reduzir a Rússia a um mosaico de colônias, apoiaríamos incondicionalmente a União Soviética". (Op. cit., p. 15.) Um momento, um momento! A política internacional do Kremlin é reacionária; a guerra é a continuação de sua política reacionária. Como então se conclui, inesperadamente, que se os perversos imperialistas "atacassem" a URSS e se esses perversos imperialistas tivessem o pouco recomendável objetivo de transformá-la numa colônia, como é que sob semelhantes "condições" excepcionais Shachtman defenderá a URSS... "incondicionalmente"? Onde está o sentido disso? Onde está a lógica? Ou será que Shachtman, seguindo o exemplo de Burnham, também relaciona a lógica à esfera da religião e de outros artigos de museu?

A chave deste emaranhado de confusão está no fato de que a declaração: "nunca apoiamos a política internacional do Kremlin" é uma

abstração. Deve ser dissecada e concretizada. Na sua política atual, tanto interna como externa, a burocracia coloca em primeiro e principal lugar a defesa de seus próprios interesses parasitários. Nessa medida, travamos uma luta mortal contra ela. Mas, em última análise, por meio dos interesses da burocracia, de uma forma muito distorcida, refletem-se os interesses do Estado operário. Nós defendemos estes interesses com nossos próprios métodos. Assim, não lutamos de modo algum contra o fato de que a burocracia salvaguarde (a seu modo!) a propriedade estatal, o monopólio do comércio exterior ou se negue a pagar as dívidas czaristas. No entanto, numa guerra entre a URSS e o mundo capitalista – independentemente dos incidentes que tivessem levado à guerra ou dos "fins" deste ou daquele governo – o que se debate é precisamente o destino daquelas conquistas históricas que nós defendemos incondicionalmente, quer dizer, apesar da política reacionária da burocracia. Consequentemente, a questão se reduz - em última e decisiva instância - à natureza de classe da URSS.

Lenin deduziu a política do derrotismo do caráter imperialista da guerra, mas não se deteve aí. Deduziu o caráter imperialista da guerra a partir de uma etapa específica no desenvolvimento do regime capitalista e de sua classe dominante. Como o caráter da guerra está determinado precisamente pelo caráter de classe da sociedade e do Estado, Lenin recomendou que, ao determinarmos nossa política frente à guerra imperialista, nos abstraíssemos de circunstâncias "concretas", tais como a monarquia, a agressão e a defesa nacional. Em oposição a isto, Shachtman propõe que deduzamos o derrotismo das condições conjunturais. Este derrotismo é indiferente ao caráter de classe da URSS e da Finlândia. Bastam-lhe os traços reacionários da burocracia e da "agressão". Quando a França, a Inglaterra ou os Estados Unidos mandam aviões e canhões para a Finlândia, isto não tem qualquer significado na determinação da política de Shachtman. Mas se as tropas britânicas desembarcarem na Finlândia, então Shachtman colocará um termômetro debaixo da língua de Chamberlain e determinará as suas intenções: apenas salvar a Finlândia da política imperialista do Kremlin ou derrubar a "última conquista da Revolução de Outubro". Estritamente de acordo com a leitura do termômetro, Shachtman, o derrotista, está pronto a transformar-se em defensista. Isto é o que ele quer dizer com substituir os princípios abstratos pelas "realidades dos acontecimentos vivos".

Shachtman, como já vimos, exige insistentemente que se citem precedentes: no passado, quando e em que ponto se manifestou o oportunismo pequeno-burguês dos líderes da oposição? A resposta que já lhe dei sobre este ponto deve ser complementada com duas cartas que trocamos sobre a questão do defensismo e dos métodos do defensismo em relação aos acontecimentos da revolução espanhola. Em 18 de setembro de 1937 Shachtman me escreveu:

"Você diz: 'se tivéssemos um membro nas Cortes, ele votaria *contra* o orçamento militar de Negrín'. A menos que seja um erro tipográfico, isto nos parece um *non-sequitur*.³⁷ Se – como todos nós estamos de acordo – *o elemento de uma guerra imperialista* não é dominante atualmente na luta espanhola e se, pelo contrário, o elemento decisivo é ainda a luta entre a democracia burguesa em decomposição por um lado, com tudo o que isso significa, e o fascismo pelo outro, e se além disso somos obrigados a dar apoio militar à luta contra o fascismo, não vemos como seria possível votar nas Cortes contra o orçamento militar... Se um camarada socialista da frente de Huesca perguntasse a um bolchevique-leninista porque seu representante nas Cortes votou contra a proposta de Negrín de enviar um milhão de pesetas para a compra de fuzis para a frente, qual seria a resposta deste bolchevique-leninista? Parece-nos que não teria uma resposta efetiva..." [grifado por mim.]

Esta carta me espantou. Shachtman queria conceder confiança ao governo traidor de Negrín sobre a base puramente negativa de que "o elemento de uma guerra imperialista" não era dominante na Espanha.

Em 20 de setembro de 1937, respondi a Shachtman:

"Votar o orçamento militar do governo Negrín significaria votar a nossa confiança política nele... Fazê-lo seria um crime. Como explicaríamos nosso voto aos operários anarquistas? De forma muito simples: não temos a menor confiança na capacidade deste governo para conduzir a guerra e assegurar a vitória. Acusamos este governo de proteger os ricos e de deixar morrer de fome os pobres. Este governo deve ser derrubado. Enquanto não formos suficientemente fortes para substituí-lo, lutamos sob seu comando. Mas, em todas as ocasiões, expressamos abertamente a nossa falta de con-

³⁷ Do latim, "não se segue", argumento no qual a conclusão não segue as premissas, falácia lógica. (N. do E.)

fiança nele: é a única possibilidade de mobilizar politicamente as massas contra este governo e preparar a sua derrubada. Qualquer outra política seria uma traição à revolução."

O tom da minha resposta reflete muito debilmente o... assombro que me produziu a posição oportunista de Shachtman. Os erros isolados são, naturalmente, inevitáveis, mas agora, dois anos depois, esta correspondência se ilumina com uma nova luz. Como defendemos a democracia burguesa contra o fascismo, raciocina Shachtman, não podemos recusar, portanto, nossa confiança no governo burguês. Ao aplicar este mesmo teorema à URSS, ele se transforma no seu oposto: como não depositamos qualquer confiança no governo do Kremlin, não podemos, portanto, defender o Estado operário. O pseudorradicalismo é, também neste caso, a outra face do oportunismo.

Renúncia ao critério de classe

Lembremos de novo o abecê. Na sociologia marxista o ponto inicial de análise de um fenômeno dado - por exemplo, Estado, partido, tendência filosófica, escola literária etc. - é a sua definição de classe. Na maior parte dos casos, no entanto, a simples definição de classe é inadequada, já que uma classe se compõe de diferentes estratos, passa por diferentes fases de desenvolvimento, encontra-se sob diferentes condições, está sujeita à influência de outras classes. Torna-se necessário levar em conta fatores de segunda e de terceira ordem, com o objetivo de precisar a análise. Dependendo do objetivo específico, tomamos esses fatores conjuntamente ou em separado. Mas para um marxista, é impossível fazer uma análise sem uma caracterização de classe do fenômeno considerado. Os sistemas ósseo e muscular não esgotam a anatomia de um animal. No entanto, um tratado de anatomia que tentasse "abstrair-se" dos ossos e dos músculos ficaria se balançando no ar. A guerra não é um órgão, mas uma função da sociedade, quer dizer, da sua classe dominante. É impossível definir e estudar uma função sem compreender o órgão, quer dizer, o Estado. É impossível conseguir um entendimento científico do órgão sem compreender a estrutura geral do organismo, quer dizer, a sociedade. Os ossos e os músculos da sociedade estão construídos pelas forças produtivas e pelas relações (de propriedade) de classe. Shachtman defende que é possível que uma função, a guerra, possa ser estudada "concretamente", independentemente do órgão a que pertence, quer dizer, do Estado. Isto não é monstruoso?

Este erro fundamental complementa-se com outro, igualmente evidente. Depois de separar a função do órgão, Shachtman, ao estudar a própria função e contrariando todas as suas promessas, parte não do abstrato para o concreto, mas sim, ao contrário, dissolve o concreto no abstrato. A guerra imperialista é uma das funções do capital financeiro, quer dizer, da burguesia, que, chegada a certa fase de desenvolvimento, se apoia sobre um capitalismo de estrutura específica, ou seja, o capital monopolista. Esta definição é suficientemente concreta para as nossas conclusões políticas básicas. Mas ao estender o termo de guerra imperialista para cobrir também o Estado soviético, Shachtman cava o terreno sob seus próprios pés. Com o fim de encontrar uma justificativa, mesmo que superficial, para aplicar à expansão do capital financeiro e à expansão do Estado operário uma mesma designação, Shachtman vê-se obrigado a afastar a estrutura de ambos os Estados em conjunto, proclamando que ela é... uma abstração. Assim, brincando de esconde-esconde com o marxismo, Shachtman chama o concreto de abstrato e apresenta o abstrato como concreto!

Este escandaloso jogo com a teoria não é acidental. Nos Estados Unidos, qualquer pequeno-burguês, sem exceção, está pronto a chamar de "imperialista" qualquer ocupação de território, especialmente agora que os Estados Unidos não estão se dedicando a conquistar territórios. Mas caso se diga a este mesmo pequeno-burguês que toda a política externa do capital financeiro é imperialista, quer esteja ou não sendo levada a cabo, no momento dado, uma anexação ou a "defesa" da Finlândia contra a anexação, então, o nosso pequeno-burguês dará pulos de uma santa indignação. Naturalmente, os líderes da oposição diferem consideravelmente do pequeno-burguês médio nos seus objetivos e no seu nível político, mas, infelizmente, possuem raízes comuns de pensamento. Um pequeno-burguês separa invariavelmente os acontecimentos políticos da sua base social, já que existe um conflito orgânico entre uma análise classista dos fatos e a posição social e a educação da pequena burguesia.

Uma vez mais: Polônia

A minha observação de que o Kremlin, com os seus métodos burocráticos, deu um impulso à revolução socialista na Polônia, é convertida por Shachtman na afirmação de que é possível, segundo o meu ponto de vista, uma "revolução burocrática" do proletariado. Isto não só é incorreto, como desleal. Minha expressão estava rigidamente limitada. Não se trata de "revolução burocrática", mas apenas de um impulso burocrático. Negar este impulso é negar a realidade. Em todo caso, as massas populares da Ucrânia Ocidental e da Bielo-Rússia sentiram este impulso, entenderam seu significado e utilizaram-no para levar a cabo uma transformação drástica nas relações de propriedade. Um partido revolucionário que se desse conta deste impulso a tempo e se recusasse a utilizá-lo só serviria para ser jogado no lixo.

Este impulso em direção à revolução socialista só foi possível porque a burocracia da URSS se apoia e tem suas raízes na economia de um Estado operário. A utilização revolucionária deste "impulso" pelos ucranianos e bielo-russos só foi possível mediante a luta de classes nos territórios ocupados e a partir da força do exemplo da Revolução de Outubro. Finalmente, o rápido estrangulamento ou semiestrangulamento deste movimento revolucionário de massas foi possível em virtude do seu isolamento e do poder da burocracia de Moscou. Quem não for capaz de entender a interação dialética destes três fatores – Estado operário, massas oprimidas e burocracia bonapartista – faria melhor em abster-se de palavrear sobre os acontecimentos da Polônia.

Nas eleições para a Assembleia Popular da Ucrânia Ocidental e da Bielo-Rússia Ocidental, o programa eleitoral, ditado, naturalmente, pelo Kremlin, incluiu três pontos extremamente importantes: inclusão de ambas as províncias na Federação da URSS, confisco dos latifúndios em favor dos camponeses e nacionalização da grande indústria e dos bancos. Os democratas ucranianos, a julgar pela sua conduta, consideraram um mal menor estarem unificados sob a jurisdição de um só Estado. E do ponto de vista da futura luta pela independência, estão certos. Quanto aos outros dois pontos do programa, se poderia pensar que não teria como haver qualquer dúvida entre nós sobre o seu caráter progressista. Tentando negar o inegável, quer dizer, que foram justamente as bases

sociais da URSS que impuseram ao Kremlin um programa social revolucionário, Shachtman faz referência à Letônia, Lituânia e Estônia, onde tudo permaneceu como antes. Argumento incrível!

Ninguém disse que a burocracia soviética, sempre e onde quiser, deseja ou é capaz de levar a cabo a expropriação da burguesia. A única coisa que dizemos é que nenhum outro governo poderia ter realizado a transformação social que, apesar de sua aliança com Hitler, a burocracia do Kremlin viu-se obrigada a sancionar na Polônia Oriental. Se não o fizesse, não teria podido incluir o território na federação da URSS.

Shachtman reconhece a própria transformação. Não pode negá-la. É incapaz de explicá-la. No entanto, tenta salvar a cara. Escreve: "Na Ucrânia polonesa e na Bielo-Rússia, onde a exploração de classe se intensificou com a opressão nacional... os próprios camponeses começaram a tomar as terras e expulsar os latifundiários, que já começavam a fugir." (Op. cit., p. 16.) Dessa forma, quer dizer que o Exército Vermelho não teve nada a ver com isso. Penetrou na Polônia somente como uma "força contrarrevolucionária" para suprimir o movimento. Então, por que os operários e camponeses da Polônia Ocidental, tomada por Hitler, não organizaram uma revolução? Por que foram principalmente os revolucionários, os "democratas" e os judeus os que fugiram daí, enquanto que na Polônia Oriental foram principalmente os latifundiários e capitalistas? Shachtman não tem tempo para pensar nisto: está muito ocupado em explicar-me que a concepção da "revolução burocrática" é absurda, já que a emancipação dos trabalhadores pode ser levada a cabo somente pelos próprios trabalhadores. Não é justo repetir que Shachtman sente todo o tempo que está falando para um jardim de infância?

No órgão parisiense dos mencheviques – que, se isso for possível, são ainda mais "irreconciliáveis" na sua atitude em relação à política exterior do Kremlin do que Shachtman – se informa que "nas aldeias, muito frequentemente, com a simples aproximação das tropas soviéticas [quer dizer, ainda antes de sua entrada num dado distrito], surgiram comitês camponeses por todos os lados, órgãos elementares do autogoverno revolucionário camponês".

As autoridades militares apressaram-se, é claro, em subordinar estes comitês aos órgãos burocráticos estabelecidos por eles nos centros

urbanos. No entanto, viram-se obrigadas a apoiar-se nos comitês camponeses, já que sem eles era impossível levar a cabo a revolução agrária.

Dan, o líder dos mencheviques, escreveu em 19 de outubro: "De acordo com o testemunho unânime de todos os observadores, a aparição do Exército e da burocracia soviéticas provocou, não só no território ocupado por eles, mas também além dos seus limites, um impulso [!!!] à desordem social e às transformações sociais." O "impulso", como se pode ver, não foi inventado por mim, mas pelo "testemunho unânime de todos os observadores" dotados de olhos e ouvidos. Dan vai ainda mais longe e expressa a suposição de que "as ondas provocadas por este impulso não afetarão só o poderio alemão num período de tempo comparativamente muito curto, como também, num grau maior ou menor, envolverão outros Estados".

Outro autor menchevique escreve:

"Apesar do Kremlin ter tentado evitar qualquer coisa que tivesse o sabor da grande revolução, o próprio fato da entrada das tropas soviéticas nos territórios da Polônia Oriental, com suas velhas relações agrárias semifeudais, tinha que provocar um tempestuoso movimento agrário. Com a aproximação das tropas soviéticas, os camponeses começaram a tomar os latifúndios dos grandes proprietários e a formar comitês de camponeses."

Observem: com a aproximação das tropas soviéticas, e de modo algum com a sua expulsão, como deveria ser, de acordo com as palavras de Shachtman. Cito o testemunho dos mencheviques porque estão muito bem informados, com fontes de informação procedentes dos emigrados judeus e poloneses que chegam à França e com quem têm relações amistosas, e também porque como estes cavalheiros capitularam perante a burguesia francesa, não são suspeitos de terem capitulado perante o stalinismo.

Além disso, o testemunho dos mencheviques é confirmado nos informes da imprensa burguesa.

"A revolução agrária na Polônia soviética teve a força de um movimento espontâneo. Logo que se espalhou a notícia de que o Exército Vermelho tinha cruzado o rio Zbrucz, os camponeses começaram a dividir entre eles os hectares dos latifundiários. Primeiro, deu-se terra aos pequenos proprietários, e assim se expropriou cerca de 30% da terra arável." (*New York Times*, 17 de janeiro de 1940.)

Como se se tratasse de um novo argumento, Shachtman lança mão de minhas próprias palavras para defender que a expropriação dos latifundiários na Polônia Oriental não pode alterar a nossa análise sobre a política geral do Kremlin. Claro que não! Ninguém propôs isso. Com a ajuda da Internacional Comunista, o Kremlin desorientou e desmoralizou a classe operária de uma forma que não só facilitou a eclosão de uma nova guerra imperialista, como tornou também extremamente difícil a utilização desta guerra para a revolução. Comparada com aqueles crimes, a transformação social nas duas províncias, que foi paga ainda por cima com a dominação da Polônia, é, naturalmente, de importância secundária e não altera o caráter geral reacionário da política do Kremlin. Mas, por iniciativa da própria oposição, a questão agora colocada não é a de política geral, mas sim a de sua refração concreta sob condições específicas de tempo e de lugar. Para os camponeses da Galícia e da Bielo-Rússia Ocidental, a transformação agrária foi da maior importância. A Quarta Internacional não poderia boicotar esta transformação com o argumento de que a iniciativa foi tomada pela burocracia reacionária. O nosso estrito dever era participar nesta transformação junto com os operários e os camponeses e, nessa medida, junto com o Exército Vermelho. Ao mesmo tempo, era indispensável prevenir incansavelmente as massas sobre o caráter reacionário geral da política do Kremlin e dos perigos que ela leva para os territórios ocupados. Saber como combinar estas duas tarefas ou, mais exatamente, os dois aspectos de uma mesma tarefa – nisso reside a política bolchevique.

Uma vez mais: Finlândia

Tendo revelado tão singular entendimento sobre os acontecimentos da Polônia, Shachtman lança-se sobre mim, com autoridade redobrada, em relação aos acontecimentos na Finlândia. No meu artigo "Uma oposição pequeno-burguesa" escrevi que "aparentemente, a guerra finosoviética começa a ser complementada por uma guerra civil, na qual o Exército Vermelho se encontra, na atual fase, no mesmo campo que os pequenos camponeses e operários finlandeses". Esta fórmula extremamente cautelosa não contou com a aprovação de meu implacável juiz. Minha avaliação sobre os acontecimentos na Polônia colocou-o fora dos

eixos. "Encontro ainda menos (provas) para suas – como direi? – espantosas observações sobre a Finlândia", escreve Shachtman na página 16 de sua "Carta". Lamento pelo fato de Shachtman preferir espantar-se em vez de pensar.

Nos Estados bálticos o Kremlin limitou seu trabalho em conseguir vantagens estratégicas com o indiscutível cálculo de que no futuro as bases militares de apoio também permitirão a sovietização destas antigas partes do império czarista. Estes êxitos na região báltica, conseguidos pela ameaça diplomática, depararam-se, no entanto, com a resistência da Finlândia. Submeter-se a esta resistência teria significado para o Kremlin colocar em perigo o seu "prestígio" e, portanto, os seus êxitos na Estônia, Letônia e Lituânia. Assim, contrariando os seus planos iniciais, o Kremlin viu-se obrigado a recorrer à força armada. A partir deste fato, qualquer pessoa que raciocinasse se perguntaria: será que o Kremlin só pretende atemorizar a burguesia finlandesa e forçá-la a fazer concessões, ou irá mais longe?

Naturalmente que não pode haver uma resposta "automática" a esta pergunta. Era necessário – à luz das tendências gerais – orientar-se com base em sintomas concretos. Os líderes da oposição são incapazes disto.

As operações militares começaram em 30 de novembro. Nesse mesmo dia, o Comitê Central do Partido Comunista Finlandês, sem dúvida situado em Leningrado ou Moscou, lançou pela rádio um manifesto ao povo trabalhador da Finlândia. Tal manifesto proclamava: "Pela segunda vez na história da Finlândia a classe operária finlandesa trava uma luta contra o jugo da plutocracia. A primeira experiência dos operários e camponeses, em 1918, terminou com a vitória dos capitalistas e latifundiários. Mas desta vez... o povo trabalhador terá que vencer." Este manifesto indicava claramente, por si só, que o que existia não era uma tentativa de atemorizar o governo burguês da Finlândia, mas sim um plano para provocar a insurreição no país e completar a invasão do Exército Vermelho com a guerra civil.

A declaração do chamado Governo Popular, publicada em 2 de dezembro, afirmava: "Em diferentes locais do país o povo já se levantou e proclamou a criação de uma República democrática." Esta afirmação é, obviamente, uma invenção. De outro modo, o manifesto teria mencionado os lugares onde teriam sido levadas a cabo as tentativas de insurreição. É possível, no entanto, que tentativas isoladas, preparadas de fora, tenham terminado no fracasso e precisamente por isso tenha sido melhor não entrar em detalhes. Em qualquer caso, as notícias referentes a "insurreições" constituíram um chamado à insurreição. Quanto ao resto, a declaração continha informação sobre a formação do "primeiro corpo finlandês, que, no curso das próximas batalhas, será engrossado por voluntários das fileiras de operários e camponeses revolucionários". Tivessem existido mil homens neste "corpo" ou fossem só cem, o significado do "corpo" na determinação da política do Kremlin foi indiscutível. Ao mesmo tempo, despachos telegráficos informavam sobre expropriação de grandes latifúndios nas regiões fronteiriças. Não existe a menor dúvida de que foi exatamente isto o que aconteceu durante o primeiro avanço do Exército Vermelho. Entretanto, ainda que estes despachos sejam considerados invenções, conservam inteiramente seu significado como apelo para uma revolução agrária. Para pôr os camponeses em movimento eram necessários triunfos importantes do Exército Vermelho. Mas durante seu primeiro avanço mal preparado, o Exército Vermelho só sofreu derrotas. Sob tais condições, nem sequer era possível falar de um levantamento camponês. Era impossível esperar uma guerra civil independente na Finlândia perante tal estado de coisas: os meus cálculos falavam muito precisamente de complementar as operações militares com medidas de guerra civil. Tenho em mente - pelo menos até que o Exército finlandês seja aniquilado – só o território ocupado e as regiões adjacentes. Hoje, 17 de janeiro, enquanto escrevo estas linhas, despachos de fontes finlandesas informam que uma das províncias fronteiriças foi invadida por destacamentos de emigrados finlandeses e que nesse local, literalmente, irmão está matando irmão. O que é isto senão um episódio de guerra civil? Em todo caso, não se pode duvidar que um novo avanço do Exército Vermelho na Finlândia confirmará a nossa apreciação geral da guerra a cada passo. Shachtman não tem uma análise dos acontecimentos, nem a insinuação de um prognóstico. Ele limita-se à nobre indignação e, por esta razão, se afunda cada vez mais.

O apelo do "Governo Popular" propunha o controle operário. Que importância tem isso? – exclama Shachtman. Não existe controle operário na URSS. Por que motivos haverá na Finlândia? É triste dizê-lo, mas Shachtman revela uma completa falta de compreensão da situação.

Na URSS o controle operário é uma fase consumada há muito tempo. Do controle sobre a burguesia passou-se à gestão da produção nacionalizada; da gestão dos operários, ao comando da burocracia. Um novo controle operário significaria agora um controle sobre a burocracia. Isto não pode ocorrer a não ser como resultado de um levantamento vitorioso contra a burocracia. Na Finlândia o controle operário significa nada mais do que expulsar a burguesia nativa, cujo lugar a burocracia se propõe ocupar. Quanto ao resto, não se pode pensar que o Kremlin seja tão estúpido para tentar governar a Polônia Oriental ou a Finlândia via comissários vindos de fora. Para o Kremlin é da maior urgência fazer surgir um novo aparato administrativo entre a população trabalhadora das áreas ocupadas. Esta tarefa só pode ser resolvida em várias etapas. A primeira são os comitês camponeses e o controle operário.³⁸

Shachtman aferra-se até mesmo ao fato de que o programa de Kuusinen "é, formalmente, o programa de uma 'democracia' burguesa". Com isto, estará querendo dizer que o Kremlin se interessa mais em estabelecer uma democracia burguesa na Finlândia do que incluir este país na estrutura da URSS? O próprio Shachtman não sabe o que quer dizer. Na Espanha, que Moscou não planejava incorporar à URSS, do que se tratou na realidade foi de demonstrar a capacidade do Kremlin de salvaguardar a democracia burguesa contra a revolução proletária. Esta tarefa derivava dos interesses da burocracia do Kremlin naquela particular situação internacional. Hoje a situação é distinta. O Krem-

³⁸ Este artigo já estava escrito quando li, no *New York Times* de 17 de janeiro, as seguintes linhas, relativas à antiga Polônia oriental:

[&]quot;Na indústria ainda não se realizaram atos de expropriação em grande escala. Os principais centros bancários, a rede ferroviária e muitas das grandes empresas industriais foram estatizadas anos antes da ocupação russa. Nas pequenas e médias indústrias os trabalhadores exercem agora o controle sobre a produção.

[&]quot;Os industriais conservam nominalmente o pleno direito de propriedade sobre seus estabelecimentos, mas são obrigados a submeter os relatórios dos custos de produção etc. à consideração dos delegados dos trabalhadores. Estes últimos, junto com os patrões, estabelecem os salários, as condições de trabalho e um lucro justo para os industriais." Vemos que "a realidade dos fatos vivos" não se submete em absoluto aos modelos sem vida dos dirigentes da oposição. Entretanto, as nossas "abstrações" estão se convertendo em carne e osso. (N. do A.)

lin não se prepara para demonstrar a sua utilidade à França, Inglaterra e Estados Unidos. Como demonstraram suas ações, ele está firmemente decidido a sovietizar a Finlândia em uma ou duas etapas. O programa de governo de Kuusinen, mesmo que analisado do ponto de vista "formal", não se diferencia do programa dos bolcheviques de novembro de 1917. Claro, Shachtman explora muito o fato de que eu dê, geralmente, muita importância ao manifesto do "idiota" Kuusinen. No entanto, tomarei a liberdade de considerar que o "idiota" Kuusinen, ao atuar sob o mando do Kremlin e com o apoio do Exército Vermelho, representa um fator político muito mais sério do que superficiais sabichões que se negam a pensar utilizando a lógica interna (dialética) dos acontecimentos.

Como resultado da sua notável análise, Shachtman propõe, desta vez abertamente, uma política derrotista em relação à URSS e acrescenta (para caso de emergência) que não deixa de ser, de modo algum, um "patriota de sua classe". Tomaremos nota. Mas, para sua desgraça, Dan, o líder dos mencheviques, escreveu em 12 de novembro que no caso de a União Soviética invadir a Finlândia, o proletariado mundial "deve tomar uma posição derrotista definitiva em relação a esse violador". (Sotsialistichesky Vestnik, n° 19-20, p. 43.) É necessário acrescentar que durante o regime de Kerensky, Dan foi um raivoso defensista. Não conseguiu ser derrotista nem sequer sob o czar. Só a invasão da Finlândia pelo Exército Vermelho converteu Dan em derrotista. Naturalmente, não foi por isso que deixou de ser um "patriota de sua classe". Que classe? Esta questão não deixa de ser interessante. Shachtman não está de acordo com Dan no que se refere à análise dos acontecimentos, já que este, por se encontrar mais perto do teatro da ação, não pode substituir os fatos por ficção. Em compensação, no que se refere às "conclusões políticas concretas", Shachtman acaba sendo um "patriota" da mesma classe que Dan. Esta classe, em sociologia marxista, se a oposição me permite, chama-se pequena burguesia.

A teoria dos "blocos"

Para justificar o seu bloco com Burnham e Abern – contra a ala proletária do partido, contra o programa da Quarta Internacional e contra o método marxista – Shachtman não perdoou a história do movimento

revolucionário, que – segundo suas palavras – estudou especialmente a fim de transmitir grandes tradições à jovem geração. A finalidade é, naturalmente, excelente. Mas exige um método científico. Entretanto, Shachtman começou por sacrificar o método científico em função de um bloco. Os seus exemplos históricos são arbitrários, não meditados e categoricamente falsos.

Nem toda colaboração é um bloco no sentido próprio da palavra. Não são raros os acordos episódicos que de modo algum se transformam e que não podem ser transformados em um bloco prolongado. Por outro lado, o pertencimento a um mesmo partido dificilmente pode ser chamado de bloco. Nós, junto com o camarada Burnham, pertencemos (e espero que continuemos a pertencer até o fim) a um mesmo partido internacional, mas isto ainda não é um bloco. Dois partidos podem chegar a um acordo para a formação de um bloco de longo prazo com o objetivo de lutarem juntos contra um inimigo comum: tal foi a política da "frente popular". Tendências próximas, mas não idênticas, dentro de um mesmo partido, podem chegar a um acordo para formar um bloco contra uma terceira fração.

Para avaliar os blocos internos do partido, são de importância decisiva duas questões: 1) Primeiro e acima de tudo, contra quem ou o quê está dirigido o bloco?; 2) Qual é a relação de forças dentro do bloco? Assim, para uma luta contra o chauvinismo dentro do partido, é inteiramente permitida a formação de um bloco entre internacionalistas e centristas. O resultado do bloco dependeria, neste caso, da clareza do programa dos internacionalistas, de sua coerência e disciplina, já que, frequentemente, para se determinar a relação de forças, estes aspectos são mais importantes que o seu número.

Como dissemos antes, Shachtman utiliza o bloco de Lenin com Bogdanov. Já afirmei que Lenin não fez a mínima concessão teórica a Bogdanov. Agora examinaremos o aspecto político do "bloco". Em primeiro lugar, é necessário estabelecer que na realidade não se tratava de um bloco, mas sim de uma colaboração numa organização comum. A fração bolchevique tinha uma existência independente. Lenin não formou um "bloco" com Bogdanov contra outras tendências dentro de sua própria organização. Pelo contrário, formou um bloco até com os bolcheviques conciliadores (Dubrovinski, Rykov e outros) contra as heresias

teóricas de Bogdanov. Em essência, a questão, no que se refere a Lenin, era se seria possível continuar com Bogdanov numa mesma organização que, apesar de se chamar "fração", tinha todos os traços de um partido. Se Shachtman não considera a oposição como uma organização independente, então a sua referência ao "bloco" Lenin–Bogdanov se esfumaça no ar.

Mas o erro na analogia não se limita a isto. A fração-partido bolchevique desenvolvia uma luta contra o menchevismo, que nessa época já tinha se revelado completamente como uma agência pequeno-burguesa da burguesia liberal. Isto era muito mais sério que a acusação de suposto "conservadorismo burocrático", cujas raízes de classe Shachtman nem tenta definir. A colaboração de Lenin com Bogdanov foi uma colaboração entre uma tendência proletária e uma tendência centrista sectária contra o oportunismo pequeno-burguês. As linhas de classe estão claras. O "bloco" (se formos usar este termo no caso dado) estava justificado.

A história posterior do "bloco" não deixa de ter importância. Na carta a Gorky citada por Shachtman, Lenin expressava a esperança de que seria possível separar as questões políticas das puramente filosóficas. Shachtman se esquece de dizer que a esperança de Lenin não se materializou de modo algum. Desenvolveram-se diferenças desde os cumes da filosofia até abaixo em todas as questões, inclusive as mais rotineiras. Se o "bloco" não desacreditou o bolchevismo, foi só porque Lenin tinha um programa acabado, um método correto, uma fração firmemente consolidada, na qual o grupo de Bogdanov constituía uma pequena minoria instável.

Shachtman constituiu um bloco com Burnham e Abern contra a ala proletária do seu próprio partido. É impossível negar isto. A relação de forças dentro do bloco está inteiramente contra Shachtman. Abern tem sua própria fração. Burnham, com ajuda de Shachtman, pode criar uma imitação de fração integrada pelos intelectuais desiludidos com o bolchevismo. Shachtman não tem qualquer programa independente, método independente ou fração independente. O caráter eclético do "programa" da oposição está determinado pelas tendências contraditórias dentro do bloco. No caso do bloco ter um colapso – e este é inevitável –, Shachtman sairá da luta sem outra coisa a não ser prejuízo para o partido e para si próprio.

Shachtman apela, além disso, para o fato de que em 1917 Lenin e Trotsky se uniram depois de uma longa luta e que mais tarde teria sido incorreto recordar-lhes suas diferenças passadas. Este exemplo encontra-se um pouco comprometido pelo fato de que Shachtman já o utilizou uma vez para explicar o seu bloco com... Cannon contra Abern. Mas para além desta desagradável circunstância, a analogia histórica é falsa até a medula. Ao unir-se com o partido bolchevique, Trotsky reconheceu completamente e com toda a lealdade a correção dos métodos leninistas de construção do partido. Ao mesmo tempo, a irreconciliável tendência de classe do bolchevismo tinha corrigido um prognóstico incorreto. Se eu não levantei novamente a questão da "revolução permanente" em 1917, foi porque ela já tinha sido resolvida para ambos os lados pela marcha dos acontecimentos. A base para o trabalho conjunto foi constituída não por combinações subjetivas ou episódicas, mas sim pela revolução proletária. Esta é uma sólida base. Além disso, tratava-se aqui não de um "bloco", mas sim da unificação em um só partido, contra a burguesia e seus agentes pequeno-burgueses. Dentro do partido, o bloco de outubro de Lenin e Trotsky estava dirigido contra as vacilações pequeno-burguesas sobre a questão da insurreição.

Igualmente superficial é a referência de Shachtman ao bloco de Trotsky com Zinoviev em 1926. A luta nessa época estava dirigida não contra o "conservadorismo burocrático" como traço psicológico de uns quantos indivíduos antipáticos, mas sim contra a mais poderosa burocracia do mundo, os seus privilégios, seu governo arbitrário e sua política reacionária. O aspecto de diferenças permitidas num bloco está determinado pelo caráter do adversário.

A relação de elementos dentro do bloco era igualmente diferente em tudo. A oposição de 1923 tinha seu próprio programa e seus próprios quadros, de modo algum compostos por intelectuais, como afirma Shachtman, fazendo eco aos stalinistas, mas sim por trabalhadores de base. A oposição Zinoviev–Kamenev, a pedido nosso, reconheceu em um documento especial que a oposição de 1923 estava correta em todas as questões fundamentais. No entanto, como tínhamos tradições diferentes e estávamos longe de podermos chegar a um acordo em tudo, a fusão nunca se realizou. Ambos os grupos continuaram sendo frações independentes. Em certas questões de importância, é certo, a oposição

de 1923 fez, contra o meu voto, concessões de princípio à oposição de 1926, concessões tais que considerei, e considero ainda, inadmissíveis. A circunstância de não ter protestado abertamente contra estas concessões pode ter sido um erro. Mas geralmente não havia muito lugar para protestos públicos, já que trabalhávamos ilegalmente. Em todo caso, ambos os campos ficaram bem cientes das minhas opiniões sobre as questões polêmicas. Dentro da oposição de 1923, 99,9%, senão mais, apoiaram o meu ponto de vista e não o de Zinoviev ou Radek. Com semelhante relação entre os dois grupos dentro do bloco, pode ter havido este ou aquele erro parcial, mas não houve nada parecido com o aventureirismo.

Com Shachtman, o caso é completamente diferente. Quem estava certo no passado? E em quê precisamente? Por que Shachtman esteve primeiro com Abern, depois com Cannon, e agora de novo com Abern? A própria explicação de Shachtman a respeito das amargas lutas fracionais passadas é digna não de uma figura política responsável, mas sim de um jardim de infância: "John estava um pouquinho errado; Max outro pouquinho; todos um pouquinho; e agora todos estão um pouquinho certos." Quem estava errado e em quê? Nem mesmo uma palavra sobre isto. A tradição não existe. O passado é apagado dos cálculos. E qual é a razão disto? É porque no organismo do partido, o camarada Shachtman desempenha o papel de um rim flutuante.³⁹

Em busca de analogias históricas, Shachtman foge de um exemplo que é realmente parecido com o seu atual bloco. Refiro-me ao chamado bloco de agosto de 1912. Eu participei ativamente neste bloco. De algum modo, dei-lhe nascimento. Politicamente, eu diferia dos mencheviques em todas as questões fundamentais. Também diferia dos bolcheviques ultraesquerdistas, membros do grupo Vperiod. Na linha política geral, encontrava-me muito mais próximo dos bolcheviques. Mas estava contra o "regime" leninista porque ainda não tinha aprendido a compreender que, a fim de realizar a meta revolucionária, é indispensável um partido centralizado, firmemente unido. E assim formei este bloco episódico,

³⁹ Nome popular dado à nefroptose ou ptose renal, doença caracterizada pela mobilidade anormal de um dos rins, devido ao relaxamento dos seus meios de suporte. (N. do E.)

⁴⁰ Agrupados em torno ao jornal *Vperiod* (Avante). (N. do E.)

composto de elementos heterogêneos e que acabou dirigido contra a ala proletária do partido.

No bloco de agosto os liquidadores tinham sua própria fração. Eu me mantive isolado, tinha seguidores, mas não uma fração. Muitos dos documentos foram escritos por mim, e, silenciando sobre as diferenças de princípio, tinham por objetivo a criação de uma aparência de unanimidade a respeito das "questões políticas concretas". Nem uma palavra sobre o passado! Lenin submeteu o bloco de agosto a uma crítica sem piedade e os golpes mais duros caíram sobre mim. Lenin demonstrou que principalmente por eu não concordar nem com os mencheviques, nem com os membros do grupo Vperiod, a minha política era aventureira. Duro, mas correto.

Como "circunstância atenuante", seja-me permitido mencionar o fato de que tinha-me colocado como tarefa não apoiar a fração direitista ou ultra-esquerdista contra os bolcheviques, mas sim unir o partido no seu conjunto. Os bolcheviques também foram convidados à conferência de agosto. Mas como Lenin se recusou, desde o início, a unir-se com os mencheviques (no que estava completamente certo) vi-me colocado num bloco artificial, com os mencheviques e os membros do grupo Vperiod. A segunda circunstância atenuante é que o próprio fenômeno do bolchevismo, como verdadeiro partido revolucionário, desenvolvia-se então pela primeira vez. Na prática da Segunda Internacional não existiam precedentes. Porém, não tento, por esse meio, absolver-me da menor culpa. Apesar da concepção de revolução permanente, que revelava, indubitavelmente, a perspectiva correta, não me tinha libertado naquela época, especialmente na esfera organizativa, dos traços do revolucionário pequeno-burguês. Estava com a doença do conciliadorismo com o menchevismo e de uma atitude desconfiada com o centralismo leninista. Imediatamente depois da conferência de agosto, o bloco começou a desintegrar-se em suas partes componentes. Ao fim de poucos meses, eu estava fora do bloco, não só em matéria de princípios, como também organizativamente.

Hoje dirijo a Shachtman a mesma crítica que Lenin me dirigiu há 27 anos: "O seu bloco não tem princípios." "Sua política é aventureira." De todo o coração, espero que destas acusações Shachtman extraia as mesmas conclusões que uma vez eu extraí.

As frações em luta

Shachtman surpreende-se com o fato de que Trotsky, "o líder da oposição de 1923", seja capaz de apoiar a fração burocrática de Cannon. Nisto, como na questão do controle operário, Shachtman revela de novo a sua falta de tato com a perspectiva histórica. Exatamente para justificar a sua ditadura, a burocracia soviética explorou os princípios do centralismo bolchevique. Mas no processo real, transformou-os no seu exato contrário. Isto, no entanto, não desacredita em nada os métodos do bolchevismo. Durante um período de muitos anos, Lenin educou o partido no espírito da disciplina proletária e de um severo centralismo. Enquanto o fazia, sofreu muitas vezes o ataque das frações e camarilhas pequeno-burguesas. O centralismo bolchevique foi um fator profundamente progressivo, que assegurou, em última instância, o triunfo da revolução. Não é difícil compreender que a luta da atual oposição no seio do Socialist Workers Party nada tem em comum com a luta da oposição russa de 1923 contra a privilegiada casta burocrática, mas tem, em contrapartida, muita semelhança com a luta dos mencheviques contra o centralismo bolchevique.

Segundo a oposição, Cannon e seu grupo são "expressão de um tipo de política que poderia muito bem ser descrita como conservadorismo burocrático". Que quer dizer isto? A dominação de uma burocracia operária conservadora, que partilha dos benefícios da burguesia nacional, seria inconcebível sem o apoio direto ou indireto do Estado capitalista. O governo da burocracia stalinista seria inconcebível sem a GPU, o Exército, os tribunais etc. A burocracia soviética apoia Stalin precisamente porque é ele o burocrata que, melhor do que qualquer outro, defende os seus interesses. A burocracia sindical apoia Green e Lewis precisamente porque os seus vícios como burocratas hábeis e capazes salvaguardam os interesses materiais da aristocracia operária. Sobre que bases se apoia o "conservadorismo burocrático" do SWP? É evidente que não é sobre interesses materiais, mas sim sobre uma seleção de tipos burocráticos, em contraste com outro setor em que se reuniram os espíritos dinâmicos, inovadores e com iniciativa. A oposição não assinala nenhuma base objetiva, ou seja, social, do "conservadorismo burocrático". Tudo se reduz à pura psicologia. Em tais condições, todo o operário que pense, dirá:

é possível que o camarada Cannon realmente peque no que se refere às suas tendências burocráticas – é difícil para mim julgar de longe –, mas se a maioria do Comitê Nacional e de todo o partido, que não está de modo algum interessada em "privilégios" burocráticos, apoia Cannon, faz isso não em função de suas tendências burocráticas, mas sim apesar delas. Isto significa que ele tem outras virtudes que servem largamente de contrapeso aos seus defeitos pessoais. Isto é o que dirá um membro sério do partido. E, na minha opinião, estará correto.

Para provar suas queixas e acusações, os líderes da oposição trazem à luz do dia anedotas ou episódios que em qualquer partido se pode contar em centenas e milhares, e que, além disso, são, na maioria dos casos, impossíveis de verificar objetivamente. Estou longe de querer criticar a seção de anedotas dos documentos da oposição. Mas há um episódio sobre o qual quero me expressar como testemunha e participante. Os líderes da oposição referem-se de uma forma muito arrogante à facilidade com que Cannon e seu grupo aceitaram, presumivelmente sem crítica e sem deliberação, o programa de reivindicações transitórias, Eis o que escrevi ao camarada Cannon em 15 de abril de 1938, no que diz respeito à elaboração desse programa:

"Enviamos-lhe o projeto do programa de transição e uma breve declaração sobre o partido operário. Sem a visita de vocês ao México nunca teria podido escrever o projeto do programa porque durante as discussões aprendi muitas coisas importantes que me permitiram ser mais explícito e concreto."

Shachtman conhece perfeitamente estas circunstâncias, já que ele foi um dos que tomaram parte na discussão.

Os rumores, as especulações pessoais e as simples fofocas não servem para nada, mas ocupam um lugar importante nos círculos pequenoburgueses, nos quais as pessoas estão unidas, não por laços partidários, mas sim por relações pessoais, e onde não se adquiriu o hábito de um exame de classe dos acontecimentos. Passou de boca em boca o fato de que fui visitado exclusivamente por representantes da maioria e que fui assim afastado do caminho da verdade. Meus queridos camaradas, não creiam nesta insensatez! Eu obtenho informação política pelos mesmos métodos que uso geralmente no meu trabalho. Uma atitude crítica a res-

peito da informação é parte orgânica da fisionomia política de todo o político. Se eu fosse incapaz de distinguir as comunicações falsas das verdadeiras, que valor poderiam ter os meus juízos em geral?

Conheço não menos que vinte membros da fração de Abern. Sintome agradecido em relação a alguns deles pela sua amistosa ajuda em meu trabalho e considero-os a todos, ou a quase todos, como valiosos membros do partido. Mas ao mesmo tempo devo dizer que o que os diferencia, em maior ou menor grau, são as marcas do meio pequenoburguês, a falta de experiência na luta de classes e, em certa medida, a ausência de necessidade de contato com o movimento proletário. Os seus aspectos positivos os ligam à Quarta Internacional. Os seus aspectos negativos, à mais conservadora de todas as frações. "Inculca-se uma atitude anti-intelectual nas mentes dos membros do partido", queixa-se o documento sobre o "conservadorismo burocrático" (Boletim Interno, vol. 2, n° 6, janeiro de 1940, p. 12.) Este argumento se trai por si só. Os intelectuais dos quais se fala não são aqueles que se passaram completamente para o lado do proletariado, mas sim os elementos que tentam levar o nosso partido à posição do ecletismo pequeno-burguês. Esse mesmo documento declara: "Faz-se contra a seção de Nova York uma propaganda que, no fundo, se alimenta de preconceitos nem sempre saudáveis." (Idem.) De que preconceitos se fala aqui? Aparentemente, do antissemitismo. Se no nosso partido existem preconceitos antissemitas ou outros preconceitos raciais, é necessário travar uma luta implacável contra eles mediante golpes abertos, e não por meio de vagas insinuações. Mas a questão dos intelectuais e dos semi-intelectuais judeus de Nova York é uma questão social, e não nacional. Em Nova York há uma grande quantidade de proletários judeus, mas a fração Abern não é formada por eles. Os elementos pequeno-burgueses dessa fração demonstraram-se incapazes, até agora, de encontrar o caminho em direção aos operários judeus. Sentem-se satisfeitos com o seu próprio meio.

Conheci mais de um exemplo na história – dito com mais precisão: nunca na história ocorreu de outra maneira – em que, durante a transição do partido de um fase para outra, aqueles elementos que tiveram um papel progressivo no passado, mas que demonstraram ser incapazes de adaptar-se a tempo às novas tarefas, se uniram entre si frente ao perigo e revelaram, não seus aspectos positivos, mas quase exclusivamente os

negativos. É esse precisamente o atual papel da fração Abern, na qual Shachtman tem o papel de jornalista e Burnham, o papel de conselheiro teórico. "Cannon sabe", insiste Shachtman, "como é falso introduzir na atual discussão a 'questão Abern'. Ele sabe o que todo dirigente informado do partido e muitos membros sabem: que durante os vários últimos anos não existiu nada parecido a um 'grupo Abern'". Tomo a liberdade de assinalar que se há alguém que esteja deformando a realidade, não é outro senão o próprio Shachtman. Estive seguindo o desenvolvimento das relações internas da seção americana durante quase dez anos. A composição específica e o papel especial cumprido pela organização de Nova York ficaram evidentes para mim, antes de qualquer outra coisa. Shachtman recordará talvez que, quando eu estava ainda em Prínkipo, aconselhei ao Comitê Nacional que se mudasse durante algum tempo de Nova York e de sua atmosfera de disputas pequeno-burguesas para algum centro industrial de província. Depois da minha chegada ao México, tive oportunidade de conhecer melhor o idioma inglês e, graças às muitas visitas de meus amigos do norte, de chegar a uma descrição mais viva da composição social e da psicologia política dos distintos grupos. Baseado em minhas próprias observações pessoais imediatas durante os últimos três anos, posso afirmar que a fração Abern existiu ininterruptamente, se não "dinamicamente", pelo menos potencialmente.

Os membros da fração Abern são facilmente reconhecíveis para alguém que tenha certa dose de experiência política, não só pelos seus traços sociais, mas também pela sua forma de encarar todas as questões. Esses camaradas sempre negaram formalmente a existência de sua fração. Houve um período em que alguns deles tentaram realmente integrar-se ao partido. Mas tentaram isto violentando a si próprios e em todas as questões críticas relacionavam-se com o partido como grupo. Interessava-lhes muito mais as combinações de cúpula, os conflitos pessoais e as ocorrências gerais no "estado-maior" do que as questões de princípios, em particular a questão de mudar a composição social do partido. Esta é a escola de Abern. Adverti insistentemente muitos desses camaradas que, se mergulhassem nessa existência artificial, infalivelmente, mais cedo ou mais tarde, seriam levados a uma nova explosão fracional.

Os líderes da oposição falam irônica e desdenhosamente da composição proletária da fração de Cannon. A seus olhos, este "detalhe" aciden-

tal carece de importância. Que é isto, senão o desdém pequeno-burguês combinado com a cegueira? No segundo congresso dos social-democratas russos, em 1903, em que se produziu a ruptura entre bolcheviques e mencheviques, só havia três operários entre várias dezenas de delegados. Os três passaram-se para a maioria. Os mencheviques zombaram de Lenin porque este atribuiu ao fato uma grande importância sintomática. Os mesmos mencheviques explicaram a posição dos três trabalhadores por sua falta de "maturidade". Mas, como se sabe, era Lenin que estava certo.

Se a seção proletária do nosso partido americano é "politicamente atrasada", então a primeira tarefa dos "avançados" deveria ter consistido em elevar os trabalhadores a um nível superior. Mas por que a atual oposição fracassou em encontrar o seu caminho em direção aos trabalhadores? Por que deixou que este trabalho fosse feito pela "camarilha de Cannon"? Qual a razão de tudo isto? Para a oposição os operários não são suficientemente bons? Ou será que a oposição não convence os operários?

Seria uma imbecilidade pensar que o setor operário do partido é perfeito. Os operários só alcançam gradualmente uma clara consciência de classe. Os sindicatos sempre criam uma fonte de alimentação para os desvios oportunistas. Inevitavelmente, iremos nos enfrentar com este problema em uma das próximas etapas. Mais uma vez o partido terá de recordar a seus próprios sindicalistas que a adaptação pedagógica às camadas mais atrasadas do proletariado não deve transformar-se em uma adaptação política à burocracia conservadora dos sindicatos. Toda nova etapa de desenvolvimento, todo crescimento das fileiras partidárias e a complexificação dos métodos do seu trabalho não só abrem novas possibilidades, como também novos perigos. Os operários nos sindicatos, mesmo aqueles educados na escola mais revolucionária, desenvolvem frequentemente uma tendência a se libertar do controle do partido. Atualmente, no entanto, não se trata de modo algum disto. Atualmente, a oposição não proletária, arrastando atrás de si a maioria da juventude não proletária, está revisando a nossa teoria, o nosso programa e a nossa tradição, e faz tudo isto levianamente e, diga-se de passagem, para maior comodidade na luta contra a "camarilha de Cannon". Atualmente, a falta de respeito pelo partido não é mostrada pelos sindicalistas, mas pelos

oposicionistas pequeno-burgueses. Precisamente, a fim de impedir que os sindicalistas, no futuro, voltem as costas ao partido, é necessário condenar decisivamente os oposicionistas pequeno-burgueses.

Além disso, é inadmissível esquecer que os erros possíveis ou reais daqueles camaradas que atuam nos sindicatos refletem a pressão do proletariado americano tal como é hoje. Esta é a nossa classe. Estamos dispostos a não capitular perante a sua pressão. Mas esta pressão nos indica, ao mesmo tempo, onde está a nossa principal rota histórica. Os erros da oposição, pelo contrário, refletem a pressão de outra classe, estranha a nós. A condição elementar para os nossos futuros êxitos está na ruptura ideológica com esta classe.

Os raciocínios da oposição a respeito da juventude são extremamente falsos. Evidentemente, sem conquistar a juventude proletária, o partido revolucionário não pode crescer. Mas a dificuldade consiste em que temos uma juventude quase inteiramente pequeno-burguesa e que tem, em grau considerável, um passado social-democrata, ou seja, oportunista. Os dirigentes desta juventude têm indubitáveis virtudes e condições, mas infelizmente foram educados no espírito do combinacionismo pequeno-burguês e, se não são arrancados do seu meio habitual, se não são enviados ao penoso trabalho cotidiano entre o proletariado, podem perder-se para sempre para o movimento revolucionário. Em relação à juventude, como em relação a todas as outras questões, Shachtman tomou, infelizmente, uma posição falsa até a medula dos ossos.

É hora de parar!

Podemos ver o grau de degradação do pensamento de Shachtman – que parte de um pressuposto falso – no fato de ele descrever a minha posição como uma defesa da "camarilha Cannon" e insistir várias vezes sobre o fato de que na França eu apoiei, também equivocadamente, a "camarilha de Molinier". Tudo é reduzido ao meu apoio a indivíduos isolados ou a grupos, com total independência em relação a seus programas. O exemplo de Molinier vem tornar a névoa ainda mais espessa. Tentarei dispersá-la.

Molinier foi acusado não de se afastar de nosso programa, mas sim de ser indisciplinado, arbitrário e de lançar-se em todo o tipo de aventuras financeiras para sustentar o partido e sua fração. Como Molinier é um homem muito enérgico e tem indiscutíveis qualidades práticas, pareceu-me necessário – não só no interesse de Molinier, mas sobretudo no interesse da própria organização – esgotar todas as possibilidades de convencê-lo e reeducá-lo no espírito da disciplina proletária. Como muitos dos seus adversários possuíam todos os seus defeitos e nenhuma de suas virtudes, fiz o possível para convencê-los de não precipitarem uma ruptura, e sim colocar Molinier à prova uma vez mais e mais. Foi isto que constituiu a minha "defesa de Molinier" no período de adolescência de nossa seção francesa.

Ao considerar que tanto uma posição paciente em relação aos camaradas confusos ou indisciplinados, quanto os repetidos esforços para reeducá-los no espírito revolucionário são coisas absolutamente obrigatórias, não apliquei estes métodos, de nenhuma maneira, unicamente com Molinier. Fiz esforços para atrair ao partido e salvar Kurt Landau. Field, Weisbord, o austríaco Frey, o francês Treint e vários outros. Em muitos casos, os meus esforços foram infrutíferos. Em alguns, foi possível resgatar valiosos camaradas.

Em todo caso, não fiz a menor concessão de princípios a Molinier. Quando ele decidiu fundar um jornal baseado nas "quatro palavras de ordem" em lugar do nosso programa e deu passos independentes para executar seu plano, eu estive entre os que insistiram na sua expulsão imediata. Mas não quero esconder o fato de que o congresso de fundação da Quarta Internacional esteve a favor, uma vez mais, de colocar Molinier e seu grupo à prova dentro da estrutura da Internacional, para ver se estavam convencidos de como era errada sua política. Também desta vez a tentativa não deu qualquer resultado. Não desisto, no entanto, de repeti-la novamente e uma vez mais sob condições adequadas. É muito curioso verificar que entre os mais encarniçados adversários de Molinier houvesse gente como Vereecken e Sneevliet, que se uniram a ele depois de terem rompido com a Quarta Internacional.

Alguns camaradas, depois de conhecer meus arquivos, me censuraram amistosamente por ter perdido e continuar perdendo muito tempo para convencer pessoas que são "casos perdidos". Respondi-lhes que muitas vezes tive a oportunidade de observar como as pessoas mudam com as circunstâncias e que, portanto, não me apresso em declará-las "casos perdidos", baseado em uns quantos erros, por mais sérios que sejam.

Quando me pareceu claro que Shachtman estava empurrando a si mesmo e a certo setor do partido para um beco sem saída, escrevi-lhe dizendo que se tivesse possibilidade de fazê-lo, tomaria um avião para Nova York, a fim de discutir durante 72 horas com ele, e de uma só vez. Perguntei-lhe se não queria fazer o possível para que nos reuníssemos de alguma maneira. Shachtman não respondeu. Estava em seu pleno direito. É muito possível que os camaradas que no futuro tenham contato com meus arquivos, digam, também neste caso, que a minha carta a Shachtman foi um passo em falso de minha parte, e que citem este "erro" meu relacionando-o com minha exagerada insistência em "defender" Molinier. Não me convencerão. A tarefa de formar uma vanguarda proletária internacional nas atuais condições é extremamente difícil. Correr atrás dos indivíduos à custa dos princípios seria, naturalmente, um crime. Mas considerei e continuo considerando como meu dever fazer todo o possível para trazer novamente para o nosso programa camaradas que são brilhantes, ainda que estejam equivocados.

Cito, da mesma discussão sobre os sindicatos, que Shachtman utilizou de forma tão infeliz, as palavras de Lenin, que Shachtman deveria gravar na sua mente: "Um erro começa sempre por ser pequeno, depois cresce e torna-se maior. As divergências sempre começam por detalhes. Todo mundo sofreu alguma vez uma pequena ferida, mas se a pequena ferida tivesse infeccionado, poderia ter produzido uma doença mortal."

Assim Lenin falou em 23 de janeiro de 1921. É impossível não cometer erros. Alguns se enganam muito frequentemente, outros menos. O dever de um revolucionário proletário é não persistir nos erros, não colocar a ambição acima dos interesses da causa, saber parar a tempo. Chegou a hora do camarada Shachtman parar! De outra maneira, o arranhão, que já se transformou em úlcera, pode transformar-se em uma gangrena.

Leon Trotsky Coyoacán (México), D.F.

CARTA A MARTIN ABERN 41

29 de janeiro de 1940

Querido camarada Abern:

Tomei conhecimento, pelo camarada Cannon, de sua suposta frase: "Isto significa a ruptura." Ele escreveu-me em 28 de dezembro de 1939:

"Seu documento já foi distribuído amplamente no partido. Até agora, ouvi só dois comentários definitivos por parte dos dirigentes da minoria. Abern, depois de ler o título e os primeiros parágrafos, disse a Goldman: 'Isto significa a ruptura.' "

Conheço Cannon como um camarada digno de toda a confiança e não tenho a mínima razão para duvidar da veracidade da sua comunicação.

Você diz que esse informe "é uma mentira". Sei, por uma longa experiência, que em uma luta aguda, mal-entendidos deste tipo se dão frequentemente, sem que exista má vontade, de qualquer uma das partes.

Com saudações fraternais,

Martin Abern" (N. do E.)

⁴¹ Martin Abern escreveu para Trotsky a seguinte carta, datada de 24 de janeiro:

[&]quot;Querido camarada Trotsky: No passado não dei atenção a muitas afirmações falsas, mas em sua carta aberta percebo, entre outras coisas, o seguinte:

[&]quot;Como reação ao meu artigo anterior, foi dito que o camarada Abern assinalou: 'Isto significa a ruptura'. 'Tal resposta demonstra, simplesmente, que Abern carece de devoção ao partido e à Quarta Internacional; é um homem de círculos.' Esta informação é incorreta, ou seja, é uma mentira. Posso saber de quem vem esta informação? Você tentou verificá-la?

Você me pergunta se tentei verificar a veracidade deste informe. Não. Se o tivesse difundido em correspondência privada como fato conhecido por mim, teria sido desleal. Mas publiquei-o com a indicação de que "foi dito", dando assim a você a completa possibilidade de confirmar ou negar o informe. Creio que esta é a melhor investigação possível em uma discussão partidária.

Você diz no início de sua carta: "No passado não dei atenção a muitas afirmações falsas, mas em sua carta aberta percebo, entre outras coisas, o seguinte:..." etc. Que significa aqui "muitas afirmações falsas"? De quem? Que significa a expressão "entre outras coisas"? Que tipo de coisas? Você não acha que suas expressões podem ser entendidas por camaradas sem experiência como insinuações vagas? Se, no meu artigo, há muitas "afirmações falsas" e "outras coisas", seria melhor enumerá-las exatamente. Se as afirmações falsas não são minhas, não entendo porque você as introduz na carta que me dirige. Também não posso entender como se pode "não dar atenção" a muitas afirmações falsas. Se elas têm alguma importância política, isso pode ser interpretado como falta de atenção ao partido.

De qualquer forma, vejo com satisfação que você nega categoricamente a frase "isto significa a ruptura". Interpreto o tom enérgico de sua carta nesse sentido, no sentido de que sua negativa não é formal, quer dizer, você não só nega a citação, como também considera, como eu, que a ideia da ruptura é uma traição desprezível à Quarta Internacional.

Fraternalmente seu,

Leon Trotsky
Coyoacán (México), D.F.⁴²

Cópia a Cannon

⁴² Em 6 de fevereiro Abern escreveu a Trotsky pela última vez. Em oito longas páginas datilografadas, o dirigente da oposição não toca em qualquer questão política ou teórica. Toda a carta está dedicada às questões do tipo: quem disse o quê e quando, fez parte de que grupo, se ofendeu com o quê etc. (N. do E.)

DUAS CARTAS A ALBERT GOLDMAN

Primeira carta

10 de fevereiro de 1940

Querido camarada Goldman:

Estou completamente de acordo com sua carta de 5 de fevereiro.

Se publiquei a citação de Abern sobre a ruptura, foi com o objetivo de forçar uma declaração clara, e não ambígua, por parte do camarada Abern e dos outros dirigentes da oposição, não sobre as supostas intenções ocultas dos dirigentes da maioria, mas sim sobre suas próprias intenções.

Já ouvi o aforismo sobre os "cidadãos de segunda classe". Queria perguntar aos dirigentes da oposição: quando qualificam o grupo oposto como "camarilha de Cannon" ou "burocratas conservadores" etc., desejam fazer deles cidadãos de segunda classe? Só posso acrescentar que a sensibilidade extrema é um dos traços mais destacados de todas as frações pequeno-burguesas. Não sei se Shachtman, por exemplo, quer fazer de mim um cidadão de segunda classe com sua "Carta aberta".

Estou interessado apenas em suas ideias, não em suas especulações psicanalíticas.

Tenho um pouco a impressão de que, desanimados por toda uma série de erros, os dirigentes da oposição empurram-se uns aos outros para a histeria e então, para justificar a seus próprios olhos a sua histeria fracional, atribuem a seus adversários as maquinações mais obscuras e incríveis. Quando dizem que minha troca de correspondência com Cannon era uma camuflagem, não posso fazer outra coisa senão encolher os ombros.

O melhor tratamento para a sua histeria pequeno-burguesa é a objetividade marxista. Continuaremos a discutir sobre a dialética, a sociologia marxista, a natureza do Estado soviético e o caráter da guerra, mas não com o propósito absurdo e criminoso da ruptura, e sim com o propósito bastante razoável de convencer uma parte importante do partido e de ajudá-la a passar de uma posição pequeno-burguesa para uma posição proletária.

Com as mais calorosas saudações comunistas,

Leon Trotsky

Segunda carta

19 de fevereiro de 1940

Querido camarada Goldman,⁴³

Uma plenária da minoria é só uma reunião em nível nacional.

É por isto que ela, por si mesmo, não significa uma mudança de princípio na situação. É só um novo passo no mesmo caminho, um mau passo no caminho da ruptura, mas não necessariamente a própria ruptura.

⁴³ A minoria tinha convocado uma plenária nacional em Cleveland para o dia 24 de fevereiro de 1940. Esta plenária deliberou que no partido existiam duas alas opostas e que "o partido deveria dar ao grupo que fique em minoria no congresso o direito de publicar uma revista política que, embora devesse defender o programa comum da Quarta Internacional, pudesse, ao mesmo tempo, expressar seu ponto de vista especial sobre a questão da URSS". A maioria rejeitou esta exigência. (N. do E.)

Possivelmente, até mesmo provavelmente, existem dentro da oposição duas ou três tendências diferentes sobre a questão da ruptura, e o objetivo da plenária é unificá-las. Sobre que bases? É provável que alguns dirigentes, no seu desespero, não vejam outra saída senão a ruptura.

Nestas condições, uma intervenção enérgica por parte da maioria a favor da unidade do partido talvez possa tornar mais difícil a tarefa dos rupturistas conscientes. A vossa plenária ou, melhor ainda, a maioria oficial do Comitê Nacional ou do Comitê Político poderia enviar à plenária de Cleveland uma carta com uma única questão: a unidade do partido. Em tal carta eu não colocaria a questão do caráter da União Soviética ou da guerra mista, pois poderia parecer que sua posição sobre estes pontos deve ser abandonada como condição prévia para poderem ficar no partido. De modo algum. Se eles têm uma dedicação real ao partido e à Quarta Internacional, se estão dispostos a aceitar a disciplina na ação, vocês os aceitam tal como são.

Com as melhores saudações,

Leon Trotsky

DE VOLTA AO PARTIDO!

21 de fevereiro de 1940

Queridos camaradas:

Os dirigentes da minoria, até agora, não responderam a nenhum dos nossos argumentos políticos ou teóricos. A inconsistência de seus próprios argumentos foi desmascarada nos escritos da maioria. Agora parece que os dirigentes da oposição passaram para a guerra de guerrilhas: é o destino de muitos outros exércitos derrotados. O camarada Goldman caracterizou corretamente, na sua circular de 12 de fevereiro, o novo método da oposição. Um dos exemplos mais curiosos dessa nova guerra é o ataque, mais valente do que sério, do camarada MacDonald em relação ao meu artigo em *Liberty*. Ele, vejam só, não encontrou neste artigo uma análise sobre o caráter contraditório do Estado soviético nem sobre o papel "progressivo" do Exército Vermelho. Com a mesma lógica que mostra na redação da Partisan Review e em suas análises sobre a rebelião de Kronstadt, descobre que sou, "de fato", partidário da minoria, de Shachtman ou de MacDonald, pelo menos quando falo para a imprensa burguesa, e que minhas declarações contraditórias, de capitulação ao stalinismo, são feitas nos boletins internos com o fim de ajudar Cannon. Se tivéssemos que exprimir de uma forma mais articulada a descoberta de MacDonald, esta seria a seguinte: quando Trotsky deseja adaptar-se à opinião pública burguesa, tornar-se agradável aos leitores de *Liberty*, escreve como Shachtman, e quase como MacDonald, mas quando fala ao partido, volta-se contra a minoria. A Partisan Review está muito interessada na psicanálise, e permito-me dizer que o editor dessa revista,

caso se analise um pouco, reconhecerá que descobriu seu próprio subconsciente.

Ninguém pede à minoria que avalie em cada artigo e em cada discurso a natureza contraditória do Estado soviético e o papel contraditório do Exército Vermelho. O que lhes pedimos é que entendam esta natureza e seu papel e que apliquem adequadamente, em cada ocasião, esta compreensão. O meu artigo era dedicado à política de Stalin, e não à natureza do Estado soviético. Na imprensa burguesa mexicana foi publicada uma declaração anônima afirmando "de fontes próximas a Trotsky" que eu aprovo a política internacional de Stalin e que estou procurando uma reconciliação com ele. Não sei se tais declarações apareceram também na imprensa dos Estados Unidos. É claro que a imprensa burguesa mexicana somente reproduziu, à sua maneira, a séria e terrível acusação de MacDonald e companhia sobre minha capitulação a Stalin. Com o fim de impedir tal tergiversação da discussão interna por parte da imprensa burguesa mundial, dediquei-me, no artigo de Liberty, a desmascarar o papel de Stalin na política internacional e, de modo algum, às análises sociológicas sobre a natureza do Estado soviético. Escrevi o que pensei ser mais urgente naquele momento. A política não consiste em dizer a cada momento tudo o que se sabe, mas sim em dizer, em cada ocasião dada, apenas o que é necessário. É possível que algumas de minhas afirmações tenham coincidido com algumas posições da minoria, mas certamente estas afirmações da minoria foram só uma repetição de ideias que já expressamos milhares de vezes antes de MacDonald aparecer em nosso círculo.

Mas devemos passar agora a questões mais sérias. A carta do camarada Abern dirigida a mim é uma proclamação absolutamente clara da sua vontade de romper. A justificativa que dá é ao mesmo tempo lamentável e escandalosa – estas são as palavras mais suaves que posso encontrar. Se a "camarilha de Cannon" obtiver a maioria no congresso, transformará Abern e seus seguidores, vejam só, em cidadãos de "segunda classe". É por isso que Abern prefere ter seu próprio Estado, no qual ele, tal como Weisbord, Field e Oehler, será o primeiro dos cidadãos de primeira classe. Quem pode decidir sobre o lugar dos diferentes "cidadãos" no partido? O próprio partido. Como o partido toma tal decisão? A partir de uma discussão livre. Quem tomou a iniciativa desta discussão?

Abern e seus seguidores. Foi ou ainda é limitado a eles o uso da caneta ou da língua? De modo nenhum. A carta de Abern comprova que não conseguiram convencer o partido. Pior que isso: desprestigiaram-se um pouco aos olhos do partido e da Internacional. Isto é muito lamentável, já que são pessoas valiosas. Agora só podem restabelecer a sua autoridade mendiante um trabalho dedicado e sério dentro do partido. É necessário tempo, firmeza e paciência. Mas parece que Abern perdeu toda a esperança de convencer o partido tendo como base os princípios da Quarta Internacional. A tendência ao rupturismo é um tipo de deserção. É por isto que a carta é tão lamentável.

Mas também é escandalosa! Seu tom professoral é fruto do desprezo que os elementos pequeno-burgueses sentem pela maioria proletária: somos escritores, oradores e organizadores tão excelentes. E eles, gente inculta, são incapazes de nos apreciar em nosso justo valor. Tanto melhor para criar a nossa linguagem de almas elevadas!

Na Terceira Internacional insistimos com todas as nossas forças para continuarmos a ser uma tendência ou uma fração. Perseguiram-nos, privaram-nos de qualquer meio de expressão, inventaram as piores calúnias, prenderam e mataram nossos camaradas na URSS. Apesar de tudo isso, não quisemos nos separar dos operários. Consideramo-nos, até a última possibilidade, uma fração. E tudo isto apesar da corrompida burocracia totalitária da Terceira Internacional. A Quarta Internacional é a única organização revolucionária honesta no mundo. Nosso "aparato" não tem meios de coerção. Cada questão é decidida e cada camarada é apreciado por métodos da mais completa democracia partidária. Se a maioria dos membros do partido está enganada, então a minoria pode educá-los. Se não for antes do congresso, então que seja depois dele. A minoria pode atrair novos membros ao partido e transformar-se em maioria. Só é necessário ter um pouco de confiança nos operários e um pouco de esperança de que os operários possam confiar nos membros da oposição. Mas estes dirigentes criaram em seu próprio meio uma atmosfera de impaciência histérica. Adaptam-se à opinião pública burguesa, mas não querem adaptar-se ao ritmo de desenvolvimento da Quarta Internacional. A sua impaciência tem um caráter de classe. É a outra face do desprezo dos intelectuais pequeno-burgueses pelos operários. É por isto que a tendência rupturista expressa por Abern é tão escandalosa!

O camarada Abern move-se pelo ódio, tanto em sua compreensão, quanto em seu programa. Mas o ódio pessoal é um sentimento abominável em política. Estou certo de que a atitude de Abern e seus objetivos rupturistas não podem senão repelir os membros sadios da oposição. Voltem ao partido, camaradas! O caminho de Abern é um beco sem saída. Não há outra via, senão a da Quarta Internacional.

Leon Trotsky
Coyoacán (México), D. F.

CIÊNCIA E ESTILO

23 de fevereiro de 1940

Queridos camaradas:

Recebi "Ciência e estilo" de Burnham. O tumor está aberto e nisso há uma vantagem política importante. O atraso teórico da oposição "radical" americana está expresso no fato de que Burnham apenas repete – com alguns exemplos "modernizados" – o que Struve escreveu na Rússia há mais de quarenta anos e, num grau superior, o que Dühring ensinou à social-democracia alemã há três quartos de século. Isto é assim do ponto de vista da "ciência". No que diz respeito ao "estilo", prefiro Eastman.

O interesse do documento não é de modo algum de caráter teórico: a milionésima primeira refutação professoral da dialética não tem mais valor do que todas as precedentes. Porém, do ponto de vista político, a importância do documento é indiscutível. Mostra que o inspirador teórico da oposição não está de maneira alguma mais próximo do socialismo científico do que esteve Muste, o antigo associado de Abern. Shachtman mencionou a filosofia de Bogdanov. Mas é absolutamente impossível imaginar a assinatura de Bogdanov em tal documento, inclusive depois de sua ruptura definitiva com o bolchevismo. Creio que o partido deve, como eu faço agora, perguntar aos camaradas Abern e Shachtman: O que vocês acham da "ciência" de Burnham e do seu "estilo"? A questão da Finlândia é importante, mas em última instância é somente um episódio, e a mudança da situação internacional, mostrando os verdadeiros motivos dos acontecimentos, pode dissipar de uma vez as divergências

sobre este ponto concreto. Mas agora, depois da publicação de "Ciência e estilo", podem os camaradas Abern e Shachtman continuar tendo a mínima responsabilidade, não pelo pobre documento como tal, mas pela concepção global de Burnham sobre ciência, marxismo, política e "moral"?

Os membros da minoria que se preparam para uma ruptura devem pensar que vão estar ligados, não por uma semana, nem só durante a guerra fino-soviética, mas sim por anos, a um "dirigente" que não tem, em sua concepção global, nada em comum com a revolução proletária.

O tumor está aberto. Abern e Shachtman já não podem continuar repetindo que a única coisa que desejam é discutir um pouco sobre a Finlândia e Cannon. Não podem continuar brincando de cabra-cega com o marxismo e a Quarta Internacional. Deve o Socialist Workers Party permanecer nas tradições de Marx, Engels, Franz Mehring, Lenin e Rosa Luxemburgo – tradição que Burnham qualifica de "reacionária" –, ou deve aceitar as concepções de Burnham, que são apenas uma reprodução malfeita do socialismo pequeno-burguês pré-marxista?

Sabemos muito bem o que significou politicamente no passado tal revisionismo. Agora, na agonia mortal da sociedade burguesa, as consequências políticas de Burnham serão incomparavelmente muito mais imediatas e contrarrevolucionárias. Camaradas Abern e Shachtman, vocês têm a palavra!

Leon Trotsky Coyoacán (México), D.F.

CARTA A JAMES P. CANNON

27 de fevereiro de 1940

Querido amigo:

Estou respondendo a sua carta de 20 de fevereiro. Suponho que a plenária da minoria já terá terminado e creio que as questões táticas concretas que você analisa na sua carta, os seus movimentos *imediatos*, dependem, no mínimo em 51 %, dos resultados dessa plenária.

Vocês estão convencidos de que a minoria está se preparando para uma ruptura e de que vocês não podem ganhar ninguém. Aceito esta premissa. Por isso mesmo era ainda mais necessário realizar um gesto de paz enérgico, antes da plenária de Cleveland, com o objetivo de mudar radicalmente a linha, após eles terem se negado a dar uma resposta. Entendo perfeitamente sua avaliação a favor da necessidade de publicar um número da New International, preparando a opinião pública para a ruptura. Mas a plenária da minoria realizou-se em 24-25 de fevereiro, e o congresso do partido não se realizará antes do começo de abril. Vocês dispõem de tempo suficiente para a proposta de paz, para a denúncia da negativa da minoria e para a publicação do número da New International. Temos que fazer tudo, também com o propósito de convencer as outras seções da Internacional de que a maioria esgotou todas as possibilidades de manter a unidade. É por isso que nós três fizemos a proposta ao Comitê Executivo Internacional: é necessário também pôr à prova cada membro deste importante órgão.

Entendo bem a impaciência de muitos camaradas da maioria (suponho que esta impaciência esteja, frequentemente, ligada à indiferença para com a teoria), mas devem recordar que os acontecimentos no Socialist Workers Party têm agora uma grande importância internacional, e que vocês devem atuar não só baseados em vossas apreciações subjetivas, por muito corretas que possam ser, mas também em fatos objetivos acessíveis a todos.

R. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México), D. F.

CARTA A JOSEPH HANSEN

29 de fevereiro de 1940

Meu querido Joe:

Se Shachtman afirma que a carta sobre a Espanha citada por mim foi assinada não só por ele, mas também por Cannon e Carter, então está completamente enganado. Eu não teria, evidentemente, escondido as outras assinaturas que, na verdade, não existiam. Como você poderá ver pela fotocópia, a carta foi assinada só por Shachtman.

Abern e Burnham estão indignados por eu citar suas declarações orais sem uma "verificação" prévia. Querem evidentemente dizer que em vez de publicar estas declarações que lhes são atribuídas e de dar a ambos a total possibilidade de confirmá-las ou negá-las, eu deveria ter enviado daqui um comitê de investigação com cinco ou sete pessoas imparciais e um par de estenógrafos. E por quê a terrível comoção moral? Várias vezes Burnham identificou a dialética com a religião. Sim, é um fato. Mas nesta especial ocasião ele não pronunciou a frase que eu cito (tal como fui informado). Oh, que horror! Oh, cinismo bolchevique! etc.

O mesmo com Abern! ⁴⁴ Na carta que me enviou mostra claramente que está se preparando para uma ruptura. Porém, veja só, ele nunca afirmou isso na presença de Goldman. É uma difamação! Uma invenção desonesta! Uma calúnia! etc.

⁴⁴ Ver carta de Trotsky a Abern, de 29 de janeiro de 1940. (N. do E.)

Pelo que me recordo, meu artigo sobre a moral começa com uma citação sobre a pequena burguesia desorientada e desmoralizada. Agora temos um novo caso do mesmo fenômeno no nosso partido.

Ouvi que os novos moralistas citam meu terrível crime em relação a Eastman e o "Testamento de Lenin". ⁴⁵ Que hipócritas infames! Eastman, por iniciativa própria, publicou o documento num momento em que nossa fração decidiu interromper toda atividade pública, a fim de evitar uma ruptura prematura. Não esqueçam que isso foi antes do famoso Comitê Sindical Anglo-Russo e antes da revolução chinesa, inclusive antes do surgimento da oposição de Zinoviev. Fomos obrigados a manobrar para ganhar tempo. A troika, 46 pelo contrário, queria utilizar a publicação de Eastman para provocar algum tipo de aborto da oposição. Apresentaram um ultimato: ou assinava a declaração escrita pela troika em meu nome, ou abririam imediatamente a luta sobre esta questão. O centro da oposição decidiu unanimemente que esta alternativa, neste momento, era absolutamente desfavorável, que eu deveria aceitar o ultimato e colocar o meu nome na declaração escrita pelo Birô Político. Transformar esta necessidade política em uma questão moral abstrata só é possível para charlatões pequeno-burgueses que estão prontos a proclamar: "fiat justitia, pereat mundus" (faça-se justiça, ainda que pereça o mundo!), mas que para suas próprias atuações diárias têm uma contabilidade muito mais flexível! E esta gente pensa que é revolucionária! Se comparados a eles, os nossos velhos mencheviques foram heróis.

W. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México), D. F.

⁴⁵ Em 1925 Max Eastman entregou ao *New York Times* o "Testamento de Lenin" para publicação. Trotsky desautorizou esta iniciativa e declarou que o texto era falso. Perante a Comissão Dewey, Trotsky deu a seguinte explicação sobre o caso: "Eastman publicou este documento sem consultar a mim e aos demais, e com isso aprofundou terrivelmente a luta interna na União Soviética e no Birô Político, o que foi o começo da ruptura. Pela nossa parte, tentamos evitar a ruptura. A maioria do birô pediu-me, exigiu-me, que tomasse uma posição pública. Assinei então um documento muito diplomático." (N. do E.)

⁴⁶ Do russo "triunvirato", fração interna do Birô Político do PCR(b), formada por Stalin, Kamenev e Zinoviev com o objetivo de combater Trotsky. (N. do E.)

TRÊS CARTAS A FARRELL DOBBS

Primeira carta

4 de março de 1940

Querido camarada Dobbs:

É claro que daqui é difícil para mim seguir a febril evolução política da oposição. Mas estou de acordo em que cada vez mais dão a impressão de ser gente que está apressada em queimar todas as pontes atrás de si. O artigo "Ciência e estilo" de Burnham não é, em si mesmo, inesperado. Mas a aceitação tranquila do artigo por Shachtman, Abern e os demais é o sintoma mais decepcionante, não só do ponto de vista político e teórico, mas também do ponto de vista de suas autênticas ideias sobre a unidade do partido.

Pelo que posso julgar daqui, querem uma ruptura em nome da unidade. Shachtman encontra, ou para melhor dizê-lo, inventa "precedentes históricos". No partido bolchevique a oposição tinha seus próprios jornais públicos etc. Esquece unicamente que, naquele momento, o partido tinha centenas de milhares de membros, que a discussão tinha como objetivo chegar a essas centenas de milhares de membros e convencê-los. Em tais condições não era fácil limitar a discussão a círculos internos. Por outro lado, o perigo de coexistência de jornais do partido e da oposição atenuava-se pelo fato de que a decisão final dependia de centenas de milhares de operários, e não de pequenos grupos. O partido americano tem, comparativamente, apenas um reduzido número de membros, e a

discussão era, e é, mais do que abundante. As linhas de demarcação parecem ser muito firmes, pelo menos para o próximo período. Em tais condições, para a oposição, ter seu jornal ou revista próprios é um meio, não para convencer o partido, mas sim para dirigir-se ao mundo exterior contra o partido.

A homogeneidade e coesão de uma organização de propaganda revolucionária como o Socialist Workers Party deve ser incomparavelmente maior do que a de um partido de massas. Estou de acordo com você que, em tais condições, a Quarta Internacional não deve, nem pode, admitir uma unidade puramente fictícia, sob cuja cobertura duas organizações independentes se dirijam ao mundo exterior com diferentes teorias, diferentes programas, diferentes palavras de ordem e diferentes princípios organizativos. Em tais condições, uma ruptura aberta seria mil vezes preferível a tal unidade hipócrita.

A oposição refere-se também ao fato de que, em certas épocas, tivemos dois grupos paralelos no mesmo país. Mas tais situações anormais foram admitidas temporariamente só em dois casos: quando a fisionomia política dos dois grupos, ou de um deles, não era suficientemente clara e a Quarta Internacional precisava de tempo para poder opinar sobre o assunto; ou no caso de uma divergência concreta, limitada, mas muito forte (entrada no PSOP 47 etc.). A situação nos Estado Unidos é absolutamente diferente. Tínhamos um partido unido, com uma tradição séria. Agora temos duas organizações, uma das quais, graças à sua composição social e à pressão externa, entrou, no intervalo de um par de meses, em conflito irreconciliável com nossa teoria, nosso programa, nossa política e nossos métodos organizativos.

Se eles estão de acordo em trabalhar com vocês na base do centralismo democrático, vocês podem esperar convencer e ganhar os melhores elementos pela prática comum (eles têm o mesmo direito de esperar convencê-los). Mas como organização independente, com seu próprio jornal, só podem evoluir na direção de Burnham. Neste caso, creio que a Quarta Internacional não esteja interessada em fornecê-los uma cobertura, em esconder dos operários sua eminente degeneração. Ao contrário, o interesse da Quarta Internacional será o de forçar a oposição

⁴⁷ Parti Socialiste Ouvrier et Paysan (Partido Socialista Operário e Camponês). (N. do E.)

a fazer sua própria experiência, de forma absolutamente independente, não só sem a proteção de nossa bandeira, mas também, pelo contrário, com a nossa mais forte advertência às massas.

E por isso que o congresso tem não só o direito, mas também o dever de formular uma alternativa clara e enérgica: ou uma autêntica unidade baseada no princípio do centralismo democrático (com garantias sérias e amplas para a minoria *dentro* do Partido), ou uma ruptura aberta, clara e ilustrativa, perante toda a classe operária.⁴⁸

Com as melhores saudações,

W. Rork (Leon Trotsky) Coyoacán (México), D. F.

P. S.: Acabo de receber a resolução de Cleveland sobre a unidade do partido. Minha impressão: a base da minoria não deseja a ruptura. Os dirigentes estão interessados não em uma atividade política, mas sim jornalística. Os dirigentes apresentaram uma resolução sobre a ruptura do partido sob o nome de resolução sobre a unidade do partido com o propósito de envolver os seus seguidores em uma ruptura. A resolução diz: As minorias do partido bolchevique, tanto antes, quanto durante a Primeira Guerra Mundial, tiveram seus próprios jornais públicos. Que minorias? Em que momento? Que jornais? Os dirigentes levam seus seguidores a um erro com o propósito de mascarar as suas intenções rupturistas.

Todas as esperanças dos dirigentes da minoria estão baseadas na sua capacidade literária. Esta era também a esperança dos mencheviques russos, que, como fração pequeno-burguesa, tinham mais intelectuais e jornalistas capazes. Mas suas esperanças foram em vão. Uma caneta ágil não é suficiente para criar um partido revolucionário: é necessária uma base teórica granítica, um programa científico, coerência no pensamento político e firmes princípios organizativos. A oposição, como oposição, não tem nada disto, é o oposto de tudo isto. É por esta razão que estou completamente de acordo com você: se eles desejam apre-

⁴⁸O Comitê Executivo Internacional deveria ter apresentado há muito tempo tal alternativa, mas infelizmente o CEI não existe. (N. do A.)

sentar à opinião pública exterior as teorias de Burnham, a política de Shachtman e os métodos organizativos de Abern, devem fazê-lo em seu próprio nome, sem qualquer responsabilidade por parte do partido ou da Quarta Internacional.

W. R.

Segunda carta

4 de abril de 1940

Querido camarada Dobbs:

Quando você receber esta carta, o congresso já terá começado e você provavelmente terá uma ideia clara sobre se a ruptura é inevitável. Neste caso, a questão de Abern perderá interesse. Mas no caso da minoria se retratar, permito-me insistir sobre minhas propostas prévias. A necessidade de manter em segredo as discussões e decisões do Comitê Nacional é uma questão muito importante, mas não a única e, na situação atual, sequer a mais importante. Cerca de 40% dos membros do partido creem que Abern é o melhor organizador. Se eles ficarem no partido, você não poderá evitar que Abern tenha a oportunidade de demonstrar sua superioridade em questões organizativas, ou comprometer-se. Na primeira sessão do Comitê Nacional, a primeira decisão deve estabelecer que ninguém tem o direito de divulgar os acontecimentos internos do Comitê Nacional, exceto o comitê de conjunto ou suas instituições oficiais (Comitê Político ou Secretariado). O Secretariado pode, por sua vez, concretizar as regras sobre o segredo. Se, apesar de tudo isso, vazar alguma informação, deve-se fazer uma investigação oficial, e se Abern for culpado, deve receber uma advertência pública. No caso de outra falta mais, deve ser afastado do Secretariado. Tal procedimento, apesar das suas desvantagens temporais, é, a longo prazo, incomparavelmente mais favorável do que deixar Abern, o organizador de Nova York, fora do Secretariado e, portanto, fora do controle do Secretariado.

Compreendo muito bem que você esteja satisfeito com o atual Secretariado. No caso de ruptura, é possivelmente o melhor Secretariado que

se pode desejar. Mas se a unidade se mantém, não pode haver um Secretariado apenas composto por representantes da maioria. Talvez devessem ter um Secretariado de cinco membros: três da maioria e dois da minoria.

Se a oposição está vacilando, seria melhor que lhe disséssemos informalmente: estamos dispostos a manter Shachtman, não só como membro do Comitê Político, mas também de nossa equipe editorial; estamos mesmo dispostos a incluir Abern no Secretariado; estamos preparados para considerar outras combinações do mesmo tipo; a única coisa que não podemos aceitar é a transformação da minoria em uma unidade política independente.

Recebi uma carta de Lebrun, do Comitê Executivo Internacional. Povo estranho! Creem que agora, no período de agonia mortal do capitalismo, em condições de guerra e futura clandestinidade, o centralismo bolchevique deve ser abandonado em favor de uma democracia sem limites. Está tudo de pernas para o ar! Mas a sua democracia tem um significado puramente individual: deixem-se fazer o que quero. Lebrun e Johnson foram eleitos para o Comitê Executivo Internacional com base em certos princípios e como representantes de certas organizações. Ambos abandonaram os princípios e ignoram totalmente suas próprias organizações. Estes "democratas" atuaram totalmente como boêmios despreocupados. Se tivéssemos a possibilidade de convocar um congresso internacional, seriam certamente afastados com a mais severa censura. Nem eles mesmos têm dúvidas. Ao mesmo tempo, consideram-se como senadores vitalícios – e tudo em nome da democracia!

Como dizem os franceses, "à la guerre, comme à la guerre!", 49 Isto significa que devemos adaptar o organismo dirigente da Quarta Internacional à real relação de forças em nossas seções. Há mais democracia nisto do que nas reclamações dos senadores vitalícios.

Se tal problema surgir na discussão, você pode citar estas linhas como sendo a minha resposta ao documento de Lebrun.

W. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México), D. F.

⁴⁹ Na guerra, como na guerra! (N. do E.)

Terceira carta 16 de abril de 1940

Querido camarada Dobbs:

Recebemos o seu informe e o de Joe sobre o congresso. Pelo que podemos avaliar daqui, vocês fizeram tudo o que podiam para preservar a unidade do partido. Se nestas condições a minoria ainda assim concretizar uma ruptura, isso apenas demonstrará a cada operário o quanto eles estão longe dos princípios do bolchevismo e são hostis à maioria proletária do partido. Sobre os detalhes de vossas decisões, julgaremos mais concretamente quando tivermos mais informações.

Permito-me chamar a sua atenção sobre outra questão: o artigo de Gerland contra Burnham sobre a lógica simbólica, a lógica de Bertrand Russel e outros. O artigo é demasiado "afiado" e, no caso de permanência da oposição no partido e de Burnham na equipe editorial da *New International*, o artigo poderia ser reescrito usando expressões mais "suaves". Mas a apresentação da lógica simbólica é muito séria e boa e me parece muito útil, especialmente para leitores americanos.

O camarada Weber dedicou também uma parte importante de seu último artigo a este tema. Minha opinião é que deve elaborar esta parte em forma de artigo independente para a *New International*. Agora devemos continuar sistemática e seriamente nossa campanha teórica a favor do materialismo dialético.

O folheto de Jim ⁵⁰ é excelente. É o escrito de um autêntico dirigente operário. Se a discussão só tivesse produzido esse documento, estaria justificada.

Com as mais amistosas saudações para todos vocês,

W. Rork
(Leon Trotsky)
Coyoacán (México), D. F.

⁵⁰ "The struggle for a proletarian party" (A luta por um partido proletário), de James P. Cannon. (N. do E.)

OS MORALISTAS PEQUENO-BURGUESES E O PARTIDO PROLETÁRIO

23 de abril de 1940

A discussão no Socialist Workers Party dos Estados Unidos foi profunda e democrática. A preparação do congresso realizou-se com absoluta lealdade. A minoria participou no congresso, reconhecendo assim sua legalidade e autoridade. A maioria ofereceu à minoria todas as garantias necessárias para que continuasse a luta por seus pontos de vista depois do congresso. A minoria exigia que lhe fosse permitido dirigir-se às massas, passando por cima do partido. A maioria recusou, naturalmente, esta monstruosa pretensão. Entretanto, pelas costas do partido, a minoria entregava-se a obscuras maquinações e apropriava-se da *New International*, que tinha sido publicada com os esforços de todo o partido e da Quarta Internacional. Devo acrescentar que a maioria tinha concordado em dar à minoria dois dos cinco postos do comitê de redação deste órgão teórico. Mas como uma "aristocracia" intelectual pode continuar sendo minoria em um partido operário? No final das contas, pôr um professor no mesmo plano que um operário é "conservadorismo burocrático"!

Em seu recente artigo polêmico contra mim, Burnham explica que o socialismo é um "ideal moral". Evidentemente, isto não é novidade. No início do século passado, a moral serviu de base ao "verdadeiro socialismo alemão", que Marx e Engels submeteram à crítica desde o início de suas atividades. No começo do nosso século os socialistas revolucionários russos contrapunham o "ideal moral" ao socialismo materialista. Lamento dizer que esses defensores da moral se transformaram em vulgares vigaristas no campo da política. Em 1917, traíram completamente os operários a favor da burguesia e do imperialismo estrangeiro.

Uma larga experiência política ensina-me que cada vez que um professor pequeno-burguês ou um jornalista começa a falar de moral, é necessário levar as mãos aos bolsos. Desta vez também foi assim. Em nome do "ideal moral", um intelectual pequeno-burguês roubou do bolso do partido proletário o órgão teórico. Aqui temos um exemplo vivo dos métodos organizativos destes inovadores moralistas e paladinos da democracia.

O que é a democracia partidária aos olhos de um pequeno-burguês "culto"? Um regime que lhe permita dizer e escrever o que lhe apeteça. Que é o "burocratismo" aos olhos de um pequeno-burguês "culto"? Um regime no qual a maioria proletária fortalece com métodos democráticos suas decisões e disciplina. Operários, lembrem-se disso!

A minoria pequeno-burguesa do SWP rompe com a maioria proletária na base de uma luta contra o marxismo revolucionário. Burnham proclamou que o materialismo dialético é incompatível com a sua "ciência" mofada. Shachtman proclamou que o marxismo revolucionário não tinha qualquer importância do ponto de vista das "tarefas práticas". Abern apressou-se em montar sua barraquinha junto ao bloco antimarxista. E agora estes cavalheiros chamam a revista que roubaram do partido de "um órgão do marxismo revolucionário". O que é isto se não charlatanice ideológica? Que os leitores exijam destes editores a publicação do único trabalho programático da minoria, ou seja, o artigo de Burnham "Ciência e estilo". Se os editores não se dispuserem a imitar o comerciante que oferece mercadoria estragada sob embalagens chamativas, se sentirão obrigados a publicar este artigo. Todos então poderiam ver por si mesmo o tipo de "marxismo revolucionário" que se expõe aí. Mas não se atreverão a fazê-lo. Têm vergonha de mostrar seus verdadeiros rostos. Burnham está acostumado a esconder na sua pasta os artigos e resoluções demasiado reveladoras, enquanto Shachtman adotou como profissão servir de advogado de concepções alheias, carecendo, por isso, de concepções próprias.

Os primeiros artigos "programáticos" do órgão roubado já revelam a superficialidade e o vazio deste novo agrupamento antimarxista que aparece sob o rótulo de "terceiro campo". Que coisa é esta? Existe o campo do capitalismo e existe o campo do proletariado. Mas não existe talvez um "terceiro campo", um refúgio pequeno-burguês? De fato, ele

existe. Mas como sempre, o pequeno-burguês camufla seu "campo" com as flores de papel da retórica. Escutemos! Aqui há um campo: França e Inglaterra. Aqui outro: Hitler e Stalin. E aí um terceiro campo: Burnham e Shachtman. Para eles, a Quarta Internacional está no campo de Hitler (já faz tempo que Stalin fez essa descoberta). E daí surge uma grande palavra de ordem: pacifistas e desorientados do mundo, todos os ofendidos pelo destino, uni-vos no "terceiro" campo!

Mas o fato é que os dois campos beligerantes não esgotam de maneira alguma o mundo burguês. Onde colocar os países neutros e semineutros? Onde colocar os Estados Unidos? Que lugar dar à Itália e ao Japão? E os países escandinavos? E a Índia? E a China? Não nos referimos ao proletariado revolucionário indiano ou chinês, mas sim à Índia e à China como países oprimidos. O esquema escolar dos três campos esquece um pequeno detalhe: o mundo colonial, a maior parte da humanidade!

A Índia participa na guerra imperialista ao lado da Grã-Bretanha. Quer isto dizer que a nossa atitude em relação à Índia – não em relação aos bolcheviques indianos, mas sim à Índia – é a mesma que em relação à Grã-Bretanha? Se existem neste mundo, além de Burnham e Shachtman, só dois campos imperialistas, então me permita perguntar: onde colocar a Índia? Um marxista dirá que apesar da Índia ser parte integrante do Império Britânico e participar na guerra imperialista; apesar da política traidora de Gandhi e de outros líderes nacionalistas, nossa atitude em relação à Índia é radicalmente diferente de nossa atitude em relação à Inglaterra. Defendemos a Índia contra a Inglaterra. Por que então nossa atitude em relação à União Soviética não pode ser distinta de nossa atitude em relação à Alemanha, apesar do fato de Stalin ter se aliado a Hitler? Por que não podemos defender as formas sociais mais progressivas, que são capazes de se desenvolver contra as formas reacionárias, que só podem se decompor? Não só podemos, como devemos fazê-lo! Os teóricos da revista roubada substituem a análise de classe por uma construção mecânica muito do agrado dos intelectuais pequeno-burgueses devido à sua pseudossimetria. Assim como os stalinistas camuflam sua subordinação ao nazismo com duras palavras dirigidas contra as democracias imperialistas, Shachtman e cia. escondem sua capitulação perante a opinião pública pequeno-burguesa dos Estados Unidos com a pomposa fraseologia do "terceiro campo". Como se este

"terceiro campo" (que é? um partido? um clube? uma Liga das Esperanças Abandonadas? uma "frente popular"?) estivesse livre da obrigação de ter uma política correta em relação à pequena burguesia, aos sindicatos, à Índia e à URSS!

Há poucos dias Shachtman chamou a si mesmo de "trotskista" na imprensa. Se isso é trotskismo, eu pelo menos não sou trotskista. Não tenho nada em comum com as atuais ideias de Shachtman, sem falar das de Burnham. Acostumei-me a colaborar assiduamente com a *New International*, protestando, em cartas, contra a atitude leviana de Shachtman em relação à teoria e suas concessões sem princípios a Burnham, o pedante pequeno-burguês inchado. Mas nessa altura, Burnham e Shachtman eram controlados pelo partido e a Internacional. Atualmente, a pressão dos democratas pequeno-burgueses liberou-os. Minha atitude em relação à sua nova revista só pode ser a mesma que tenho em relação a todos os demais abortos do marxismo. Quanto aos seus "métodos organizativos" e à sua "moral" política, não me inspiram mais do que desprezo.

Se os agentes conscientes do inimigo de classe tivessem atuado por intermédio de Shachtman, o teriam aconselhado a fazer tudo o que fez. Uniu-se aos elementos antimarxistas para travar uma luta contra o marxismo; ajudou a unificar uma fração pequeno-burguesa contra os operários; absteve-se de utilizar a democracia interna do partido e de realizar um esforço honesto para convencer a maioria proletária; provocou uma ruptura durante uma guerra mundial e, para culminar, encobriu esta ruptura com o véu de um escândalo sujo e desprezível, que parece especialmente maquinado para alimentar nossos inimigos. Estes são os "democratas", e esta é a sua "moral"!

Mas tudo isto não servirá para nada. Estão em bancarrota. Apesar das traições dos intelectuais vacilantes e das zombarias baratas das comadres democráticas, a Quarta Internacional continuará o seu caminho adiante, criando e educando uma verdadeira seleção de revolucionários proletários capazes de entender o que é o partido, o que significa a lealdade à bandeira e o que significa a disciplina revolucionária.

Operários conscientes! Nem uma grama de confiança na "no terceiro fronte" da pequena burguesia!

Leon Trotsky

BALANÇO DOS ACONTECIMENTOS FINLANDESES

25 de abril de 1940

Eles não previram

A aliança com Hitler "nós" previmos – escrevem Shachtman e Burnham –, mas a invasão da Polônia Oriental e a invasão da Finlândia, não. Isto "nós" não previmos. Estes acontecimentos totalmente imprevisíveis e improváveis exigem uma completa revisão de nossa política.

Ora, estes políticos pensavam, pelo visto, que Stalin se aliou com Hitler para decorar ovos de Páscoa. "Previram" a aliança (quando? onde?), mas não por quê e para quê.

Reconhecem ao Estado operário o direito de manobrar entre os bandos imperialistas, realizando acordos com um contra outro. Estes acordos teriam como finalidade, evidentemente, a defesa do Estado operário, a aquisição de vantagens econômicas, estratégicas etc. E, se as circunstâncias o permitirem, a extensão de suas bases. O Estado operário degenerado tenta realizar estes objetivos com seus próprios métodos burocráticos, que a cada passo entram em conflito com os interesses do proletariado mundial. Mas o que há propriamente de inesperado e imprevisto na tentativa do Kremlin de obter as maiores vantagens possíveis de sua aliança com Hitler?

Se nossos infelizes políticos não foram capazes de prever "isto", é só porque não pensam uma só questão seriamente e até o fim. Durante as prolongadas negociações com a delegação anglo-francesa no verão de 1939, o Kremlin exigiu abertamente o controle dos Estados bálticos.

Como a Inglaterra e a França não aceitaram este controle, Stalin rompeu negociações. Isto indicava claramente que um acordo com Hitler asseguraria a Stalin, pelo menos, o controle dos Estados bálticos. As pessoas politicamente maduras de todo o mundo consideravam a questão precisamente sob este ângulo: como Stalin alcançará este objetivo? Recorrerá à força militar? etc. O curso dos acontecimentos dependia, no entanto, em grau considerável, mais de Hitler do que de Stalin. Os acontecimentos concretos não podem de modo algum ser previstos. Mas a direção em que os acontecimentos se desenvolviam não continha nada de especialmente novo.

Devido à degeneração do Estado operário, a União Soviética chegou à beira da segunda guerra imperialista mais débil que o necessário. O acordo de Stalin com Hitler tinha como objetivo proteger a URSS contra um ataque alemão e, em geral, assegurar que a URSS não seria arrastada para um conflito maior. Para apoderar-se da Polônia, Hitler tinha que se proteger do leste. Stalin viu-se obrigado, com autorização de Hitler, a invadir a Polônia Oriental a fim de obter algumas garantias suplementares contra Hitler na fronteira ocidental da URSS. Como resultado destes acontecimentos, no entanto, a URSS ganhou uma fronteira comum com a Alemanha, e por isso mesmo o perigo de uma Alemanha triunfante tornou-se muito mais direto, aumentando consideravelmente a dependência de Stalin em relação a Hitler.

O episódio da partilha da Polônia teve seu desenvolvimento e complemento na arena escandinava. Hitler não podia deixar de informar ao seu "amigo" Stalin que planejava apoderar-se dos países escandinavos. Stalin não podia deixar de suar frio. Isto significava a completa dominação do Báltico e da Finlândia e uma ameaça direta a Leningrado. Uma vez mais, Stalin procurou garantias suplementares contra seu aliado, desta vez na Finlândia. No entanto, encontrou ali séria resistência. O "passeio militar" se prolongou. Entretanto, a Escandinávia ameaçava converter-se na arena de uma grande guerra. Hitler, que tinha completado os preparativos para o seu ataque contra a Dinamarca e a Noruega, exigiu que Stalin celebrasse uma rápida paz. Stalin teve que adiar seus planos e renunciar à sovietização da Finlândia. Estes são os aspectos mais importantes dos acontecimentos no nordeste da Europa.

As pequenas nações na guerra imperialista

Nas condições da guerra mundial, tratar a questão do destino dos pequenos Estados do ponto de vista da "independência nacional", "neutralidade" etc. é permanecer no terreno da mitologia imperialista. A luta é pelo domínio mundial. A questão da existência da URSS será resolvida nessa luta. Este problema, que atualmente está em segundo plano, passará em determinado momento para o primeiro. No que diz respeito aos Estados pequenos e de segunda categoria, não são senão peões nas mãos das grandes potências. A única liberdade que lhes resta, e ainda em extensão limitada, é a liberdade de escolher os amos

Dois governos lutaram em certo momento na Noruega: o governo dos nazistas noruegueses no sul, apoiado pelas tropas alemãs, e o antigo governo social-democrata com seu rei no norte. Os operários noruegueses deveriam ter apoiado o campo "democrático" contra o fascista? Seguindo a analogia da Espanha, poderia parecer que, à primeira vista, a resposta deveria ser afirmativa. Na realidade, teria sido o maior dos enganos. Na Espanha existia uma guerra civil isolada. A intervenção das potências imperialistas estrangeiras, se bem que importante, tinha um caráter secundário. Na Noruega trata-se de um conflito direto e imediato entre dois campos imperialistas, em cujas mãos os governos noruegueses em luta são meros instrumentos auxiliares. Na arena mundial não apoiamos nem o campo dos aliados, nem o da Alemanha. Em consequência, não temos a menor razão ou justificativa para apoiar qualquer de seus instrumentos temporários dentro da Noruega.

O mesmo tratamento deve ser aplicado à Finlândia. Do ponto de vista da estratégia do proletariado mundial, a resistência finlandesa não é um ato de defesa da independência nacional maior do que a resistência do governo da Noruega. O próprio governo finlandês o demonstrou quando preferiu cessar toda resistência antes que a Finlândia se transformasse completamente em uma base militar da Inglaterra, França e Estados Unidos. Fatores secundários, como a independência nacional da Finlândia ou da Noruega, a defesa da democracia etc., por importantes que sejam, estão atualmente implicados na luta de forças mundiais infinitamente mais poderosas e se subordinam completamente a elas. Devemos

deixar de lado os fatores secundários e determinar nossa política em concordância com os fatores básicos.

Há seis anos, as teses programáticas da Quarta Internacional sobre a guerra deram a esta questão uma resposta exaustiva. As teses estabelecem: "A ideia da defesa nacional, especialmente se coincide com a ideia de defesa da democracia, pode ser facilmente utilizada para enganar os operários dos países pequenos e neutros (Suíça, Bélgica em particular, os países escandinavos...)." E mais adiante: "Só um pequeno-burguês estúpido do interior da Suíça (como Robert Grimm) poderia imaginar que uma guerra mundial na qual ele está envolvido seria um meio de defender a independência da Suíça." Outros pequeno-burgueses, igualmente estúpidos, imaginam que a guerra mundial é um meio de defender a Finlândia, que é possível determinar a estratégia proletária sobre a base de um episódio tático como a invasão da Finlândia pelo Exército Vermelho.

Geórgia e Finlândia

Assim como durante uma greve dirigida contra o grande capital os operários atentam contra os altos interesses do pequeno-burguês, assim também numa luta contra o imperialismo, ou ao procurar garantias militares contra o imperialismo, o Estado operário – ainda completamente são e revolucionário – pode se ver obrigado a violar a independência deste ou daquele pequeno Estado. Derramar lágrimas sobre a rudeza da luta de classes no plano interno ou externo pode ser próprio dos filisteus democráticos, mas não de revolucionários proletários.

Em 1921 a República Soviética "sovietizou" à força a Geórgia, que constituía um caminho aberto para o ataque imperialista no Cáucaso. Do ponto de vista dos princípios da autodeterminação nacional, muito poderia ser argumentado contra tal "sovietização". Do ponto de vista de estender a arena da revolução socialista, a intervenção militar em um país camponês era um ato mais do que duvidoso. Do ponto de vista da autodefesa do Estado operário, rodeado de inimigos, a "sovietização" forçada estava justificada: a salvação da revolução socialista impunha-se sobre os princípios democráticos formais.

O imperialismo utilizou, durante muito tempo, o tema da violência na Geórgia como a palavra de ordem de mobilização da opinião pública

mundial contra os soviets. A Segunda Internacional seguiu esta campanha. A Entente orientava-se para a preparação de uma possível e nova intervenção militar contra os soviets.

Exatamente da mesma maneira que no caso da Geórgia, a burguesia mundial utilizou a invasão da Finlândia para mobilizar a opinião pública mundial contra a URSS. Também neste caso a social-democracia se constituiu na vanguarda do imperialismo democrático. O infeliz "terceiro campo" dos assustados pequeno-burgueses trotou a reboque dela.

Apesar da notável semelhança entre estes dois exemplos de intervenção militar, existe, no entanto, uma profunda diferença: a URSS atual está longe de ser a República Soviética de 1921. As teses de 1934 da Quarta Internacional sobre a guerra declaram: "O monstruoso desenvolvimento do burocratismo soviético e as penosas condições de vida dos trabalhadores diminuíram extraordinariamente a força de atração da URSS sobre a classe operária mundial." A guerra fino-soviética revelou clara e completamente que, à distância de um tiro de canhão de Leningrado, berço da revolução de Outubro, a URSS é incapaz de exercer uma força atrativa. Disto não se pode concluir, no entanto, que a URSS deve ser entregue aos imperialistas, mas sim que a URSS deve ser arrancada das mãos da burocracia.

"Onde está a guerra civil?"

"Mas onde está a prometida guerra civil na Finlândia?", perguntam os líderes da ex-oposição, transformados agora nos líderes do "terceiro campo". Eu não prometi nada. Só analisei uma das possíveis variantes do ulterior desenvolvimento do conflito fino-soviético. A obtenção de bases isoladas na Finlândia era tão provável quanto a ocupação completa do país. A obtenção de bases pressupunha manter o regime burguês em todo o resto do país. A ocupação pressupunha uma mudança social que teria sido impossível sem arrastar os operários e os camponeses pobres para a guerra civil. As negociações diplomáticas iniciais entre Moscou e Helsinque indicavam uma tentativa de solucionar a questão da mesma forma que foi feito nos países bálticos. A resistência da Finlândia obrigou o Kremlin a conseguir os seus objetivos via medidas militares. Stalin só podia justificar a guerra perante as amplas massas por meio da

sovietização da Finlândia. A constituição do governo Kuusinen indicava que o destino que aguardava a Finlândia não era o dos Estados bálticos, mas sim o da Polônia, onde Stalin – apesar do que escrevem os colunistas do "terceiro campo" – viu-se obrigado a provocar a guerra civil e a modificar as relações sociais.

Assinalei várias vezes que *se* a guerra na Finlândia não se dissolvesse em uma guerra geral e *se* Stalin não fosse obrigado a retroceder perante uma ameaça externa, ele se veria forçado a levar adiante a sovietização da Finlândia. Esta tarefa era, em si mesma, muito mais difícil do que a sovietização da Polônia Oriental. Mais difícil do ponto de vista militar, porque a Finlândia possui uma antiga tradição de luta contra a Rússia pela independência nacional, enquanto que os ucranianos e bielo-russos estavam lutando contra a Polônia. Mais difícil do ponto de vista social, porque a burguesia finlandesa tinha solucionado, à sua maneira, o problema agrário pré-capitalista com o desenvolvimento de uma pequena burguesia agrícola. No entanto, a vitória militar de Stalin sobre a Finlândia teria, indiscutivelmente, mudado as relações de propriedade, com maior ou menor apoio dos operários e pequenos camponeses finlandeses.

Por que Stalin não realizou este plano? Porque foi desencadeada uma gigantesca campanha da opinião pública burguesa contra a URSS. Porque a Inglaterra e a França colocaram seriamente a questão da intervenção militar. Finalmente — e não menos importante — porque Hitler não podia continuar esperando. A aparição de tropas inglesas e francesas na Finlândia teria constituído uma ameaça direta aos planos escandinavos de Hitler, que se baseavam na conspiração e na surpresa. Apanhado em uma armadilha de duplo perigo — de um lado os aliados e de outro, Hitler — Stalin renunciou à sovietização da Finlândia, limitando-se à tomada de posições estratégicas isoladas.

Os partidários do "terceiro campo" (o campo dos pequeno-burgueses assustados) fazem agora a seguinte construção: Trotsky deduziu a guerra civil na Finlândia a partir da natureza de classe da URSS; dado que a guerra civil não se produziu, significa que a URSS não é um Estado operário. Na realidade não era necessário "deduzir" logicamente uma possível guerra civil na Finlândia a partir da definição sociológica da URSS: bastava basear-se na experiência da Polônia Oriental. A modificação de relações sociais que aí se produziu só poderia ser realizada pelo Estado

surgido da Revolução de Outubro. Esta mudança foi imposta à oligarquia do Kremlin devido à sua luta pela autopreservação sob condições especiais. Não havia a menor razão para duvidar que sob condições análogas ela se veria obrigada a repetir a mesma operação na Finlândia. Foi só isso que eu assinalei. Mas as condições mudaram durante o decorrer da luta. A guerra, como a revolução, tem frequentemente viragens bruscas. Com o fim das operações militares por parte do Exército Vermelho, não se poderia se falar, naturalmente, de uma guerra civil na Finlândia.

Todo prognóstico histórico é sempre condicional, e quanto mais concreto for o prognóstico, mais condicional será. Um prognóstico não é uma letra de câmbio que se possa cobrar em prazo fixo. O prognóstico só esboça certas tendências do desenvolvimento. Porém, junto com estas tendências, atuam forças e tendências de ordem distinta e que, num dado momento, passam a ser predominantes. Aqueles que quiserem profecias exatas dos acontecimentos concretos devem consultar os astrólogos. O prognóstico marxista só dá uma orientação. Fiz várias vezes reservas sobre a condicionalidade do meu prognóstico como sendo *uma* das variantes possíveis. Aferrar-se agora, como a uma tábua de salvação, a um fato histórico de terceira categoria — o fato de que o destino da Finlândia foi temporariamente determinado de acordo com o modelo da Estônia, Letônia e Lituânia, em vez do modelo da Polônia Oriental —, só mesmo os escolásticos estéreis ou... os líderes do "terceiro campo".

A defesa da União Soviética

É claro que o ataque de Stalin à Finlândia não era unicamente um ato de defesa da União Soviética. A política da União Soviética é dirigida pela burocracia bonapartista. A esta burocracia interessa principal e fundamentalmente o seu poder, seu prestígio, suas vantagens. Defende a si própria muito melhor do que defende a URSS. Defende-se à custa da URSS e do proletariado mundial. Isto se revelou com absoluta clareza durante todo o desenvolvimento do conflito fino-soviético. Não podemos, portanto, assumir sequer uma sombra de responsabilidade, direta ou indireta, pela invasão da Finlândia, que é só um elo isolado da cadeia da política da burocracia bonapartista.

Uma coisa é solidarizar-se com Stalin, defender sua política, assumir responsabilidade por ela (como faz a triplamente infame Internacional Comunista). Outra, é explicar à classe trabalhadora mundial que, apesar dos crimes de Stalin, não podemos permitir que o imperialismo mundial esmague a União Soviética, restabeleça o capitalismo e converta a terra da Revolução de Outubro em uma colônia. É esta explicação que proporciona as bases para a nossa defesa da União Soviética.

A tentativa dos derrotistas conjunturais, quer dizer, dos aventureiros do derrotismo, de se livrarem de suas dificuldades com a promessa de que, no caso dos aliados intervirem, trocarão sua política derrotista por uma política defensista, constitui uma manobra desprezível. Em geral, não é fácil determinar a política com um cronômetro, especialmente em tempos de guerra. Nos críticos dias da guerra fino-soviética (como se soube agora), todos os Estados-Maiores aliados chegaram à conclusão de que só poderia ser prestada uma rápida e eficaz ajuda à Finlândia mediante a destruição, por meio de bombardeio, da ferrovia de Murmansk. Do ponto de vista da estratégia, isto era completamente correto. A questão da intervenção ou não intervenção das forças aéreas aliadas estava por um fio de cabelo. E neste mesmo fio balançava-se também a posição de princípios do "terceiro campo". Já nós, desde o começo, consideramos que era necessário determinar nossa posição de acordo com os campos de classe básicos na guerra. Era bem mais seguro.

Não entregar ao inimigo as posições conquistadas

A política do derrotismo não é um castigo a um dado governo por este ou aquele crime que tenha cometido, mas sim uma resultante das relações de classe. A linha marxista de conduta na guerra está determinada, não por considerações sentimentais ou de moral abstrata, mas sim pela apreciação social de um regime nas suas relações recíprocas com outros regimes. Apoiamos a Abissínia, não porque o Negus ⁵¹ fosse política ou "moralmente" superior a Mussolini, mas sim porque a defesa de um país atrasado contra a opressão colonial assenta um golpe no imperialismo, que é o principal inimigo da classe trabalhadora. Defendemos

⁵¹ Na Abissínia, atual Etiópia, título equivalente ao de rei. (N. de E.)

a URSS independentemente do Negus de Moscou por duas razões fundamentais. Primeiro: a derrota da URSS proporcionaria ao imperialismo novos e colossais recursos e prolongaria por muitos anos a agonia mortal da sociedade capitalista. Segundo: as bases sociais da URSS, liberadas da burocracia parasitária, podem ter um progresso econômico e cultural ilimitado, enquanto as bases capitalistas não oferecem outra possibilidade que não seja a de uma maior decadência.

O que desmascara por completo os ruidosos críticos é que estes continuaram considerando a URSS como Estado operário quando Stalin estava destruindo o partido bolchevique, quando estava sufocando a revolução na Espanha, quando estava traindo a revolução mundial em nome das "frentes populares" e da "segurança coletiva". Em todas estas situações reconheceram a necessidade de defender a URSS como Estado operário. Mas logo que o mesmo Stalin invade a "democrática" Finlândia, logo que a opinião pública burguesa das democracias imperialistas – que justificaram e aprovaram todos os crimes de Stalin contra comunistas, operários e camponeses – lança o grito aos céus, os nossos inovadores declararam: "Não! Isto é intolerável!" E, seguindo Roosevelt, decretaram um embargo moral contra a União Soviética.

O raciocínio do educado e sábio doutor Burnham de que, ao defender a URSS, defendemos *portanto* Hitler, é um claro exemplo da estupidez pequeno-burguesa que procura apertar a realidade contraditória dentro dos marcos do silogismo perfeito. Ao defender a República Soviética depois da paz de Brest-Litovski, os operários apoiaram os Hohenzollern? Sim ou não? As teses programáticas da Quarta Internacional sobre a guerra, que tratam detalhadamente desta questão, estabelecem categoricamente que os acordos entre o Estado soviético e este ou aquele Estado imperialista não impõem qualquer restrição ao partido revolucionário de tais Estados. Os interesses da revolução mundial estão acima de qualquer combinação diplomática isolada, por mais justificada que esta seja. Ao defender a URSS, lutamos mais seriamente contra Stalin e Hitler que Burnham e cia.

É evidente que Burnham e Shachtman não estão sós. Leon Jouhaux, notório agente do capital francês, também clama indignado pelo fato de que "os trotskistas defendem a URSS". Quem poderia se indignar melhor do que ele? Mas a nossa atitude em relação à URSS é a mesma

que temos em relação à CGT (Confederação Geral do Trabalho): defendemo-la contra a burguesia, apesar do fato de que tal confederação está dirigida por canalhas como Léon Jouhaux, que enganam e traem os operários a cada passo. Os mencheviques russos também gritam: "A Quarta Internacional está num beco sem saída" porque continua reconhecendo a URSS como Estado operário. Estes mesmos cavalheiros são membros da Segunda Internacional, dirigida por traidores como o típico prefeito burguês Huysmans e Leon Blum, que traiu uma situação revolucionária extremamente favorável em junho de 1936, permitindo com isso o desencadeamento da atual guerra. Os mencheviques reconhecem como partidos operários os partidos da Segunda Internacional, mas se recusam a reconhecer a União Soviética como Estado operário porque é dirigida por burocratas traidores. Esta falsidade está cheia de cinismo e descaramento. Stalin, Molotov e o resto, como camada social, não são melhores nem piores que Blum, Jouhaux, Citrine, Thomas etc. A diferença entre eles está somente em que Stalin e cia. exploram e mutilam as bases econômicas vitais do desenvolvimento socialista, enquanto que os "blums" se aferram às bases totalmente podres da sociedade capitalista.

O Estado operário deve ser analisado tal como saiu do implacável laboratório da história, não como o imagina um professor "socialista", enquanto limpa sonhadoramente o nariz com o dedo. O dever dos revolucionários é defender toda conquista da classe trabalhadora, ainda que tenha sido desfigurada pela pressão de forças hostis. Aqueles que são incapazes de defender as posições tomadas nunca conquistarão outras novas.

Leon Trotsky

CARTA A JAMES P. CANNON

28 de maio de 1940

Queridos camaradas:

O afastamento de Burnham ⁵² é uma confirmação excelente de nossas análises e previsões referentes à ex-minoria. Não cremos que seja a última separação.

W. R. (Leon Trotsky)

⁵² A carta de Burnham, proclamando seu total repúdio ao socialismo e ao mesmo tempo anunciando seu afastamento do autodenominado Partido Operário é datada de 21 de maio de 1940. O texto da carta nunca foi tornado público pelos colaboradores de Burnham, mas em agosto de 1940 foi publicado pela *Fourth Internacional* e encontra-se no apêndice deste livro. (N. do E.)

CARTA A ALBERT GOLDMAN

5 de junho de 1940

Querido amigo:

Burnham não reconhece a dialética, mas a dialética não lhe permite escapar de seus braços. Foi apanhado como uma mosca em uma teia de aranha. O golpe que Shachtman lhe deu é irreparável. Que lição sobre blocos principistas e sem princípios! E pobre Abern! Há quatro anos encontrou os protetores de sua camarilha na pessoa do Santo Padre Muste e de seu coroinha Spector. Agora ele repete a experiência com o católico rompido com a Igreja Burnham e seu advogado Shachtman... Nos bons e velhos tempos esperávamos muitas vezes durante anos, às vezes décadas, até que um prognóstico se verificasse. Agora o ritmo dos acontecimentos é tão febril, que a verificação chega inesperadamente, no dia seguinte. Pobre Shachtman!

Com as melhores saudações,

L. Trotsky
Coyoacán (México), D. F.

SOBRE O PARTIDO "OPERÁRIO" 53

7 de agosto de 1940

Pergunta: Existiram, em sua opinião, diferenças políticas suficientes para justificar uma ruptura?

Trotsky: Também aqui é necessário considerar o problema dialeticamente, e não mecanicamente. O que significa esta terrível palavra "dialética"? Significa considerar as coisas no seu desenvolvimento, não em uma situação estática. Se tomarmos as diferenças políticas tal como são, podemos dizer que não eram suficientes para uma ruptura, mas se elas desenvolveram uma tendência a se afastar do proletariado, indo em direção aos círculos pequeno-burgueses, então essas mesmas diferenças podem ter um valor absolutamente diferente, um peso diferente, se estão ligadas com um grupo social diferente. Este é um ponto muito importante.

Temos o fato de que a minoria rompeu conosco, apesar de todas as medidas tomadas pela maioria para evitar a ruptura. Isto significa que seu sentimento social interno era tal que, para eles, era impossível prosseguirmos juntos. É uma tendência pequeno-burguesa, não proletária. Se você deseja uma nova confirmação disto, temos um excelente exemplo no artigo de Dwight MacDonald.

O que caracteriza antes de tudo um revolucionário proletário? Ninguém é obrigado a participar de um partido revolucionário. Mas se participa, tem que considerar o partido de maneira séria. Se ousamos chamar

⁵³ Artigo extraído da *Fourth International* de outubro de 1940. (N. do E.)

os trabalhadores para fazerem uma mudança revolucionária da sociedade, assumimos uma responsabilidade que devemos considerar muito seriamente. E o que é a nossa teoria, senão o instrumento para a nossa ação? A teoria marxista é este instrumento, porque até hoje não encontramos nada melhor. Um operário não é um fanático por suas ferramentas: se elas são as melhores disponíveis, ele cuida delas, não as descarta exigindo novas ferramentas fantásticas que não existem.

Burnham é um intelectual esnobe. Experimenta um partido, abandona-o, entra em outro. Um operário não pode fazer isto. Se ele adere a um partido revolucionário, dirige-se às pessoas, chama as massas para a ação. É o mesmo que um general na guerra – deve saber para onde está dirigindo essa gente. O que pensariam vocês de um general que dissesse que considera que seus canhões são ruins, que deveríamos esperar dez anos até que se inventassem canhões novos e que, enquanto isso, o melhor era irem todos para casa? É assim que raciocina Burnham. Por isso abandona o partido. Mas continua havendo desempregados, a guerra se mantém. Essas coisas não podem ser adiadas. Portanto, só Burnham adiou sua ação.

Dwight MacDonald não é um esnobe, é apenas um estúpido. Cito:

"O intelectual, para realizar alguma função útil na sociedade, não deve enganar nem a si mesmo, nem aos demais; não deve aceitar como boa moeda a que sabe que é falsa; não deve esquecer em um período de crise o que aprendeu durante um período de anos."

Está bem. Absolutamente correto. Em seguida:

"Apenas se enfrentarmos os tumultuados e terríveis anos que temos pela frente com *ceticismo* e devoção – ceticismo em relação a *todas* as teorias, governos e sistemas sociais; devoção à luta revolucionária das massas – só então podemos nos justificar como intelectuais."

Aqui está um dos dirigentes do chamado "Partido Operário", que considera a si mesmo não um proletário, mas sim um "intelectual". Fala de ceticismo em relação a todas as teorias.

Nós nos preparamos para esta crise estudando, construindo um método científico, e nosso método é o marxismo. Então a crise chega, e o

senhor MacDonald diz "sejam céticos em relação a todas as teorias" e depois fala de devoção à revolução, mas não substitui a antiga teoria por qualquer outra nova. Mas talvez sua teoria seja o ceticismo. Como podemos trabalhar sem uma teoria? O que é a luta das massas e o que é um revolucionário? Todo o artigo é escandaloso. Um partido que possa tolerar tal indivíduo como um dos seus dirigentes não é sério.

Cito de novo:

"Qual é então a natureza desta besta (o fascismo)? Trotsky insiste, nem mais, nem menos, em que é o conhecido fenômeno do bonapartismo, no qual uma camarilha se mantém no poder jogando uma classe contra a outra, dando assim, temporariamente, um caráter autônomo ao poder do Estado. Mas esses regimes totalitários modernos não são nem um pouco temporários. Eles já mudaram a estrutura econômica e social, não só manipulando as velhas formas, mas também destruindo sua vitalidade interna. Será a burocracia nazista uma nova classe dirigente e o fascismo uma nova forma de sociedade comparável ao capitalismo? É duvidoso."

Aqui ele cria uma nova teoria, uma nova definição do fascismo, mas, não obstante, deseja que sejamos céticos em relação a todas as teorias. Assim, também dirá aos operários que os instrumentos e ferramentas com que trabalham não são importantes, mas que devem ter devoção ao seu trabalho! Creio que os operários encontrariam uma expressão muito dura para tal declaração.

Isto é muito característico do intelectual desmoralizado. Vê a guerra, a terrível época que temos pela frente, com perdas, com sacrifícios, e tem medo. Começa a propagar o ceticismo e acredita que é possível unificar o ceticismo com a devoção revolucionária. Só podemos desenvolver uma devoção revolucionária se estamos certos de que ela é racional e possível e não podemos ter tal certeza sem uma teoria. Aquele que propaga o ceticismo teórico é um traidor.

No fascismo analisamos diferentes elementos:

1. O elemento que o fascismo compartilha com o velho bonapartismo é o uso dos antagonismos entre as classes para dar ao poder de Estado a maior independência possível. Mas sempre sublinhamos que o velho bonapartismo se deu no tempo de uma sociedade burguesa ascendente, enquanto o fascismo é um poder de Estado da sociedade burguesa decadente.

- 2. Que o fascismo é uma tentativa da classe burguesa de superar, de ultrapassar a contradição entre a nova técnica e a propriedade privada, sem eliminar a propriedade privada. É a "economia planificada" do fascismo. É uma tentativa de salvar a propriedade privada e, ao mesmo tempo, controlar a propriedade privada.
- 3. Superar a contradição entre a técnica nova, moderna, das forças produtivas e as limitadas fronteiras do Estado nacional. Esta nova técnica não pode ser limitada pelas fronteiras do velho Estado nacional, e o fascismo tenta superar esta contradição. O resultado é a guerra. Já analisamos todos estes elementos.

Dwight MacDonald abandonará o partido como fez Burnham, mas como ele é mais preguiçoso, o fará mais tarde.

Burnham foi considerado em certo momento "valioso"? Sim, o partido proletário em nossa época deve fazer uso de cada intelectual que possa contribuir para o partido. Gastei muitos meses com Diego Rivera para salvá-lo para nosso movimento, mas não tive êxito. Cada Internacional teve uma experiência deste tipo. A Primeira Internacional teve problemas com o poeta Freiligrath, que era também cheio de caprichos. A Segunda e a Terceira Internacionais tiveram problemas com Máximo Gorky. A Quarta Internacional, com Rivera. Em todos os casos, separaram-se de nós.

Burnham, é claro, esteve mais próximo do movimento, mas Cannon teve suas dúvidas sobre ele. Sabe escrever e tem um pensamento formalmente construído, não profundo, mas hábil. Pode captar sua ideia, desenvolvê-la, escrever um bom artigo sobre ela – e esquecê-la logo. O autor pode esquecê-la – mas o operário não. Não obstante, quanto mais tempo pudermos utilizar esta gente, tanto melhor. Mussolini também era, em seu tempo, "valioso"!

Leon Trotsky
Coyoacán (México), D. F.

CARTA A ALBERT GOLDMAN

9 de agosto de 1940

Querido amigo:

Não sei se você viu o artigo de Dwight MacDonald no número de agosto de sua *Partisan Review*.

Este homem foi discípulo de Burnham, o intelectual esnobe. Depois da deserção de Burnham, Dwight MacDonald ficou no partido de Shachtman como o único representante da "Ciência".

Na questão do fascismo, MacDonald apresenta uma pobre compilação de plágios de nosso arsenal, que ele apresenta como sendo suas próprias descobertas, e às quais opõe algumas banalidades que diz serem nossas ideias. Tudo sem perspectiva, sem proporção e sem a mínima honestidade intelectual.

No entanto, isto não é o pior. O órfão de Burnham proclama: "Devemos voltar a examinar, de um ponto de vista frio e cético, as premissas básicas do marxismo." (p. 266.) E o que deverá fazer o pobre "Partido Operário" durante esse período de "exame"? E o que deverá fazer o proletariado? Devem, evidentemente, esperar o resultado do estudo de Dwight MacDonald. Provavelmente, este resultado será a deserção de MacDonald, para ir para o lado de Burnham.

As quatro últimas linhas do artigo não podem ser outra coisa que não a preparação de uma deserção pessoal. "Apenas se enfrentarmos os tumultuados e terríveis anos que temos pela frente com *ceticismo* e devoção – ceticismo em relação a *todas* as teorias, governos e sistemas

sociais; devoção à luta revolucionária das massas – só então podemos nos justificar como intelectuais".

A atividade revolucionária baseada no ceticismo teórico é a mais torpe das contradições internas. A "devoção à luta revolucionária das massas" é impossível sem uma compreensão teórica das leis desta luta revolucionária. A devoção revolucionária só é possível caso se tenha a segurança de que ela é razoável, adequada, de que corresponde aos seus objetivos. Tal segurança só pode ser criada por uma penetração teórica na luta de classes. O "ceticismo em relação a todas as teorias" não é mais do que a preparação para a deserção pessoal.

Shachtman permanece silencioso. Como "secretário geral", está muito ocupado para poder defender as "premissas básicas do marxismo" contra filisteus pequeno-burgueses esnobes...

Fraternalmente seu,

L. Trotsky

CARTA A CHRIS ANDREWS

17 de agosto de 1940

Querido Chris:

Gostei muito de sua análise sobre a posição antipacifista adotada pelo partido. Há duas grandes vantagens nesta posição: a primeira é que ela é revolucionária na sua essência e baseada no caráter total de nossa época, em que todas as questões serão decididas não só pela arma da crítica, mas também pela crítica das armas; segunda, que é absolutamente livre de sectarismo. Não opomos aos acontecimentos e aos sentimentos das massas uma afirmação abstrata de nossa santidade.

O triste *Labour Action* ⁵⁴ de 12 de agosto escreve: "Em sua luta contra o recrutamento, estamos 100% com Lewis." *Nós* não estamos nem sequer 1% com Lewis porque Lewis defende a pátria capitalista por meios completamente antiquados. A grande maioria dos operários compreende ou sente que estes meios (exércitos profissionais voluntários) são antiquados do ponto de vista militar e extremamente perigosos do ponto de vista de classe. É por isso que os operários estão pelo recrutamento. É uma forma muito confusa e contraditória de aderir ao "armamento do proletariado". Não recusamos simplesmente esta grande mudança histórica, como fazem os sectários de todo o tipo. Dizemos: "Recrutamento? Sim. Mas feito por nós próprios." É um excelente ponto de partida.

Com as melhores saudações.

Fraternalmente,

Seu velho

⁵⁴ Jornal criado por Shachtman. (N. do E.)

APÊNDICE

UMA VEZ MAIS: A UNIÃO SOVIÉTICA E SUA DEFESA

4 de novembro de 1937

Craipeau esquece os ensinamentos principais do marxismo

O camarada Craipeau quer nos convencer, uma vez mais, de que a burocracia soviética, como tal, é uma classe. No entanto, para ele, o problema não é de ordem puramente "sociológica". Não. Tudo o que quer, como veremos, é traçar, de uma vez por todas, uma via livre e direta para o tipo de internacionalismo que lhe é próprio, um internacionalismo que, infelizmente, não está seguro de si mesmo. Se a burocracia não é uma classe, se ainda podemos caracterizar a União Soviética como um Estado operário, será necessário apoiá-la em caso de guerra. Como se manter, então, em oposição irreconciliável ao próprio governo se este é aliado dos soviets? A tentação de cair no social-patriotismo é terrível. Não, é infinitamente melhor varrer radicalmente o terreno: a burocracia stalinista é uma classe exploradora e, em caso de guerra, é desnecessário fazer uma distinção entre os soviets e o Japão.

Infelizmente, este radicalismo terminológico não nos leva muito longe. Admitamos por um momento que a burocracia seja uma classe no sentido que este termo tem na sociologia marxista. Neste caso, encontramo-nos perante uma nova forma de sociedade de classe que não é idêntica nem à sociedade feudal, nem à sociedade capitalista, e que jamais tinha sido prevista pelos teóricos marxistas. Uma tal descoberta é digna de uma análise mais atenta.

Por que a sociedade capitalista se meteu, por si só, em um beco sem saída? Porque já não é capaz de desenvolver as forças produtivas, quer nos países avançados, quer nos atrasados. A cadeia do mundo imperialista foi rompida no seu elo mais frágil, a Rússia. E eis que nos damos conta de que, no lugar da sociedade burguesa, foi estabelecida uma nova sociedade de classe. Craipeau ainda não lhe deu um nome, nem analisou suas leis internas. Mas isto não nos impede de constatar que esta nova sociedade é progressiva em relação ao capitalismo, pois, sobre a base da propriedade nacionalizada, a nova "classe" possuidora assegurou um desenvolvimento das forças produtivas sem igual na história do mundo. O marxismo nos ensina (não é verdade?) que as forças produtivas são o fator fundamental do progresso histórico. Uma sociedade que não é capaz de assegurar o crescimento do potencial econômico é ainda menos capaz de assegurar o bem-estar das massas trabalhadoras, seja qual for o modo de distribuição. O antagonismo entre feudalismo e capitalismo e o declínio do primeiro foram determinados pelo fato de que o último abria perspectivas novas e grandiosas para as forças produtivas estancadas. A mesma observação é aplicável à URSS. Seja qual for o modo de exploração que a caracterize, essa nova sociedade é, pelas suas próprias características, superior à sociedade capitalista. É nisto que reside o verdadeiro ponto de partida de uma análise marxista.

Este fator fundamental, as forças produtivas, reflete-se também no domínio ideológico. Enquanto a vida econômica dos países capitalistas não nos mostra senão as mais variadas formas de estancamento e declínio, a economia nacionalizada e planificada da URSS é a maior escola para a humanidade que aspira a um futuro melhor. É preciso ser cego para não ver a diferença.

Em caso de guerra entre o Japão e a Alemanha de um lado, e a URSS do outro, o que estaria colocado em questão não seriam os problemas de igualdade de distribuição, da democracia proletária ou da justiça de Vychinsky,⁵⁵ mas sim o destino da propriedade nacionalizada e da economia planificada. A vitória dos Estados imperialistas não significaria somente a destruição da nova "classe" exploradora soviética, mas

⁵⁵ Andrei Vychinsky, procurador-geral da URSS durante os processos de Moscou. (N. do E.)

também das novas formas de produção e, portanto, a queda de toda a economia soviética ao nível de um capitalismo atrasado e semicolonial. Pergunto, pois, a Craipeau: Quando estamos perante a luta entre dois Estados que são os dois – admitamo-lo – Estados de classe, mas dos quais um representa o estancamento imperialista e o outro, o formidável progresso econômico, não devemos defender o Estado progressivo contra o Estado reacionário? Sim ou não?

Em toda sua tese, Craipeau fala das coisas mais diversas, e inclusive das coisas mais afastadas do tema, mas não menciona uma só vez o fator que a sociologia marxista considera decisivo: o desenvolvimento das forças produtivas. É por esta razão que todo o seu edifício está suspenso no ar. Faz malabarismos com as sombras terminológicas ("classe", "não classe") em vez de tentar apreender a realidade. Pensa que é suficiente atribuir o qualificativo de classe à burocracia para evitar ter que analisar o lugar que ocupa a nova sociedade no ascenso histórico da humanidade. Desejoso de obrigar-nos a não fazer qualquer distinção entre uma sociedade que é absolutamente reacionária, pois freia e inclusive destrói as forças produtivas, e uma sociedade que é relativamente progressiva, porque permitiu um grande salto da economia, Craipeau quer nos impor a política de "neutralidade" reacionária. Sim, camarada Craipeau, reacionária!

A burocracia é uma nova classe?

Pelo visto anteriormente, poderíamos muito bem não analisar este problema teórico ou, dito de outro modo, o problema que preocupa Craipeau e que, em si mesmo, está longe de ser decisivo para nossa política em caso de guerra. Mas o problema da natureza social da burocracia é, apesar de tudo, muito importante do ponto de vista mais geral, e não vemos uma só razão para fazer, neste terreno, a menor concessão a Craipeau. O nosso critico muda de argumentos sem o menor inconveniente. Neste caso consegue seu golpe de efeito com uma citação de meu livro *A revolução traída*, no qual afirmo que "os meios de produção pertencem ao Estado. O Estado 'pertence', *de algum modo*, à burocracia''. ⁵⁶ [Destacado por mim.] Craipeau pula de alegria. Se os meios de produ-

⁵⁶ Trotsky, Leon. *A revolução traída*. Op. cit., p. 224. (N. do E.)

ção pertencem ao Estado e o Estado à burocracia, esta converte-se no proprietário dos meios de produção e, só por este fato, em uma classe proprietária exploradora. O resto da argumentação de Craipeau tem um caráter puramente literário.

Outra vez nos diz, dando-se ares de polemizar comigo, que a burocracia termidoriana é malvada, rapina, reacionária, sanguinária etc. Que revelação! Mas nós não dissemos nunca que a burocracia stalinista seja a encarnação da virtude. Somente lhe negamos o caráter de classe no sentido que o marxismo dá a esse termo, quer dizer, em relação à propriedade dos meios de produção. Mas eis que Craipeau me obriga a desautorizar a mim mesmo, já que reconheci que a burocracia trata o Estado como propriedade pessoal sua. "Aqui está a chave do enigma." Com esta argumentação hipersimplista, Craipeau dá mostras de uma deplorável ausência de sentido dialético. Nunca afirmei que a burocracia soviética equivalesse à burocracia da monarquia absoluta ou à do capitalismo liberal. A nacionalização da economia cria uma situação totalmente nova para a burocracia, com novas possibilidades de progressão ou de degeneração. Sabíamos mais ou menos disso antes da revolução. A analogia entre a burocracia soviética e a burocracia do Estado fascista é mais pertinente, sobretudo do ponto de vista que nos interessa. Também a burocracia fascista trata o Estado como propriedade sua. Impõe sérias restrições ao capital privado, em cujo seio provoca, frequentemente, convulsões. Podemos dizer, pela via da argumentação lógica: se a burocracia fascista conseguisse, cada vez mais, impor ao capitalismo sua disciplina e as restrições que dela se desprendem sem encontrar resistência real, transformar-se-ia gradualmente em uma nova classe dominante, absolutamente análoga à burocracia soviética. Mas o Estado fascista não pertence à burocracia senão "de algum modo" (ver citação mais acima). Estas miudezas, que Craipeau ignora deliberadamente, têm, no entanto, sua importância. São inclusive decisivas. São parte integrante da lei dialética da transformação da quantidade em qualidade. Se Hitler tentar converter-se em proprietário do Estado e, com isso, converter-se em proprietário da propriedade privada, já completamente e não só "de algum modo", encontrará a oposição violenta dos capitalistas. Grandes possibilidades revolucionárias se abririam para os trabalhadores. Encontram-se, no entanto, ultraesquerdistas que aplicam à burocracia fascista o raciocínio de Craipeau sobre a burocracia soviética e que põem um sinal de igual entre os regimes fascistas

e stalinistas (certos spartakistas alemães, Hugo Urbahns, certos anarquistas etc.). Dizemos sobre eles o que dizemos sobre Craipeau: seu erro está em acreditar que os fundamentos da sociedade podem ser modificados sem revolução ou contrarrevolução; passam o filme do reformismo ao contrário.

É neste momento que Craipeau, mais contente que nunca, cita outro trecho de A revolução traída, a propósito da burocracia soviética: "Se essas novas relações se tornassem a norma e fossem legalizadas, com ou sem resistência dos trabalhadores, acabariam levando à liquidação completa das conquistas sociais da revolução proletária."57 E Craipeau conclui: "Assim, o camarada Trotsky vislumbra (para o futuro) a possibilidade de transição do Estado operário para o Estado capitalista sem intervenção militar." (?). Em 1933 podíamos chamar isto de "passar o filme do reformismo ao contrário". Em 1937, o chamamos da mesma forma. O que a meus olhos não era senão um argumento lógico, converte-se para Craipeau em um prognóstico histórico. Sem guerra civil vitoriosa, a burocracia não pode dar origem a uma nova classe dominante. Esta sempre foi e continua sendo a minha convicção. Pelo contrário, o que se produz neste momento na URSS não é senão uma guerra civil preventiva, desencadeada pela burocracia. E apesar de tudo, não tocou ainda nas bases econômicas do Estado criado pela revolução, o qual, apesar de todas as deformações, assegura o desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas.

Ninguém negou a possibilidade, particularmente no caso de uma decadência mundial prolongada, da restauração de uma nova classe proprietária originária da burocracia. A atual posição da burocracia, que tem, por meio do Estado, "de algum modo", as forças produtivas nas suas mãos, constitui um ponto de partida de extrema importância para um processo de transformação. Trata-se, no entanto, de uma possibilidade histórica, e não de algo já realizado.

Uma classe é produto de causas econômicas ou de causas políticas?

Em *A revolução traída* tentei dar uma definição do atual regime soviético. Esta definição compreende nove parágrafos. Estou de acordo

⁵⁷ Idem, p. 224. (N. do E.)

que esta série de fórmulas descritas e prudentes não é muito elegante. Mas trata-se de uma tentativa de ser honesto em relação à realidade, o que é sempre uma vantagem. Craipeau nem menciona essa definição. Não lhe opõe nenhuma outra. Não diz se a nova sociedade de exploração é superior ou inferior à antiga e não se pergunta se esta nova sociedade representa uma etapa inevitável entre o capitalismo e o socialismo ou se se trata simplesmente de um "acidente" histórico. No entanto, do ponto de vista das nossas perspectivas históricas gerais, tal como estão formuladas no *Manifesto comunista* de Marx e Engels, a definição sociológica de burocracia reveste-se de uma importância capital.

A burguesia veio ao mundo como elemento saído das novas formas de produção e continuou representando uma necessidade histórica enquanto as novas formas de produção não esgotaram as suas possibilidades. Pode-se afirmar o mesmo de todas as classes sociais anteriores: proprietários de escravos, senhores feudais, mestres-artesãos medievais. No seu tempo, foram os representantes e dirigentes de sistemas de produção que representaram momentos de progresso da humanidade. Mas como Craipeau situa o lugar histórico da "classe burocrática"? Não diz nada sobre esta questão decisiva. No entanto, repetimos muitas vezes, com a ajuda do próprio Craipeau, que a degeneração do Estado soviético é produto do atraso da revolução mundial, ou seja, consequência de causas políticas e "conjunturais", por assim dizer. Pode-se falar de uma nova classe... "conjuntural"? Na verdade, duvido muito. Se Craipeau permitir que se verifique sua apressada concepção, levando em consideração a sucessão histórica dos regimes sociais, ele mesmo reconhecerá, certamente, que dar à burocracia o nome de classe dominante é, não só um abuso terminológico, mas sobretudo um grande perigo político, que corre o risco de fazer-nos descarrilar completamente das nossas perspectivas históricas. Craipeau tem razões suficientes para rever a concepção marxista neste ponto capital? De minha parte, não vejo uma só razão. É por isso que me recuso a seguir Craipeau.

No entanto, podemos e devemos dizer que a burocracia soviética tem todos os vícios de uma classe possuidora, sem ter qualquer das suas "virtudes" (estabilidade orgânica, normas morais diferenciadas etc.). A experiência nos ensinou que o Estado operário é ainda um Estado, ou seja, um produto do bárbaro passado; que é duplamente bárbaro em um

país atrasado e isolado; que, em condições desfavoráveis, pode degenerar até chegar a ser irreconhecível; que uma revolução complementar pode ser necessária para sua regeneração. Mas o Estado operário não deixa, por isso, de ser uma etapa inevitável em nosso caminho. Não se pode superar esta etapa a não ser pela revolução permanente do proletariado internacional.

Mas onde está a dialética?

Não posso seguir, ponto por ponto, o conjunto da argumentação de Craipeau. Para fazê-lo, seria preciso recapitular o conjunto da concepção marxista. O problema é que Craipeau não analisa os fatos como são, mas sim junta argumentos lógicos a favor de uma tese pré-concebida. Na sua essência, este método é antidialético e, portanto, antimarxista. Vou dar alguns exemplos:

- a) "Há muitos anos que o proletariado russo já perdeu toda a esperança de poder político". Craipeau tem muito cuidado em não dizer precisamente desde quando. Quer simplesmente dar a impressão de que nossa tendência tem mantido ilusões há "muitos anos". Esquece-se de dizer que em 1923 a burocracia se encontrava sacudida até os seus fundamentos e que só a derrota alemã e a desmoralização que esta derrota fez nascer no proletariado russo deram uma nova estabilidade à sua posição. Durante a revolução chinesa (1925-1927) a crise repetiu-se com os mesmos aspectos. O primeiro plano quinquenal e a grande agitação que precedeu a ascensão de Hitler na Alemanha ameaçaram, por sua vez, o domínio burocrático. Finalmente, podemos duvidar por um instante que o proletariado russo não pudesse, se a revolução espanhola tivesse sido vitoriosa e se os trabalhadores franceses tivessem sido capazes de levar até o fim a sua ofensiva em maio-junho de 1936, recobrar o seu valor e a sua combatividade e derrubar a burocracia termidoriana com um mínimo de esforços? Foi somente a sucessão das mais terríveis e desmoralizantes derrotas que estabilizou o regime de Stalin. Craipeau opõe o resultado, que é bastante contraditório em si mesmo, ao processo que o engendrou e à nossa política, que foi o reflexo deste processo.
- b) A fim de refutar o argumento de que a burocracia manipula os recursos nacionais da mesma forma que ocorre em uma corporação de

ofício – que é extremamente instável – e que os burocratas não têm o direito de dispor da propriedade do Estado a título individual, Craipeau responde: "Os próprios burgueses [?] tiveram que esperar muito tempo antes de poder transmitir aos seus descendentes o direito de propriedade sobre os meios de produção. Nos começos das corporações, o chefe era eleito pelos seus iguais". Mas Craipeau omite um detalhe: no "começo das corporações", estas não estavam divididas em classes e o chefe não era um "burguês" no sentido moderno do termo. A transformação da quantidade em qualidade não existe para Craipeau.

- c) "A propriedade privada está em vias de restauração; a herança, a caminho de restabelecer-se!" Mas Craipeau evita dizer que se trata da propriedade dos objetos de utilidade pessoal e não dos meios de produção. Esquece-se igualmente de mencionar o fato de que o que os burocratas, incluindo os da alta hierarquia, possuem a título privado é nada ao lado dos recursos materiais que lhes são proporcionados pelas suas funções. Também esquece que a recente "purga" que, de um só golpe, reduziu milhares e milhares de famílias de burocratas à pobreza, mostra precisamente a extrema fragilidade dos laços que existem entre os próprios burocratas e ainda mais entre a suas famílias e a propriedade de Estado.
- d) A guerra civil preventiva, que é atualmente conduzida pela camarilha dirigente, demonstra novamente que esta última não poderá ser derrubada a não ser pela violência revolucionária. Mas já que esta nova revolução deve desenvolver-se sobre as bases da propriedade do Estado e da economia planificada, caracterizamos a derrubada da burocracia como revolução política, em oposição à revolução social de 1917. Craipeau acha que esta distinção "pertence ao domínio da casuística". E por que tal severidade? Porque, vejam só, a reconquista do poder pelo proletariado terá consequências sociais. Mas as revoluções políticas burguesas de 1830, 1848 e setembro de 1870 também tiveram consequências sociais, na medida em que modificaram seriamente a repartição do rendimento nacional. Porém, meu querido Craipeau, tudo é relativo neste mundo, o qual não é uma criação de formalistas ultraesquerdistas. As mudanças sociais produzidas por ditas revoluções políticas, por mais sérias que tenham sido, aparecem como totalmente secundárias quando comparadas com a grande Revolução Francesa, que foi a revolução social por excelência. O que falta ao camarada Craipeau é o sentido das proporções e o conceito de relatividade. O nos-

so jovem amigo não sente nenhum interesse pela lei da transformação da quantidade em qualidade. No entanto, esta é a mais importante das leis da dialética. Claro que as autoridades do mundo acadêmico da burguesia pensam que a própria dialética "pertence ao domínio da casuística".

e) Não é por acaso que Craipeau se inspira na sociologia de M. Yvon. São hoservações pessoais de Yvon são honestas e muito importantes. Mas não foi por acidente que ele foi levado ao estreito cais de *La révolution prolétarienne*. Yvon interessa-se pela "economia", pela "fábrica", para empregar a terminologia de Proudhon, e não pela "política", ou seja, pela economia generalizada. Pertence formalmente à escola proudhoniana e precisamente isso lhe permitiu manter-se neutro no curso da luta entre a Oposição de Esquerda e a burocracia. Não compreendeu que desta luta dependia a sorte da "fábrica". O que disse sobre a luta "pela herança de Lenin", sem distinguir entre as tendências sociais – ainda hoje, em 1937! –, revela claramente a sua concepção pequeno-burguesa, totalmente contemplativa, absolutamente não revolucionária. Para Yvon, a noção de classe é uma abstração que ele coloca sobreposta à abstração da "fábrica". É verdadeiramente triste que Craipeau não encontre outra fonte de inspiração teórica.

A defesa da URSS e o social-patriotismo

Todo este andaime sociológico, infelizmente muito frágil, não serve a Craipeau, como dissemos, senão para fugir da necessidade de fazer distinção entre a URSS e os Estados imperialistas durante a guerra. Muito reveladores são os dois últimos parágrafos do seu tratado no qual aborda o problema. Craipeau diz: "Em nossos dias, toda guerra europeia ou mundial transforma-se em conflito imperialista, e só os imbecis stalinistas e reformistas podem acreditar que, por exemplo, o que estará em jogo na guerra futura será o fascismo ou a democracia."

⁵⁸ Operário francês que esteve onze anos na União Soviética. Em seu livro *O que foi a revolução russa?*, pintou um quadro triste da pobreza e miséria dos trabalhadores russos. (N. do E.)

⁵⁹ A revolução proletária, jornal sindical publicado por antigos membros do Partido Comunista Francês, que haviam sido expulsos na metade da década de 1920 por simpatizar com a Oposição de Esquerda. Romperam com Trotsky em 1929, aproximando-se do anarco-sindicalismo. (N. do E.)

Atenção a essa tese magistral: ainda que um pouco simplificada, é correta, e portanto extraída, desta vez, sim, do arsenal do marxismo. Logo depois, com o objetivo de criticar e caracterizar e a URSS como "campeã da guerra imperialista", Craipeau nos diz: "No campo de Versalhes, a sua diplomacia [a da URSS] cumpre agora o mesmo papel de animador que a diplomacia hitleriana cumpre no outro campo."

Admitamos isso. Mas o caráter imperialista da guerra está determinado pelo papel provocador da diplomacia fascista? De modo algum. "Só os imbecis stalinistas podem acreditar nisso." E espero que, de nossa parte, não apliquemos o mesmo critério ao Estado soviético. Nos países imperialistas somos derrotistas - não é verdade? - porque queremos derrotar o regime da propriedade privada, e não porque queremos castigar um "agressor" qualquer. Na guerra entre a Alemanha e a URSS, a questão para o imperialismo será mudar as bases econômicas desta última, e não castigar Stalin e Litvinov. E então? Craipeau expôs sua tese fundamental apenas para tomar imediatamente um caminho oposto. O perigo, o verdadeiro perigo, segundo ele, é que os social-patriotas de toda a espécie tomarão a defesa da URSS como pretexto para novas traições. "Em tais condições, qualquer equívoco na nossa atividade se torna fatal." E conclui: "Hoje é necessário escolher: ou a defesa incondicional da URSS, ou seja [!!!], a sabotagem da revolução no nosso país e na União Soviética, ou o derrotismo e a revolução. Eis a questão. O problema não é de modo algum o caráter social da URSS – e no que ele implica – já que, segundo Craipeau, a defesa de um Estado operário, mesmo que seja totalmente autêntico, implica em que o proletariado dos países aliados imperialistas realize uma união sagrada com a sua própria burguesia. "Aqui está a chave do enigma", como dizem outros. Craipeau acredita que na Guerra - com G maiúsculo - o proletariado não tem qualquer interesse em saber se se trata de uma guerra contra a Alemanha, a URSS ou Marrocos insurrecto, já que em todos os casos é indispensável proclamar o "derrotismo sem ambiguidades", como única possibilidade de escapar da influência do social-patriotismo. Novamente vemos – e com que clareza! – que o ultraesquerdismo é sempre um oportunismo que tem medo de si mesmo e pede, consequentemente, garantias absolutas – quer dizer, garantias inexistentes – de que permanecerá fiel à sua bandeira. Este tipo de intransigência recorda-nos os homens débeis e tímidos que,

quando ficam furiosos, gritam para os seus amigos: "Agarrem-me ou eu faço uma besteira!" Deem-me teses hermeticamente seladas, ponhamme uma venda totalmente fechada ou então... vou fazer uma besteira. Realmente, aqui está a chave do enigma.

Mas em todo caso, Craipeau duvida, por exemplo, do caráter proletário do Estado soviético entre 1918 e 1923 ou, pelo menos, para fazer uma concessão aos ultraesquerdistas, entre 1918 e 1921? Durante este período o Estado soviético manobrava no terreno internacional e procurava aliados temporários. Ao mesmo tempo, foi precisamente neste período que o derrotismo tornou-se um dever para os operários de todos os países imperialistas, fossem "inimigos" ou "aliados" temporários. O dever de defender a URSS nunca significou que o proletariado revolucionário devesse dar um voto de confiança à burguesia. A atitude do proletariado durante a guerra é o prolongamento de sua atitude em tempo de paz. O proletariado defende a URSS com a sua política revolucionária que não está subordinada à burguesia, mas sempre adaptada às condições concretas. Tal é o ensinamento dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Craipeau quer que revisemos retrospectivamente este ensinamento?

Se Blum, em vez de proclamar a desleal "não intervenção" – sempre às ordens do capital financeiro –, tivesse apoiado Caballero y Negrín com sua democracia capitalista, renunciaria Craipeau à sua posição irredutível contra o governo da "frente popular"? Teria deixado de cumprir o seu dever de distinguir entre os dois campos em luta na Espanha e adaptar sua política a esta distinção?

A mesma constatação vale para o extremo Oriente. Se Jiang Jieshi, seguindo a Inglaterra, declarasse guerra ao Japão, participaria Craipeau da união sagrada para ajudar a China? Ou, ao contrário, proclamaria que não há qualquer diferença entre a China e o Japão que possa influenciar a sua política? A alternativa de Craipeau – seja a defesa da URSS, da Etiópia ou da Espanha republicana, da China colonial por meio da união sagrada; seja o derrotismo sistemático, hermeticamente selado e de amplitude cósmica –, esta alternativa fundamentalmente errônea, se desfará em pó na primeira prova dos fatos e abrirá amplamente a porta às mais grosseiras formas de social-patriotismo.

As nossas próprias teses sobre a guerra, pergunta Craipeau, estão isentas de equívocos sobre este problema? Infelizmente não. Analisan-

do a necessidade do derrotismo, sublinham que "na natureza das ações práticas, podem ser provocadas consideráveis diferenças pela situação concreta da guerra". Por exemplo, as teses indicam que no caso da guerra entre a URSS e o Japão "não devemos sabotar o envio de armas para a URSS" e, em consequência, evitar provocar greves que sabotassem a fabricação de armas etc. É difícil não crer no que os olhos veem. Os acontecimentos confirmaram nossa posição neste terreno com uma força notável e indiscutível, particularmente na França. Durante meses, as reuniões operárias tinham vibrado ao grito de "aviões para a Espanha". Imaginemos, por um momento, que Blum tivesse decidido mandar alguns. Imaginemos que nesse momento exato estivesse em curso uma greve de estivadores ou marinheiros. Que faria Craipeau? Teria se oposto ao grito de "aviões para Espanha"? Teria aconselhado os trabalhadores em greve a fazer uma exceção para carregar os aviões? Mas acontece que a URSS enviou efetivamente aviões (a um preco muito alto e a título de ajuda ao regime capitalista, sei disso perfeitamente). Deveriam os bolcheviques chamar os operários a sabotar estes envios? Sim ou não? Se amanhã os trabalhadores ficam sabendo que os carregamentos de munições estão sendo preparados para serem enviados, um para o Japão e o outro para a China, qual seria a atitude de Craipeau? Considero que é suficientemente revolucionário para chamar os trabalhadores a boicotarem o barco destinado a Tóquio e deixar ir aquele que se destina à China sem, por isso, mudar sua opinião sobre Jiang Jieshi, nem dar a menor confiança a Chautemps. É precisamente isto que preconizam as nossas teses: "Na natureza das ações práticas, podem ser provocadas consideráveis diferenças pela situação concreta da guerra." A propósito desta fórmula, poderiam-se despertar dúvidas na época em que foram publicadas como anteprojeto. Mas hoje, depois da experiência da Etiópia, da Espanha, da guerra sino-japonesa, falar de equívoco nas nossas teses me parece que revela a atitude de um Bourbon ultraesquerdista que não quer nem aprender, nem esquecer nada.60

⁶⁰ Talleyrand, primeiro-ministro da França em 1815, referindo-se à nobreza francesa – que, depois de um quarto de século de emigração, tinha voltado à França a partir da restauração dos Bourbons –, disse que ela "não tinha aprendido, nem esquecido nada". (N. do E.)

Camarada Craipeau, o equivoco é totalmente seu. Seu artigo está cheio desses equívocos. Chegou a hora de se desfazer deles. Sei muito bem que, até nos seus erros, você é guiado pelo ódio à opressão que a burocracia termidoriana encarna. Mas, por si só, o sentimento, por legítimo que seja, não pode substituir uma política correta baseada nos fatos objetivos. O proletariado tem razões suficientes para derrubar e destruir a burocracia stalinista, corrompida até a medula. Mas, por esta mesma razão, não pode, nem direta nem indiretamente, deixar esta tarefa a Hitler ou ao Mikado. Stalin derrubado pelos trabalhadores: é um grande passo para o socialismo. Stalin eliminado pelos imperialistas: é a contrarrevolução que triunfa. Tal é o sentido preciso de nossa defesa da URSS em escala mundial, trata-se de uma orientação análoga de nossa defesa da democracia em escala nacional.

Leon Trotsky

UM ESTADO NÃO OPERÁRIO E NÃO BURGUÊS

25 de novembro de 1937

Forma política e conteúdo social

Os camaradas Burnham e Carter puseram novamente em questão a natureza de classe do Estado soviético. A resposta que propõem é, em minha opinião, completamente falsa. Mas já que estes camaradas, ao contrário de alguns ultraesquerdistas, não substituem a análise científica por gritos estridentes, pode-se e deve-se discutir de novo esta questão extremamente importante.

Burnham e Carter não esquecem que a diferença principal entre a URSS e o Estado burguês contemporâneo se expressa no poderoso desenvolvimento das forças produtivas, resultado da transformação das formas de propriedade. Mais adiante, admitem que "a estrutura econômica, tal como foi estabelecida pela Revolução de Outubro, permanece, no fundamental, sem alteração". Disto deduzem que o proletariado soviético e mundial têm o dever de defender a URSS contra o imperialismo. Nisto estamos completamente de acordo com Burnham e Carter. Mas, por importantes que sejam os pontos de acordo, não esgotam o problema.

Sem solidarizar-se com os ultraesquerdistas, Burnham e Carter consideram, no entanto, que a URSS deixou de ser um Estado operário "no sentido tradicional [?] que o marxismo dá a este termo". Mas como "a estrutura econômica continua ainda basicamente inalterada", a URSS também não se converteu em um Estado burguês. Ao mesmo tempo, Burnham e Carter negam-se – e só podemos felicitá-los por isso – a considerar a burocracia como uma classe independente. Estes postulados,

incompatíveis entre si, conduzem a que, da mesma forma que afirmam os stalinistas, o Estado soviético não seja já o órgão de dominação de uma classe. Que é então?

Temos assim, sob nossos olhos, uma nova tentativa de rever a teoria de classe do Estado. Não somos, evidentemente, fetichistas. Se novos fatos históricos exigem uma revisão de teoria, não nos deteremos perante esta necessidade. Mas a experiência lamentável das velhas revisões deveria, em todo o caso, inspirar-nos uma saudável prudência. Pensemos dez vezes a velha teoria e os novos fatos antes de elaborar uma nova doutrina.

Os próprios Burnham e Carter afirmam, de passagem, que o Estado do proletariado pode, em função das condições objetivas e subjetivas, "exprimir-se em um considerável número de formas governamentais variadas". Para clarificar as coisas, acrescentamos: ou a luta livre de diversos partidos no seio dos soviets ou a concentração do poder de fato nas mãos de um só indivíduo. A ditadura pessoal significa, evidentemente, o sintoma do perigo extremo para o regime. Mas, ao mesmo tempo, aparece, às vezes, como a única forma de salvar o regime. Consequentemente, a natureza de classe do Estado define-se, não por suas formas políticas, mas sim por seu conteúdo social, ou seja, pelo caráter das formas de propriedade e das relações de produção que o Estado em questão protege e defende.

Em princípio, Burnham e Carter não negam isto. No entanto, recusam-se a ver na União Soviética um Estado operário, e isso por duas razões, uma de caráter econômico e outra de caráter político: "Durante o ano passado", escrevem, "a burocracia colocou-se definitivamente no caminho da destruição da economia planificada e nacionalizada". (Não fez mais do que "colocar-se no caminho de"?) Observamos mais adiante que o curso do desenvolvimento "leva a burocracia a enfrentar-se já, sem cessar e cada vez mais profundamente, com as necessidades e os interesses da economia nacional". (Não faz mais do que "levá-la"?)

As contradições entre a burocracia e a economia observam-se já antes. Porém, durante o ano passado "os atos da burocracia sabotam ativamente o plano e arruínam o monopólio do Estado". ("Arruínam" somente? Ainda não o destruíram?)

Como dissemos acima, o segundo argumento tem um caráter político: "O conceito de ditadura do proletariado não constitui uma categoria

essencialmente econômica, mas sim, em primeiro lugar, política... Todas as formas, todos os organismos, todas as instituições do Estado de classe do proletariado estão hoje destruídas, e isso significa que o Estado de classe do proletariado está destruído." Este segundo argumento, considerado isoladamente, parece surpreendente depois da exposição sobre as "formas diversas" do regime proletário. Evidentemente, a ditadura do proletariado é não apenas "essencialmente", mas sim total e inteiramente, uma "categoria política". No entanto, a política em si mesma não é senão economia concentrada. A dominação da social-democracia no Estado e os sovietes (na Alemanha em 1918-1919) não tinham nada em comum com a ditadura do proletariado, na medida em que deixavam intacta a propriedade burguesa. Em contrapartida, um regime que conserva a propriedade expropriada e nacionalizada contra o imperialismo é, por isso, independentemente das formas políticas, uma ditadura do proletariado.

Burnham e Carter "admitem-no" no geral. É por isso que juntam um argumento econômico e um político. A burocracia, afirmam, não só expropriou definitivamente o proletariado do poder político, mas também colocou a economia num beco sem saída. Se a burocracia, apesar de suas características reacionárias, cumpriu, no período precedente, um papel relativamente progressivo, durante o último período, pelo contrário, transformou-se definitivamente em um fator reacionário. Este juízo tem um núcleo que corresponde plenamente a todas as apreciações e todos os prognósticos da Quarta Internacional. Mais de uma vez recordamos que o "despotismo esclarecido" tinha cumprido um papel progressivo no desenvolvimento da burguesia, para depois transformar-se num freio a este desenvolvimento. Uma revolução, como sabemos, resolveu o conflito. O "despotismo esclarecido", escrevemos, pode ter um papel progressivo na formação da economia socialista em um período de tempo infinitamente mais curto. Este prognóstico confirma-se claramente ante os nossos olhos. Enganada pelos seus próprios êxitos, a burocracia esperava obter, sem cessar, um maior coeficiente de desenvolvimento econômico. No entanto, encaminhava-se para uma profunda crise da economia, o que constitui uma das fontes do seu atual pânico e da repressão desencadeada. Isto significa que na URSS as forças produtivas deixaram de crescer? Não podemos adiantar semelhante diagnóstico. As possibilidades

criadoras da economia são tão grandes, que as forças produtivas, apesar do freio burocrático, ainda são capazes de se desenvolver durante muitos anos, mas com um ritmo de progressão muito mais moderado do que o de agora. Hoje é quase impossível adiantar um prognóstico preciso a este respeito. Em todo caso, a crise política que neste momento dilacera a burocracia é muito mais perigosa para ela do que a perspectiva de uma frenagem no desenvolvimento das forças produtivas.

No entanto, para simplificar a questão, podemos admitir que a burocracia se converteu hoje em um freio absoluto ao desenvolvimento econômico. Este fato, por si só, significa que a natureza de classe da URSS mudou ou que a URSS está privada de qualquer natureza de classe? Aqui reside, na minha opinião, o erro principal de nossos camaradas.

A sociedade burguesa desenvolveu as forças produtivas até a guerra mundial. Foi só durante o último quarto de século que a burguesia se converteu em um freio absoluto ao seu desenvolvimento. Isto significa, portanto, que a sociedade burguesa deixou de ser burguesa? Não. Isso só significa que se converteu numa sociedade burguesa em putrefação. Em uma série de países a manutenção da propriedade privada só foi possível por meio da instauração de um regime fascista. Em outras palavras, a burguesia privou-se de todas as formas e de todos os meios de dominação política direta. Isto significa, portanto, que o Estado deixou de ser burguês? Não, na medida em que o fascismo protege a propriedade privada dos meios de produção com seus bárbaros métodos. Nessa medida, o Estado, sob o fascismo, permanece burguês.

Não queremos, de maneira alguma, dar à nossa analogia um significado exagerado. Mas mostra, sem dúvida, que a concentração do poder nas mãos da burocracia e a detenção do desenvolvimento das forças produtivas não mudam por si só a natureza de classe da sociedade e de seu Estado. Só a intervenção da violência revolucionária ou contrarrevolucionária no terreno da propriedade pode modificar esta natureza.

Mas a história não conhece casos de oposição entre o Estado e a economia? Sim! Depois de o "Terceiro Estado" tomar o poder, a sociedade continuou sendo feudal por um período de vários anos. Durante os primeiros meses do regime soviético, o proletariado dirigia uma economia burguesa. A ditadura do proletariado apoiou-se, durante muitos anos, e em certa medida se apoia ainda, em uma economia pequeno-burguesa.

Em caso de triunfo da contrarrevolução burguesa na URSS, o governo deveria apoiar-se durante um largo período na economia nacionalizada. Mas o que significa uma contradição temporal desta natureza entre o Estado e a economia? Significa a revolução ou a contrarrevolução.

A vitória que uma classe consegue sobre a outra leva, precisamente, a reconstruir a economia no sentido dos interesses do vencedor. Mas uma situação tal, de encruzilhada, que constitui um momento necessário em toda revolução social, não tem nada em comum com a teoria do Estado sem classes, que, na falta de uma verdadeiro patrão, é explorado por um empregado, ou seja, pelo burocrata.

Norma e fato

O que impede numerosos camaradas de terem uma apreciação sociológica correta da URSS é que uma aproximação subjetiva e normativa do problema substitui uma aproximação objetiva e dialética. Burnham e Carter dizem também - e não é por casualidade - que não se pode considerar a União Soviética como um Estado operário "no sentido tradicional que o marxismo dá a este termo". Isto significa simplesmente que a URSS não responde às normas do Estado operário, tal como estão estabelecidas em nosso programa. Isto é indiscutível. Nosso programa baseia-se em um desenvolvimento progressivo do Estado operário e, por isso mesmo, no seu desaparecimento gradual. A história, que nem sempre atua de acordo com nosso programa, confrontou-nos com um processo de degeneração do Estado operário. No entanto, isso significa que o Estado operário, que entrou em contradição com as exigências de nosso programa, deixou por isso de ser um Estado operário? Um fígado atacado pela malária não corresponde a um tipo normal de fígado. Mas não deixa, por isso, de ser um fígado. A anatomia e a fisiologia não são suficientes para compreender a sua natureza. É preciso acrescentar a patologia. É evidentemente mais fácil dizer, diante de um fígado doente, "não gosto deste fígado" e voltarlhe as costas. No entanto, um médico não pode dar-se a um luxo desses. Deve recorrer, nas condições da própria doença e na deformação do órgão suscitada pela doença, aos meios terapêuticos (a "reforma") ou à intervenção cirúrgica (a "revolução"). Para isto, antes de tudo,

deve compreender que o órgão deformado é um fígado doente, e não qualquer outra coisa.

Mas tomemos um comparação mais próxima, entre o Estado operário e o sindicato. Do ponto de vista do nosso programa, o sindicato deve ser uma organização de luta de classes. Que atitude tomar a respeito da American Federation of Labour (AFL)? Os seus dirigentes são notórios agentes da burguesia. Sobre todas as questões fundamentais, os senhores Green, Voll e cia. têm uma política diretamente contraditória com os interesses do proletariado. Pode-se levar a analogia mais longe, e declarar que, se antes da formação do Commitee of Industrial Organization (CIO), a AFL tinha até certo ponto um trabalho progressivo, hoje, quando a atividade essencial da AFL consiste em lutar contra as tendências progressistas (ou menos reacionárias) da CIO, o aparato de Green converteu-se definitivamente em um fator reacionário. Isto será perfeitamente correto. Mas disso não se deduz, de forma alguma, que a AFL deixou de ser uma organização sindical.

O caráter de classe do Estado define-se pela sua relação com as normas de propriedade dos meios de produção. O que define uma organização operária como sindicato é sua relação com a repartição da renda nacional. O fato de que Green e cia. defendam a propriedade privada dos meios de produção define-os como burgueses. Se, além disso, estes senhores defendessem os benefícios da burguesia contra todos os atentados por parte dos trabalhadores, ou seja, se lutassem contra as greves, contra os aumentos salariais, contra as ajudas aos desempregados, teríamos então uma organização amarela, e não um sindicato. No entanto, para não romper com sua base, Green e cia. são obrigados, dentro de certos limites, a dirigir o combate dos trabalhadores pelo aumento de salários ou pelo menos contra a diminuição da parte que lhes está reservada na renda nacional. Este critério objetivo é suficiente para traçar, em todas as ocasiões importantes, uma linha de demarcação entre os sindicatos mais reacionários e as organizações amarelas. Por isso mesmo não só somos obrigados a combater dentro da AFL, como também a defendê-la contra os amarelos, a Klu-Klux-Klan etc.

A função de Stalin, como a de Green, tem um duplo caráter. Stalin serve à burocracia, e por isso à burguesia mundial, mas não pode servir à burocracia sem preservar o fundamento social que a burocracia explora

em seu próprio interesse. Nessa medida, Stalin defende a propriedade nacionalizada contra o imperialismo e contra as camadas demasiado impacientes e ávidas da burocracia. No entanto, ele realiza esta defesa por métodos que preparam o desmoronamento geral da sociedade soviética. É por isso que é preciso derrubar a camarilha stalinista. Mas é o proletariado revolucionário que deve derrubá-la. Não se pode confiar esta tarefa aos imperialistas. O proletariado defende a URSS contra o imperialismo, apesar de Stalin.

O desenvolvimento histórico acostumou-nos a ter os sindicatos mais diversos: sindicatos combativos, reformistas, revolucionários, reacionários e católicos. Com o Estado operário é diferente. É a primeira vez que assistimos a uma experiência parecida. Daí a tendência a ver a URSS exclusivamente sob o ângulo das normas do programa revolucionário. Ao mesmo tempo, o Estado operário é um fato objetivo, histórico, que está submetido à ação de distintas forças históricas que entram em total contradição com as normas "tradicionais".

Os camaradas Burnham e Carter têm toda a razão em dizer que Stalin e cia. servem, com sua política, à burguesia internacional. Mas é preciso colocar esta ideia em condições determinadas de tempo e lugar. Hitler também serve à burguesia, no entanto, há uma diferença entre as funções de Stalin e as de Hitler: este último defende as formas burguesas de propriedade. Stalin adapta os interesses da burocracia às formas proletárias de propriedade. O próprio Stalin, na Espanha – quer dizer, sobre o terreno do regime burguês – leva a cabo a função de Hitler (diferenciam-se pouco um do outro nos domínios dos métodos políticos em geral). A comparação dos papéis do próprio Stalin na URSS e na Espanha mostra-nos bem que a burocracia não constitui uma classe independente, mas sim um instrumento das classes, e que por sua vez é impossível definir a natureza social da burocracia a partir de suas virtudes ou de seus vícios.

Burocracia burguesa de um Estado operário?

A afirmação de que a burocracia de um Estado operário tem caráter burguês deve parecer não só incompreensível, como simplesmente absurda para pessoas de espírito formalista.

No entanto, não existe, nem nunca existiu, um Estado quimicamente puro. A monarquia prussiana semifeudal cumpriu as mais importantes tarefas políticas da burguesia, mas as cumpriu à sua maneira, ou seja, com um estilo feudal, e não jacobino. Observamos hoje, no Japão, uma relação análoga entre o caráter burguês do Estado e o caráter semifeudal da casta dirigente. Tudo isso impede que estabeleçamos uma distinção bastante clara entre a sociedade feudal e a sociedade burguesa. É verdade que se pode objetar que é infinitamente mais fácil a colaboração entre as forças feudais e burguesas, do que a colaboração entre as forças burguesas e proletárias. Pois no primeiro caso, se trata de duas formas de exploração de classe. Mas o Estado operário não cria uma nova sociedade em um só dia.

Marx escrevia que no primeiro período de sua existência, as normas burguesas de distribuição subsistem no seio do Estado operário. É preciso pensar a fundo sobre esta ideia. O próprio Estado operário, enquanto Estado, é necessário precisamente porque nele permanecem vigentes as normas burguesas de distribuição. A burocracia representa o órgão desta distribuição. Isto significa que a burocracia, inclusive a mais revolucionária, representa, até certo ponto, um organismo burguês no Estado operário.

Evidentemente, o que tem um sentido decisivo é o grau deste caráter burguês e a tendência geral de desenvolvimento. Se o Estado operário se desburocratiza e se reduz progressivamente a nada, o desenvolvimento segue assim em direção ao socialismo. Se, pelo contrário, a burocracia se torna cada vez mais potente, autoritária, privilegiada e conservadora, é porque as tendências burguesas no Estado operário se desenvolvem em detrimento das tendências socialistas. Em outras palavras, a contradição interna que existe em certo grau no Estado operário, desde os primeiros dias de sua constituição, não diminui, como exige a "norma", mas, ao contrário, cresce. Por enquanto, apesar do longo tempo decorrido, esta contradição não passou do terreno da distribuição ao da produção e não fez explodir a propriedade nacionalizada e a economia planificada. O Estado permanece operário.

Lenin dizia há quinze anos: "Temos um Estado operário, mas com deformações burocráticas." Nessa altura, as deformações burocráticas constituíam a herança direta do regime burguês e, neste sentido, pareciam um simples resíduo. No entanto, sob a influência de condições históricas desfavoráveis, o "resíduo" burocrático viu-se alimentado por novas fontes e se transformou em um enorme fator histórico. Precisamente por isso, falamos hoje da degeneração do Estado operário. Esta degeneração, como mostra a atual orgia de terror bonapartista, aproxima-se do ponto crítico. O que não passava de uma pequena deformação burocrática, prepara-se hoje para devorar o Estado operário sem deixar uma migalha e levantar, sobre as ruínas da propriedade nacionalizada, uma nova classe dirigente. Aproxima-se consideravelmente uma possibilidade, e não estamos dispostos a inclinar-nos a ela antes do tempo.

Pela dialética!

A URSS enquanto Estado operário não responde à norma "tradicional". Isto não significa ainda que não seja um Estado operário. Mas também não significa que a norma se tenha demonstrado falsa. A "norma" contava com a vitória do proletariado internacional. A URSS não é mais do que uma expressão parcial e desfigurada do Estado operário, atrasado e isolado.

O pensamento idealista e ultimatista, "puramente" normativo, quer construir o mundo à sua imagem e desfazer-se simplesmente dos fenômenos de que não gosta. Só os sectários, ou seja, as pessoas que são revolucionárias só na sua própria imaginação, se deixam guiar por puras normas ideais. Dizem: não gostamos desses sindicatos, não ingressaremos neles.

E cada vez prometem voltar a começar a história a partir do zero. Edificarão um Estado operário quando o bom deus lhes ponha nas mãos um partido ideal e sindicatos ideais. Esperando este feliz momento, fazem bico frente à realidade. Um grande bico é a mais alta expressão do "revolucionário" sectário.

O pensamento puramente "histórico", reformista, menchevique, passivo, conservador, ocupa-se, segundo a expressão de Marx, em justificar a podridão de hoje pela podridão de ontem. Os representantes deste tipo de pensamento entram nas organizações de massas para dissolverem-se no seu seio. Os desprezíveis "amigos" da URSS adaptam-se aos vícios da burocracia, invocando as condições "históricas".

Em oposição a estes dois tipos de pensamento, o pensamento dialético, marxista, bolchevique, compreende os fenômenos no seu desenvolvimento objetivo e, ao mesmo tempo, encontra nas condições internas deste desenvolvimento a base que lhe permite realizar suas "normas". Evidentemente, é preciso lembrar que as normas programáticas só se realizam se são a expressão generalizada das tendências progressivas do "processo histórico objetivo".

Pode-se, aproximadamente, definir programaticamente um sindicato como a organização de trabalhadores de uma corporação ou de uma indústria que tem por objetivo: 1) Lutar contra o capital para melhorar a situação dos trabalhadores; 2) Participar na luta revolucionária para derrubar a burguesia e 3) Participar na organização da economia sobre fundamentos socialistas. Se compararmos esta realidade "normativa" com a realidade efetiva, seríamos obrigados a dizer: não existe um só sindicato no mundo. Mas semelhante oposição entre a norma e o fato, ou seja, entre a expressão generalizada do desenvolvimento e uma manifestação particular deste mesmo desenvolvimento, uma oposição formal, ultimatista e não dialética entre o programa e a realidade, fica totalmente sem vida e não abre qualquer via de intervenção a um partido revolucionário. Ao mesmo tempo, os atuais sindicatos oportunistas podem, sob o impacto da decadência do imperialismo, e devem, se temos uma política correta para eles, aproximar-se de nossas normas programáticas e cumprir um papel progressivo. Isto supõe, é claro, uma mudança completa de direção. É necessário que os trabalhadores dos EUA, da França e da Inglaterra expulsem Green, Citrine, Jouhaux e cia. Se o proletariado expulsar a tempo a burocracia soviética, encontrará, no dia seguinte ao da sua vitória, os meios de produção nacionalizados e os elementos essenciais da economia planificada. Isto significa que não terá que recomeçar do zero. Enorme vantagem! Somente radicais imbecis, habituados a pular despreocupadamente de galho em galho, podem negar tão levianamente uma possibilidade semelhante. A revolução socialista é uma tarefa demasiado grandiosa para que se possa, superficialmente, ignorar as suas inestimáveis conquistas materiais e recomeçar do zero.

É excelente que os camaradas Burnham e Carter, ao contrário do nosso camarada francês Craipeau e toda uma série de outros, não esqueçam o fator das forças produtivas e não se recusem a defender a União Soviética. Mas esta posição é totalmente insuficiente. E se a direção criminosa da burocracia frear o desenvolvimento da economia? Neste caso, os camaradas Burnham e Carter deixarão o imperialismo destruir as bases sociais da URSS? Estamos certos que não. No entanto, sua definição não marxista da URSS, de um Estado não operário e não burguês, abre a porta a todo o tipo de deduções.

Classe dirigente e oprimida ao mesmo tempo

Como nossa consciência política poderia deixar de se indignar – dizem os ultraesquerdistas – quando nos querem obrigar a crer que na URSS, sob o regime de Stalin, o proletariado é a classe dirigente? Sob uma forma tão abstrata, semelhante afirmação é, efetivamente, capaz de provocar indignação. Mas o problema é que as categorias abstratas, necessárias no processo de análise, não são totalmente convenientes para a síntese, que exige a mais absoluta concretude. O proletariado soviético é a classe dirigente em um país atrasado, onde os bens materiais de primeira necessidade são produzidos em quantidade insuficiente. O proletariado da URSS domina em um país que não representa mais do que um doze avos da humanidade; o imperialismo domina os outros onze doze avos. A dominação do proletariado, já deformada pelo atraso e pobreza do país, está ainda duas ou três vezes mais deformada pela pressão do imperialismo mundial. O órgão de dominação do proletariado - o Estado - converte-se, assim, em órgão da pressão do imperialismo (a diplomacia, o comércio exterior, as ideias e os costumes). Na escala histórica, a luta pela dominação não se dá entre o proletariado e a burocracia, mas sim entre o proletariado e a burguesia mundial. Nesta luta a burocracia não é mais do que um mecanismo de transmissão. A luta não terminou. Apesar de todos os esforços que a camarilha moscovita faz para demonstrar que representa uma segura força conservadora (ver a política de Stalin na Espanha), o imperialismo mundial não dá sua confiança a Stalin, não lhe poupa as maiores humilhações e está disposto a derrubálo na primeira ocasião favorável. Hitler - aqui reside sua força - não faz mais do que exprimir, da forma mais consequente e franca, a relação da burguesia mundial com a burocracia soviética. A burguesia, seja

fascista ou democrática, não pode satisfazer-se com as isoladas proezas contrarrevolucionárias de Stalin. Precisa da contrarrevolução completa nas relações de propriedade e da abertura do mercado russo. Enquanto não conseguir isto, considera o Estado soviético como um inimigo. E tem razão.

Nos países coloniais e semicoloniais, o regime interno tem um caráter predominantemente burguês. Mas a pressão do imperialismo estrangeiro muda e altera de tal forma a estrutura econômica e política destes países, que a burguesia nacional (inclusive nos países politicamente independentes da América do Sul) chega apenas parcialmente à situação de classe dirigente. É verdade que a pressão do imperialismo sobre os países atrasados não muda seu caráter social fundamental, já que o opressor e o oprimido representam apenas níveis diferentes do desenvolvimento de uma só e mesma sociedade burguesa. No entanto, a diferença entre Inglaterra e Índia, Japão e China, EUA e México é tão grande, que estabelecemos uma rigorosa distinção entre os países burgueses opressores e oprimidos e consideramos nosso dever defender os segundos contra os primeiros. A burguesia dos países coloniais e semicoloniais representa uma classe semidirigente e semioprimida.

A pressão do imperialismo sobre a União Soviética procura modificar a própria natureza da sociedade soviética. Esta luta – hoje pacífica, amanhã militar – diz respeito às formas de propriedade. Enquanto mecanismo de transmissão desta luta, a burocracia, para aumentar sua própria força, se apoia, ora no proletariado contra o imperialismo, ora no imperialismo contra o proletariado. Ao mesmo tempo, explora impiedosamente o seu papel de distribuidor dos magros bens materiais para garantir a sua prosperidade e poder. Pela mesma razão, a dominação do proletariado tem um caráter limitado, falseado, deformado. Pode-se dizer, com toda a razão, que o proletariado dominante em um único país atrasado e isolado continua ainda sendo uma classe oprimida. O imperialismo mundial é a fonte da opressão, a burocracia funciona como mecanismo de transmissão desta opressão. Se há uma contradição entre os termos "classe dirigente e oprimida", esta contradição não surge dos erros do pensamento, mas sim de uma contradição na própria situação da URSS. É precisamente por isso que rejeitamos a teoria do socialismo em um só país.

Reconhecer na URSS um Estado operário – não o modelo deste Estado, mas sim uma deformação do modelo – não significa de forma alguma que seja concedida à burocracia soviética uma anistia teórica e política: pelo contrário, seu caráter reacionário aparece plenamente à luz da contradição entre sua política antiproletária e as exigências do Estado operário. Só colocando desta maneira o problema é que nossa denúncia dos crimes da camarilha stalinista adquire sua força total. Defender a URSS é, não só lutar sem reservas contra o imperialismo, mas também preparar a derrubada da burocracia bonapartista.

A experiência da URSS sublinha a amplitude das possibilidades que o Estado operário contém e o vigor de sua capacidade de resistência. Mas esta experiência demonstra também a força da pressão exercida pelo capital e por sua agência burocrática, a dificuldade que o proletariado encontra para alcançar sua emancipação total e a importância que adquire a tarefa de educar e solidificar a nova Internacional no espírito de uma luta revolucionária implacável.

Leon Trotsky
Coyoacán (México)

CARTA DE AFASTAMENTO DO PARTIDO OPERÁRIO – JAMES BURNHAM

21 de maio de 1940

Ao Comitê Nacional do Partido Operário:

Sou forçado a colocar diante do Comitê a questão de minha situação em relação ao recém-formado Partido Operário.

A luta fracional no interior do Socialist Workers Party (SWP), seu final e a recente formação do Partido Operário foram, no meu caso, a oportunidade inevitável para que eu revisse minhas próprias convicções teóricas e políticas. Esta revisão mostrou-me que, sem qualquer exagero terminológico, não posso mais me considerar, ou deixar que me considerem, um marxista.

Entre os mais importantes postulados que têm sido associadas ao movimento marxista em suas variantes reformistas, leninistas, stalinistas e trotskistas, não existe na verdade uma só que eu aceite. Considero esses postulados falsos, obsoletos ou sem qualquer significado. Em alguns poucos casos, correspondem à verdade de forma tão restrita e modificada, que não podem ser chamados de marxistas.

Este comunicado não é uma análise elaborada ou a expressão de um credo pessoal. De qualquer forma, desejo ilustrar minha opinião com alguns exemplos específicos:

Como vocês sabem, eu rejeito a "filosofia do marxismo", o materialismo dialético. Na verdade, nunca aceitei esta filosofia. No passado eu fugi desta contradição, afirmando que a filosofia era "sem importância" e que "não tinha relação" com a prática e a política. A experiência e, mais tarde, o estudo e a reflexão convenceram-me de que eu estava errado, enquanto Trotsky – assim como muitos outros – estavam certos a este respeito. Convenceram-me de que o materialismo dialético, apesar de não ter significado científico, é, psicológica e historicamente, parte integrante do marxismo e possui diversos efeitos negativos sobre a prática e a política.

A teoria geral marxista de "história universal", na medida em que se enche de algum conteúdo empírico, me parece incompatível com a moderna investigação histórica e antropológica.

Em grande parte, a economia marxista me parece tão falsa quanto obsoleta e sem sentido quando aplicada aos fenômenos econômicos contemporâneos. Aqueles aspectos da economia marxista que permanecem válidos, para mim não justificam a estrutura teórica da economia.

Não só acredito que é sem sentido dizer que o "socialismo é inevitável", como é falso dizer que o socialismo é a "única alternativa ao capitalismo". Com base na experiência recente, considero que uma nova forma de sociedade exploradora (que eu chamo de "sociedade administrativa"), não só é possível como alternativa ao capitalismo, como, no atual período, é mais provável do que o socialismo.

Como vocês sabem, eu não acredito que a Rússia possa ser considerada um "Estado operário" em qualquer sentido inteligível do termo. E esta opinião está relacionada com outras afirmações ainda mais fundamentais: por exemplo, que o stalinismo e o fascismo devem ser entendidos como manifestações das mesmas forças históricas gerais. Ainda não decidi se esta conclusão aplica-se também ao leninismo e ao trotskismo.

Discordo absoluta e totalmente – e Cannon entendeu isso há muito tempo – da concepção leninista de partido, não só com as modificações deste conceito elaboradas por Stalin e Cannon, mas com o pensamento de Lenin e Trotsky. Discordo da teoria de partido, mas acima de tudo, do comportamento tradicional que caracteriza a atividade do partido. O partido de tipo leninista apresenta-se para mim incompatível com o verdadeiro método científico e com a verdadeira democracia.

À luz de tais sentimentos, não é preciso dizer que rejeito uma parte considerável dos documentos programáticos do movimento da Quarta Internacional (aceitos pelo Partido Operário). O "Programa de Transição" me parece – da mesma forma que quando foi apresentado pela primeira vez – um completo *nonsense* e um exemplo chave da incapacidade

do marxismo de trabalhar a história contemporânea, mesmo por meio do seu mais brilhante representante.

Estas opiniões, especialmente em seus aspectos negativos – ou seja, na medida em que envolvem desacordos com o marxismo –, não são todas "repentinas" ou episódicas, nem são simplesmente produtos diretos da recente luta fracional. Várias delas sempre estiveram comigo. Algumas outras adquiri há alguns anos. Outras, durante os últimos dois anos, se transformaram, de dúvidas e incertezas, em convicções. A luta fracional serviu somente para me obrigar a torná-las explícitas e considerá-las mais ou menos em sua totalidade. Naturalmente, compreendo que muitas delas não são "novas" ou "originais" e que, ao defender algumas delas, me encontro em muito má companhia. Entretanto, nunca considerei uma ideia correta ou incorreta em função do caráter moral daqueles que a defendem.

O recém-formado Partido Operário é um partido marxista e, mais particularmente, um partido bolchevique, um partido leninista. Não é uma simples questão de definição. Tal coisa é garantida por seus documentos programáticos (especialmente o documento chave sobre "Os objetivos, as tarefas e a estrutura do Partido Operário"), pelas declarações, convições e atitudes cotidianas da maior parte de suas lideranças e de seus membros. Isso é fortemente simbolizado pela declaração estampada na capa do Labor Action de que o Partido Operário é uma seção da Quarta Internacional; pela definição de sua revista teórica como sendo um "órgão do marxismo revolucionário"; pelos seus reiterados apelos, no documento-chave acima mencionado, às "tradições revolucionárias de Marx, Engels, Lenin e Trotsky" e aos "princípios do marxismo"; e pelo telegrama enviado a Trotsky em nome dos delegados da conferência fundacional. Nada na luta fracional indicou uma tendência decisiva que estivesse fora desta orientação. Ao contrário, qualquer sugestão profunda que não estivesse nesse sentido era rapidamente bloqueada. Na realidade, a ruptura do Socialist Workers Party (SWP) não teve qualquer fundamento principista, e o Partido Operário agora existe como uma fração do movimento trotskista. Esta era a verdadeira causa da extrema dificuldade que a fração encontrou para esboçar sua posição sobre "a natureza do partido" e para conseguir diferenciar-se da posição de Cannon. Era difícil fazer isso, ou melhor, impossível, porque as duas posições, exceto em detalhes e ênfases, não se diferenciavam.

Naturalmente, eu não desejo esconder minha parcela de responsabilidade no que aconteceu no passado recente ou mais distante. Desejo aqui recordar os fatos como eu os vi, entre os quais, o fato de que não fui um militante profissional e não aceitei grande parte das responsabilidades organizativas.

A partir dos fatos sobre minhas convições atuais e do caráter do Partido Operário, inevitavelmente temos a seguinte conclusão: eu não posso ser um membro leal do Partido Operário; não posso aceitar seu programa e disciplina; não posso falar ou atuar em seu nome. Naturalmente, eu não discordo de todas as coisas defendidas pelo Partido Operário. Penso que o socialismo seria uma coisa boa se pudesse ser alcançado (embora o "socialismo como um ideal moral", como sabemos, não goze de respeito entre os marxistas). Eu concordo com a atitude do Partido Operário em relação à guerra, pelo menos na medida em que esta guerra dizia respeito à justa disputa fracional que chegou ao fim. Mas eu concordo também nesses pontos com muitas outras organizações e dezenas de centenas de indivíduos que estão totalmente fora do Partido Operário. Na medida em que atuo politicamente, não posso restringir o que digo e faço a declarações em defesa do socialismo e a denúncias de ambos os campos envolvidos na guerra. Cheguei a esta conclusão já na primeira reunião pública do Partido Operário. Tentei dizer algo que correspondesse aos meus sentimentos e ao mesmo tempo me permitisse aparecer na tribuna como um representante legítimo do Partido Operário. Finalmente, me resignei comigo mesmo e falei "de forma segura" sobre o terceiro campo, e quando terminei, me senti como um mentiroso.

Consequentemente, apresentaram-se, para mim, somente duas alternativas:

Continuar como membro do partido e iniciar imediatamente uma luta fracional em defesa da linha acima descrita. Naturalmente, esta luta seria, de um ponto de vista político e teórico, muito mais ampla e fundamental do que a luta que acabamos de travar com Cannon e, de acordo com o meu ponto de vista, teria como objetivo final levar o grupo a romper com o marxismo.

Ou eu posso simplesmente me retirar do Partido Operário.

A partir da concepção usual de uma política "principista" e "responsável", teria que seguir a primeira alternativa. Entretanto, não acredito

que tal coisa faça sentido nas atuais circunstâncias. Por outro lado, neste momento, uma luta fracional no Partido Operário (no qual a minha posição seria defendida por uma pequena minoria), significaria a quebra do grupo ou, no mínimo, sua redução à impotência — sendo que o partido já inicia sua vida com pouca base. Aquilo que fosse conquistado não teria qualquer significado político. Por outro lado, não estou pessoalmente disposto a assumir a liderança de uma luta como essa. Eu não sou, não fui e nunca serei um "político prático" ou um "homem de organização" e menos ainda um líder.

Assim, resta apenas a segunda alternativa.

Muitos pensarão e dirão que minhas convicções atuais e a correspondente decisão são, por um lado, uma "racionalização" da pressão de um meio pessoal burguês e confortável e, por outro, influência das terríveis derrotas da classe operária e da humanidade durante os últimos vinte anos, bem como durante a crise da guerra.

Não posso afirmar que qualquer pessoa pode corajosamente dizer que conhece claramente os motivos e origens de suas próprias ações. Esta carta, em seu conjunto, é uma forma muito confusa de dizer uma simples sentença: "Eu quero abandonar a política." Certamente, me sinto influenciado pelas derrotas e traições dos últimos vinte anos ou mais. Isto faz parte das evidências que apresento de que o marxismo deve ser rejeitado: em cada um dos muitos testes proporcionados pela história, o movimento marxista ou falhou com relação ao socialismo, ou o traiu. Isto também influencia meus sentimentos e atitudes. Eu sei disso.

Quanto à minha "vida pessoal", quem poderia dizer o que veio primeiro, o ovo ou a galinha: se a falta de vontade de me integrar à política marxista confunde minhas ideias ou, ao contrário, se uma visão clara de mundo me impede de participar inteiramente da política marxista? Confesso que estou um pouco cansado de prestar contas aos meus opositores e críticos, de resolver as disputas científicas com pretensas referências à "racionalizações" e "pressões e influências de classe inimigas". O fato de que este hábito é parte bem estabelecida da tradição marxista também me faz rejeitar o marxismo.

Meus sentimentos são um fato, mas as derrotas, as traições, os gostos e costumes também são fatos. Ei-los perante vós, independentemente das raízes, causas e motivos.

Portanto, não sinto, sob um só ponto de vista ideológico, teórico ou político, qualquer vinculo ou obrigação para com o Partido Operário (ou qualquer partido marxista). Isto é um fato, e não posso mais fingir para mim mesmo ou para os outros.

Infelizmente, ainda há uma coisa. É o senso de obrigação e responsabilidade moral para com o meu próprio passado – sete anos vividos sob a influência, não única, mas com certeza predominante, do marxismo e que não podem ser apagados por uns poucos minutos sentado diante de uma máquina de escrever – e, mais especialmente, para com o passado de outras *pessoas* com as quais colaborei lealmente e que foram influenciadas por mim em suas ideias e ações. Trotsky e Cannon explorarão minha decisão como uma confirmação de suas *opiniões* – o afastamento de Burnham será, de acordo com a sua notável, porém previsível, lógica, prova da verdade de suas opiniões sobre o caráter da guerra, a natureza do Estado russo e o papel da Rússia na guerra. Para muitos membros do Partido Operário, meu afastamento parecerá como uma deserção. Do ponto de vista moral e pessoal, devo concordar que existe uma grande dose de verdade nestes julgamentos.

Porém, este fato, pesado em relação aos outros, é insuficiente para decidir minhas ações. Na verdade, agora está claro para mim que, se não fosse por essas considerações morais e pessoais, teria deixado o partido há alguns anos. Baseados em convicções e interesses (que também são um fato), já há alguns anos não tenho qualquer lugar real em um partido marxista.

Esta carta constitui meu afastamento definitivo do grupo. Entretanto, devido à obrigação que reconheço, estou, dentro de estreitos limites, preparado para discutir com o Comitê, se este assim o desejar, a forma de minha separação. Existem quatro alternativas:

- 1. O comitê pode me expulsar. Não seria difícil encontrar bases para a expulsão: eu já escrevi um artigo que, se publicado na imprensa não partidária (e existe tal possibilidade), proporcionaria essa base.
- 2. Eu posso simplesmente me retirar do grupo e de suas atividades, sem qualquer comunicado ou explicação por parte de qualquer um dos lados.
- 3. Posso tirar "férias" falsas por seis meses. Se esta for a alternativa escolhida, não poderá haver qualquer confusão. O futuro é sempre

incerto, mas a probabilidade de tais férias chegarem ao fim, seria, na verdade, muito remota.

4. Finalmente, estou disposto, caso o comitê sinta que isto fará diferença para o primeiro período de existência independente do grupo, a manter uma forma de colaboração parcial nos próximos dois meses. Essencialmente, tal colaboração consistiria em escrever artigos assinados e não assinados para a imprensa partidária que estejam de acordo com a posição do partido. Durante esse período, eu não participaria de atos contrários ao partido e seu programa. Após esses dois meses, qualquer das outras três alternativas poderia ser colocada em prática. Para ser honesto, não gostaria desta quarta solução, mas, como já disse, estou disposto a aceitá-la.

Para mim, escrever esta carta foi uma tarefa dolorosa e difícil. Não é, de forma alguma, um ato impulsivo. Foi precedido da mais cuidadosa e longa deliberação. Acima de tudo, não quero dar a impressão de que procurei me desculpar ou atenuar a mim mesmo, minhas fraquezas, deficiências ou falhas. Não pretendo responsabilizar outras pessoas ou a história pelas minhas faltas. Quando digo que rejeito o marxismo, não quero insinuar que desprezo os marxistas ou que me considero "superior" a eles. De forma alguma. Acreditem-me, reconheço humildemente a lealdade, o sacrifício e o heroísmo de muitos marxistas – qualidades que são amplamente encontradas dentro das fileiras do Partido Operário. Porém, não posso agir de outra forma.

Acreditando no que acredito, não posso desejar sucesso ao Partido Operário, mas desejo sucesso a seus membros. Na medida em que cada um de nós, em seu próprio caminho e arena, preserva e valoriza a verdade e a liberdade, espero que continuemos a nos considerar camaradas, apesar dos nomes e dos rótulos que estejam pregados em nossas testas.

Fraternalmente seu,

James Burnham Nova York

EPÍLOGO

JAMES BURNHAM

Durante a Segunda Guerra Mundial, Burnham passou a trabalhar para o Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), uma espécie de precursor da Agência Central de Inteligência (CIA).

Burnham foi o mais importante colaborador da *National Review*, principal referência da direita conservadora norte-america durante o macartismo. É considerado o inspirador teórico do movimento "neoconservador" nos EUA, tendo sido o mais ardoroso defensor das intervenções militares contra Estados operários e países independentes em nome da "democracia".

Em 1983 Ronald Reagan concedeu-lhe a Medalha Presidencial da Liberdade, por serviços prestados à nação.

Morreu em 1987 de câncer no fìgado e nos rins.

MAX SHACHTMAN

Em 1949 Shachtman dissolveu o Partido Operário e fundou a Liga Socialista Independente, que por sua vez encerrou suas atividades em 1958 para ingressar no Partido Socialista.

Em 1961 se recusou a condenar a tentativa de invasão da Baía dos Porcos pelos EUA. Igualmente, durante a Guerra do Vietnã, se negou a reivindicar a retirada das tropas americanas do país, ficando à direita de todo o movimento social norte-americano.

No início dos anos 1970 o grupo de Shachtman finalmente conquistou a maioria dentro do PS que, em novembro de 1972, teve o nome alterado para Social-Democratas dos EUA. Max Shachtman morreu em novembro daquele mesmo ano.

MARTIN ABERN

Abern permaneceu na direção do Partido Operário até sua morte, em 1949, por ataque cardíaco. Porém, desde o final da Segunda Guerra Mundial sua participação efetiva na vida política do partido ficou bastante reduzida em função de sua saúde.

JAMES CANNON

Cannon continuou dirigindo o SWP até 1953, se transferindo para a Califórnia em meados dos anos 1950. Mesmo fora do centro da direção do SWP, se manteve ativo no Comitê Nacional do partido e cumpriu um importante papel no movimento trotskista internacional, lutando contra as capitulações de Pablo e Mandel no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Sua contribuição para a reunificação da Quarta Internacional em 1963 foi decisiva.

Morreu em 1974, aos 84 anos.

A impressão ficou a cargo da gráfica Grafis de São Paulo, Brasil

Junho de 2011

Para composição do texto deste livro foi usada a fonte Times New Roman, corpo 11, com entrelinhas de 13,7 pt. e nos títulos e subtítulos a fonte Arial

Impresso em papel Polen Soft, 80 gramas